Est. 2.ª

Legrand. Lith. de M.el Luiz

Villa da Praia. — Santiago (Ilha de Cabo Verde)

COROGRAFIA
CABO-VERDIANA.

OU

DESCRIPÇÃO GEOGRAPHICO-HISTORICA

DA

Provincia das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné

PUBLICADA POR

José Conrado Carlos de Chelmicki

Tenente do Corpo d' Engenheiros.

TOMO I.

Lisboa,

TYP. DE L. C. DA CUNHA.

Costa do Castello N.° 15.

1841.

Ao Ill.mo Ex.mo

VISCONDE
SÀ DA BANDEIRA

PROTECTOR

DAS

COLONIAS PORTUGUEZAS

ADVERTENCIA.

O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen havendo tambem colhido varios apontamentos sobre a Provincia, por uma amigavel combinação resolvemos juntar os nossos trabalhos, em utilidade do publico, das sciencias geographicas, e da historia. A ausencia do meu socio durante a impressão da obra, junto aos meus diversos e variados encargos, e não haver eu nascido Portuguez, são razões sufficientes para que o publico sejá indulgente para com os desalinhos de lingoagem e irregularidades que ha de já encontrar n'esta obra.

Os Criticos imparciaes ajuizarão, se a sua publicação foi, ou não util, tal qual. —

C.

» Cet Archipel susceptible de toutes les cultures d' Amerique suffit à peine á la subsistance d'un petit nombre d'habitans presque tous noirs. Son commerce avec l'Europe est borné á l'envoi d'une herbe [l'orseille] propre á la teinture de l'ecarlate, avec l'Amérique celui de quelque betail; avce l' Afríque á celui d'une petite quantité de sucre et d'une assez grande quantité d'etoffe grossiére de coton. Lá, comme sue les plages voisines de l'Afrique où les Portugais se sont disseminés, ils ont presque tous perdu le caractère de leur origine. »

M. de Pradt. — des Colonies.

Desde os mais remotos tempos se tem visto entre os povos, á par da sua civilisação, nascer o desejo de augmentarem conhecimentos de estranhos paizes, de mares não atravessados, de raras scenas da natureza, ou de monumentos d'arte e sciencia humana, dignos d'attenção.

E aquelles, a quem felizes circunstancias ou innato ardor, collocaram na posição de poder deixar o estreito circuito dos patrios lares, instigados por um genio descobridor, ou por ventura avidez da gloria, ou desculpavel vaidade, se moveram a participar o visto e experimentado; tambem mereceram louvor grande, que assaz distincto logar occupa na moderna litteratura, esse semnumero de viagens dos *Bougainville, Cook, Lapeyrouse, Pallas, Tavernier, Humboldt, Bonpland.*

Noticias e descripções de paizes, com exactidão e fé a toda a prova, sempre são fontes originarias, onde se bebem ideas, que dão aos differentes quadros da natureza e dos costumes maior consideração.

Porém quanto é vasto ainda, e pouco pizado o

campo que os viajantes tem a percorrer, e onde com novas descobertas possão enriquecer a sciencia!

Eis o cazo em que se acham ainda as nossas possessões ultramarinas, pela maior parte, se não no seu todo ignoradas.

Apezar das immensas regiões que a Corôa de Portugal perdeo na America, as colonias que ainda conserva, são tão importantes pela sua extensão, e mais ainda pela sua posição geographica, que nenhuma outra potencia, se exceptuar-mos a Grã-Bretanha as possue tão consideraveis. —

E se Portugal pela sua pequenez continental Europea mal pode competir com as potencias da segunda ordem; como potencia maritima facilmente obterá esta collocação, uma vez que queira aproveitar-se dos numerosos recursos que ainda conserva; lançando mão dessas bellas colonias, cujas riquezas lá jazem em todo o seu chaos.

Finalmente a sua importancia tem de tal modo atrahido ultimamente a attenção de todos os Portuguezes zelosos da prosperidade e engradecimento da sua patria, e dos estrangeiros desejosos de conhecer os thesouros commerciaes e geographicos ainda escondidos, — que são procurados e lidos com avidez pelos nacionaes e estranhos todos e quaesquer escriptos que tratem mais explicitamente de cada uma d'aquellas regiões; e proximo virá o momento que não haverão pessoas, alias de saber e consideração, que ignorem ou duvidem o que vai por boa parte do patrio territorio.

Assim ácerca da India e Macao appreciamos o muito que se tem escripto na patria lingua; com enthusiasmo se esgotou a obra de *Sebastião Xavier Botelho*, relativo á Moçambique; que sobre Angola é procurado e consultado *Motta-Fêo*; e sobre os Açores a Corographia Açorica, a rarissima Folhinha de 1832, e ainda o *P. Cordeiro*.

Todavia não temos uma unica obra que descrevendo alguma das nossas possessões, a encare de maneira conforme ao estado das sciencias do seculo em que vivemos, e assim trate todas as materias que forçosamente hão de entrar na descripção d'algum paiz. D'este modo até algumas melhor, e mais amplamente são tratadas pelos estrangeiros; como p. e. as ilhas de Timor e Solor por *Freycinet*; escripta imparcialmente e sem aquelle estillo mordaz que geralmente se repara nas relações estrangeiras, (principalmente dos viajantes Inglezes) esta obra nada deixa a desejar.

O atrazo das sciencias naturaes em Portugal, não pouco influio, para não termos noticias exactas de todos os productos e estado fisico das nossas colonias; porém para semelhantes descripções como as tem a França, Inglaterra, e Hollanda, exigem-se associações d'homens distinctos em diversos ramos de sciencia, e o auxilio poderoso do Governo. Agora porém nutrimos a doce esperança, que pela *Associação Maritima* serão removidos todos estes obstaculos, e graças a esta sociedade teremos em breve exactissimas descripções das nossas possessões.

Temos ultimamente a noticia da existencia d'uma

completa Corografia àcerca das ilhas de S. Thomé e Principe, que varias circunstancias tem obstado a ver luz publica: mas que em breve prencherá esta lacuna.

No entanto faltava ainda emprehender algum trabalho a respeito da Provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné. Encetamos esta empreza, é verdade tão superior ás nossas forças; porém sejá este ensaio considerado sômente como um tributo de gratidão, pago á uma nação que nos tem dado generoso acolhimento e cujo paiz adoptamos por nossa segunda patria. Aproveito com prazer esta occasião de offerecer aos Portuguezes d'Europa e Africa o fructo insignificante das nossas vigilias, consagradas a fazer conhecer e apreciar uma parte d'estas vastas regiões; infelizmente jazentes no abandono e miseria; mas de quanto susceptiveis! —

Movidos por estas ideas e obrigados pela natureza do serviço, em que nos demoramos pelo espaço d'um anno na provincia de Cabo-Verde, colligimos todas as informações e esclarecimentos, que foi possivel colher, para na volta a Portugal apresentarmos esta COROGRAFIA, filha d'um constante trabalho e asssidua contemplação.

As sciencias como as religiões tem os seus milagres. Homens muitas vezes munidos de todos os soccorros da arte e do apoio do Governo, cahem tentando uma obra difficil: e a honra do feliz exito é as vezes reservada a simples apostolos, cujo zelo e labor é o unico patrimonio.

Assim lisongeamo-nos de apresentar n'este opusculo ao publico, algumas couzas pouco conhecidas: noticias historicas desenterradas do pó dos Archivos, e tentar cobertos com o talismano dos nomes dos passados a incitar o patriotismo e desvelo dos contemporaneos.

A Historia da Provincia não foi omettida, e offerece o interesse de apresentar os nomes dos que participaram na descoberta, como tambem dos primeiros povoadores, tudo isso baseado sobre documentos historicos, que devemos em môr parte ao nosso amigo o Sr. F. A. de Varnhagen que se deo ao grande trabalho de rever e colligir todos os monumentos existentes nos Archivos Reaes.

A' descripção detalhada de cada ilha do Archipelago e dos estabelecimentos em Guiné, segue a exposição do estado da agricultura, industria, e commercio. Zelosos em querer prestar um serviço aos habitantes d'aquelle paiz, devemos ser desculpados pela extensão, se com ella indicamos os meios preferiveis á velha rutina no fabrico d'assucar, aguardente de canna, anil, &. como tambem da cultura das plantas mais importantes.

Os commerciantes acharão as rellações dos diversos objectos e mercadorias d'importação e exportação, tanto nas ilhas, como em Guiné, com os seus preços respectivos.

Passamos em seguida a examinar o estado militar e defensivo da Provincia, — as rendas e despezas, — a administração, — o estado ecclesiastico, —

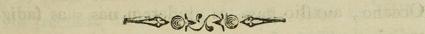
e a instrucção. Em todos estes ramos, apôz do fiel quadro do estado actual, propômos medidas de melhoramentos. Finalmente depois do clima, dos costumes, e caracter fisico e moral dos habitantes, terminamos com uma descripção detalhada dos productos naturaes da Provincia.

Tornamos a pedir indulgencia por este Ensaio litterario, que chamando *Corografia Cabo-Verdiana*, talvez até seremos taxados de ter feito um titulo para uma obra, e não escripto um livro para o titulo.

A sua forma pode ser má, os desenvolvimentos toscos e improprios, mas ao menos é uma obra de boa fé e sincera vontade . . .

Pode ser que alguem nos queira mal por algum azedume, no modo com que por vezes somos obrigados a criticar, e do que desde já pedimos desculpa, pois que um livro deve ser de instrucção, e não de injuria. E diremos somente em nossa desculpa, que desejando alcançar o seu fim, nem sempre é facil de regular os seus passos: o espirito se anima na escolha dos meios de persuadir aquillo que toma por verdade, e assim involuntariamente se chega a uma especie d'exageração que se confunde com a energia. Finalmente tambem sabemos que mostrar feridas não é cura-las, — e nosso seculo preciza mais de organisação do que de critica. —

Lisboa 29 de Novembro de 1840.

COROGRAFIA

CABO-VERDIANA.

Descripção Geral das Ilhas.

O ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE é situado no Oceano atlantico, entre 17.° 18′ e 14.° 17′ de Latitude boreal e 14.° 5′ e 16.° 16′ de Longitude occidental do meridiano de Lisboa.

Pela sua disposição fysica se divide em dous grupos: 1.° o das ILHAS DE BARLAVENTO, que vem a comprehender: *S. Antão*, *S. Vicente*, *S Luzia*, e *S. Nicoláo* com os ilheos *Branco* e *Razo* — 2.° das ILHAS DE SOTAVENTO, a saber *Sal Boavista*, *Maio*, *Santiago*, *Fogo*, e *Brava* com as ilhotas adjacentes.

Estendem-se em fórma de meia lua, cujo lado convexo é voltado para o continente d' Africa. A Ilha de Maio, que d'elle fica mais perto, dista 93 legoas, referindo ao Cabo, que deu o nome ao Ar-

chipelago; este Cabo d'Africa por seu aspecto chamado *Verde*, foi descuberto em 1443 por Diniz Fernandes *

Estas Ilhas ferteis e abundantes, elevadas no meio do mar, sempre tem servido e servem ainda, com os seus numerosos portos de abrigo e refresco aos navios que destinam passar a linha. Os Inglezes, Francezes, Hespanhoes e Hollandezes vem pagar aqui tributo, pedindo a estas elevadas rochas do Oceano, auxílio para os ajudarem nas suas fadigosas viagens.

Começaram a ser descobertas em Maio de 1446, por uma pequena frota de tres caravellas, onde iam o Portuguez *Vicente de Lagos*, *Luis de Cadamosto* Veneziano e *Antonio de Nolle* Genovez, que tinham sahido de Sagres, com authorisação e protecção do célebre Infante D. Henrique, para o descobrimento de terras incognitas. A' primeira ilha, que encontraram, deram-lhe o nome de *Boa-Vista*; e seguiram-se as de *Maio*, *de Santiago* e *S. Filippe*, que tiveram estes nomes por lembrança do mez e dia, em que foram avistadas. As outras ilhas foram exploradas, por criados do Infante D. Fernando logo depois.

Ficaram desde então por conta do Infante D. Henrique, que parece ter pouco adiantado a sua colonisação, até que por sua morte, fez doação El-rei D. Affonso V. estando em Evora em 3 de De-

* Vej. os Annaes da Marinha Portugueza por Ignacio da Costa Quintella T. 1.º pag. 111.

zembro de 1460, á seu irmão D. Fernando, para elle e para seu filho primogenito, de varias Ilhas, „ *para as possuir do mesmo modo, que as havia o Infante D. Henrique* „; e concedeu privilegios aos colonos: no numero destas Ilhas entraram das de *C. V.* só as de *S. Jacobo* (Santiago), *S. Felippe* (Fogo), *Mayaes* (Maio), *S. Christovam* (Boa-Vista?), e *Ilha Lana* (Sal?); — pois parece que até então erão só estas conhecidas. —

No tractado de paz com Castella feito na Villa das Alcaçovas a 4 de Setembro de 1479 se declarou ficarem para Portugal. *

Tendo voltado á Corôa, por morte do Duque de Bragança D. Fernando II, ElRei D. João II. em 30 de Maio de 1489 fez doação ao Duque de Beja de todo a Archipelago de C. V., como consta do Liv. 26 da Chancellaria d'este Rei, a fol. 7. — continuado a fol. 12, onde se especificam;

1.° As Ilhas de S. Tiago, que se chamam de Santiago e S. Felippe.
2.° Ilha das Maias.
3.° „ de S. Christovam [Boa-Vista]
4.° „ de Sal.
5.° „ Brava.
6.° „ S. Nicoláo.
7. „ S. Vicente.
8.° „ Rasa.
9.° „ Branca.
10.° „ S. Luzia.

* Vej. Annaes de Marinha Portugueza pag. 99.

11.° „ S. Antonio.

No descobrimento ha tradições [apezar de que Barros e o contemporaneo Cadamosto nada dizem] de se ter encontrado, já povoada, ou pelo menos habitada, a Ilha de Santiago de Negros Ialofos, que ali tradicionariamente consta terem passado por acazo sendo perseguidos pelos Fulupes, e lançados pelas brizas e correntes ao Oeste.

Nos antigos é verdade pouco encontramos a este respeito; com tudo tanto Strabo como Ptolomeo bem nos mostram ter conhecimento da existencia d'estas Ilhas: assim p. e. no Ptolom: [Claud.] Geograph: Enarrationis no Liv. 3.° vemos. . „ in sinu Hesperio, Hesperionceras, seu cornu extrema. „

Este promontorio Africano, agora conhecido com o nome de Cabo-Verde, era designado entre os Romanos pelo *Hesperium Promontorium* ou *Arsinarium Africae*.

Alguns dos antigos chamavam ás Ilhas de C. V.^{e} *Gorgones* com se vê no Strabo e algumas mais descripções ainda que vagas, das Macarias [Canarias] e das nossas Hesperidas ou Gorgonas.

O grande naturalista Romano não menos tinha conhecimento d'estas Ilhas; e parece que igualmente as suppunha habitadas; assim no [*C. Plinii Naturalis Hist. Liv. VI.*] *Cap.* XXXI encontramos. . . „ Traditur et alia insula contra montem Atlantem et ipsa Atlantis apellata. Ab ea quinque dierum navigatione solitudines ad Aethiopas Hesperios et promontorium, quod vocavimus Hesperionceras, inde primum circumagente se terrarum ponte in

occasum ac mare Atlanticum. Contra hoc promontorium Gorgades Insulae narrantur, Gorgonum quondam domus bidui navigatione distantes a continente, ut tradit Xenophon Lampsacenus.

Penetravit in eas Hanno, Poenorum Imperator, prodiditque hirta, foeminarumque corpora, viros pernicitate evasisse, duarumque Gorgonum cutes argumenti et miraculi gratia in Iunonis templo posuit, spectatasque usque ad Carthaginem captam . . .

O Infante D. Henrique e ElRei D. Affonso V. mandáram muitas familias do Reino, que ali se estabeleceram no anno de 1460; os criminozos erão enviados para purgarem seus delictos, e assim pelo tracto e casamentos com as descendentes das primeiras familias, chegou o numero d'almas na Ilha de Santiago no anno de 1730 a 25$ e a 12$ na do Fogo.

Do Infante D. Henrique só nos resta memoria de ter mandado os seus *Criados*; sendo entre estes o Capitão Lansarote [seu moço da camara e almoxarife de Lagos] e o seu sogro Soeiro da Costa natural de Lagos e moço da Camara do Sr. D. Duarte; foram mais ainda Gil Annes, Dinis Annes, Rodrigo Annes Travasso, criado do Infante D. Pedro, Diniz Fernandes, [que fôra escudeiro de ElRei D. João 1.° e indo por Capitão da Caravella de Alvaro de Castro em 1445 tomou uma almadia, e levou os primeiros pretos n'aquelles tempos a Portugal]. — Estevam Affonso e Vicente Dia mercador, que passaram á Costa de Guiné. —

Dom Fernando mandou a João Gonçalves, Alvaro Fernandes sobrinho d'aquelle, Gomes Pires,

Alvaro de Freitas, Vicente de Lagos, Luiz Dias, Diniz Dias escudeiro do Infante D. Henrique, e Aires Tinoco moço da camara, que foi então por Escrivão. —

Os primeiros donatarios e principaes povoadores dos quaes as mais antigas familias da terra descendem, foram Diniz Annes [irmão do Gil Annes ou Gil Eannes], Rodrigo Annes Travasso, e Aires Tinoco; e por ventura algum parente do Nolle, porquanto ha ali um sitio ainda chamado *de João de Nolle*.

A população sendo assim animada por mão real e alimentada tanto com filhos de Portugal, como ainda mais, com pretos de Guiné, cresceu mui rapidamente, e seria enorme hoje em dia, se a não dizimassem tanto as frequentes fomes.

No anno 1831 segundo o recenceamento a população das Ilhas era de 88$460 individuos, dos quaes a fome de 1832 e 1833 levou para cima de 30$000. —

Hawkins narra-nos uma grande secca e fome em 1593. Segundo *Roberts* houve as tambem em 1765 — 1749 e 1775.

Hoje a sua população passa de 63$000 almas.

A situação das Ilhas é favoravel; elevadas no interior, d'origem volcanica, com o solo seco; mas mui productivo, abundam, em não faltando as chuvas, em todos os vegetaes, sendo milho e arroz os principaes artigos d'agricultura; dão-se mui bem quasi todos os fructos da Europa meridional e da Africa; cresce expontaneamente bello algodão; cultiva-se boa canna d'assucar; ha grande abundancia

de gado, principalmente de cabras; os mares são mui piscozos; e uma prodigiosa quantidade de tartarugas apparece nas suas praias.

Tudo isto, junto ainda á boa qualidade de sal, que ali se fabríca, não póde deixar de constituir o Archipelago, n'um ponto importantissimo para o commercio e navegação, merecedor de especial attenção da parte da Nação, a que pertence.

Antigamente não havia quasi navio Portuguez que ali não aportasse a refrescar, indo para as dilatadas viagens das Indias; ou para a Costa da Mina.

> A' quella Ilha a portamos, que tomou
> O nome do guerreiro S. Thiago.
>
> *Cam.* Lus. Cant. V. Est. 9.

Vemos assim que o grande Vasco de Gama tambem ali refrescou; o Cabral passou á sua vista; e nella estiveram Thomé Lopes e João de Empoli, em 1502; e em 1530 a armada de Martim Affonso de Souza se foi prover nesta paragem. E depois nos annos successivos a escala era sempre feita pelas Ilhas de Cabo-Verde. O mesmo acontecia no tempo do jugo dos Castelhanos, e corria ali então dinheiro a rodo.

E' n'esta epocha que um poeta — viajante Hespanhol de seculo 16.° diz

> El sitio es apacible y deleytoso
> La gente muy lucida y muy galana;
> -
> Por el calor la gente no esta sana;
> Mas vivem a plazer los Lusitanos

Contentos, muy alegres, muy ufanos.
Argentina de Centenera. Cant. 8.º

As ruinas da Cidade da Ribeira Grande na Ilha de Santiago servem ainda de testemunho da verdade a este distico, que hoje porém, hyperbolico talvez de mais, parece ser parodia. —

A decadencia começou em 1712 pela invasão dos Francezes, que de tal modo saquearam a Cidade que até levaram os sinos da cathedral; assim esta colonia, seguindo a sorte da sua Metropole teve que partilhar em muitas épocas revezes e desgraças: em 1582 foi saqueada a Cidade da Ribeira Grande, por occasião da guerra a favor do Senhor D. Antonio, e em 1595 teve a mesma sorte repetida pelos Inglezes então em guerra com os usurpadores. —

Os Hespanhoes quizeram estender o nome da Ilha Capital a todo o Archipelago, chamando-lhe *Ilhas de Santiago*; os Hollandezes chamaram-lhe *Ilhas do Sal*, em consequencia de abundarem n'este producto; porém o nome dado pelos Portuguezes subsistiu. Se lhe quizesse mudar o nome, bem lhe quadraria, mais proprio fôra, e melhor pela gloriosa recordação historica, o de *Ilhas do Infante*; por serem obra das descubertas do Infante D. Henrique, ou de *Infantaes*; pois pertenceram a tres Infantes.

Estas Ilhas ainda que situadas proximamente no meio da Zona Equinocial do septentrião, e separada por uma distancia de 100 legoas da parte mais larga da Africa, parece seu clima e vegetação mais com as regioes temperadas e com as Canarias principalmente do que com os Tropicos.

No Continente visinho sobrevem as agoas com as maiores calmas, proseguindo Maio, Junho e Julho; o contrario succede a este Archipelago, pois que as chuvas só começam em Agosto continuando até os principios de Novembro.

O tempo de melhor navegar entre as Ilhas é de Outubro até o fim de Maio, que reinão as brizas do N. N. E. a E. N. E. porque nos outros mezes do anno, que é o inverno, ou estação das aguas. venta mais do quadrante do Sul. — Querendo demandar qualquer destas ilhas, convem buscar a do Sal por barlavento, couza de 10 legoas, para não passar rente e desta se dará o rumo, para a que se queira, de sorte que as não rase com a força da corrente, e com sentido de noute, para não perigar. —— Na proximidade destas ilhas se encontram os *sargassos*, tam celebres, pelas narrações dos antigos e modernos. E', sem duvida que se encontram muitas plantas marinas destacadas do fundo, que sobrenadam, como acontece em todas as costas e ainda mais entre as ilhas.

Quanto porém ainda no XVI.° seculo a idea a este respeito era extravagante, bem fazemos conceito, lendo Riccioli, homem alias de grande saber e erudição rara.

A situação das Ilhas de C. V. tinha sido determinada por varias observações de *Fleurieu*, *Borda*, *Verdun*, *R. Keilor*, *Heywood*, *Mortlock* e outros Inglezes, Francezes e Portuguezes, como se vê das *Taboas Perpetuas Astronomicas*, [impr. pela Acad. em 1815 pag. 153]. Porém o calculo da Longitude

tinha um erro d'alguns minutos para leste. Vidal, Mudge, Owen e Monteath, distinctos officiaes da Marinha Real Britannica calcularam melhor, e conforme as suas observações apresentamos aqui o seguinte mappa.

MAPPA

Das Latitudes N. e Longitudes O. referidas ao meridiano de Lisboa.

		Lat. N.	Long O.
S. Antão	Ponta do Norte - -	17.° 12′	16.° 0′ 35″
	„ Oeste		
	v [Pão d'Assucar] -	17.° 4′ 0″	16.° 16
	Ponta de Leste - -	17.° 5′ 30″	15.° 53′ 55″
	„ „ Sul - - -	16.° 56′	15.° 13′ 15″
S. Vicente	Mindelo [Porto Grande] - - - -	16.° 54′	15.° 55′ 15″
S. Luzia	Ponta da Praia dos mastros - -	16.° 49′	15.° 41′ 30″
	„ do Creolo - -	16.° 46′	15.° 36′ 15″
Raza	„ „ Leste - -	16.° 38′	15.° 37′ 15″
S. Nicolão	Pedra da Enxova -	16.° 34′ 30″	14.° 54′ 15″
	dos Camarões - -	16.° 42′	15.° 15′ 35″
	da Praia branca -	16.° 38′	15.° 21′ 15″
	da Vermelharia -	16.° 28′ 30″	15.° 13′ 15″
Sal	„ do Norte - - -	16.° 51′	13.° 48′
	„ „ Sul - - - -	16.° 34′	13.° 51′
	Cabeça de Leão - -	16.° 41′	13.° 51′ 45″
Boa-Vista	Ponta de N. O. - -	16.° 13′ 20″	13.° 50′ 55″
	„ „ N. E. - -	16.° 11′	13.° 37′ 45″
	A Villa Sal Rey -	16.° 7′	13.° 50′ 45″
	Ponta de Sul - - -	15.° 57′	13.° 43′ 55″
	Baixos de João Leitão	15.° 48′	14.° 4′ 15″

[*Conclusão do Mappa das Latitudes N. e Longitude O. referidas ao meridiano de Lisboa*]

		Lat. N.	Long. O.
Maio	Ponta Septentrional	15.° 19′ 30″	14.° 7′ 15″
	Porto Inglez - - -	15.° 0′ 30″	14.° 8′ 15″
	Ponta Meridional -	15.° 6′ 40″	14.° 5′ 15″
Santiago	Ponta do Terrafal -	15.° 19′ 30″	14.° 40′
	" de Leste - -	15.° 0′ 30″	14.° 20′
	Porto da Praia - -	14.° 53′ 40″	14.° 24′
	da ribeira do Inferno	14.° 58′ 30″	14.° 38′
Fogo	Ponta Septentrional	15.° 1′ 15″	15.° 16′ 15″
	Villa de S. Filippe	14.° 53′	15.° 25′ 15″
Brava	Porto dos Ferreiros -	14.° 48′	15.° 40′
	Ponta Brava do Sul	14.° 17′	15.° 36′

Para melhor intelligencia se pode ver a Carta do Archipelago — Est. I.

Passemos agora já a tratar de cada uma das ilhas em separado, principiando como estão situadas, pelas de Barlavento.

S. ANTÃO.

De todas as ilhas do Archipelago, esta é a mais Occidental e Septentrional: lançada ao NNE, tem 12 legoas de comprido e quazi tanto de largo. Terá quinze mil habitantes entre pretos, brancos e mulatos, todos livres, pois não chega a duzentos o numero d'escravos.

A sua extensão é de 130 legoas quadradas; tem um conselho e cinco freguezias. —

E' tão alta que se avista á distancia de 18 legoas. Apresenta-se negrejando com escabrosidades, montanhas umas sobre as outras, até as nuvens que de ordinario cobrem parte de seus cumes. — Dois dos montes se distinguem peia sua maior altura, dos quaes, é o mais elevado, o chamado *Pão d'Assucar*. A altura media de varios pontos da Ilha é de 1500 pés, o seu mais alto pico é de 8000 pés. —

Esta ilha a mais pintoresca de todas. No meio della vê-se destinctamente uma espaçosa cratera de antigo volcão. E não é menos célebre na historia por servir de ponto de partida a uma das linhas de demarcação do Brazil, * no tratado de D. João 2.º com Fernando e Izabel de Castella, ⁂ feito em 1493.

Quando os Reis de Portugal distribuiram todas as ilhas de Cabo Verde, à varios fidalgos da Corte, não guardaram para a Corôa, senão a de S. Tiago e S. Filippe. [Fogo]. Parece até, não se ter dado no principio muita attenção a esta ilha, pois só nos consta, que por carta de 13 de Janei-

* ... ,, E como tiveram o consentimento de Sua Santidade, ordenaram a repartiçam d'esta concordancia, ,, fazendo balança na ilha das de Cabo-Verde de barlavento a mais occidental, que se entende a de S. Antão. — . . (Gabriel Soares. Cap. 2.º da 1.º Parte)

⁂ Vej. o Tratado de Tordesilhas,

ro de 1548, fez ElRei D. João 3.º (Liv. 70 f. 29) doação d'ella à Gonçalo de Souza, filho de Pedro da Fonseca e de D. Violante de Souza, em remuneração dos serviços do seu Tio, Manoel de Souza, obrados na India, como Capitão da Fortaleza de Diu, *e isto de juro e herdade, com rezerva de correiçam e alçada.* &.

Por morte de Gonçalo de Souza da Fonseca, doou ElRei D. Felippe 1.º a D. Francisca Mascarenhas as ilhas de *S. Antão*, Flores e Corvo a 17 de Setembro de 1593, e por sua morte, confirmou a doação a 3 de Janeiro de 1608 à D. Martinho de Mascarenhas. [Felippe 2.º Liv. 11. f. 277.] ElRei D. Pedro 2.º em 5 de Dezembro de 1685 fez doação das mesmas tres ilhas ao Conde de Santa Cruz, e que depois succedeu a este o Marquez de Gouvêa e finalmente o Duque d' Aveiro, em cujo poder ainda se conservava no anno 1750, e na extincção de qual familia, no tempo do Marquez de Pombal, voltou a Corôa. --

A multidão de ribeiras que regam a ilha, faz os valles tão ferteis, que ella é de todas a mais productiva de fructos, plantas e vegetaes, apezar de que vista de fora, pareça arida, excepto nas bocas das ribeiras. —

Tem 3 portos, o dos Carvoeiros no S. E. da ilha, o do Tarrafal no S. O, mais limpo e melhor para fazer aguadas, e o chamado da *ponta do Sol*, mais frequentado, por estar proximo da povoação, mas que abunda em *rato* de pedra e não offerece bom desembarque. O porto dos Carvoeiros na face

de S. E. da ilha é fronteiro ao porto grande de S. Vicente; foi o primeiro, de que se fez uso na ilha, e é sofrivel para todo o tempo, bem abrigado, tendo com tudo, seu rato de pedra. O do Tarrafal offerecce bom surgidouro, e é reputado o melhor logar no Archipelago para fazer aguada, e refazer-se de refrescos. *

Fundeamos no tal chamado porto da *Ponta do Sol*, que é um ancoradouro, em sete braças de fundo na distancia de duas amarras da terra, cujo aspecto é pintoresco, mas horrivel e medonho!

Massas gigantescas de rochedos nús, de 1:200 pês d'altura, se levantam a prumo do fundo do mar, e escondem seus picos elevadissimos no meio de nuvens sombrias, que o vento agita e conserva em perpetuo movimento, sem mais as desfazer.

Um pé de vento forte é bastante para levar as embarcações d'encontro á face unida da rocha, que forçosamente as despedaçará. — Felismente não são frequentes estes cazos, com quanto seja tão rapida a corrente para a terra, que obriga a deitar amarra e viradoi; mas ha exemplos, que foram em

* ... A agua cahe por uma pequena torrente perenne de cima das montanhas, e a um tanque em um socalco, que recebe a agua, donde é conduzida por um canno a travez da area. Ha na vizinhança do Tarrafal, bananaes, papaiaes, algodoaes com algumas arvores da Asclepias procera em baixo — e ha junto a praia um poço que recebe a agoa do tanque.

[Owen Vol. 1.º pag. 30]

maior numero, se o vento não soprasse ás mais das vezes da parte da terra. Aqui estivemos ainda no tempo mais favoravel, pois que podemos desembarcar no mesmo dia da chegada. O desembarque é pessimo, principalmente quando o mar rebenta com força no *Cavallo-branco*, que é uma restinga que se estende da ponta do Sol, umas duzentas braças pelo mar dentro. —

Quando o mar não é chão, é perigoso até desembarcar, sem levar prático; o bote passa algumas vezes tão apertado entre rochas, que nem tem bastante espaço os remos; — se vem a onda ao passar um canal d'estes a avaria é infallivel.

Na praia estão duas cazas e algumas choupanas; um armazem serve de alfandega, que apenas uma vez por anno tem que despachar; Aqui mora o administrador da urzella d'esta Ilha, tendo-a no deposito, já prompta para embarcar. O bom colhimento, que recebemos tanto em caza d'este habitante como depois na villa, fez-nos desvanecer a falsa idea, que nos tinham dado alguns escriptos de viajantes, dizendo, que o povo d'esta Ilha era pouco tratavel e civilisado por falta de commercio e frequencia de estrangeiros.

Junto a estas cazas se estende uma pequena planicie, unica que ha aqui a borda do mar e vai subindo para o Norte; não se estabeleceu aqui a povoação, por não haver uma ribeira, que offereça aos habitantes, meios de ter na vizinhança de suas cazas sufficientes plantações.

A villa principal, chamada vulgarmente *de Ri-*

beira-Grande, dista mais d'uma legoa; é impossivel imaginar-se o aspero, o horroroso do caminho que lá conduz. Ao meio da encosta da montanha está cortado um trilho, que tem apenas tres palmos de largo; d'um lado o fundo do precipicio é banhado pelo mar, e avistam-se as aves maritimas, atravessando regiões, que ficam muito inferiores aos pés do viandante, o qual voltando-se para o outro lado, toca por vezes o rochedo perpendicular, que borda o caminho angusto, e está sempre coberto de espessas nuvens.

O Sr. Marinho tendo vindo a esta ilha, empenhou-se para se concertarem alguns caminhos, e realmente com ajuda do Provedor L. A. de Mello, e dos Srs. Manoel Ignacio Spencer e I. Boaventura de Leite, cujos nomes com gratidão repetimos, sem fazer despeza alguma ao Estado, a fóra alguns barris de polvora e algumas peças de ferramenta, conseguiu fazer o caminho da Villa para o Paul transitavel, até a cavallo e com carga. Consta-nos já, que hoje em dia, graças a este ex-Governador, ha outra estrada da ponta do Sol á Villa, e outra chamada do Delgadinho, que deve fazer a communicação da Villa ao porto dos Carvoeiros, e que agora ha de estar já terminada.

Tem esta ilha cinco freguezias, que vem a ser

1. a de S. Antão na Villa da Ribeira-Grande.
2. » S. Crucifixo.
3. » S. Pedro.
4. » S. João.
5. » S. Antonio,

D'estas cinco Freguezias só na primeira ha uma villa mais importante: as outras são pequenos logares; aquella chamada vulgarmente da Ribeira-Grande, cujo nome primitivo é ode Villa de Santa Cruz. Convinha restabelecer-se este nome por evitar confusões: d'ella era conde o titular de Santa Cruz, donatario d'esta ilha.

Esta villa é situada ao Nordeste, um pouco a Leste da ponta de Sol, no confluente de duas ribeiras, n'um valle cercado d'altas montanhas, sobre uma das quaes é construida uma parte d'ella chamada *Penha de França*. As cazas são todas de pedra e barro, algumas rebocadas e caiadas, cobertas em parte com telha de madeira, que trazem os Americanos, o resto com folhas de *soca*.

A villa terá mais de 6000 habitantes; logo com as ultimas cazas, pegam hortas, vinhas, plantações, que se estendem nos valles muito para o interior ao longo das ribeiras. A abundancia d'agua d'ellas afiança aos habitantes uma colheita certa e abundante. Estes dois regatos tão tranquillos, todo o anno, enchem-se d'uma maneira tão prodigiosa na estação invernosa, acrescidos de panos d'agoa, que cahem então das nuvens e das torrentes, que vem das montanhas, que de pequenos e manços regatos se tornam caudelosos rios; e não ha anno que não levem para o mar n'esta enchente alguma horta, algum muro, caza ou gado; os habitantes bem sentem a necessidade d'alguma obra, ou obstaculo artificial, mas não o permitte, não a falta de mieos, mas a perpetua e inveterada inercia, inacção,

e falta total d'administração. E' para admirar que antigamente se cuidasse mesmo mais na conservação dos Edificios publicos, do que hoje. O quartel e o presidio, mui bem construidos, estão completamente arruinados; e a Igreja Parochial, fundação do Bispo Fr. Pedro Jacinto Valente, que estabeleceu n'este tempo a Sé Episcopal acha-se até destelhada, sendo alias a unica parte, onde se celébra o culto divino n'esta villa alem da hermida da Penha de França.

Os habitantes são mais mulatos do que pretos, até alguns bem claros. Tanto aqui, como em toda a ilha, os homens são d'uma grande estatura, as mulheres bem feitas; encontram-se com a sua côr parda, olhos penetrantes e feições bem regulares. Na villa ha tambem muitos brancos, descendentes dos primeiros colonos portuguezes, que não se cruzaram muito com as raças mascavadas, e estas creolas, conservando a brancura Europea, tem tal vigor nas proporções do corpo, como não encontramos na velha Europa civilisada. —

Alem d'esta villa de Santa-Cruz ha na distancia de 3 legoas, uma povoação chamada *Paul*: situada entre montanhas a beira mar n'hum valle por onde passa uma grande ribeira: terá seus 300 habitantes. E' bem cultivado este sitio, assim como as povoações da *Janella*, *Garça*, *Cuculim*, *Ribeira das Patas* e muitas outras; com tudo não é povoada senão a quarta parte, ou menos da ilha, e as melhores terras para a lavoura de milho e plantações d'algodão, caffé, ou anil são incultas, como

2 *

o chamado *Mato estreito*, *Urzelleiro*, *Campo redondo*, *Alto da corda*, e da *Caldeira* e todos as outras chadas nos cumes das montanhas. E' facto que n'outro tempo, uma colonia d'Hespanhoes, vindos das Canarias estabeleceu-se n'esta ilha e todos os cereaes d'Europa, como trigo, cevada, avea produziram muito, bastando o simples trabalho de confiar a semente á terra. Esta colonia abandonou porém a ilha em pouco tempo. Nos comentarios do Sr. Lopes de Lima á Memoria do Dr. Castilho, achamos que foi em razão das monstruosas extorsões do Governo. Houve outra circumstancia que motivou a creação d'esta colonia, e contribuiu á sua extinção. D. Mariano Stinga a organisou com fim d'estabelecer um deposito d'escravatura, porém sendo-lhe apanhadas as embarcações pelos Corsarios de Buenos-Ayres, [entre ellas o Brigue *Caçador*, que foi obrigado a vender, por lhe terem tirado tudo, deixando só o casco] largou mão da empreza, e se embarcou como piloto n'um navio da ilha: faltando então os soccorros aos colonos, despersaram em breve. Ainda hoje com tudo, no sitio que elles occupavam, nascem spontaneamente o trigo, cevada e outros cereaes.—

A ribeira de *Tarrafal*, que pela maior parte pertence ao Sr. Martins, é tambem muito cultivada; o porto, que ha n'este sitio, e a que já alludimos, é o melhor para fazer aguada; porque se fundea a pouca distancia da costa, e a ribeira que vai desembocar no mar, não secca em estação alguma. Os donatarios d'esta ilha mandaram fazer ali gran-

des plantações d'anil, debaixo da inspecção d'um habil technologo Portuguez, que com bom methodo na fabrica, extrahia a tinta d'esta planta; hoje existem ainda as ruinas dos tanques no *Paul* ao pé da Igreja. —

O algôdão cresce aqui bravo pelas montanhas, porém apenas o cultivam desde a villa da Ribeira-grande até o *Paul*. Encontra-se em abundancia o Dragoeiro, [*Dracœna draco*], arvore que produz a conhecida na drogaria, resina com nome de *sangue de drago*, e cujas folhas podem ter a mesma applicação que o linho.

O Sr. Marinho mandou plantar 5$000 pés d'esta arvore, e em breve a vantagem e lucro, que hão de offerecer, farão de certo chamar maior attenção dos habitantes para este ramo de industria agricola. As terras incultas são cobertas de rosmaninho, que serve de pasto ao gado e faz as suas carnes mui gostosas.

Inaccessivel pelos rochedos a pique, que a circumdam, é a segunda ou talvez a primeira no Archipelago, em grandeza superficial. Esta ilha de S. Antão, sadia como Portugal, e não somenos alta que as outras, é retalhada por muitos corregos e regatos, que a fazem fertil em fructos de toda a qualidade. Produz laranjas, bananas, fructa de conde, ananazes, limões, limas, uvas, legumes e cereaes em abundancia como feijão de muitas variedades e até sem cultura, abobras não menos diversas, milho, batatas, anil, tabaco, caffé, cana d'assucar &: fornece muita urzella, e encontra-

se a mesma barrilha; tem lenha em abundancia, o que com a muita pedra calcarea permitte fazer cal com facilidade.

Quanto a mineraes, é de crer, que possua muitos no seu seio; acham-se topazios, ametistas, e ha uma mina de cobre rica, no estado de sulfato de cobre.

Encontram-se rochas de *Schorl* e algum *Zirconite* com pedaços de ferro crystalizado, assim tambem boa terra de pizoeiro [*terra á foulon*]: de que vimos amostras. Ha uma fonte d'agoas ferreas e mais algumas outras mineraes.

No tempo dos donatarios o ambar [*ambre gris*] era propriedade d'elles, hoje ainda se apanha algum, como porém pela maior parte ignoram o preço d'esta producção, geralmente o deixam para os passaros, e tartarugas, que com avidez o apanham.

Em fim esta ilha é a mais fertil, pode ter todos productos vegetaes da zona torrida e os cereaes d'Europa, e é mais abundante em tudo. No anno 1695 uma esquadra Franceza em dois dias se forneceu com 1400 galinhas; 100 porcos, 50 bois &; e se tivesse bom porto, que infelizmente não tem, havia de ser, por todos os motivos a Capital da Provincia. Entretanto o commercio é mui escaço n'esta ilha, onde ha muita falta de numerario.

A exportação, que fora assaz importante, se se animasse a agricultura, reduz-se hoje a algum caffé, urzella, pannos d'algodão, chamados *d'agulha* que vão para a costa de Guiné, e diversos legumes e mantimentos, que são remettidas ás outras

ilhas do Archipelago. Por isso no estado actual os rendimentos da ilha não passão de 2:000$000.

ILHA DE S. VICENTE.

Tem esta ilha 8 legoas de comprido sobre 5 na sua maior largura: dista 44 legoas da ilha de Santiago, e do lado da de Santo Antão tem o magnifico *Porto-Grande*, que está á prova de todos os ventos, com bom fundo e espaço sufficiente para ancorarem mais de 300 naós * Aprezenta uma bella apparencia e bom ancoradouro com fundos de cascalho e areia, e agoas tão limpas, que se vê a amarra e ancora dos navios fundeados; tambem offerece facil e bom desembarque. Do vento de N. E. o mais commum, está abrigado pelas alturas vizinhas; do N. O. tem S. Antão que o ampara. A boca da bahia está o *ilheo dos Passaros* muito proprio para a construcção d'uma fortaleza, que varejasse todo o ancoradouro.

No canal entre este ilheo e a terra, ha de ordinario uma forte corrente para o N. E. e por isso

* .... inter Hesperides insulas, S. Vicentii sinum habet cum optimu portu 20 et 25 passuum securo ot ancoris peridoneo. Sed et S. Jacobi insula habet portum Praija com oppido satis comodum ....

RICCIOLUS [fallando na sua Geographia dos melhores portos do Globo]:

os navios devem surgir ali, deitando espias e tomando cautella em que a ancora não *emtoque*. Além d'esse porto, tem a ilha mais alguns no seu contorno. Assim ao Sul tem o *Porto de S. Pedro* e na costa de N. E. duas abras separadas por uma peninsula chã de meia legoa ; esta costa porém cheia de recifes e coraes é perigosa.

A ilha é formada por duas serras que correm na direcção de N. E. a S. E., deixando um valle central, que vai acabar ao N. O. na formosa bahia. Esta ilha por muito tempo não foi habitada, visitavam na somente, tanto Portuguèzes, como Estrangeiros para pescas e salgas de tartaruga e apanha de burros e caça de cabras bravas ; com tudo no seculo XVI.º foi dada ao Conde de Portalegre, que alí introduziu a 1.ª colonia. *Gennes* e *Frezier* mencionam já ter alguns habitantes, no tempo que lá estiveram, com tudo o Decreto de 1781 e a Carta Regia de 1795 expressamente dizem — *nova povoação da ilha de S. Vicente, uma das desertas da Capitania de Cabo-Verde.* —

O decreto de 1781 determinou, que se povoasse esta ilha, bem como tambem as outras desertas do Archipelago, e por carta Regia de 22 de Julho de 1795, * foi concedida a João Carlos da Fonseca, habitantes da ilha do Fogo, de povoar esta ilha de S. Vicente, isentando-o assim, como todos

* N'esta concessão a Fonseca foram dadas simultaneamente instrucções, que julgamos dever não omittir. ---NOTA I. [no fim]

os mais colonos, de foros, dizimos, e mais contribuições por espaço de dez annos. O Governo forneceu instrumentos d'agricultura e fabrís, e mantimentos para dous annos, alem das sementes distribuidas aos vinte casaes que vieram do Fogo. Não foi avante esta colonisação, por ser mal administrada, por falta de ordem; requereu depois um particular, que o Governo lhe desse esta ilha em sesmaria, porém desde 1814, não obteve o pertendente favoravel resultado.

O numero dos habitantes em 1819 era de 120 almas, em 1820 hovia 300, e hoje chega a 350, reunidos quazi todos na unica povoação que existe junto ao *Porto-Grande* e é para lamentar que se conserve sem cultura, quando aliás fòra util não sómente aos particulares, senão á Fazenda Publiarranca-la deste miseravel estado. O terreno é proprio para a cultura de todas as plantas da zona torrida: tem bellas planicies, as montanhas são muito transitaveis, e não comportam a altura e os abismos das de S. Antão.

O anil e algodão cresce por toda a parte no estado selvagem; produz milho, muitos legumes, senne, urzella, e alem d'isso tem a vantagem de estar perto da fertilissima ilha de S. Antão, da qual é separada só por um estreito canal.

A introdução de gados n'esta ilha em 1810 sem pastores destruiu muito as plantações, que já então havia; com tudo, quanto fertil é essa ilha, imparcialmente qualquer ajuizará á vista de que em 1820 seus dizimos renderam 120$ réis com 300 ha-

bitantes, quando os da ilha do Maio, com 1500 almas no mesmo anno produziram 50$ réis.

Os valles e as faldas das montanhas são cobertos de purgueiras e os pastos abundantes offerecem bom sustento a muitas vaccas, cabras e burros; estes davam bastante rendimento n'outro tempo, nas carregações para as Indias Occidentaes, como tambem na exportação das pelles. A ultima fome de quatro annos matou quasi todos estes animaes.

Ha terrenos excellentes para huma boa salina e abundancia d'agoa em toda a parte; em distancia de tres milhas do *Porto-Grande* ha uns cinco ou seis olhos de agoa muito boa, nos sitios chamaque *Madeiral*, *Madeiralzinho* e o *Mato do Inglez*; dos se podiam encanar bem facilmente para o Mindello, na cuja vizinhança com tudo em 3 — 4 palmos acha-se agoa, algum tanto é verdade salobra no principio.

Nas praias se encontra ambar e muitas tartarugas, algumas até de 400 ℔. O clima é mui sadio.

E' d'esperar, que as couzas mudem de face e que as Cortes olhando para as colonias com attenção, decretem os melhoramentos reclamados pela conveniencia pública, e levantem as possessões ultramarinas áquelle altura, donde nunca deviam ter descido. As vantagens que resultam da mudança da capital para esta ilha, são tão evidentes, tão claras e tão grandes, que não as perdendo de vista deve-se executa-la logo que seja possivel. No actual apuro não se podem despender quantias avultadas, ainda que haja a certeza de as decuplar no fim de alguns

annos; mas esta mudança não é tão dispendiosa, como parecerá talvez á primeira vista.

O Governo nada possue na ilha de Santiago, que o ligue a este ponto, o Governador não tem alli caza para habitar, é obrigado a alugar uma, que jamais corresponde ao caracter de que elle é revestido. A tropa não tem quartel, nem os Officiaes, que com soldos já tão modicos, são obrigados igualmente a alugar cazas; as Secretarias necessarias existem em barracas indignas; não ha hospital para a tropa, os doentes militares vão para o da Misericordia, e pela doença da villa da Praia, chega a despeza annual, pelo tratamento n'este Hospital a 3:000$000 de réis e n'alguns annos sobe ainda a muito mais.

A alfandega é uma cazinha, que parece foi dada pelo Sr. Martins, porque o Estado não tem nenhuma. Não ha fortificações, nem desembarcadouro capaz; mas sobre tudo a maldade, a apathia dos habitantes da villa da Praia na ilha de Santiago, passa toda a idea. Elles se oppoem a todo progresso da prosperidade da colonia. Sobejos motivos temos para aventurar esta asserção, que a verdade não ousarà contrariar. O Governador bem persuadido, que necessitava cubrir d'arvoredo toda a Provincia, expediu as ordens a todos os conselhos para esse fim; as quaes senão executaram por diversos motivos; mas para evitar o insupportavel calor na villa da Praia, mandou plantar arvores tanto na Praça, como em todas as ruas. Houve quem achasse isso mui incoherente, plantaram as

arvores mas de proposito mal, para não pegarem as plantas, e assim com o facto provarem as suas asserções, a aonde as arvores plantadas d'estacas rebentavam, vinham de noute destrui-las.

A camara municipal igualmente recebeu ordem de plantar dragoeiros, e coqueiros na beira mar; nem um só foi posto e em S. Antão na mesma occasião em poucos dias foram plantados no espaço de cinco dias 5$300.

O Governo de Portugal fez repetidas vezes remessas de varios instrumentos, ferramentas, &., mas hoje nada existe d'isso nos Armazens da Fazenda, se bem que nas cazas se encontram machados, picaretes, &. com marca *R.* que mais naturalmente se podera ler *Roubo* do que *Real* —; dos 8 arados e charruas com grades e todos os seus pertences, não ha sinaes, nem se quer de se terem servido d'elles.

Todos estes motivos, devem obrigar a breve mudança da capital.

E para onde havia de ser, se não para outra ilha, que sendo d'um clima excellente, tendo abundancia d'agoa, lenha e pastagens, tenha tambem bom porto, proprio para fundear em todas as estações.

A ilha que reune estes attributos é so a de S. Vicente. Verdade é, que a algumas pessoas não agrada, porque acostumados a disfructar as terras e as pastagens para os seus gados, sem pagarem cousa alguma, bem sabem que estes e muitos outros abusos haviam de cessar, logo que ali se estabeleça a sede do Governo.

São elles, que gritam, que esta ilha não pode produzir cousa alguma, que é esteril, arida, e até que não tem agoa; entretanto no nosso tempo o Brigue Tejo de 150 praças de guarnição e quatro embarcações de guerra Francezas surtas n'este porto em tres dias fizeram a aguada e lenha, que não menos negam á ilha.

Muito de proposito nos demoramos n'este objecto, para prevenir todas as objecções e estamos certos que repetimos as vozes de todos os Deputados d'aquella Provincia, que tomarem a peito os interesses do seu paiz e o bem da Metropoli; alem d'isso o Sr. Marinho expoz muito melhor do que nós as vantagens d'esta mudança n'uma representação dirigida ao Ministro d'Ultramar que era então o Sr. Visconde de Sá Bandeira.

O primeiro Governador, que suggeriu a idea da mudança da Capital para S. Vicente, foi o digno Governador Pussich. O Sr. Marinho o recordou e a maioria conveiu. Comtudo, apezar do que a opinião publica applaudiu este acto e pela voz de todos os periodicos esta medida foi reconhecida como sabia, util, salutar e patriotica, houve individuos, como os ha sempre em todas as partes, que sem conhecimento de causas, e mesmo incapazes de as avaliarem no cazo de as não ignorarem; estenderam-se em ironias e invectivas contra o desinteressado Ministro emprehendedor que aproveitando o magnifico porto de S. Vicente, quiz ali for-

mar uma povoação, a qual d'antemão deu um nome saudoso de gloria e regeneração nacional.

Muitos escreveram pro e contra, houve n'um certo tempo uma inundação de artigos e entre elles apareceram tambem alguns d'um Portuguez estabelecido n'aquella ilha ha mais de 20 annos; — é verdade que este Sr. outr'ora escreveu um memorial a este respeito, e o apresentou ao Exm.º Governador Marinho, que por não ser sem interesse, fielmente aqui copiamos.

Memoria offerecida ao Governador de Cabo Verde, Joaquim Pereira Marinho, por Joaquim Jgnacio Ferreira Nobre, Comandante Militar da ilha de S. Vicente, quando aquelle Governador pela 1.ª vez em 1835 visitou aquella ilha.

» Não obstante a escacez das chuvas na ilha de S. Vicente, e sendo estas em Junho, apparecerem nuvens de gafanhotos; com tudo é susceptivel de melhoramento, dando-se-lhe as providencias que vou expôr. Ha um terreno que fica perto do Porto-Grande da dita ilha que querendo-se gastar sessenta contos de réis, haverá uma salina que poderá exportar dez a quinze mil moios de sal, ou mais. Ha na dita planicie partes, em que se podem abrir excellentes poços d'agua, mais salitrosa do que a do mar; [? !] logo que se consiga o acabamento desta salina, mais conta fará a qualquer navio o vir carregar deste genero a esta ilha do que a ou-

tras, antes que seja mais caro mil réis em moio, em razão do bom porto, abundancia de lenha e mesmo d'agua, querendo faze-lo no Porto de S. Pedro antes ou depois de carregar como abaixo direi. — As aguas para o consumo dos habitantes não deixam de ser salobrentas e não com muita abundancia; com tudo podem-se abrir mais poços em partes em que mostra haver agoa, e talvez melhor e com mais abundancia. No Porto de S. Pedro ao Sul da ilha, ha na praia muito perto do mar excellente agua para os navios fazerem suas aguadas com um pequeno trabalho; pois que fazendo-se covas de quatro a cinco palmos na areia aparece muita abundancia deste excellente liquido, a ponto de poder fornecer em 48 horas aguada para uma esquadra de 60 náos de linha: mesmo no interior da ilha ha pequenas nascentes d'agua que se podem melhorar, ou beneficiar, já fazendo poços digo escavamentos, tanques &. Toda ilha é susceptivel de cultura, em toda ella produz toda a qualidade de cereaes proprios da zona torrida, mas a escacez das chuvas faz com que falhem as colheitas, e por conseguinte os habitantes geralmente so fazem suas sementeiras no cume do *Monte-Verde*, montanha esta que fica ao Norte da ilha. Ha uma ribeira no centro da ilha por nome *Ribeira do Julião*; n'esta ribeira somente os habitantes tem aberto uma pequena parte, umas vezes por falta de sementeiras, outras por falta de braços, e tambem por falta de chuvas. — A ilha é susceptivel de plantação de coqueiros; já se tem experi-

mentado, produz muito, porém a inacção dos habitantes e a indolencia natural tem cooperado para não terem prosperado estas arvores: sendo em grande quantidade, podem ser um manancial de riqueza, já pelo seu fructo, e já pela atracção das aguas &. Os gados nunca devem exceder a 300 cabeças de vacum, mil de cabrum, seis centas lanar e 200 de muar e cavallar — já pela escacez dos pastos, já para não destruirem as sementeiras e as fazendas que se forem abrindo.

PROVIDENCIAS NECESSARIAS.

De haver uma lancha prompta para os povoadores poderem ir á ilha de S. Antão trocarem seus algodões por mantimentos, e fructos &. Parece de necessidade que os dizimos da *Ribeira da Janella* sejam aplicados para o suprimento dos povoadores desta ilha; e quando crescer a População della se apliquem igualmente os dizimos da *Ribeira do Paul*, menos vinho aguardente e caffé, que estes generos poz-se em praça naquella ilha; sendo com tudo muito util que os ditos sejam administrados pelo encarregado desta ilha e não daquella. — Seria muito bom virem das ilhas dos Açores quarenta cazaes pois que os habitantes desta Provincia pelo geral são inertes, molles e incapazes de trabalhos violentos. — Igualmente devem ser supridos de ferramentas para a cultura das terras, e aos novos colonos que vierem, se devem fazer cazas, e dar o Governo a cada cazal, 4 cabras, 1 chibarro, e 1

jumento e serem sustentados um anno á custa da Nação. — A ilha de S. Vicente deve ser livre dos seus portos a todas as nações amigas, não pagando onus algum suas mercadorias, tanto de importação como de exportação, isto por seis ou mais annos, facilitando por este motivo o commercio de uma colonia nascente, e por conseguinte o bem estar dos seus habitantes. Os terrenos incultos e ainda mesmo aquelles, que seus proprietarios não tem aberto nem cultivado, devem ser repartidos pelos novos povoadores e todos os habitantes das outras ilhas que tiverem terras na ilha de S. Viceate, e não vierem residir na dita, as ditas fazendas serão repartidas pelos ditos povoadores. Depois de se ter aberto a salina, deve-se construir um caes para o embarque do sal na parte mais proxima da dita salina ao mar, que vem a ser ao pé do *Morro do Salgadeiro* em um recife que finda perto do dito monte. — Nunca devem ser admittidos filhos da ilha da Boa-Vista para povoadores, em razão de sua soberba, e quererem-se fazer superiores aos outros colonos, motivando por este principio desordens, e desuniões entre uns e outros, a ponto de fazerem motins e revoluções em uma sociedade nascente, e mesmo contra os Governantes, amotinando o povo &. como a experiencia tem mostrado. „ Ilha de S. Vicente 7 de Outubro de 1835. [Assignado] Joaquim Ignacio Ferreira Nobre — Ex.^mo Sr. Tudo quanto digo a V. Ex.^a nesta indicação encerra-se em tres coizas, verdade pura — experiencia e lealdade de meu coração. — Assim meus fracos talentos não avançam

mais; queira corregir este manancial de riquezas e obrar como melhor lhe parecer.

SANTA LUZIA.

Esta pequena ilha de 4 ½ legoas de comprido sobre 2 de largo, dista 6 milhas da ponta O. de S. Vicente. Agora está por assim dizer deserta, apezar do que n'outro tempo teve algumas cazas no O. S. O. debaixo do Monte de *Caramujo*, aonde na frente d'uma praia limpa d'area, fundeam os barcos. Nos ultimos annos, o Sr. Dias, proprietario n'esta provincia, aproveitou os pastos d'esta ilha deserta para manadas de gados, tanto vacum, como cabrum, burros e cavallos. Chegou a ter ali 109 egoas e 10 burros pais, para creação de mulas, das quaes fez grandes remessas para as Antillas, antes da fatal epocha da ultima fome. Para obstar que os urzelleiros de S. Nicoláo e S. Antão vindo para o apanho, não os matassem, tinha aqui um guarda com sua familia composta de 6 pessoas; porém n'aquelles terriveis tres annos de secca e fome pereceu grande parte d'estes animaes, por falta de pastos; o guarda morreu tambem, e no anno 1836 não havia senão apenas alguns burros. Consta-nos porém, que agora o Sr. Julio José Dias, ultimamente tendo voltado das suas excursões residindo por algum tempo nas suas propriedades da ilha de S. Nicoláo, continúa a renovar aquelle tão util e

louvavel estabelecimento na ilha de Santa Luzia, e tem já mandado para là carneiros, vaccas, cabras e egoas.

Em pouca distancia da praia ao pé do monte de Caramujo existe uma nascente d'agoa doce; não sabemos se ha mais n'outros sitios, mas sendo na maior parte plana esta ilha, podia-se com pouco custo cavar poços no caso de se querer povoar. Ha algodão, e havia de produzir muito, se o cultivassem. Nas praias lança o mar algum ambar, e sahem muitas tartarugas: é abundantissima além d'isso de peixe. Toda ella é cercada de rochedos e não offerece para desembarque senão a praia mencionada, e outro sitio tambem soffrivel na costa que se estende da ponta da *Cruz* á do *Curral*. Em distancia de 4 milhas está o

ILHOTE BRANCO

Terá 2 ½ legoas de comprido e ¾ de largo, é muito alto, toda uma montanha e despovoado. Abunda em urzella e tem uma immensidade de cagarras. Ha aqui uma pequena nascente d'agoa doce, que podia supprir 50 pessoas por todo o anno, e da qual fazem uso os urzelleiros quando vem colher. Da parte do Sul ha uma pequena praia de 160 palmos de comprido. D'esta ponta dista duas milhas a E. S. E. o

ILHEO RASO

E'quasi redondo, e mui longe de ser chão como o indica seu nome, é bem alto e cortado tanto a pique, que o navio pode pôr o gurupez em terra, tanto da parte E. como do S. Na ponta do N. pode se desembarcar. AO S. E. do ilheo este na distancia d'uma legoa e meia é situada á ilha de

SÃO NICOLA'O

Dista 24 legoas da ponta do N. O. de Santiago navegando no rumo de N. quarta N. O. E' de 15 legoas de comprido da ponta da *Pedra de Enxova* [Leste] para a da *Praia branca*, [Oeste] sobre duas de largura; só n'um sitio da ponta da *Vermelharia* para a *dos Camarões* tem seis legoas. E' a unica ilha no Archipelago donde se avistam todas as outras em bom tempo, porém ha serrações tão frequentes, que nem se distingue o ilheo Raso. A ponta *da pedra da Enxova* reconhece-se em certa distancia, por ser chata, tendo em cima, uma rocha pyramidal em forma de caracol.

O numero dos seus habitantes chega a 7000 entre mulatos, pretos e escravos, sendo apenas uns 80 brancos. E' mais puro o portuguez que aqui

se fa'la que o de qualquer das outras ilhas. Tem duas freguezias, a da S. Nicoláo e a da Sr.ª da Lappa nas Queimadas. Seu primeiro donatario e povoador foi o Conde de Portalegre.

Tem muitos portos e bahias com commodos fundeadouros, assim a do *S. Jorge*, ou porto *velho*, que fica no Sueste, a do *Tarrafal* ao Oeste, o da *Lappa* no S. o mais antigo e melhor que o de S. Jorge, mas pouco demandado agora, por ficar distante da villa e não ter bom desembarque como aquelle. O porto da *Priguiça*, talvez chamado assim, por se poder do navio n'uma prancha saltar em terra, e ficando os navios amarrados com 4 cabos a uma pedra. Este porto é uma bahia, no cujo interior ha uma doca natural, aonde se podem accomodar algumas embarcações, e tem proximo um poço de boa mas pouca agoa, e foi aberto pelo Bispo D. Frei Christovão de S. Boaventura.

Aqui ha tambem algumas cazas e um forte com seu competente quartel e paiol, guarnecido com 6 peças de ferro de Cal. 12. : hoje está abandonado sem ter guarda nem munições. Além d'estes ha ainda no Sueste o *Porto do Carriçal*, chamado pelos Inglezes *Frishwater Bay*; tocam ali muitos navios, e vem providos d'excelentes verduras e agoa, cujo fornecimento é propriedade d'um particular o Sr. João Dias. Os navios fundeam n'este porto a meia milha da terra em sete braças d'agoa, havendo não menos bom desembarcadouro para os botes. A alfandega está no canto de S. E. d'esta bahia. Afora os portos que acabamos de citar, ha ainda

a *Bahia do Fidalgo*, junto á ponta da Vermelharia, a *Bahia do Forcado* bom porto d'area, *Porto do Barril* e mais alguns que admitem lanchas.

Todos estes fundeadouros são bons em todo o tempo, excepto no das agoas: n'esta estação maior abrigo offerece o do Tarrafal. Este porto ao nascente do da Preguiça dista mais de 3 legoas da villa, fundea-se bem em 10 — 30 braças, e pode-se supprir d'excellente agoa.

Dentro da bahia de S. Jorge estava n'outro tempo o Arsenal Real da Marinha d'ElRei, cujo pomposo nome mal correspondia ao estabelecimento que decorava; não era mais do que hum logar para uma pessoa, que revestido com o titulo de Intendente da Marinha, custando para cima de dous contos de réis annualmente, não desempenhava de forma alguma, o fim da sua instituição.

N'outro tempo a povoação ou villa principal era no porto da Lappa, mas os habitantes repetidas vezes inquietados por Corsarios Hespanhoes, retiraram-se para o interior, onde n'um fundo valle, sitio algum tanto doentio, estabeleceram outra povoação, legoa e meia do porto da Preguiça, atravessando o lindo prado, chamado *Campo das Tabuas*, que agora se tem começado a cultivar com plantações de purgueiras.

O porto de Carriçal, quasi na ponta de Leste, está na bocca de duas ribeiras, pertencentes aos Srs. Dias. Estão muito bem cultivados estes valles, produzem vinho, cana d'assucar, coqueiros e carriço, donde provavelmente veiu-lhe o nome.

Toda a ilha em geral é montanhosa, mas a excepção do *Monte Gordo*, que tem 4280 pés d'altura, e do *Morro do Frade* [Pão d'Assucar], *Pico do matinho*, os de mais são pequenos altos susceptiveis de toda a cultura. O Monte Gordo é volcanico, de materia fragil e porosa, e não forma pico, como n'outras ilhas encontramos.

Parece que n'outro tempo o clima da ilha foi muito bom, pois lá estabeleceram os Bispos a sua residencia, mas de certo tempo para cá, tanto as febres do paiz, como as disenterias grassam; com tudo não é tão doentia, como o asseveram alguns.

No anno 1819 appareceram as primeiras febres do tempo dos habitantes, na occasião que uma balea morta encalhou na costa do norte, pois os pobres acudindo a retalha-la e frigir por amor do azeite, as exhalações pestiferas em breve fizeram seu effeito, augmentado ainda, por ser naquella occasião o cemiterio no centro da villa. Este inconveniente prejudicial já foi removido, graças ao ultimo Bispo.

Do anno 1821 — 1824 fez bastante estrago a febre amarella, que foi introduzida por um navio Hespanhol; no anno de 1835 houve uma forte disenteria.

Além da povoação da Ribeira Brava, villa capital da ilha, ha outras como a das *Queimadas*, da *Praia Branca*, da *Ribeira Calhão*, *Fragata*, *Ribeira da Prata*, *Funda* &. Foi o Bispo D. Frei Silvestre, que no principio d'este seculo construiu desde os alicerces a Igreja parochial da Ribeira

Brava, e reedificou a Igreja parochial de N. S. da Lapa na ribeira das Queimadas.

Em geral a ilha abunda em todos os generos, é fertil, bem cultivada: e produz 500 pipas de vinho para cima. Muito contribuiu para o augmento d'ella a residencia d'alguns Bispos e as virtudes domesticas e civicas da familia dos Srs. *Dias*, cujos esforços patrioticos alentam a agricultura e industria com o seu exemplo. Serviços semelhantes devem ser considerados como grandes beneficios e assim nós publicando-os em parte, julgamos pagar um diminuto o tributo de gratidão, pelos habitantes das ilhas, que bem somos persuadido, com alegria veram aqui repetidas as suas vozes.

Os Srs. Dias introduziram toda espece de animaes, arvores e plantas, tanto da Europa, como da America, que as circunstancias lhes fraqueavam, não poupando alias gastos e despezas para obra de tanta utilidade, e fim tão louvavel.

E' d'este modo que a ilha tem agora vaccas turinas, coelhos e perdizes no mónte Gordo, carneiros da raça Hespanhola, conhecida com o nome de merinos. O Sr. Theophilo José Dias mandou alguns burros e cavallos Hespanhoes que lhe custarão 1:200$000, e que infelizmente morreram com resultado pouco satisfatorio ficando d'elles na S. Luzia só a raça cruzada.

Quanto ás arvores vemos assim vindos d'Europa, o freixo, olmeiro, cedro, faia, loureiro e cypreste; igualmente das arvores fructiferas pecegos, maçans, peros, peras, laranjas, tangerinas,

limões doces, amoreiras, cerejas, ginjas, amendoas, figueiras &c: uvas ferraes, bastardo, verdelho moscatel, tinta da madeira que todas produzem em parreiras excellente uva. Os morangos transplantados prosperaram muito bem, excedendo até em gosto e tamanho os Portugal

Das Antilhas introduziu o Sr. Dias as seguintes especies —

Cerejas d'Antilhas, *Malpighia uvens. Linn.*

Amendoas, *Badanier dm malabar.* — *Terminalia Catappa. L.*

Nogueira?

Cuitezeira. *Crescentia cujete. L.*

Mangas. *Mangifera Indica L.*

Chá das antilhas. *Capraria biflora. L.*

Cana de Caianna. *Sacharum officinale, var. L.*

Palmiste á chou. Areca Oleracea L. [vieram dous pés da ilha de Santa Cruz.]

Lantana Camara. L. [da Madeira.]

Mimosa tenuifolia L.

Hura crepitans. L.

Sensitiva pudica. L.

Chrysophyllum caimito. L.

Todas estas arvores e mais ainda flores e plantas jardineiras, pegaram muito bem, provando assim quanto este terreno adoptava facilmente toda a vegetação.

Para demostrarmos em geral a fertilidade d'esta ilha, basta notarmos, que um terreno de 100 braças quadradas, do valor de 24$000 réis cultivado com canna d'assucar, e está reduzida a

rum, produz 90 gallons (235 canadas) que pelo preço corrente de 600 réis dão 54$000 réis: antigamente, quando o gallon de *rum* se vendia a 1$200 reis, daria 103$000 de renda.

Na villa de S. Nicoláo na Ribeira Brava, no leito por onde passam as cheias na estação das aguas, deixando-o coberto de cascalho, cultivam tabaco o qual produz tãobem, que 500 pés quadrados de terreno, dão n'este ramo de cultura 80$000 réis de renda liquida.

Encontram-se nesta ilha marquezitas, pyrites de cobre, sulfatos de zinco, e igualmente pedras de cantaria e calcareas na ponta da Enxova.

S. Nicoláo rende ao Governo 2:000$000 annualmente, sendo 1:600$000 de dizimos.

ILHA DO SAL.

Esta ilha cujo nome deriva do grande numero das maretas artificiaes e naturaes em que se cristaliza a agua do mar, para o grande commercio do Sal, dista 36 legoas da ponta E. de S. Nicoláo e oito da ponta N. da Boa-Vista. Tem seis legoas de comprido sobre duas de largo; a parte septentrional é montuosa, e a do Sul areenta e baixa; tanto os lados de leste como o de oeste são irregulares. O de leste é orlado do norte ao sul de uma ordem de cachopos ao longo da costa. Quem vem do Norte a avista de ordinario, na distancia

de 14 legoas e as vezes mais; apresenta tres outeiros, o mais alto dos quaes é mais septentrional, chamado Pico do Martins, tem 1340 pés acima do nivel do mar. T. E. Bowdich compara com muito conceito esta ilha vista de longe a um tumulo de area. Tem as seguintes pontas ou cabos.

a Ponta do Norte ou *do navio quebrado*
   „ „ Corno.
   „ de Manoel Lopez,
   „ da Palmeira.
   „ do Ilheo.
   „ de Tartarugas ou *Madama de cima*
   „ „ Sul.
   „ da Fregata.
   „ „ Serra negra.
   „ „ Pedra de Lume.
   „ de Martins.

Ha n'esta ilha algumas bahias, onde os navios fundeam, todas porém más e perigosas, sendo assim mais fundeadouros mal seguros, como é por exemplo o porto ou antes a bahia da *Palmeira*, que fica no S. O. n'uma praia d'area.

Mais para o Sul tem outro porto chamado *Rabo de Junco*: é grande e bom nos mesmos tempos, que o antecedente; tem rato mas dá a vantagem de o navio poder com quaesquer ventos suspender o ferro e fazer-se de vela. Na ponta do Norte d'este porto ha um pequeno ilheo, ou antes um rochedo, e a ponta mesmo da terra firme é coroada com uma montanha chamada *Cabeça de Leão* pela semelhança do pico: ao pé da qual habitava algu-

ma gente. A outra ponta do porto é a ponta das tatarugas, que tem 96 braças d'altura.

Este porto além de ser perigoso no tempo das aguas, tem um baixo de recifes, que orlam tambem as margens d'ambas as pontas; perto d'ella ha fundo em 3, 5, 6 braças; e no centro em 9, 10, 11, 12. Esta bahia em forma de concha semi-circular tem de entrada de ponta a ponta uma legoa e nas brizas de nordeste é bom ancoradouro; tem agora um poço aberto pelo Sr. Souza, que dá agoa docé. A bahia é mui piscosa e apanham-se aqui bastantes tatarugas; conhece-se bem pelo ilheo chegado á ponta do Norte, como já dissemos; A Latitude d'este ilheo é 17.° 41′ a Longit. 23.° 15″ O. Junto a ponta do Sul fundeam tambem os navios em razão da proximidade das marinhas, embora esta costa é cheia de recifes; este fundeadouro chamam *Portinho da Salina*: pouco mais adiante é a *Ponta da Fragata* assim dita, por ter naufragado ali em 1819 a Fragata Ingleza *Ernc.* Toda esta costa tanto ao pé d'esta ponta, como d'aquella do Sul é perigosa, por ser tão baixa que nem de dia na distancia de 3 legoas se avista.

N'outros tempos já foi habitada esta ilha e possuia grandes marinhas; no anno 1705 em razão da fome por falta de chuvas, foi abandonada pelos habitantes e a maior parte dos gados morreu.

O seu primeiro donatario foi D. Martinho Pereira, o mesmo que da ilha de S. Luzia e dos ilheos Branco e Raso.

Hoje que tornou outra vez a ser habitada terá uns 500 habitantes.

Dapper diz nas suas viagens, que na ponta S. E. perto d'uma praia arenosa, contou em 1700 setenta e duas marinhas, que occupavam duas milhas de comprimento.

O Governador e Capitão General D. Antonio Coutinho de Lencastre nomeou em 1808 o então Sargento-mór, Sr. Martins por uma provisão, Administrador dos reaes Rendimentos d'esta ilha. —Vej. Not. 2.

E' d'então que houve quem o considerasse como proprietario d'esta ilha, comettendo-se d'esta fonte algumas irregularidades e excessos; assim como ninguem podia, ainda ha poucos annos, pescar nas costas desta ilha sem consentimento d'elle, das tatarugas erão obrigados a dar-lhe a casca e azeite, ficando só com a carne; e mais outras, que omittimos, julgando não ser de interesse commum.

O ultimo Governador d'esta Provincia e actual de Moçambique o Sr. Brigadeiro J. P. Marinho cortou d'um golpe este nó gordio, que ninguem antes quiz dasatar e agora ha na ilha um comandante militar, e uma alfandega e a ilha administrada no mesmo pé que as outras, tem nos ultimos mezes da reintegração do Sr. Marinho rendido mais do sextuplo de alguns annos anteriores.

Com tudo *quid est Dei Deo, quid Caesaris Cæsari*; se a ilha do Sal tem agora cazas e habitantes, rende ao estado, e promette ainda melhoras, é imparcialmente fallando, ao Sr. Martins que se deve. A Junta da Fazenda authorizou é ver-

dade em 1834 quem quizesse poder abrir maretas na ilha do Sal, mas ninguem aproveitou d'esta licença senão para clamar depois contra o Sr. Martins, que estabeleceu então aqui uma sociedade cujos membros podem trabalhar até em 200 maretas, vendendo porém o Sal só a elle, a razão de 1$800 réis o moio que corresponde a 2, 5 de Lisboa. Bom seria que se fizesse renovar o contracto feito, e que o contractante satisfizesse aos ajustes.

Gritaram alguns com suas gentilicas ideas de liberdade, que se devia espoliar o Sr. Martins de todo o usufructo, que elle possa ter n'esta ilha; nós julgamos que semelhante proceder seria o mais injusto e indigno d'um Governo que já deu por vezes provas de querer proteger a industria, e principiou a olhar com attenção e esmero para as possessões ultramarinas. Se o Sr. Martins tivesse tido a doação da ilha de D. João VI. [como se tem querido inculcar] devia ser respeitada intacta, pois até certo ponto offerecia vantagens; não a tem, mas somente existe a supracitada provisão: comtudo as obras e bemfeitorias que tem feito não merecem menos contemplação. Que outro teria assim arriscado seus fundos em tantas obras permanentes?

De principio tirava o sal d'uma lagoa d'agoa salgada de figura circular que se acha n'uma chada a 105 pés acima do nivel do mar, e seis braças debaixo da cumeada do monte. O sal embarcava n'uma pequena enseada perto do monte da *Pedra de lume*. onde por haver muito rato e ser perigosa a entrada,

elle introduzia os navios e com grandes amarras os segurava. Para diminuir a distancia do transporte, que chegava a uma legoa e estragava nas subidas e descidas as bestas, aliás bem custosas por falta d'agoa e pastos no local, mandou furar o monte: esta obra custou-lhe mais de 10:000$000, aproveitando-se d'um mineiro Inglez que ia para Buenos-Ayres. Ao fim de certo tempo abandonou porém esta salina, por outras melhores na ponta do Sul.

E quem havia de dizer, que a primeira estrada de ferro em Dominios Portuguezes seria construida n'esta parte das suas colonias? — Foi feita por Sr. Martins, desde esta salina até ao ponto do embarque, onde tenciona construir um caes. — Terminamos dizendo que mais de 40 contos gastou em diversas destas obras. Restabelecendo com toda a razão o antigo imposto do Sal, bem ha de render agora até 10:000$000 pois sendo o sal muito bom, é procurado, tem até o Sr. Martins a segurança d'uns 30 navios annualmente tanto da Inglaterra, como de Hamburgo e Hollanda.

Esta ilha nada mais produz senão sal e urzella; é incrivel porém a abundancia de peixe na sua costa.

BOA-VISTA.

O seu nome procede de ter sido a primeira a que Cadamosto *viu n'aquella parte* em 1446. E' pois

um erro, repetir com alguns que tal nome é improprio, fundados em não ter ella boa apparencia. Tem forma mais approximada a um octogono, tendo cada lado perto de 3 legoas d'extensão: é dividida em duas partes desiguaes por um espinhaço elevado que corre de N — O ao S — E, e que remata pela banda de norte no monte de *João Fernandez*. Da banda oriental é chã, elevando-se para o interior, porém á excepção de tres montes, altos que se descobrem de 10 a 12 legoas, é toda plana, e o littoral arenoso com algum cascalho. A villa de *Sal-Rei* é a capital d'esta ilha, n'outro tempo era no *Rabil*, povoação mais distante do porto, donde mudaram por achar aqui mais facil embarque do sal, — fonte de riqueza e prosperidade commum. A camara, porém, e a igreja ainda ficaram na villa do Rabil.

Pedro Correa foi seu primeiro donatario e teve o gado bravo da ilha por doação de ElRei D. Manoel de 3 de Janeiro de 1505, confirmada por D. João 3.° a 10 de Março de 1522 e deixou por successor seu sobrinho *Antonio Correa* que ElRei confirmou por carta de doação de 27 de Setembro de 1542 [*Vej. Liv.* 38 *de D, João* 3.° *fol.* 134.] Succedeu-lhe *Francisco Correa.*

Hoje tem a ilha mais de 3000 habitantes, notando-se mais que em qualquer outra as gradações desde o branco dos Portuguezes até o negro de Guiné, e excepto os escravos, com pequenas excepções tudo é uma familia.

Tem alguns portos, o melhor é o chamado *In-*

gles, onde está situada a villa de Sal-Rei. Este porto, abrigado desde N. até S. S. E., sendo uma bahia de duas milhas e meia de largo na sua entrada, a contar da ponta dos Coraes até ao ilheo, tem quasi uma milha de comprido. O fundo é limpo d'area, de 4 até 8 braças de sonda; porém tem o inconveniente de não poderem os navios de maior lote chegar a villa em menor distancia d'uma milha. Além d'isso, não podemos repetir com o Sr. Lima, que é muito bom porto em todas as estações; é de levante como todos os mais do Archipelogo, salvo o de S. Vicente. Nos mezes Dezembro e Janeiro e ás vezes até Abril com ventos Est-Nordestes o mar é tão forte, o rompimento geral por toda a bahia que os navios com risco de não irem á garra, são obrigados a fazerem-se logo de vela. Todos os annos assim acontece, — o que lá chamam *marezia*.

Além d'este inconveniente n'aquella estação, é muito mau para fazer aguada, e tambem perto do ilheo, junto do qual entram os navios, ha um recife coberto de uma braça d'agua no qual ha poucos annos tocou uma galera Hollandeza, e isso é bastantemente frequente, e apezar do que o Sr. Lima declarou nas suas annotações a memoria do Dr. Castilho, que por cima d'este recife piloteava uma náo de 3 pontes, — a chalupa do Sr Theophilo tocou duas vezes. Este recife acaba n'uma ponta mui aguda que se não descobre, nem o mar alí rebenta em flor.

Entre o ilheo e a terra não ha fundo bastante

para passar pois só tem de uma a duas braças apezar do que uma vez milagrosamente quasi entrou por engano uma Escuna Americana.

Esta bahia é muito abundante de peixe, que é o principal sustento dos habitantes, e bastantes navios alí concorrem. Mais para o S. na costa S-O da ilha e distante tres legoas a S-E da ponta da Varanda é situado o *Porto do Corralinho* ou aliás *Porto Portuguez*. E' uma praia de area e cascalho, formando uma pequena enseada, com abrigo das brizas e marezias, mas exposta aos ventos S. e S-E. N'este porto se dá fundo em 10 a 12 braças; é pouco frequentado porém, por não haver ali commercio.

Ha ainda o *Porto dos Ferreiros* na costa de leste sudeste e duas leguas distante da ponta do Orvatão: é uma pequena enseada, no cujo meio se fundea de 6 a 8 braças; este fundeadouro sujeito a marezia de N. E. não é seguro, pois n'estas occasiões os navios são obrigados a fazerem-se logo de vela; poucos navios tambem o demandam, — salvo algum para carregar urzella ou sal o que succede raras vezes.

Ao N. da ilha ha outro porto vulgarmente chamado do *Norte* ou da *Salina*. Junto a elle ha uma aldea do mesmo nome; é ás vezes frequentado por cauza d'uma mareta natural, que produz sal com abundancia e de melhor qualidade. Este porto serve é verdade no tempo das agoas, mas é arriscado procura-lo sem ter bom prático.

Toda a costa da ilha da Boa-Vista é perigosa, de leste é guarnecida por uma ordem de cacho-

pos e recifes, onde é mui facil encalhar no tempo das brizas, pois costuma haver aqui muita nebrina, e não convem demanda-la então ao N--E. Muitos navios tem naufragado n'esta ilha, como p. e. no anno de 1787 a náo Ingleza *Hartwell*, que deu seu nome aos rochedos da ponta septemtrional do porto do Norte, onde se perdeu. No mesmo sitio o célebre Capitão Cook esteve a ponto de naufragar na sua 3.ª viagem dos mares do Sul. * Perto de meia legoa do promontorio de oeste, está tambem um rochedo de coral, onde rebenta o mar, e ao mesmo tempo a corrente caminha com muita rapidez.

O porto de Sal-Rei com tudo é o unico do Archipelago, que offerece o melhor desembarque, existindo na villa um caes de pedra, embora muito tosco, mas aonde com tudo, tanto as pessoas como ao fazendas podem desembarcar com segurança e commodidade; este caes foi feito a custa do Sr. Martins e é propriedade sua.

* . . . no dia 10 d'Agosto 1776 as nove horas da tarde, avistamos a ilha da Boa-Vista ao Sul pouco mais d'uma legoa; pensavamos ser mais distantes, mas em breve reconhecemos o nosso engano, andando para leste até ao meio dia para evitar rochas cobertas d'agoa, que jazem uma legoa da ponta S-E da ilha, achamos-nos em cima d'ellas. Nossa situação foi terrivel durante alguns minutos. Não julguei dever sondar: esta operação teria augmentado o perigo, sem dar meios de o evitar . . Viagem do Cap. Cook T. I, Cap. 30.

A villa de Sal-Rei que em 1812 constava de seis cazas e algumas choupanas, de poucos annos para cá augmentou consideravelmente: tem grande numero de cazas boas, e melhora de dia em dia com a maior frequencia de navios estrangeiros, tanto para tomar refrescos e negociar, como principalmente para carregar de sal. O que ha aqui não é muito claro, e pelo mau fabrico sahe das maretas misturado com bastante area: é reputado comtudo mais proprio para a salga das carnes na America do Sul e preparo dos couros.

Pelo termo medio, exporta-se annualmente 2$000 moios; extrahe-se das duas salinas naturaes, das quaes a mais explorada é a vizinha ao porto Sal-Rei, e menor a que fica no lado opposto, junto á povoação do Norte. Nos ultimos annos diminuiu bastante a exportação, mas nem por isso querem os habitantes dar-se á agricultura, que lhes é quasi desconhecida; basta dizer que no contorno da villa não ha uma arvore, nem uma planta, senão na distancia d'uma legoa no valle junto ao *Rabil* n'uma fazenda d'um digno Europeo aqui estabelecido ha annos, — o Sr. Hippolito. Na sua quinta, bem chamada *Esperança* n'um terreno todo de area, conseguiu ter toda a qualidade de fructos da Europa e Africa. Ha ainda duas ou tres fazendas do Sr. Martins no Belmonte notaveis pela grande abundancia de coqueiros, porém estão em grande abandono.

Cultiva-se na ilha algum milho, e batata doce: toda a hortaliça que se consome na villa vem uni-

camente da *Esperança*; a agua mesmo para beber, pelo maior parte mandam buscar a esta fazenda; pois aquella que geralmente usam na villa d'umas fontes na area, perto da borda do mar, embora a reputem muito sadía, é de gosto pouco agradavel, e deixa um sedimento branco.

Esta ilha é formada quasi por um banco de area com dois picos de basalto nû no meio, sem vestigios em maior parte de vegetação, nem tão pouco rastos da pista dos viandantes tal é por exemplo, uma grande extensão d'area movediça entre Sal-Rei e o Rabil.

Os habitantes como se não dedicam á agricultura, nutrem-se em maior parte de peixe e leite. Para as outras provisões grande recurso é a vinda dos navios estrangeiros, que os emprega no trabalho, pelo qual preferem ser pagos em generos, como bolaxa, farinha, feijão, fato velho &.; os pescadores p. e. trazendo peixe a bordo, nunca o querem vender a dinheiro, mas por um balde de bolaxa ou feijão dão um ou dous de peixe.

No estado actual tudo se oppõe á idea do Sr. Lima de mudar a capital para esta ilha: não combateremos este conselho tão *desinteressado*, da nossa exposição pode-se formar um juizo.

O primeiro cuidado devia ser de semear mato e arvores para lenha, que é tão escassa que usam da bosta de boi; plantar coqueiros que muito bem hão-de produzir n'este salobro e areoso terreno, como mais outras proprias; assim tambem cultivar o algodoeiro, qus se acha aqui tanto do bran-

co como do amarello e de muito boa qualidade. Que a ilha é susceptivel de produzir, bem se vê, quando nos poucos sitios, que se encontra alguma cultura, ha milho, feijão, inhame, abobras, melões e melancias as melhores do Archipelago.

Nas praias encontra-se ás vezes algum ambar, sendo as costas cheias de muitos zoophitos, principalmente madreporas.

ILHA DE MAIO.

Dista 6 legoas leste de Santiago donde quasi sempre se avista, tem cinco legoas de comprimento sobre tres de largo.

Já dissemos n'outra parte, donde derivava o nome que possue. Esta ilha eleva-se consideravelmente sobre o nivel do mar, erguendo-se para o interior por tres morros de boa altura em forma de pico, que a dão a conhecer aos maritimos do lado do norte, por ser o do meio mais alto e descobrem-se em 10--12 legoas de distancia. Quem vem do S. E. enxerga ao longe como duas ilhas elevadas: e para o Sul fica um alto monte, chamado *Maio* com um chão baixo para o sul, onde ha dous outeiros. A meia legoa do centro quasi da costa do norte ha uns cachopos, que se estendem de N. N. E. e S.S.O. perto d'uma milha. e devem ser cautelosamente attentados; n'este baixo perigozo encalhou n'uma noute no fim de 1624 o Galeão *Conceição*, perten-

cente á armada que ía á expugnação da Bahia; morreram muitos que se deitaram ao mar, salvando-se porém os que esperavam até ao outro dia; d'então ficou-lhe o nome do *Baixo do Galeão*. Em 1802 perdeu-se alí uma galera Americana carregada de vinhos e muitos mais tiveram a mesma sorte.

Do ponta de S. O. da Boa-Vista para o Sul descahindo para o oeste encontra-se tambem, quasi a meia distancia, outro baixo mais perigoso ainda, chamado *Baixo de João Leitão* fica obra de seis legoas na direcção de S. O da ponta Occidental da ilha de Maio, na extensão d'uma milha de norte para o sul; este perigoso rochedo existe na parte central de um extenso banco de coral, que se alonga muito para E. e O. 4 a 5 milhas para o sul e menos para o norte. Varios naufragios tornam célebres estes cachopos, aonde o mar rebenta com violencia; entre outros, em 18 de Abril de 1806, passando uma esquadra Ingleza, perdeu-se um navio da Companhia da India *a Lady Burgen*: *Lord Melville* da mesma esquadra tocou tres vezes, mas logo se achou em 25 braças, e d'ahi a pouco em 30 e assim salvou-se, os outros navios escaparam milagrosamente.

Além d'estes toda a costa da ilha de Maio é orlada de cachopos. O principal porto que é mais frequentado, é apenas costa de mar; está situado no S. O. da ilha, e sendo o vento N. O. que geralmente aqui sopra, estão os navios bem abrigados; o desembarque porém é muito mau, cargas e passageiros, estando o mar mais agitado são içados

por uma corda. Este porto chamado *Inglez* é uma grande bahia, capaz de conter um grande número de navios de todo o lote que fundeam em 7 a 12 braças, porém em parte é sujo de lastro de pedra. Ao norte da rocha de desembarque e embarque, está uma espaçosa praia de area, onde se faz a aguada em um grande e bom poço situado entre a praia e a salina. Além d'este porto ha ainda outro voltado ao oeste, chamado de *Pau secco*, que é pouco frequentado. Dista quatro legoas do porto Inglez, é uma enseada de area, abrigada dos ventos S. e S. E. aberta porém aos N. e N. N. E.; e se ancora em oito braças d'agua, em bons fundos, chegando-se sempre mais a parte norte do porto, do que da parte sul. Foi seu primeiro donatario, por graça de ElRei D. Manoel, o Capitão de Santiago, Rodrigo Affonso [[Liv. das ilhas f. 69 ✝ e Liv. 29 a de D. Manoel f. 6], que a vendeu a João Baptista e por morte d'este passou a seus filhos Egas Coelho e João Coelho o que ElRei confirmou em 10 de Julho de 1504; contractando com elles de darem o quarto e dizimo das pelles e cebo do gado cabrum e vacum que matassem [Liv. 1.° de Reis f. 125 ✝.].

Succedeu-lhes na Capitania por alvará de 7 de Julho de 1524 o vedor da Fazenda de ElRei D. João 3.° Barão d'Alvito, a quem ElRei deu metade da ilha [Liv. 30 de D. Sebastião f. 258].

O contracto a respeito das pelles e cebo foi renovado por carta de 14 de Outubro de 1538 [Liv. 49 de D. João 3.° f. 266].

Em data de 18 de Julho de 1573 fez ElRei D.

Sebastião merce de metade desta ilha, que era do Barão d'Alvito, a D. Antonia de Vilhena. [Liv. 30 f. 259.].

Tendo vagado para a coroa fez ElRei D. João 4.° por alvará de 4 de Setembro de 1642 mercê do direito da outra metade da ilha a Martim Affonso Coelho. [Liv. 14 de D. João 4.° f. 24].

A 29 de Setembro de 1673 confirmou D. Affonso 6.° a posse da metade da ilha a D. Maria de Menezes e mulher de Diogo Gomes de Figueiredo successora de D. Antonio de Vilhana. [Liv. 11. de Aff. 6.° f. 43]

A respeito d'esta ilha veja ainda de D. Aff.° 6.° Liv. 36 f. 151. Liv. 40. f. 115. e Liv. 24. f. 274 ỷ. e tambem a carta a Affonso Pestana Picoto. Liv. 47. f. 90 ỷ. e outra a Antonio Furtado de Mendonça Liv. 20 f. 133 ỷ.

Com tudo apezar de ter tido tantos donatarios, no anno 1722 não tinha senão 200 habitantes, moradores em cazas terreas, hoje tem 2000, e a povoação situada ao pé do porto dos Inglezes, tem algumas boas cazas, como é p. e. a caza d'alfandega, que é a melhor das de todas as ilhas.

Esta povoação que não tem nome nem cathegoria de villa é situada sobre um rochedo de obra de 4 braças sobre o mar, indo o terreno depois elevando-se successivamente. Na maior parte esta villa é um composto irregular de cazas abarracadas e de pedra enssosa. A Igreja sobre um alto, estava por pouco a cahir, e semelhava-se mais a um pardieiro do que a um lugar d'oração. O embarque como

já dissemos, precisando as vezes ser effectuado içando n'uma corda, cauzou por vezes mortes e desgraças.

Alem d'esta povoação ha mais outras cinco pequenas; a freguezia do *Penoso* dista quatro legoas de máu caminho do porto dos Inglezes.

A ilha quasi toda inculta, serve unicamente de pastagem para gados; só junto da povoação ha uma horta chamada da *Alagoa*, que pertence a muitos donos: é pantanosa, e produz depois de seccar, acabadas as cheias, toda a qualidade de vegetaes. Pensamos que igualmente podia cultivar-se em muitas partes, mas a razão d'este abandono da agricultura, da qual é mais ainda susceptivel que a Boa-Vista é que quasi todos os habitantes da ilha possuem maretas, e os navios exportam annualmente para cima de 4000 moios.

Tambem uma das razões, que muito influiu para ser nulla a industria e agricultura do paiz, foi n'outro tempo a vaidade de comprar patentes militares honorificas, que se vendiam na Secretaria do Governo: havia então mais Officiaes milicianos do que soldados; isto porém acabou já hoje em dia. Na occasião d'uma grande fome n'estas ilhas, lembrou-se o Governo dos desgraçados habitantes e mandou viveres. O navio destinado para o Maio havendo dito ao Commandante que mandasse buscar os mantimentos a bordo, teve em resposta, *que os desembarcasse com a sua gente de tripulação, pois aqui havia só officiaes militares, e não homens de trabalho.!*

Gira aqui bastante dinheiro que passa em grande parte para Santiago, donde vem os mantimentos; agora já principiam é verdade tambem a semear milho, mas o terreno permitte mais cultura d'algodão, que fòra mais proveitoso aos especuladores industriosos.

Esta ilha em mór parte baixa, desarborisada, com solo secco e esteril e com poucas fontes, é sujeita a fomes, mais que qualquer das outras. Ella parece ter sido produzida por um levantamento, ainda que as camadas de pedras areentas, que a compõem sejam dispostas por camadas horizontaes. Ao pé do ancoradouro ha uma elevação que chamam *montanha do Fogo*; porquê pertendem que d'alí sahiam chamas; porém não se vêem vestigios de lavas nem tão pouco cratera ou caldeira: a rocha é composta d'uma area mui friavel, como quasi toda a ilha que é d'uma area calcarea.

A natureza suppriu a pouca bondade do solo com um mar muito piscoso.

N'outro tempo havia n'esta ilha uma immensidade de burros e cabras bravas, em que os Hollandezes no tempo dos Filippes vinham sem impedimento algum fazer suas matanças e salgas; ainda hoje se exportam algumas pelles de cabra, porém outr'ora foi tam grande este commercio, que houve um anno, em que só d'esta ilha sahiram 5$000 pelles, como consta d'antigos assentos, isto é só das pertencentes aos rendimentos Reaes, afora as que por sua conta mandaram os particulares.

As marinhas são situadas nas immediações da

villa, ao pé do Porto Inglez; Dampierre as descreveu no principio do 17.° seculo com tanta miudeza e exactidão como nenhum outro viajante, e merece a pena de ser lido.

Os rendimentos do Governo chegam a 6:000$000.

Ha aqui uma pequena batteria para a defeza do porto, e geralmente um pequeno destacamento de tropa, que é d'absoluta necessidade em razão da afluencia de navios.

SANTIAGO.

Esta ilha, a maior de todas merece mais amplas considerações. Releva pois que nos demoremos na sua descripção.

E' uma das que fica mais ao sul do Archipelago, tem 18 legoas de comprido, sobre 8 na sua maior largura.

Antonio de Nolle foi um dos primeiros donatarios ao que parece. D. Manoel doou a ilha de Santiago na parte da Ribeira Grande a D. Branca d'Aguiar, filha de *Mice* Antonio Genovez, *para ser Capitam quem com ella cazasse, com jurisdição &c.*; esta *doação* é datada d'Evora 8 de Abril de 1497; [Vid. fol. 69 *do L. das ilhas*] e n'ella achamos os termos seguintes — *ho dito mice Antonio foy*

o primeiro, que ha dita ilha achou e começou de povoar. Como D. Branca cazou com Jorge Correa fidalgo da caza de ElRei D. Manoel, confirmou tudo n'elle e os seus herdeiros.

A fol. 69 ✝. *do Livro das ilhas* acha-se tambem a *confirmação* de 29 de Outubro de 1497 a Rodrigo Affonso, do Seu Concelho, da Capitania da parte do Norte de Santiago, que já lhe fôra assignada pela carta, que ahi vem transcripta, dada em Montemor o novo a 14 de Janeiro de 1485, quando ElRei era Duque de B ja. Esta carta de doação, pode-se considerar como o foral daquella ilha.

Este mesmo Rodrigo Affonso foi, como já dissemos, donatario da ilha de Maio e por alvará de 31 de Maio de 1490 obteve de ElRei D. Manoel a doação do gado bravo da Boa-Vista que confirmou depois sendo Rei, por carta de 29 de Outubro de 1496. [Liv. das ilhas f. 49].

Rodrigo Affonso morreu passados poucos annos, como consta da doação que a 13 de Janeiro de 1505 fez ElRei a seu filho Pedro Correa, da saboaria da ilha de S. Tiago, que fora do mesmo *Rodrigo Affonso.* [*Liv.* 19 *de D. Manoel fol.* 36.]

No *Liv.* 21 *de D. João* 3.° *f.* 152 vem uma carta de ElRei D. Manoel a *Jorge Correa.* Seguiu-lhe *Affonso Annes de Campos*, que tendo sido assacinado por um *Ruy Varella* passou a 24 de Fevereiro de 1531 a Fernão d'Alcaçova. [Liv. 9 de D. João 3.° f 47.]

Em 25 de Maio de 1515 deu ElRei a Diogo

Fernandes, morador na ilha de Santiago, a admi-nistração de uma capella, instituida na igreja de *Santi Spiritu* na Ribeira Grande por um Castelha-no Rodrigo de Vilharan — [Liv. das ilhas f. 154].

Os primeiros sesmeiros foram, um Gonçalo de Paiva, que perdendo por culpas a sua sesmaria, passou em 13 de Agosto de 1500 a João Burgallez [Liv. das ilhas f. 63]. Christovam Dias, tendo i-gualmente perdido por motivos identicos, passou a Manoel Cardozo a 20 de Maio de 1532.

Esta ilha de Santiago chegou a ser muito povoa-da; hoje não tem senão 19$000 habitantes.

Servia antigamente de refrescar as armadas que iam para o Sul e depois as do oriente e occidente. Alí fóram Vasco de Gama, Martim Affonso de Sousa e todos os navegadores celebres conforme fica dito na pag. 7.

Esta ilha montuosa, e que de muito longe se des-cobre tem muitas enseadas, bahias e fundeadouros sendo suas costas limpas; porém porto, realmente não tem, a não ser na Villa da Praia.

Esta bahia situada em 14.°, 53′ de Latitude Se-ptentrional e 14.° 20′ de Long. Occidental do Me-ridiano de Lisboa, está na extremidade S. E. da ilha. Perto se fundeia de 8 a 18 braças de fundo de areia; os navios de menor lote podem ancorar em 4 braças, no interior, pois o fundo é mui lim-po. Este porto é seguro no tempo das brizas, a sa-ber, desde Outubro até o mez de Julho inclusivè: nos mezes porém das agoas, que vem a ser Agos-to, Setembro e Outubro, é perigoso, por ser ex-

posto aos ventos S. e, S. E. que reinando geralmente n'aquella época, veem por vezes com fortes tufões. Então quando estes principiam, é mais seguro para os Navios fazerem-se logo de vela, do que aguentar nas amarras, pois rebentando estas, o naufragio seria inevitavel. Para evitar esta disgraça, n'aquelle tempo do anno, é mais prudente fundear fóra das pontas em 30 a 35 braças, para assim logo poder-se fazer de vela. A ponta N. E. d'esta bahia, chamada *Ponta das Bicudas* é mui limpa, pode-se dobrar de perto; mas a outra de S. S. O. *Temerosa* ou aliás do *Tubarão* mui suja de pedras, precisa afastar-se d'ella mais de meia milha. O conhecimento deste porto é mui facil, marcando-se pela *Ponta das Bicudas* que é artilhada e o *monte Vermelho* que pequeno e desta côr fica algum tanto no interior.

Além d'este porto ha na distancia de tres legoas ao Oeste, o *da Cidade*, onde fundeam os navios, porém raras vezes; por ser o fundo cheio de rato, e não haver nelle commercio. Quem porém ahi quizer, ou precizar fundear deve enfiar o pau da bandeira da bateria com a varanda do velho palacio Episcopal, e dará fundo desde 3 a 14 braças, por fóra d'umas pedras, dentro das quaes fundeam lambotes.

Na costa Occid. de Santiago, que principia na ponta da *ribeira do Inferno*, a ultima ponta S. O. da ilha, acham-se os fundeadouros da *Ribeira da Barca* e *Ribeira da Prata*, que são duas grandes praias de area, formando enseada, e distantes duas

legoas, uma da outra, aonde se fundea de 7 a 12 braças, são porem pouco frequentados, salvo por algum navio mercante a comprar pelles ou carregar milho, ajustado na villa da Praia. Duas legoas e meia ao N. do ultimo fundeadouro, e uma ao S. da extrema ponta da ilha, ha ainda outro porto ou bahia do *Tarrafal*, — é grande, segura, abundante d'agoa e refrescos, a pezar de não ter povoação concorrem alguns navios; é n'elle que se carrega quasi toda urzella da ilha.

Ao norte d'esta bahia é a ultima ponta N. O. de Santiago, chamada *Ponta de Tarrafal*. Passada esta principia a costa de leste corre S. E. e forma a enseada da Malagueta, perigosa pelas calmas causadas dos altos montes, e violente corrente d'agua para terra; de modo que nenhum navio navegando por esta costa, [que forma canal com a ilha da Maio] se pode chegar áquella, menos de tres legoas, sem risco de naufragar, como a varios tem acontecido. Esta enseada terá quasi sete legoas, e no fim d'ella se acha o *Porto de Santiago*, e que mui pequeno apenas pode conter quatro embarcações de 100 tonneladas, que costumam carregar milho; é pouco seguro por ser batido directamente na bocca por brizas fortes de N. E; reconhece-se por muitos coqueiros no fundo e uma Igreja ao sul da enseada.

D'alí á ponta das Bicudas a costa corre sul e S. 4 S. O. e é toda limpa. Na distancia d'uma legoa d'aquella ponta se acha uma pequena praia d'area e cascalho com muitas palmeiras, e algumas

casas, a que chamam Bahia *de S. Francisco*; alguns navegantes pouco praticos em tempo de nevoa enganaram-se tomando-a pelo porto da villa da Praia, engano que bem pode ser prejudicial; é verdade que ancoram n'alguns sitios os navios, mas o fundo é cheio de rato.

Ha ainda mais algumas enseadas, como *Pedra Badejo*, *S. Miguel*, *S. Martinho*, &, nas quaes porém só pequenos barcos, e raras vezes hiates fundeam para carregar milho.

A Ilha de Santiago, muito alta e montanhosa é cortada por algumas ribeiras, que nunca seccam, porém poucas são, as que no decurso de todo o anno, chegam até o mar; pois todas as fazendas não existem senão n'estas *ribeiras* *, e assim quasi toda a agua fica aproveitada para as regas. No tempo das chuvas convertem-se estes regatos em torrentes, e em rios caudelosos, que pouco duram e só então desaguam no Oceano. As principaes são a ribeira *de S. Domingos*, *da Trindade*, *de S. Martinho*, *dos Orgãos*, *da Cidade*, *de S. Francisco*, *Monfaleiro*, *dos Leitões grandes*, *dos Leitões pequenos*, *do Engenho*, *da Barca* &: todas ellas tem moradores espalhados, porém as povoações ou aldeas são raras. As maiores são a villa da Praia e a cidade da Ribeira grande, n'esta ultima

* Temos-nos servido d'este nome, por ser usado entre os habitantes de chamarem aos valles --- ribeiras --- com mesmo nome dos regatos que os atravessam.

era antigamente a residencia do Governador, a sé do Bispo e de todas as authoridades. Dista tres legoas da villa da Praia e deriva seu nome d'uma ribeira que ahi se mette no mar. Admira muito, como podiam ter escolhido para capital um sitio d'estes: esta *cidade* é bordada d'altissimas rochas, no fundo d'uma ribeira estreita, de maneira, que como todas as cazas são do lado do norte debaixo da dominação d'enormes massas basalticas, tem acontecido muitas vezes que um rochedo despegado de cima, foi rolando até cahir dentro da villa e derrocou edificios, levando tudo que encontrava no caminho. Hoje taes fragmentos não podem já encontrar edificios no termo de sua queda e quando se precipitam empregam todo o seu esforço contra montões de ruinas, que é qúanto por alí se descobre!

Na maior d'estas montanhas foi construida no tempo da uzurpação Hespanhola, uma fortaleza chamada Real; tem quatro baluartes, havendo contido n'outro tempo quarteis, cisternas, paioes e todas as mais accomodações: agora está arruinada, e algumas peças de ferro e sem reparos, encravadas desde o tempo do saque dos Francezes, guardam e servem de proficua protecção ás ruinas da Cidade. Esta n'outro tempo possuiu muitas e boas cazas de pedra e cal, e até muitas de cantaria de Portugal; havia alì cazas acastelladas, no gosto da architectura de 16.° seculo, resultado da combinação dos elegantes arabescos e suas esveltas e soberbas columnas, com os grandiosos massiços gothicos; algumas ainda, arrostando as injurias do

tempo, ficaram em pé, como se fossem protegidas pelos brazões gloriosos, que lhe avultam sobre as vergas das suas portadas! . . . hoje uma terrea choupana procurou abrigo debaixo da massa d'esta ou daquella torre, e rente do chão, á sombra das folhas das palmeiras, vegeta uma desgraçada familia de negros, ignorante do passado, deixando correr o presente e sem curar do futuro, quaes vemos os pastores que ora habitam nas ruinas da famosa Palmyra! . . . Umas cabanas de pedra e barro cobertas de palha, constituem hoje toda a cidade; encontram-se com frequencia degráos de marmore de Pero-Pinheiro, que conduzem á uma porta de junco com ombreiras de pau carunchoso. Havia ali quatorze Igrejas, mas hoje existem sómente — a Sé, que se vê agora (não obstante ser um bello monumento) destelhada no meio, — o Hospital da Misericordia que está a cahir — e um seminario que o ultimo Bispo mandou continuar ha poucos annos; este edificio de dous andares, e umas trinta janellas de frente, nunca ficou acabado, mas o bixo comeu toda a madeira que é de pinho, e em breve cahindo em pedaços augmentará o cahos das ruinas.

No fundo a bordo da ribeira se levanta um modesto convento de frades capuchos: hoje privado de seus devotos habitantes, porém ainda bello pela verdura, que o cerca e abundante agoa que o banha, lá está solitario no meio das ruinas: é o sitio mais delicioso talvez de todo Archipelago. A traz do edificio foi o terreno inferior aproveitado para horta. Ha aqui um bosque natural de anonas, uma

fonte clara rebenta das entranhas d'um rochedo, e é suave o ouvir o seu murmurio, descançado á sombra de ramagem que torna impenetravel aos raios do sol, e gozar a amenidão do lugar, donde se espraia a vista por sobre massas enormes de rochedos agglomerados em desordem. A branca face do convento faz um singular contraste com as miseraveis choupanas d'uma lava negra e seus fuscos tectos de palha. A ribeira gemendo entre estes pardieiros, alarga-se a borda do mar e forma uma lagoa, que vai insensivelmente filtrando entre os calhaos e desagua no Oceano. — Nota 3. —

O porto como já dissemos, é uma pequena enseada com cachopos no meio, por fóra dos quaes fundeavam antigamente os navios; porém hoje já aqui não vem, a não ser algum balêeiro, que toma os refrescos sobre vela. Barcos costeiros, denominados aqui *lambotes* fundeam entre a terra e estes cachopos.

No tempo da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, os navios descarregavam o lastro de pedra, de maneira que agora está cheio de rato, e com o fundo obstruido de muitas amarras e fateixas. Se o porto fosse bem abrigado de ventos, e offerecesse vantagens, e se a povoação o merecesse, seria facil de o limpar mas não existindo motivo algum d'estes mui preferivel a todos os respeitos é o porto da villa da Praia.

A Cidade é exposta todos os dias aos ardentes raios do sol, rodeada de montanhas tão altas que não deixam penetrar o vento, a não ser pela ribeira

que tambem em pequena distancia acaba entre as contiguas serras. Este valle ou ribeira regadia exhala vapores, que naturalmente são prejudiciaes; as cazas por dentro estão sempre humidas; os frequentes damnos que causavam as grossas pedras destacadas dos rochedos, e alem d'isso seu pessimo porto, motivaram o abandono d'esta povoação. Contribuiu muito ainda o saque feito pela esquadra Franceza comandada por Du Gautrey, no anno de 1712. Desembarcou o inimigo perto da villa da Praia, e foi até a cidade por terra, os habitantes fugiram espavoridos e muitos não quizeram mais voltar, estabelecendo-se no interior. Além d'estes motivos, ordenou-se por um Alvará de 14 de Agosto de 165 que se fortificasse a villa da Praia, — que n'ella residissem o Governador e o Bispo, — que todos do termo habitassem n'esta villa, mas não na cidade, — vendessem alí seus fructos e que dos 600$000 réis destinados para a fortificação se mandasse vir a agua distante um quarto de legoa, para o proveito e uso dos habitantes.

A villa da Praia é situada n'uma planura, no fundo do seu porto, cortada pela natureza quasi a prumo: d'um lado é banhada no seu pé pelo mar, pelos outros a cerca um largo valle e á roda della como em amphiteatro se estendem aridas alturas. — Est. 2. —

A villa tomou melhor aspecto desde que governou esta Provincia o Sr. Chapuzet. O nome d'este digno general é ainda repetido com gratidão pelos habitantes e atravessará aos seus pos-

teros. A sua chegada não havia senão choupanas cobertas de palha, algumas só com telha, e uma unica cazinha sem ser terrea. Porém este governador sabia tratar com esta gente e viu seus esforços coroados com o mais feliz resultado, pois em breve houve ruas alinhadas e algumas calçadas bem como o largo; este cercado d'altas casas, e a villa, que pode por fim com decoro usar deste nome, conta hoje umas 150 cazas e perto de 2000 habitantes. Edificios do Governo podemos dizer que aqui os não há. A caza do Governador, honrada com o titulo de Palacio, é um grande barracão de madeira d'um andar, já inhabitavel, seguro á roda por espeques para não cahir, de sorte que o Governador vê-se obrigado a alugar uma caza, que por força ha de ser mesquinha e impropria. No pateo do tal palacio estão collocadas as Secretarias em cazinhas á porporção. O quartel da tropa está por acabar e a pezar da grande despeza que se fez com ajuda do Almoxarifado importando em 12:000$000 de réis, faltam-lhe o solho, as janellas e portas; não está até rebocado e por tanto a tropa está sem quartel. Os soldados são alojados n'uma parte das lojas d'este edificio, porém sem portas nem janellas: sómente os vãos são tapados com pedras, e para dormir não tem um só enxergão, nem cobertas, nem capotes.

O Hospital Militar é mal arranjado, apezar do zelo do actual cirurgião-mór o Sr. J. M. Franco. Todos os generos fornecidos, não obstante de serem pagos com regularidade no fim do mez, vem por preço

duas e tres vezes maior, do que estão no mercado. Por este motivo e por não haver botica de hospital, mas todos os remedios virem d'uma particular, a qual sendo a unica, tem o monopolio de vende-los mui caros, sobe a despeza annual com este Hospital militar as vezes acima de 6:000$000, e ainda as roupas e mais utensilios vem com bastante regularidade remettidos de Lisboa. Nós por tanto em contradição ao *melhor arranjo* do Sr. Lima, atrevemos-nos a chamar a isto mal arranjado — pessimamente administrado. Junto ao Hospital militar está o da Misericordia debaixo da inspecção do mesmo cirurgião-mór. Esta santa casa tem sufficientes rendimentos, pois sobem a 1:500$000; porém raras vezes são arrecadados, ou por os devedores serem officiaes da mesma meza, ou o provedor no tempo da duração da sua authoridade não querer ganhar odios e inimizades dos compadres. D. Antonio d'Alemcastre era sempre Provedor e eu creio que seria o melhor, que o Governador tomasse este cargo, em quanto não se mudarem alí os costumes.

A unica Igreja que ha n'esta Villa é muito mesquinha, apenas cabem duzentas pessoas: junto a ella n'um sitio aberto, sujeito á todas as immundicies enterram-se os mortos, pois não ha cemiterio.

A Villa do lado de mar e d'uma parte da terra, tem um tapume de pedra e barro, a que chamam fortificações, como tambem ha um montinho de terra, de duas braças d'altura sobre seis de face, revestido de alvenaria, coroado em cima com qua-

tro caronadas: esta obra é agraciada com o nome de Forte e tambem Cidadella, pois realmente tem suas canhonheiras e baluartes com um palmo de flanco. Junto a este muro ha uma cazinha servindo de paiol e deposito dos poucos artigos de guerra que aqui ha. Descrevemos n'outra parte o porto da villa da Praia, por agora diremos sómente, que d'um lado é cercado d'altas montanhas e tem dúas praias onde se desembarca. Uma é a chamada da *Pedra negra*, e outra *Praia grande* ou d'Alfandega. Na primeira desembarca geralmente a gente, por isso um viajante no momento de pôr o pé em terra, póde formar idea da administração e do estado da Provincia. O escaler attraca a uma pedra ilhada, aonde a maré estando cheia, o passageiro bem facilmente sobe, mas ainda não está em terra, e será necessario fazer um exercicio gymnastico dando um pulo de cinco pés, e então se escorregando na rocha sempre humida não cahiu ao mar, pode enterrando-se na areia caminhar até a villa.

Estando a maré vasia, ou o mar algum tanto inquieto, muito maior é o trabalho. A *Praia grande* é uma extensa lombada d'area, aonde o mar batte com menor força, e alí desembarçam as fazendas e generos, tudo á costa de Negros, que se mettem na agoa, não podendo chegar bem perto a lancha: n'esta praia está tambem a Alfandega, uma casinha que offereceu o Sr. Manoel A. Martins por não haver nenhuma que seja do Governo. —

De absoluta necessidade é n'este porto um caes·

O Sr. Chapuzet o principiou na Praia-negra, porém mal gastos foram perto de 2:000$000, pois não ficou concluida a obra, da qual nem signaes ha hoje, a não ser algumas pedras ainda ligadas com cal.

O Sr. Marinho quiz que se tornasse a faze-lo no mesmo sitio, por falta de meios não se começou porém somos de opinião, que não é ali que o caes deve ser construido. A' vista do contorno do porto —[Est. 3]. — vê-se, que n'esta forma circular, que tem por dentro, a agua com toda a sua força impellida com ventos do S. batte na Praia-negra, — força que ainda é augmentada, percutindo nas contiguas rochas e penedos mergulhados, de maneira que em muitas occaziões não estando o mar demasiado manso, é perigozo embarcar aqui: além d'isso grande é a distancia a que fica da villa.

O local mais conveniente e commodo para o caes, seria quanto a nós na Praia-grande, por de traz do ilheo no logar marcado *a*; o mar neste ponto está sempre muito socegado, a construcção seria mui facil, mas igualmente em grande distancia ficava da villa. Entretanto defronte da Alfandega ha uma restinga de rocha, que se extende doze braças pelo mar dentro, com uma braça de largura e, de um lado, mais d'uma de fundo. Nos trabalhos hydraulicos, os alicerces sendo a parte mais difficil e despendiosa, nos offerece a natureza aqui naturaes, e n'um local mui vantajoso pela proximidade da villa, que não se deve hesitar em aproveitar para levantar o caes; assim não passará a despeza de 2:500$000; não havendo Almoxarife e empre-

gando militares, prezos e fazendo outras possiveis economias.


Os navios pagando um direito de desembarcadouro, e applicando uma parte do imposto sobre os generos ex-e importados, a despeza durante tres ou quatro annos será soldada, e depois augmentado o rendimento do cofre.

Formou-se uma Companhia na villa da Praia, que quiz dando-lhe a propriedade de vinte annos, e as madeiras, construir á sua custa, seguindo a opinião do Sr. Marinho, uma ponte de páo adiante da restinga mencionada, e mesmo defronte da actual Alfandega. Visto a areia ser movediça, e a grande quantidade do guzano que come as madeiras em pouco tempo e offerecer ainda muitas difficuldades na construcção, que n'este paiz são as maiores na proporção do pouco adiantamento dos officios mechanicos, e dever o Governo ainda fornecer as madeiras na Costa, não somos da opinião, que se conceda semelhante monopolio; senão que o estado tire vantagem d'esta obra, aliás de pouca monta, tendo alí um Engenheiro, que zeloso pelo interesse da Fazenda, não consinta delapidações. —

Não podemos tambem deixar de notar, que tanto n'este objecto, como em muitos mais, não é a falta de Lei, mas a falta d'observancia della que é de lamentar.

No anno 1807 taxou-se um imposto de 1500 réis a todos os navios estrangeiros que aportassem a Santiago, e desde 1820 se applicou a todas as mais ilhas: este tributo era destinado para a feitura do

Est. 3.

Porto da Villa da Praia de S. Tiago (Ilhas de Cabo Verde)

caes, porém em lugar d'isso, entrava sempre nos rendimentos reaes sem nunca ter a applicação devida.

Outra obra que muito contribuiria tambem para o melhoramento d'este porto, consiste em unir o ilheo no sitio indicado na planta. Formar-se-ha d'este modo uma bahia, onde os navios ancorados poderão abrigar-se no tempo dos ventos do Sul, e havendo duas a tres braças de fundo ao pé do ilheo n'estes sitios, ha bastante agua até para embarcações de trezentas tonneladas. *

Quanto á defeza do porto, sendo n'outra parte o objecto de nossa attenção, aqui omittimos o tratar a tal respeito.

O terreno n'uma parte alagadiço no tempo das aguas, é bom geralmente — Quanto á agua além de haver já alguns poços, acha-se mais cavando menos de tres braças; apezar de tudo isso, quazi toda a verzea ésta em completo abandono; apenas a vigesima

* Este trabalho de summa utilidade, sem fazer custosos esforços, empregando quasi sómente prezos, degradados e homens de fachina, tanto da tropa de linha, como milicianos, com os materiaes e utensilios á mão, bem se pode concluir em seis mezes; feito da pedra perdida ou antes com o methodo chamado pelos Francezes --- d'enrochement --- revestindo com tudo do lado interior a face com alvenaria, da qual apresenta 125 braças cubicas, que necessita 94 dias de outo horas de trabalho a razão de 30 operarios diarios, e a despeza não havia de passar de 2:000$000.

parte tem sido aproveitada em cultura. Somente existem tres fazendas, a do Sr. José Pereira, a chamada da *Fonte-Anna* de D. Anna Watring e a bella do Sr. Francisco Cardozo. N'outro tempo se cultivou em toda esta extensão bastante algodão, ainda ha poucos annos um fazendeiro vendeu a sua colheita por 300$000 rs; porém é d'esperar que nem sempre os habitantes se deixarão accusar d'indolencia e ignorancia dos seus proprios interesses, pois já no fim da assistencia de um de nós nesta ilha, principiavam a fazer-se duas fazendas ao pé mesmo da villa; n'uma o Sr. João Pereira plantou mais de mil coqueiros, n'outra do Sr. João Bento boticario, em breve talvez haja toda a qualidade de fructos e legumes, pois o proprietario não poupa nem despezas, nem trabalho.

Afora d'uns seis poços particulares que tem estas hortas, ha um publico, chamado — *Fonte-Anna* — de cuja agua se servia quasi toda a gente da villa e os navios ali faziam aguada. Nas maiores seccas e por mais que se tire, nnnca faltou, nem a differença era sensivel; depois de estar algumas horas envazilhada tem bom gosto; mas toda a gente de mais teres a manda buscar a diversas fazendas de meia até uma legoa de distancia; como o *Montagarro*, *Trindade*, *S. Francisco*, *Caiada* &.

Esta Fonte-Anna até pela sua distancia é pouco commoda já para o uso domestico, já para embarque; a ordem de 1652 de trazer á villa agua encanada, nem se quer se principiou a pôr em execução. —

Foi o Sr. M. A. Martins que emprehendeu esta obra á sua custa, e a concluiu com muita decencia e grandeza, trazendo agua até á villa de distancia d'uma legoa da sua fazenda do Montagarro. A agua é mui boa na villa e os navios fazem aguada chegando apenas as lanchas á praia. Um barril d'esta mesma agua, que se vendia até agorá por 100 réis, podem os habitantes ter por 5 réis: mas assim mesmo ha alguns maliciosamente captos, (pois n'este paiz sempre a malicia anda á par da estupidez) que considerando a agua como bem comum, clamam contra esta *injustiça* de deixar o governo de vender agua, e dizem que isto é anti-con-sti-tu-cio-nal [saberão elles o que é Constituição ?!]. Estamos certos que o Governo desprezará semelhantes reprezentações, que poderão ser movidas por vinganças e odios particulares, mas bom fôra, que comprasse o direito de propriedade ao dito Sr. Martins, pelo seu justo valor.

Um viajante que se limitasse a desembarcar na Praia, e subir no ardor do sol até á villa, e dallí lançasse um olhar sobre seu contorno, não faltaria ainda chegando até a Fonte-Anna, como todos fazem, de alcunhar esta ilha com o costumado epitheto de arida, esteril e inculta; porém que grosseiro não reconhecerá que foi o seu engano, quando vir que no circuito de uma legoa de raio, se encontram já algumas fazendas como *Bom-Caé*, *Montagarro*, *Caiada*, a pequena ribeira da *S. Filippe* e a extensa e muito bem cultivada de *S. Fransisco*; as quáes são como precussoras ou postos avançados da vigo-

rosa e continua vegetação, que já principia á distancia de duas legoas da villa. Cedo um delicioso bosque de anonas e diversas outras arvores nos introduz na ribeira de *S. Domingos*. Os olhos costumados aos tristes contornos da villa da Praia, como por encanto se fixam subitamente na rica e variada verdura — vendo por toda a parte bella vegetação! — O fundo do valle é cheio de hortas que produzem a mandioca, batata doce, hortaliça, abobras, &. abundantes coqueiros, larangeiras, caffezeiros, limoeiros, bananeiras, papaias, e muitas outras arvores fructiferas que protegem estas hortas do demasiado ardor. Os outeiros e montanhas contiguas e elevadissimas são cobertas de milho e feijão. Em outros sitios ha plantações de canna d'assucar. Por toda a parte, não faltando a chuva, ha ricos pastos para o gado.

N'esta ribeira na extensão d'uma legoa haverá mais de 200 casas, mas sem formarem povoação; são espalhadas no meio das plantações. Sahindo da freguezia de S. Domingos, para o Norte até a extrema ponta da ilha, que são dezeseis legoas, atravessando o *Monfaleiro*, *Leitões pequenos e Grandes*, *Orgãos*, *Picos*, *Santa Catherina &*, ha contínua verdura, sementeiras de milho, muito arvoredo e diversas hortas, aonde conforme o terreno, ou antes o uso, abundam mais n'um ou n'outro genero de plantas. Na freguezia de *S. Miguel* o Sr. Ambrozio tem n'uma sua fazenda já 10$000 pés de caffé; aqui são tambem as maiores sementeiras de milho. Na achada de Santa Catherina, que dista

dez legoas da villa da Praia, diremos aos que chamam esta ilha esteril, que produz até bello repolho todo o anno. Nesta freguezia se dão as melhores laranjas da ilha e por ventura do globo inteiro; n'esta chada que é uma bem extensa planicie, conviria talvez formar-se uma povoação. Aqui e já nos Picos, dizem geralmente, ser o paiz mui saudavel: e o certo é que ha menos doenças no interior da ilha, que na costa do Sul, especialmente na villa da Praia e Cidade da Ribeira Grande.

Em geral apezar de haver mais de dous terços de terreno ainda incultos, esta ilha é a mais abundante de todas, tanto em gados, como vegetaes e fructa. A exportação do milho chega annualmente a 2000 moios. Além disso todos os navios que aqui tocam, em poucas horas e muito em conta se refazem de mantimentos, e ainda muitos generos vão para as outras Ilhas como assucar, agoardente, e o milho para a ilha de Maio.

FOGO.

Esta ilha está ao oeste de Santiago, da qual é separada por um canal de onze legoas.

No seu descobrimento foi chamada de S. Filippe, — santo festejado pela igreja no mesmo dia de S. Thiago, [1.° de Maio]. Depois foi denominada do

— *Fogo* — em consequencia do volcão que alí se achou. —

Nos documentos antigos porém e no historiador *Goes* encontramos sempre o nome de S. Filippe, que ficou só á villa capital.

Esta ilha é mui alta, e quasi toda redonda, sendo suas costas de rocha viva a pique: tem nove legoas de comprido e quasi tanto de largo; No centro ha um monte, sobre cujo pico é o volcão. que se eleva sobre o nivel do mar obra de 1650 braças.

Teve este volcão por vezes grandes erupções; no seculo passado em 1757, 1761 e 1769. Desde este ultima epocha esteve como extincto até 1785; n'aquelle anno houve aos 24 de Janeiro pelas onze horas do dia uma terrivel explosão, que presenciou João da Silva Feijó e colheu varias amostras de lavas que offereceu em 1797 á Academia Real das Sciencias com uma memoria da qual compilaremos o que fora de interesse.

Houve ainda depois uma forte erupção no fim do mesmo seculo e até 1817 muitas vezes estremeciam os habitantes visinhos vendo sahir da cratera mais densos fumos sulphureos acompanhados as vezes de chamas azuladas. D'então para cá parece como extincto totalmente este volcão.

Os Insulares conservam á cerca da sua origem uma fabula bem extravagante. Dizem elles, que os primeiros habitantes da ilha, foram dois padres ou frades, que se tinham retirado para alí, afim de viver em solidão, os quaes acharam uma mina d'ouro,

ao pé da qual se estabeleceram. Tendo ajuntado uma grande porção daquelle metal perderam o gosto da vida solitaria, e esperavam uma occazião para regressar a Europa. Quando fizeram a partilha do thesouro, um d'elles attribuindo a si maiores conhecimentos d'alchymia, tomou a maior parte, donde se originou uma rixa tão grande, que pondo em acção todos os feitiços, pozeram á ilha em fogo e morreram ambos. O incendio apagou-se com o tempo, mas no centro ficou sempre acceso o elemento destruidor.

Roberts, *Beckman* e *Froger* viram o volcão accezo, e o auctor da viagem de *Ant. Sherley* diz que passando alí perto no momento d'uma erupção chegaram cinzas ao seu navio. —

Todos os arredores do volcão são cobertos de lava, que sahiu em tam grande abundancia na ultima grande erupção que em duas torrentes desfez penedos, encheu uma ribeira e depois de levar casas, gados, e destruir fazendas, entrou umas quarenta braças pelo mar dentro.

„ Uma grande commoção subterranea que abalou e se fez sentir por toda a ilha com fortissimos estrondos no interior do Pico como trovoens foi o primeiro signal d'esta irrupção. Depois do que abriu-se o Pico perpendicularmente e lançando de si em golfadas, torrentes de escorias, cinzas e pedras tornou a fechar-se, ficando no seu primeiro estado. . . . N'esta situação . . . foram abrindo por toda aquella Montanha até o mar de espaço em espaço, da parte de E. N. E. diversos rombos, por

onde sahiram torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, umas queimadas, outras derretidas, cinzas e fumo, que levados ao ár faziam escurecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado opposto, onde se diz *Monte d'Aipo* em que se encontram antigas crateras, que foram abertas na antecedente erupção do anno de 1769.

Justamente na base do Pico da parte de leste, aonde chamam os naturaes *Monte de Losna* (outro antigo monticulo e cratera volcanica) se abriram as principaes e as mais profundas bocas, pelas quaes sahiu a maior força, e quantidade de incendio e de lavas, e que deram origem a quatro novos montes immediatos uns aos outros e na mesma direcção. Estes novos montes tambem se abriram verticalmente e lançaram de si immensa quantidade de lavas, as quaes descendo pelo lado de L. S. E. se dividiram em duas como ribeiras de fogo, das quaes uma foi entulhar um grande e profundissimo valle chamado *Ribeira de Antoninha* [*de Palha Carga*] e outra passou a alagar um dilatado plano inclinado denominado *Relva* onde havia algumas cazas e plantações de algodoeiros, vinhas & ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

As que foram expellidas das bocas que se abriram da parte de L. N. E desde o *Monte* denominado de *Domingos Fernandez* até outro junto ao mar, que se diz de *João Martins*, inundaram tambem muita porção de terreno e as que sahiram da ultima bocca em João martins foram até entrar pelo mar

dentro mais de vinte lanças fazendo alí naquella costa, onde antes era uma enseada com o fundo de quatro para cinco braças, uma ponta de pedra queimada assaz alta.

Até aqui são os fenomenos observados n'esta erupção que durou até vinte e cinco de Fevereiro seguinte, sendo a sua maior violeucia nos primeiros sete dias successivos continuando com tudo o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensivel particularmente nos quatro novos montes em que foi intencissimo calor na superficie e nas suas bocas as quaes são como a do Pico ellipticas terminadas inferiormente como um funil. »

N'aquella terrivel errupção que durou vinte e sete dias, as cinzas e areias chegaram até a ilha de Maio, trinta legoas de distancia; a ilha do Fogo era toda coberta com altura de meio palmo e rebentaram duas fontes d'agoa doce.

Em muitas partes, e principalmente na cratera ou caldeira, que hoje já está totalmente extincta, acha-se bastante enxofre cristalizado.

Ha alguns annos que um Hespanhol desceu pela cratera e trouxe algumas arrobas delle. Quando tratarmos da geognosia d'esta Provincia, teremos ainda occasião de descrever os productos volcanicos que se encontram por ali.

E' notavel e muito para sentir que este volcão esteja ainda por visitar, tendo ido ao de Teneriffe os Humboldts, Buchs, e Bedemares.

A ilha como já dissemos é quasi redonda e toda impa, á excepção da sua ponta meridional cha-

mada ponta do *Alcatraz* a qual tem uma restinga, que lança quasi uma milha ao mar. Do lado de N. N. O. tem tambem sete pedras fora d'agoa, que chamam *sete cabeças* e distam da terra meia milha.

O mar nas suas costas geralmente anda de levadío principalmente no tempo das agoas, que ás vezes só a nado é possivel desembarcar. Em occasiões mais favoraveis effectua-se o desembarque ás costas dos negros.

Tem varias praias para lanchas e lambotes, porém sómente na costa S. O. dous ancoradores na mesma enseada separados por uma ponta de terra e area. O principal é o da *Nossa Senhora da Luz*, que é uma grande praia d'area, e onde dá-se fundo em oito a nove braças: na praia onde está a alfandega ha alguns armazens de particulares.

A villa de S. Filippe, capital da ilha, é o segundo ancoradouro, do antecedente dista meia legoa para o Norte.

O desembarque no porto de *N. Senhora* é pouco seguro e encommodo pela quasi constante maresia: as brisas são pouco sensiveis, e se experimentam quasi diarias calmas e virações: é aqui que quasi todos os navios carregam o milho que sahe da ilha.

O fundeadoro de S. Filippe, que tem um desembarcadouro igualmente pessimo e mui pequeno. Já na distancia de meia milha da terra ha vinte e cinco braças de fundo de rocha, e em todo o contorno da ilha em tres quartos de milha de littoral não se acha fundo em cento e trinta braças.

Além d'estes dous ancoradouros ha mais alguns por-

tos para lanchas e lambotes, como por exemplo o das *salinas*, ao N. N. O. que é mui ruim, impraticavel e não passa de uma simples costa de mar, e outro dos *Mosteiros*; ao pé deste sitio, que é uma freguezia, se encontram lavas n'um valle formado pelo Pico e pela serra que o encobre para os da villa. Este valle chamam — *O chão das caldeiras* — e ha crateras que resfolgão ar, onde se encontra tambem enxofre em pó. —

Fernão Gomes foi o primeiro donatario d'esta ilha e capitão por elrei D. Manoel. Um dos seus primeiros sesmeiros, foi um certo Martim Miguel, que vendeu a sua sesmaria a Pero Taco, Ouvidor da mesma ilha, e por este a comprar e haver sem licença de Elrei passou á Fructos de Goes (que isto denunciou, por mercê de 28 de Novembro de 1516 (*Liv. das ilhas*. fol 228. coll. 1.ª) Este a doou á sua prima Anna de Goes, que recebeu confirmação d'Elrei em 14 de Junho de 1521 (Liv. 39 de D. Manoel fol. 111)

Outro sesmeiro foi um bacharel Martim Mendes, cujas terras maninhas e montados passaram por seu fallecimento ao Conde de Penella por carta de 24 de Maio de 1528 (Liv. 14 de João 3.º fol. 140)

Por morte do Capitão Fernão Gomes doou elrei todas as terras maninhas e montados ao mesmo Conde de Penella, por carta de 20 de Abril de 1520 (Liv. 14 de João 3.º fol. 90 ý.) D. Filippe 1.º a doou a D. Affonso de Vasconcellos de Menezes, (como se vê da confirmação de D. Filippe 2.º (Liv. 22 fol. 339) que herdou com a Alcaidaria mór de

Castello Bom a Capitania da ilha do Fogo, que passou a seu filho D. João Luiz de Vasconcellos por Alvará de 7 de Junho de 1636. (Liv. 26. f. 314. — Liv. 27. f. 314 e Liv. 35 de Filippe 3.° f. 56).

A 17 de Setembro de 1648 passou para a herdeira D. Joanna de Vasconcellos que cazou com o 3.° Visconde de Villa Nova da Cerveira. *

S. Filippe é a villa capital da ilha, e foi a segunda povoação fundada n'este Archipelago; tem algumas boas cazas e é mais extensa que a Villa da Praia em Santiago. E' bem assentada, mas tem um certo ar d'abandono, em consequencia de residirem os habitantes mais no interior da ilha nas suas lavouras. D'isso porém provém a abundancia e melhor tratamento que ha nas fazendas desta ilha. Situada n' um alto, donde se avistam as hortas distantes, não ha na villa uma arvore, que com sua sombra podesse offerecer abrigo do sol constantemente abrazador. Do lado do mar sendo quasi todas as cazas caiadas e telhadas offerece por isso linda apparencia. Algumas peças collocadas atraz d'um monte de pedra solta, vem a ser a Fortaleza que se diz existir para defeza do porto e villa; no porto da N. Senhora da Luz ha d'igual construcção uma pequena bateria, ahi chamada — baluarte. —

Se pouco ou nada se tem importado em augmentar a defeza da ilha com fortificações, ha n'esta peque-

* Veja-se a Hist. Geneal, T. 12 p. 116.

na villa, que pouco mais temde cem fogos, nem menos de oito igrejas! —

A agua que se bebe na villa, vem da distancia de duas legoas, por caminhos quasi intransitaveis, trazida em odres de pelles de cabra, que no principio lhe dão sempre um gosto pouco agradavel; esta agua na sua nascente frigidissima, e tendo na origem duas telhas some-se nas areas. E' situada perto do cume da serra, que fica por detraz da villa, fazendo frente ao volcão: é d'absoluta necessidade encanar esta agua a travez da serra até á villa, na visinhança da qual melhorava ainda muitas fazendas. —

Ha ainda mais algumas fontes de boa agua, junto ás praias do *Ladrão*; *da Pena*; de *N. Senhora do Soccorro*; da *Faiasinha do Mosteiro*; do *Corvo*; da *Palha-carga* e outras menos importantes.

A ilha do Fogo tem quatro freguezias. a saber: a de *S. Filippe*; *S. Lourenço dos Picos*; *N. Senhora da Luz nos Mosteiros*, e *Santa Catharina*. — Pelo recenseamento de 1834 tinha 1096 Fogos; hoje terá para cima de 6$000 habitantes, dos quaes 900 são escravos: quando no principio d'este seculo o numero era muito maior e na proporsição seguinte,

Brancos.	150
Mulatos.	5000
Pretos foros	6000
Escravos.	2000
Total	13,150

Antes da fome de 1831 — 1833 havia 16,870 habitantes, cujo numero n'esta desgraçada occasião, diminuiu de 12,000. —

A ilha do Fogo é muito saudavel, apezar de ser tão quente como as outras, ou talvez ainda mais; por isso accreditamos, que não obstante haver aqui o mesmo inconveniente da multiplicidade dos vinculos como em Santiago, a sua cultura como a sua população augmenta em proporção tão consideravelmente.

N'esta ilha prospera tudo, quanto nas outras se cria, até é melhor não precizando tanta chuva.

Pelas encostas dão-se vinhas, de que se faz um vinho muito bom para uso ordinario, e melhor ainda sería se se empregasse outro methodo na sua confeição; pois o usado, está em proporção com o estado da industria dos cultivadores, que depois de esmagarem a uva como podem, não havendo lagares proprios, a mettem em saccos, e a expremem com páos e pedras. A julgar pelo que provamos em caza do Sr. Barboza, Europeo aqui estabelecido, e que de melhor modo o prepara, poder-se-hia obter um vinho bom e forte, e pode ser que até generoso, introduzindo-se o uso dos lagares e das cavas, aonde podia com o menor calor ter lugar a fermentação. Antigamente havia muitas vinhas como se vê d'antigos inventarios e testamentos.

Além de toda a fructa do paiz como cocos, tamarinos, guiavas bananas, papaias, excellentes ananazes &c.ª ha hortaliça, repolhos e todas as mais qualidades de legumes: prosperam muito bem as pe-

ras, maçãs, pecegos e outra fructa Europea; o tabaco d'esta ilha iguala o da Virginia e é ainda mais forte.

Os rochedos tambem produzem aqui a urzella, mas por haver outro *lichen* vulgarmente chamado *Escana*, que muito se lhe assemelha na apparencia pouco a apanham.

Abunda esta ilha em *salitre*, que é o *sulfato de soda* dos chimicos, e ha tambem muita *pedra pomes.*

Manufacturam-se bons pannos de algodão, chamados *Gallan* que sendo com renda valem tres patacas, e duas sem ella: outros *Oxôs* ordinariamente de preço de cinco ou seis patacas tambem bellas colchas para camas, toalhas, riscado para calças &c.

ILHA BRAVA.

Está situada tres legoas ao oeste do *Fogo* e vinte e uma de Santiago. Ao principio se chamou de S. João, e como esteve alguns annos por cultivar e completamente bravia, parece segundo alguns que d'esta circumstancia lhe veio o nome, ainda que hoje se pode sem receio affirmar que tal ilha *brava* está totalmente desbravada, e pode-se chamar o *Paraiso* do Archipelago *Caboverdiano.* *

(*) Vej. Viagens de Flinders e Kruzenstern e tambem Voyages of the Leven.

A maior cultura porém é de milho, do qual se chega a exportar para cima de quinhentos moios e medida da terra, que equivale á 1125 de Portugal; este milho, como o da ilha Brava, reputado como melhor de toda a provincia paga-se sempre mais caro na Madeira para aonde é o seu principal porto d'exportação; a grande abundancia d'este genero faz que n'esta ilha se criem muitos porcos, que abastecem todo o Archipelago. O feijão constitue depois do milho a principal agricultura dos habitantes.

Abunda não menos esta ilha em gados, e tem muito bons cavallos e muares. O Capitão Mór João Carlos da Fonseca, que foi tão infelizmente succedido na sua colonização de S. Vicente, mandou vir dous camelos das ilhas Canarias, mas morreu logo a femea, e assim não houve propagação d'estes animaes tão uteis, que parece se começam a introduzir em Angola.

Principiou ella a ser mais povoada desde 1680, quando na occasião d'uma grande fome, alguns habitantes pobres vieram do Fogo, e onde acharam segundo parece, já familias de Negros, que tinham muito gado vacum, cabras, e grande abundancia de porcos, que deixados por um navio Portuguez, propagaram extraordinariamente. Esta ilha que já chegou a ter 7000 habitantes tem hoje pouco mais de 4000: quasi todos brancos, alguns Europeos, muitos filhos da Madeira, e pela maior parte maritimos estabelecidos, ou descendentes d'elles.

A ilha Brava tem quatro ancoradouros para os navios, dos quaes o principal e mais frequentado é.

O Porto da Furna. Situado ao S. E. da ilha é muito bom no tempo das brizas. E' uma especie de furna que terá cem braças de largo entre as duas pontas de entrada, que são de rochas pretas, e aponta occidental sahindo mais ao mar chamada — ponta de *Jalungo.* — Os navios, que entram n'este porto, se amarram de popa e prôa, e como tem até vinte e cinco braças, tem capacidade para os maiores embarcações. A entrada é mais facil, que a sahida, em razão dos embates e viração diaria, por isso preciza muita cautella, esperando para sahir bom tempo, e amarrar um cabo na ponta de leste ou ser rebocado por uma lancha a remos. Este porto é difficil a conhecer, de quem não fôr pratico; mas o melhor é então, procurar a ponta de leste da ilha, e costeando-a de perto, descobrir o porto que se reconhece então pela furna que faz e por alguns armazens, que ha na Praia.

Meia legoa ao oeste, ao sul da ilha, está o *Porto de Ansião*: é uma bahia, que pode conter uns doze navios, achando fundo em toda extensão por doze braças.

Raras vezes porem vem aqui algum navio, tanto por não haver boas agoa como por falta de commercio.

O *Porto dos Ferreiros* é situado na costa S. O. da ilha, quasi uma legoa para o oeste do antecedente; é uma pequena enseada, onde os navios se

amarram de popa e prôa e são mais abrigados dos ventos S. e S. E. que nos dous anteriores.

O Porto do Fajão d'Agoa ; este pequeno porto que accomoda só seis navios amarrados de popa e prôa em oito a dez braças d'agua, é situado ao N. da ilha, o que o faz bom no tempo das aguas, como bem abrigado dos ventos do quadrante de Sul ; é tambem aqui que geralmente vem os navios fazer aguada. —

A ilha Brava é composta de altas montanhas, accumuladas pyramidalmente umas sobre as outras, comtudo a proximidade do *Fogo* a faz parecer mais baixa. Quasi sempre coberta com densos nevoeiros, é humida, o que contribue muito para a sua fertilidade, que pequena, alta e montuosa como é, pode-se chamar o jardim das ilhas : até esta humidade a torna amena e saudavel. —

Tem duas freguezias : a *de S. João*, e a da *Nossa Senhora do Monte*. Verdadeiramente não ha povoação nesta ilha ; pois o que chamam villa, e é situado no cume d'uma rocha, perto do porto da Furna, consiste em muitas cazas, algumas bem boas, todas cercadas de jardins e hortas, que são circumdadas de roseiras, tamarineiros, laranjeiras, coqueiros, parreiras, &. Em toda a ilha, pode-se dizer, que não ha um palmo de terreno, sem ser aproveitado. Os habitantes são com razão pintados por muitos viajantes estrangeiros como hospitaleiros e generosos.

O principal objecto da agricultura é o milho, do qual faz annualmente uma exportação de qua-

trosentos moios, consumindo outro tanto na terra, tanto no sustento, como na creação de muitos porcos; abunda porém tambem em vinhas, legumes, verduras, fruto, e tem muito gado e aves.

A porém afóra alguma tarraffa é tão pouca, que pela maior parte usam de bosta e caroço de milho

Ha duas ribeiras n'esta ilha, e mui bem cultivadas; uma desemboca no porto dos *Ferreiros*, e tem muitas vinhas, bananeiras e algodão: a outra é no fundo do porto do *Fajão d'agua*, muito abundantissima d'agua, e onde não se encontra menos bella cultura.

No porto do *Ansião*, as rochas negras que o circundam são impregnados de salitre: em algumas concavidades abrigadas da chuva, se acham até de grossura de duas pollegadas, mas ninguem se dá ao trabalho de o explorar; no anno 1799 foram remettidos 13 caixões d'elle para Lisboa.

Roberts tirou de alguns logares até $\frac{3}{22}$ de salitre puro e bom; este Inglez que bastante tempo se tinha demorado n'esta ilha, suspeitava a existencia d'uma mina de cobre e julgou poder assegurar, que as areas continham bastantes particulas de ouro, do que por falta de meios e reagentes não podia obter toda certeza: mas vagamente falla de *areas diversas em côr e pezo, e algumas mais pezadas que o ferro*.

E' sem duvida, que esta ilha abunda em mineraes: assim a fonte chamada da *agua de Vinagre*, cuja agoa nascente é muito acida e passadas quarenta e oito horas é optima e até promove a di-

gestão; tem esta particularidade sem duvida em razão de muitas partes ferreas; como outra tem muito cobre. Ha tambem outra tão sulfurosa que qualquer peça de prata mergulhada, n'um instante se faz preta.

N'outro tempo achavam na costa d'esta ilha muito ambar (ambre gris.) — Os Portuguezes antigamente chamaram a esta producção *Ambragrigria*: seu nome na sciencia é *Ambra ambrosiaca* e presentemente concorda a maioria dos esquadrinhadores das riquezas da natureza, o ser elle um espermen conglutinado d'alguns Cetaceos. Esta producção apezar de ter diminuido consideravelmente no seu preço, com tudo considerada d'absoluta necessidade para a confeição d'oleos e perfumes merece ser procurada com zelo. Diz-se que João Carneiro degradado de Lisboa para expiar n'esta ilha seus crimes, achou ao pé d'uma das ilhotas vizinhas, um bocado d'ambar de tal grandeza, que não só esta pesca feliz lhe grangeou o perdão do monarcha, mas com producto do thesouro achado comprou bens consideraveis na patria.—Valha a verdade—masoxalá esta lembrança estimulasse alguem na esperança de igual sorte; hoje não se acha ambar, porque o não procuram, deixando-o para as tartarugas e aves maritimas.

ILHEOS DO ROMBO.

Duas legoas ao norte da ilha Brava defronte da

ponta *do Encenso* são situados estes rochedos brancos e altos, dos quaes um chamam o *ilheo Grande* e outro de *João Carneiro* cujo nome provem, dizem do feliz acaso supra mencionado: geralmente porém se designam com o nome de ilheos do Rombo. São incultos, tem urzella e algum algodão que cresce bravo.

Entre elles e a ilha Brava podem passar todos os navios; o canal porém entre um ilheo e outro é sujo de pouco fundo e cheio de recifes, que desfloram.

Para tratarmos com ordem na descripção de toda esta provincia daremos primeiro uma noticia geral da territorio que ainda nos falta no continente Africano, ou da

GUINE' PORTUGUEZA.

A costa de Guiné que nos antigos Portuguezes abrangia o espaço comprehendido entre o rio de Senegal e Serra-Leõa, começou a ser descuberta depois que Gil Eannes pelos annos de 1433 dobrou o Cabo Bojador, por ordem do Sr. Infante D. Henrique » que fez o seu nome mais gloriozo, que o de todos os seus contemporaneos « como disse Voltaire.

No anno 1446 tentaram Luiz de Cadamosto e Antonio de Nolle a segunda viagem para completar o

descobrimento do rio de Gambia, que já tinham avistado. Armaram para este fim duas caravellas e o Infante com grande contentamento lhes deu a indispensavel licença e mandou juntamente com elles uma caravella sua. Esta frota na volta das ilhas de Cabo-verde, das quaes como dissemos descubriu n' esta occasião, S. Filippe, Boa-vista e Maio, foi reconhecer o já visto rio de Gambia. Sahidos d'elle forão estes navegadores continuando para oeste e depois para o sul, e já por mares nunca d'antes navegados: avistaram ao terceiro dia o rio que chamaram de *S. Pedro*, e logo adiante os de *S. Anna* e *Ostras*. Na manhã seguinte viram o rio de *Casamansa*, que assim chamaram do nome do Senhor dos terrenos ribeirinos. No dia seguinte continuaram a viagem, descubrindo o *Cabo roxo* obra de 15 milhas, e além o rio de *S. Domingos*, o das *Ancoras* chegando finalmente a boca do rio de *Geba*. D'aqui concordaram os commandantes de voltar a Portugal, o que fizeram reconhecendo de caminho algumas das ilhas Bissagós que acharam com frondozas arvores e algumas habitadas.

No mesmo anno de 1446 mandou o Infante a Nuno Tristão com uma caravella com ordem de passar adiante do *Cabo dos mastros* ultimo termo até então dos descubrimentos. Este cabo avistou primeiro um Alvaro Fernandez, sobrinho do Capitão-mór de Funchal João Gonçalvez da Camara, e que no mesmo anno parece, tinha sahido da Madeira.

Nuno Tristão descobriu ao Sul de Bissaó o gran-

de rio que ainda conserva o nome d'este valente nautico, que infelizmente alí achou a morte com a maioria dos seus, n'uma peleja contra treze almadias de Negros. —

Alvaro Fernandez n'outra viagem passou ainda além até ao rio de *Tabite*, que parece ser algum dos que desaguam entre o rio Nuno e Serra-Leoa.

No anno 1462 mandou ElRei duas caravellas para continuarem os descobrimentos d'Africa; n'uma das quaes ia por commandante *Pedro de Cintra*, e n'outra *Soeiro da Costa*. Chegaram ás duas ilhas habitadas defronte do rio que Cadamosto chamou *Rio Grande*, e 40 milhas além viram outro rio com trez ou quatro milhas de largo na sua foz, a que chamaram *Besseneguè*, tirando este nome do d'um regulo vizinho.

Estes dois navegadores Portuguezes avistaram ainda além o Cabo da Verga.

Os antigos Portuguezes por tanto como primeiros descobridores, foram por muito tempo os unicos senhores de toda a costa de Guiné. Os Reis mandaram construir com grande custo diversas fortalezas, para manter estas possessões; assim elrei D. João II. fez edificar o *Castello da Mina*, e o Sr. D. Manoel o de *Mitombo* dentro do porto da *Serra-Leoa*, o Senhor Rei D. José I. a praça de Bissaó, &. A bandeira das quinas tremolava em toda a Guiné desde o cabo *Branco* até o Congo; sobreveiu porém o malfadado jugo sexagenario dos Filippes, e em breve achou Portugal concorrentes, e teve que sofrer tambem alí sensiveis perdas. —

Com tudo, ainda em 1650 o districto de Guiné, que pertencia á Capitania de Cabo-Verde, começava no rio Sanagá estendendo-se até o rio dos *Casses*, onde principiá o districto de Serra-Leoa, e no entremeio ainda nação alguma tinha portos, fortes ou feitorias, havendo alias muitas povoações de Portuguezes nos rios de *S. Domingos*, *de Geba*, *Rio-grande*, *de Nuno* &.

Hojè tem perdido os melhores rios, como o de Senegal, e Gambia: ficou é verdade ainda uma grande influencia que tem o nome Portuguez, e um governo intelligente a podia com interesse fazer exercer e aproveitar.

Esta parte das nossas Conquistas se estende proximamente desde 10.° a 13.° N. Cortado por muitos rios e riachos, com uma vegetação activissima, coberto de muitas arvores e matos virgens, em que tumultua uma população immensa e robusta, — este paiz ainda malsão como todos os entre tropicos, aonde o braço da industria não removeu os obstaculos naturaes, filhos da sua situação geographica, pode vir a ser um dia pela riqueza das suas producções uma das joias brilhantes da Corôa Portugueza. Infelizmente pouco ou nada conhecidos são estes vastos territorios, e sem seu conhecimento cabal, utopias serão todos os projectos, todos os amelhoramentos sonhados, todas leis tendentes áquelle fim. — E' nesta ardua tarefa que á beneficio das sciencias geograficas ousámos pôr as mãos, e com quanto sabemos, quão incompleto será este nosso trabalho, esperamos in-

dulgencia por sermos talvez os primeiros que levamos este trilho.

Oxalá pennas mais habeis, e espiritos mais ferteis e fecundos, aperfeiçõem este fraco esboço e de sobejo seremos remunerados dos nossos esforços! —

Para proceder com ordem na descripção geografica do paiz, narração das suas producções, usos e costumes dos habitantes, e diversidade de tribus: como tambem para a exposição das causas e factos que os trouxeram áquella decadencia, e dos meios que os podiam collocar no grão competente, — começando pela parte hydrografica, apresentaremos um limitado roteiro da costa de Guiné, desde o norte do rio de Cazamansa até ao Cabo da Verga, com o intuito de poder utilizar aos que por alí navegarem. Depois do que seguiremos com uma descripção mais minuciosa dos presidios e estabelecimentos portuguezes nesta parte do mundo.

Começando do cabo de S. Maria e uma mata redonda, chamada *Farão*, logo se encontra o riacho de S. João, só navegavel para canoas e d'ambas as margens habitado por *Flupes*. Segue-se o riacho de *S. Pedro*, n'algumas cartas chamado — *das Ostras*. Ao sul está o rio *Casamansa*, na sua embocadura ha o ilheo *dos Mosquitos*, por estrangeiros por vezes chamado *Ito*, agora segundo nos consta occupado pelos Francezes. A barra do rio é má e só serve para pequenas embarcações que não demandem mais de oito palmos d'agoa, além de ter ainda fóra um grande recife: no meio po-

rém é limpo; este rio dista da foz de Gambia vinte legoas. De noute reconhece-se por ser o fundo de vaza solta.

No Cazamansa fica situado Zenguichor, e mais algumas povoações e portos aonde se pode negociar. D'alí até o rio de Cacheo ou de *S. Domingos* toda a terra é habitada por Flupes, e pode-se correr a costa afastado uma legoa, até ver umas praias grandes em terra, antes do *Cabo-roxo*, a que chamam *Lençoes de fóra*. O Cabo-Roxo se descobre em forma de ilha com um grande alto coberto de arvoredo; d'elle vai a costa fugindo para S. E. a E. S. E. Passando o Cabo-Roxo o fundo é vasa que pega ao prumo, e ver-se-hão outras praias com malhas brancas d'area, que chamam *Lençoes de dentro*, e assim se vai até outro cabo mais pequeno chamado o *Cabinho*, e depois as *barreiras vermelhas*, sem temer nada dando chegado a terra prumadas em area dura, pois logo se encontra mais agua: mas sendo de noute, é prudente fundear. O Cabinho dista duas legoas do Cabo-roxo.

D'aqui se governa ao sul com cuidado nos baixos de norte, que ficando mais á terra, deitam tres legoas ao mar; reconhecendo os baixos do sul se chega aos do norte, e se pode entrar no rio de Cacheo; na sua margem septentrional são tres grandes aldeas, *Usol*, *Jafunco* e *Bolor*. Nesta ultima ha um estabelecimento portuguez.

O rio de Cacheu ou o de S. Domingos tem duas entradas. 1.° o *Canal de João de Coimbra*, entre o baixo

á a terra firme, por este navegam geralmente os nossos navios e 2.° o Canal entre a *baixa de Falula* e o baixo de *João de Coimbra*.

Vinte legoas acima da foz do rio está a praça de Cacheo. Do sul a primeira terra de fronte de Bolor é a *Mata de Putama*, ponta cheia de arvoredo, e a terra é de Flupos. D'aqui para Bissaó ha tres caminhos, 1.° Entre a terra dos *Flupos* e *Papeis*, e as ilhetas de *Bossis*, que tudo são ilhas, fazendo o caminho a modo de rio. 2.° Por fóra, pelo *canal das Caravelas* ou pelo Canal *das Ancoras*.— 3.° Partindo da mata de Putama, correndo a terra dos Flupos, até a ponta *das Cabaceiras*, deixando ao mar uma corôa d'area descoberta; aqui é o perigo chamado *Bote*, e os baixos das *cabaceiras* e do *funquinho*, que fazem o canal mui estreito, passando a sua largura pouco mais de dous comprimentos de navios. Perderam-se n'este sitio bastantes navios, tambem preciza entrar com o repontar da maré e bom piloto. Chegando á terra das cabaceiras, ha o rio *Timas*, onde n'uma aldea de Flupos se compra mantimentos e arroz mui barato.

Da outra banda d'este rio começa o reino *Cayo*, de *Papeis*: e defronte são as tres ilhotas de *Cayo*. das quaes a maior é povoada. Passando o reino Cayo, segue o reino *Canhaguto* até de fronte da ilha *Bossis* da qual é separado por um riacho chamado — *esteiro de Catherina*. O porto da ilha Bossis fica junto de um ilheozinho, e a ilha terá seis legoas de comprido, sobre tres de largo.—

Da extrema ponta desta ilha, obra d'uma legoa

está a ponta *Bium* da ilha de Bissáo, com um pequeno rio e porto, e se vai acima ao porto de For n'uma maré.

Da ponta *Bium* correndo a costa da ilha de Bissáo até a ponta de *S. Martinho*, mette aqui a terra alguma cousa para dentro, e logo é a praça de *S. José de Bissáo*.

Sahindo d'este porto e passando entre o do *Bandim*, e caminhando para o Sul tres legoas, se encontra a ilha *das Arcas*, raza e deserta, e mais adiante a *das Gallinhas* e *Bolama*. Entre esta ilha e a terra de *Guinalá* apezar de ser um canal mui estreito, podem passar maiores navios e invernar até sem perigo.

Das Prainhas que é o sitio do porto de Bolama correndo duas legoas ao sul é a bocca do *Rio-Grande*. — Este rio tem na entrada $\frac{3}{4}$ de legoa de largura, mas pouco acima não tem nem meia legoa; as suas margens são habitadas por *Biafares*. Da banda do Sul junto á boca é o reino de *Gubia*. Antes de chegar ao porto que é dentro do rio, ha na primeira ponta um recife, chamado *Honra do Monteiro*, nome que provem segundo Lemos [*] de um certo *Belchior Monteiro* Capitão d'uma Galera que correu a costa por mandado de Portugal, no tempo da Rainha D. Catharina

No rio Grande como veremos adiante houve po-

[*] Vej. Descripção da Costa de Guiné . . . feita por Capitão Francisco de Lemos em S. Thiago de C. V. 1684 (Mss na Bibl. Real. B 3-6.)

voações e estabelecimentos Portuguezes, dos quaes apenas signaes ficaram.

O primeiro porto abaixo da boca do rio é o porto o rio dos *Tambalis* de fronte do ilheo *Matambolé*. Os moradores são *Biafares*, e d'aqui á boca do rio Nuno são trinta legoas de costa, habitada por *Nalús*.

Sahindo de Tambalis, entre Matambolé e a ilha *Roxa*, caminhando ao sul se encontram as tres ilhas, *dos Cavallos*, *do Meio* e de *João-Vieira*.

Deve-se chegar pouco á ilha dos Cavallos, por ter muitos recifes e baixos; na ilha do Meio ha bom porto, limpo, e pode-se fazer aguada. D'este porto se navega até o *dos Idolos* só com a vazante, pois na enchente as correntes são mui fortes, e ha dous caminhos para o rio Nuno: — *por fora e por dentro*: porque dezoito legoas ao S E. do *Meio* é a ilheta *dos Alcatrazes*, e no mesmo rumo mais tres legoas ha um recife de pedras descoberto no baixa-mar. Os que seguem o caminho *por dentro*, que é mais commum, passam entre a terra firme, a ilhota e a *baixa*. Os outros deitam logo ao Sul, dando resguardo a uma ilhota pequena e vão por fóra de todos os baixos, até dar na canal *Sangue no tofo*, e buscam logo a barra do rio Nuno, ou vão mais para o Sul, se outro é seu destino.

Indo pelo caminho de dentro, passando a ilha *do Poulão*, pequena, despovoada e cheia de recifes, e com a proa S. E. avistando a ilha dos Alcatrazes, que não tem nem agua, nem arvores, e tomando E. S. E. se descobre a *coroa de Gaspar Lopes* que fi-

ca para a banda da terra a leste, e então dando-lhe resguardo entre a coroa e *a baixa* entra no canal *Sangue no tofo*, do qual são até ao rio Nuno dezoito legoas.

A barra d'este rio tem baixos ao norte e sul, como todos os rios de Guiné. Ao sul antes do *Cabo da Verga*, ha ainda o rio do mesmo nome que é navegavel, e por outros chamado rio de *Tabite*.

A Guiné Portugueza é dividida em dois districtos; o *de Bissáo* e o de *Cacheo*. Seguindo a sua situação geographica, passemos então a descripção dos nossos presidios e pontos alí situados, principiando pelo mais septentrional.

DISTRICTO DE CACHEO.

Abrange *Cacheo*, *Zenguichor*, *Bolor* e *Farim*: terá 2000 habitantes sujeitos ao dominio Portuguez, espalhados por todos estes pontos, incluindo 93 soldados que os guarnecem. Os rendimentos sobem a 1:500$ sendo a despeza tomando por termo medio a do anno de 1834 — 6:243$715 rs.

ZENGUICHOR.

Este ponto situado no rio de Cazamansa nas terras dos Banhús, vinte legoas da barra, fica n'uma posição muito vantajosa para o commercio. Tem com-

municação pelo interior com o rio de Gambia, como tambem sem precisar sahir fora da barra por via dos pequenos rios de *Bujeto* e *Guinguim*, pode-se transitar a Cacheo e Bolor até em grandes canoas.

Negocea-se aqui com os gentios Flupos, Cassangas, Banhús, Mandingas, comprando cera, arroz, marfim, couros de varios animaes a troco de contas miudas, de ferro, polvora, alambre, cristal e *colla*. A cera é aqui melhor que em Farim e Geba e podia-se fazer grandes carregações.

A não ser a vulgar ignorancia dos commerciantes Portuguezes, havia-se até exportar muitas gommas, que abundam ao norte do rio de Casamansa. Os Francezes que com tanto lucro exploram este genero deitaram os olhos para este rio e em 1836 fizeram uma feitoria acima de Zenguichor, havendo já em 1828 occupado o ilheo dos Mosquitos na barra. Este estabelecimento Francez dentro do rio é em *Selius* na margem esquerda do rio. Compraram este terreno ao Gentio, com tudo ainda não fizeram forte nem feitoria, negociando só a bordo dos navios, provavelmente por desconfianças.

E' d'admirar que tendo aquella nação já construido dous fortes n'este rio e içado a sua bandeira, o Governo Portuguez não tenha ainda obtido nem por ventura exigido a devida satisfação. No tratado de paz feito em Paris em 1814 foi reconhecido o rio de Casamansa como propriedade da corôa de Portugal, e o Governo deve tomar esta violação em consideração, pois é contraria ao prospero estado de Zengui-

chor: esta occupação Franceza fará até abandonar este nosso estabelecimento.

Zenguichor é defendido por uma estacada e tres fortes de barro com outo peças incapazes sem carretas: a sua guarnição em 1836 era de nove soldados, hoje é provavel que não seja maior.

CACHEO.

E' a cabeça do concelho e districto do mesmo nome, situado sobre a margem do sul do rio de S. Domingos, doze legoas da barra, na terra dos Papeis e Burames; o rio tem um quarto de legoa de largura defronte da villa; é bastante fundo para as maiores embarcações, se os baixos na barra lhes não obstassem a passagem. A maré sobe trinta legoas acima de Cacheo. Ambas as margens são cobertas de arvoredo, os da margem direita offerecem a mais bella madeira de Guiné, tanto pela sua bondade como altura e grossura; muitas ha que dão uma canoa para trinta homens.

Cacheo consta de duas ruas e é dividido em dous Bairros, — o da *Villa fria*, e o da *Villa-quente*. No principio era uma feitoria, em que habitavam alguns negociantes Portuguezes, comprando escravos, cera e marfim dos gentios Papeis, dos quaes eram bastantemente opprimidos e mal tratados. Obteve então em 1570, um Manoel Lopez Cardozo natural de Santiago, industriosamente a licença do Rei

Chapala para construir um forte, dizendo que era para defender os nossos navios dos piratas estrangeiros; depois obteve licença para fazer algumas cazas para a gente de guarda ao forte; acabada a obra, os Portuguezes abandonaram a aldea dos negros, vindo todos habitar no novo sitio onde existe actualmente Cacheo. Os Papeis ajuntaram uns poucos de mil homens em segredo, para expulsar os seus hospedes, mas os oitocentos Portuguezes avisados por duas negras que vieram de noute ao forte, trazer a noticia do que se tramava, receberam o ataque sem abalo, e depois de tres dias de assaltos successivos e infructuosos foram rechassados os gentios. Mandou então ElRei ao Capitão Mor Antonio de Barros Bezerra natural da Madeira e casado na ilha de Santiago, com soldados naturaes de Santiago; foi então o gentio repellido para o certão e fez-se uma praça fechada de páos de mangue a pique com artilheria.

Actualmente aquillo que chamam *Caza-forte* não tem de fortaleza, senão o ser de pedra e cal, e é artilhada segundo a curiosidade ou zelo das authoridades. No anno 1836 no meu tempo mandou montar á sua custa 12 peças o Sr. Honorio Pereira Barreto, então Provedor d'este concelho.

Toda a villa é fechada com uma estacada com duas portas, que fazem os moradores por braças e chamam *Tabanca da Caza-forte*.

Antes de chegar a Cacheo, na distancia d'um tiro de peça ha um recife de pedras que deita ao mar, e do qual os navios que vem surgir no porto devem dar resguardo. D'este recife chamado da *Calaca* se

tirou toda a pedra para a construcção da *Caza-forte* e Igreja Matriz, feita pelo zelo do Bispo D. Frey Antonio de S. Dionizio, e para as mais cazas da villa. Junto a este recife ha uma ribeira d'agua doce, que corre até o mar quasi todo o anno. E' d'aqui que geralmente os habitantes de Cacheo mandam buscar a agua para beber, sendo aquella que se tira d'um poço debaixo da villa mui má e muitas vezes é só com gente armada que se pode ir buscá-la. O Capitão Paulo Barradas da Silva quiz fortificar e povoar este ponto, vindo até para esse fim com ordem de ElRey D. João, mas impediu esta obra por causa de rivalidade o então Capitão mór Gonçallo de Gamboa de Joalla depois Governador da Capitania de Cabo-verde. Convinha muito criar um estabelecimento n'este ponto, o que se fazia com pouco despendio e muita vantagem.

Quasi sempre está Cacheo em guerra com o gentio vizinho, principalmente com os *Churos*. A conservação d'este ponto se deve realmente ao Sr. Honorario e a sua mãi D. Roza, Senhora muito rica, natural d'aqui, que exerce grande influencia sobre os pretos.

A guarnição é de 74 praças, tanto Officiaes como soldados dos peiores. —

As cazas da villa são de taipa caiada por dentro e por fóra; são bastantemente vastas em geral, mas d'um andar só. Em quanto duram as chuvas, as cobrem com folhas de palmeira, porém no tempo secco estendem apenas um panno, o que basta para abrigar do sol e sereno.

O clima é pouco saudavel por ser um paiz pantonoso e as chuvas serem mui violentes.

Na ponta do sul da barra do rio de S. Domingos, cheia d'arvoredo e abundante em agua, chamada *Mata de Putama* ha aldeas de negros Flupos. O Capitão mór Antonio da Fonseca Dornellas quiz alí mudar a povoação de Cacheo, mas não o levou a effeito.

Entre esta ponta e Cacheo ha o rio *Bianga* do reino do mesmo nome e habitado por Papeis. Os navios pequenos podem entrar n'elle e comerciar, achando bastante cera e marfim.

Passado o Bianga é o reino de Mata Putama, com quem houve antigamente muitas guerras e infelizes até que os castigou por vezes com rigor, um Capitão mór Antonio de Barros. A tres legoas de distancia é Cacheo.

Já dissemos acima que de Cacheo a Zenguichor o caminho por terra é mais conveniente e commodo, agora o descreveremos. Embarca-se em Cacheo e passa a outra banda do rio de S. Domingos e mette-se no rio Ginguim, pelo qual se vai a cima quasi até o fim d'elle, e depois se atravessa por terra de gentios cousa de tres legoas, até embarcar outra vez no rio Bujetó, que vai ter a praça de Zenguichor. Previne-se toda via, que apezar de ser este caminho mais commum e commodo por mais perto, não se pode ir sem algum perigo das perseguições dos pretos, de modo que é preciso pagar-lhes para atravessar as suas terras, como tambem para carre-

garem as fazendas, fato e tudo o que qualquer quizer levar.

N'um esteiro do rio de S. Domingos da margem do norte, passado Cacheo, na terra dos Banhús ha uma aldea *Bujendo*, onde viveram n'outro tempo muitos Portuguezes soffrendo muita injuria pela cobiça de grande interesse, até que *Francisco de Andrade* Sargento-mór de Santiago que foi áquella povoação, indignado do tratamento dos gentios, fez passar todos os Portuguezes em 1560 para um porto do rei *Macatombo* de Cazamansa, que fica n'outro esteiro do rio de S. Domingos, e passando pelas terras dos Banhús vai dar nas dos Cassangas em *Sara*, uma jornada de Burcama, onde os Portuguezes por ordem do dito Andrade fizeram a povoação de S. Filippe. * Hoje esta já não existe, e parece que foi abandonada ha muitos annos.

Os fertilissimos campos de Sansan na proximidade de Cacheo não são approveitados.

Unico estabelecimento agricula que ha por ahi é umas doze legoas acima ao pé d'um esteiro de S. Domingos. Este sitio chama-se Poilão do Leão e pertence a D. Roza. Util e conveniente seria [parece-nos] conservar aquì um destacamento de tropa para guardar a bandeira nacional.

Assim os colonos não se dedicando a cul-

* Vej. a Relação e descripção de Guiné — que escreveu o Capitão André Gonçalvez (alias Alvares) d'Almada Lisboa 1739 — 4.º

tura, são apenas caixeiros de Americanos, Inglezes e Francezes que fazem a permutação das suas mercadorias pelos generos do paiz, como cera, arroz, algum marfim, couros, pelles e em pequenas quantidades azeite de palma. Antigamente vinha tambem bastante ouro, mas já nos principios do seculo passado quasi tudo ía como hojè a Tombuctu, segundo parece. Ainda em 1758 [segundo vemos em André Alvares d'Almada] vieram os negros trazer a uma feitoria Portugueza no rio de Gambia, cinco arrobas e oito arrateis de ouro, que não acharam comprador, e assim seguindo este escriptor em 1584 acabou por alì este commercio.

Para fazer a melhor navegação de Lisboa para Cacheo, tomar-se-ha em 13.° e parcel do Cabo de S. Maria e seguindo para o sul em seis braças, buscando a vasa e entrando por ella em oito braças: fundear de noute será sempre prudente. Avista-se depois o *Cabo roxo*, ao norte d'este os *Lençoes de fora*; duas legoas adiante o *cabinho*, *Lençoes*, *de dentro* e *Barreiras vermelhas*; pôr-se-ha então a proa fòra d'ellas meia legoa, no fundo de quatro braças prumadas em vaza; tendo andado duas legoas e meia por esta ultima afastado das barreiras, se dará em um banco de areia mui duro com tres braças e meia, e se irá ao S. O. até sahir do banco, que tem de comprimento duas amarras e passado elle se navega até seis braças de vaza; velejando-se a E. se porá N. S. com os baixos de *Norte* affastado d'elles um tiro de bal-

la, e logo ávista o baixo da *Eira do sul* com doze braças prosegue-se deixando-o ao sul, até avistár a ponta do Bolor, aonde se porá a proa com cuidado passando perto d'ella em baixa-mar, por ser este lugar mui aparcellado. Passada esta ponta se navega por fóra da terra, que fica d'aquella parte e então chegando-se entre a ponta de *Oon* e *Bolor* se velejà em direitura da Matta de Cacheo até avistar a povoação, dando fundo defronte do antigo Hospicio dos Capuchos, onde tudo é vaza.

BOLOR.

E' situado na entrada e margem direita do rio de S. Domingos em 12.° 12′ Latitude N. e 6.° 55′ de Long. O. de Lisboa.

Os reis gentios cederam em 1831 á corôa de Portugal a ponta chamada *do Baluarte de Bolor*, onde então o Sr. Lopes Lima que fez esta convenção principiou a formar um estabelecimento. —

Este distincto Official da Armada, que actualmente é Intendente da Marinha nos Estados da India, deu ao publico uma interessante memoria sobre os Flupos, em cujo terreno é situado Bolor, que não podemos deixar de convidar os nossos leitores a procurar alí noticias verdadeiras e cheias de merito.

Parece que no principio dos descobrimentos e estabelecimento dos Portuguezes n'estas paragens a

primeira povoação tinha sido creada n'este mesmo sitio, donde mudaram para outra aldea que chamaram de S. Domingos: abandonando com tempo este e os mais pontos, foi transferido o estabelecimento para Cacheo.

Hojé existe um forte com sete peças sem reparos e uma estacada: e seis soldados de guarnição.

A localidade não é muito boa, por ser o terreno alagadiço, como todo paiz dos Flupos entre o rio de Casamansa e S. Domingos.

As immediações porém de Bolor são areentas, e os Europeos gozam tambem de boa saude, indo até muitos habitantes de Cacheo allì restabelecer-se. —

O Snr. Lopes de Lima na sua estada, emprehendeu alguns pequenos trabalhos na proporção dos meios, para impedir as alagações do mar, que com ás inundações dos muitos rios que cortam o paiz, muitas vezes frustram n'um momento a esperança do lavrador Flupo, que perde assim as suas *bolenhas*. (searas de arroz)

Estes trabalhos que foram principiados com fim de preservar o ponto de Bolor de gradualmente ser levado pelas aguas do mar, consta-nos que não continuaram, e hojé este estabelecimento quasi que morreu á nascença. E' porém de notar que enxugando os terrenos baixos, com vallas e *alcorcas*, com grande facilidade conseguir-se-hia formar aqui um estabelecimento agriculo, tanto mais que o visinho gentio é manso e tratavel; por tanto tem evidentemente mudado nos seus costumes, pois no meado ainda do 17.° seculo, os contemporaneos viajantes, dignos de

todo o credito como Francisco de Lemos e Coelho, os pintam como guerreiros e ladrões, que roubam as canoas e que por falta de fé era impossivel commerciar com elles. —

Antes de chegar a Bolor ha ainda tambem á beiamar duas grandes aldeas *Usol* e *Jafunco*. Para esta ultima quiz mudar a povoação de Cacheo o Governador Gonçallo de Gamboa quando era Capitão-mór, e assim o avizou a El-Rei D. João 4.° mas não teve effeito.

As outras aldeas n'este territorio onde os Europeos podem negociar, são *A'gin*, *Lalem*, *Zigebar*, *Aramé*, *Socujaque*, *Jambarém* &c.

Em todas estas partes se cultiva arroz, que pode ser um grande ramo de comercio a troco de ferro, polvora, tabaco, terçados, facas, missanga, contas, aguardente, pannos, quinquilharias, que todos estes generos deixam sempre pelo menos um lucro de 100 por %.

Abunda tambem o paiz em arvores como *Poiloes*, *Mangas*, *Palmeiras*, entrando a *Sibe*, excellente para construcções de cazas, &.

Os mantimentos para refresco de navios são abundantes e baratos reputando um boi em 4$000, um porco em 2$000 réis, em generos no valor do paiz.

Passando Bolor, fica acima no rio de S. Domingos o chamado *Esteiro de Saco* em cuja boca os navios devem ter cuidado de não encalhar na vaza; adiante fica o esteiro *Om*. Aqui n'outros tempos

erão os negros mui traiçoeiros e ladrões. No anno 1660 queimou-lhes as suas aldeas o Capitão mór Manoel Dias Quatrim, de que resultou uma porfiada guerra, na qual bastantes brancos pereceram. Daqui para cima o rio é bem navegavel e pode-se até bordejar n'elle. Fica ainda da mesma banda passando *Om* o rio *Binchangor*, pelo qual entram os navios e vão uma maré mais acima até a aldea do mesmo nome que é do gentio *Banhu*.

Por ultimo não deixaremos de notar que durante o governo da Usurpação houve ordem de occupar com fortes a embocadura do rio Casamansa para prevenir os Francezes. Ignoramos que motivos prevaleceram ao Sr. M. A. Martins de occupar Bolor, em vez de cumprir esta ordem, fazendo um tão util estabelecimento, concebido pelo Sr. Conselheiro Costa e Sá tão entendido no que se passa neste territorio.

FARIM.

Dista sessenta legoas de Cacheo, pelo rio de S Domingos acima, ficando igualmente na sua margem esquerda em terra de *Mandingas*. Até 1692 era uma simples feitoria de negociantes sujeitos a todas as insolencias e maós tratos dos gentios. Dous clerigos naturaes de Santiago, o Padre João Cabral e Pereira Simão Vas Salla, degradados então para aquelle ponto pelo Bispo D. Fr. Victoriano Portu-

ense, *por serem bulhentes e dados a valentias*, o fortificaram persuadindo aos Christãos que allí se achavam, pela maior parte naturaes da ilha de Santiago, que pegassem em armas e se defendessem dos gentios. Assim animados fecharam a praça com um fosso e palanques das arvores, que chamam *de Carvão*. Algumas peças d'artilheria que mandaram de Cacheo acabaram depois de fortificar este ponto.

Hoje se acha ainda no mesmo estado, consistindo a sua defeza em a estacada, que une a tres batterias de barro cobertas com palha e guarnecidas de quatorze peças incapazes.

A sua guarnição consta de oito soldados. —

No anno de 1835 sendo Provedor do Conselho de Cacheo o Sr. Honorio Pereira Barreto montou aqui seis peças d'artilheria a sua custa e restabeleceu então a ordem e o respeito ás authoridades e á bandeira Portugueza. —

O numero dos habitantes é mui diminuto, não chegara talvez a 800.

Os negociantes de Cacheo tem aqui seus caixeiros, e disto lhes vem os principaes meios para o seu passadio e commercio.

Os artigos d'exportação são cera, marfim, pelles, couros e algum ouro em pó. O melhor negocio é a colla. Os naturaes compram tambem com muita avidez prata para fazerem manilhas, e aprecíam este metal mais do que ouro. Francisco de Lemos diz, que nos fins do 17.° seculo, se venderam mais de oito mil patacas, e se exportaram para cima de trezentos quintaes de cera.

Até depois de 1640 o commercio e navegação no rio de S. Domingos era arrendado pelos Capitães-môres de Cacheo; foi posteriormente que o Capitão-mór Gonçalo de Gamboa com ordem de Elrei fez mudar os moradores de Geba para Farim, declarando o commercio livre, e arrendando aos Capitães o rio de Geba. —

Partindo de Cacheo o primeiro rio da banda de norte é *Buguendo*, no qual estão as aldeas *Buguendo*, *Guinguim* e meia maré acima *Binchagor*. Estas tres aldeas são proximas do rio: n'outros tempos havia ali muitos brancos. N'aquella epocha, d'estes terrenos mui ferteis e habitados por *Banhús* vinham até 500 moios de milho annualmente para Cacheo. —

Seguindo o rio acima quatro legoas, encontra-se o porto *Sará*, ficando a aldea do mesmo nome, habitada por *Cassangos*. um quarto de legoa distante. Seguem os portos dos reinos *Nigre*, *Balar*, *Soar*, *Genico*, todos *Balantes*, mas sujeitos ao Rei de Cazamansa. O porto de *Genico* dista uma maré de Farim: tem um rio que ali desagua e pelo qual n'uma canoa se pode chegar até á aldea. Em todos estes portos habitados por gente boa, inclinada ao trabalho e lavoura se acham mantimentos e quasi tudo para o negocio de Cacheo. —

Pela banda do Sul defronte do rio Buguendo é o rio *Canlambelem*. No tempo do inverno para as canoas é perigosa a travessia n'esta confluencia. Adiante ficam os rios que entram na terra do reino de *Ca-*

bo e *Chul*, na distancia de seis legoas de Cacheo, e passando estes, está o porto de *Iol* habitado por negros da casta Papel, máu gentio, atraiçoado e quasi sempre em guerra com os brancos. Meia maré além ha outro rio que entra no reino de *Baóla*, cujos habitantes já tem costumes mais mansos. Segue-se-lhe o rio de *Nagas* no qual n'uma maré da foz está a aldea do mesmo nome, e n'uma legoa da boca, na margem do sul fica o porto *Cachoffa*.

Passado rio das Nagas, principía o reino de *Bajabo* com porto e rio do mesmo nome. Entre estes dous rios ha ainda outro que dizem os Negros que sahe a ilha de Bissao. N'uma maré se vai de Bujabo ao reino e porto de *Cafaras*, ao qual succede o reino *Batur* com porto do mesmo nome, e logo depois Farim, cuja povoação, ainda que não usado, propriamente se chama *Tubabodaga* [aldea dos brancos na lingua mandinga]. E' situada na terra de *Farim-braço*: (que cognominamento corresponde a Emperador) sua terra que é mui extensa, é repartida em *Farinados*, que equivale a Reis. —

O titulo de Farim tem só pois quatro: o Farim-braço — o Farim-Cabo, — o Farim-Cocolis — o Farim-Landim,

De Tubabodaga ou aliás como mais vulgarmente se chama entre brancos, de Farim navega-se ainda mais duas marés o rio acima até a aldea de *Iandegu*, que fica da banda de sul, e aonde como na vizinha aldea de *Bafeta* e outras, se faz grande negocio em cera. De Iandegu a Geba que são doze leguas se vai por terra como quasi diariamente fazem

os nossos, accompanhados por um negro, pelo pequeno salario d'um frasco d'agoardente.

Aqui terminaremos a nossa divagação a respeito de Farim, observando sómente ainda, que este é o unico ponto em Guiné, onde uma grande extensão de terreno visinho pertence facto e de direito aos Portuguezes. por ter sido comprada por um Sr. Pascoal e outros alí estabelecidos. Mas desgraçadamente estes terrenos não são cultivados com medo do Gentio, que vendo a nossa fraqueza, não teme de roubar as colhetas, se alguem de Farim semeasse; tanto mais que entesta com a nossa estacada uma tabanca d'elles.

Este ponto é muitissimo importante por ser ponto de passagem de todos os Gentios que vão levar a Gambia e Senegal os seus marfins, ouro em pó, &c. por não achar aqui sortimento de fazendas proprias: visto que o negro não se importa andar cincoenta ou cem legoas, para ganhar dois ou tres vintens mais no seu negocio.

DISTRICTO DE BISSAO.

Compõe-se da praça de *S. José de Bissáo* com suas dependentes Ilhas de *Bolama*, *Gallinhas*, o Ilheo do *Rei*, *Fà* e *Geba*. Todos estes pontos formarão talvez uma população de perto de tres mil habitantes sujeitos ás authoridades Portuguezas. O seu rendimento em 1834, que anno tomamos por termo medio, foi de 5:065$460 réis. A despeza n'este mes-

mo anno subiu a 7:040$585; o deficit foi saldado pelo cofre da provincia.

A força armada n'este districto compõe-se de 145 praças, segundo o Mappa que temos á vista datado de 16 de Fevereiro de 1836, assignado pelo Commandante.

S. JOSE' DE BISSAO.

Esta praça é o unico ponto que temos na ilha de Bissáo, que sujeita a varios regulos, tem doze legoas de comprido sobre seis de largo.

Elrei D. José 1.° mandou em 1766 construir a fortaleza que ainda actualmente existe, e é chamada em attenção ao nome deste rei, *de S. José* de Bissáo. Situada umas cem braças da costa tem a forma d'um quadrado abaluartado. O revestimento sobre cento e tantos passos de comprimento na cada face, tem 60 palmos d'altura.

A aguada faz-se uns trezentos passos ao sul da Praça, a beira mar n'alguns poços excavados na profundidade de cinco a seis palmos na area, que podem dar trinta barrís d'agua em vinte e quatro horas. Esta agua infiltrada n'um terreno composto de vasa e rochas schistosas não é agradavel ao paladar, embora goze da reputação de ser sadía e conservar-se por muito tempo. Com tudo é melhor, dando-a a beber á tripulação, misturar com algum acido ou mergular-lhe ferro em braza.

O fundeadouro defronte da praça é muito seguro em todas as estações, porque o mar está sempre em calma com fundo tão firme, que com boas amarras em tempo algum ha perigo. Apezar da bondade do porto, as entradas e sahidas são de muita demora, visto que não é possivel bordejar por causa dos numerosos baixos: e o navio é obrigado a seguir a maré, com muito cuidado sempre na sonda.—

Juntemos por tanto aqui a descripção do caminho e cautellas que se devem tomar para chegar a este porto, quem estiver n'estas aguas a leste dos bancos de Caraxa e Cayo.

Partindo da ponta S. da ilhota de Cayo, segue se E. 30.° S. umas cinco legoas. Costeando a ilha de Jatt descobre-se logo a sua ponta sul, facil de reconhecer por ser a mais alta em toda a costa de norte do canal, e muito arborisada. D'aqui se segue com rumo a E. cinco graus S. umas seis legoas, nas quaes se passa as ilhotas do S — O. da ilha de Jatt, a separação d'esta ilha da de Bassis e a sua parte meridional, como do sul a grande bahia formada pelas ilhas de Caraxa e Corbele e as ilhotas dos Papagaios, situadas a leste da ultima.

Achamos nos portanto agora tres milhas ao oeste da ponta de *Bium* da ilha de Bissáo e leva-se o rumo de E. 20.° N. até chegar ao ilheo de Bandim.

N'este caminho passar-se ha por vezes n'alguns pontos em 26 pés d'agua no baixamar. Podia-se evitar estes baixos, mas como nunca o mar é alí a-

gitado, e elles pouca tem d'extensão, qualquer navio pode passar sem receio.

A tres milhas O. S. O. do ilheo de *Bandim* está a ponta de *São-Martinho*, onde a costa faz um pequeno reintrante. Chegando tres milhas ao S. 4. S — O. do ilheo do Bandim orce-se sobre ella de maneira que passe umas 200 braças a leste. N'esta distancia acha-se fundo em seis braças. D'aqui convem dirigir por entre o ilheo do Rei e a praça de Bissáo defronte da qual se fuudea em seis a oito braças da vaza molle. —

Os navios podem refazer-se aqui d'aguada, lenha, mantimentos de toda a qualidade, como bois de pezo de quatro arrobas a razão de vinte pesos, porcos, cabras, aves, arroz, milhinho, inhame, fruta &; tudo isto geralmente a troco de polvora, aguardente, ferro e patacas.

Umas trezentas habitações, todas miseraveis palhoças, sendo seis mais soffriveis cobertas com telha, formam a povoação que jaz debaixo do fogo da Praça. Aqui assistem alguns negociantes Portuguezes, e o resto são pretos christãos ou apenas baptizados.

Os Gentios visinhos não tem porém nenhum respeito, nem temor, deixam tremular a bandeira portugueza, por ser de seu interesse, tirando d'aqui a polvora, aguardente e outros artigos que já são para elles quasi de primeira necessidade. Todavia vem sempre ao mercado armados, e dizem por vezes, que em chegando as chuvas, hão de arrazar a fortaleza.

E' mui frequente matarem algum habitante da povoação. Em 1836 um gentio travando-se de questões com o Juiz Pedaneo, abriu-o d'um golpe de espada, de meio a meio e isto a porta da fortaleza.— Entram frequentemente na caza do Governador, que sendo muitas vezes paisano e negociante, habita afôra das portas da fortaleza, tiram-lhe o chapeo da cabeça ou algum outro traste que lhes agrada, e tudo isso elle soffre impunemente. —

A ilha de Bissáo poucos recursos offerece por si mesmo, para fornecer artigos indigenas para lucrativo commercio, visto não ser o seu fertilissimo solo aproveitado. Mas de bem longe trazem diversos objectos de commercio os Biafares, Balantas, Mandingas e outros. Os generos d'importação são, aguardente, assucar, tabaco, vinho, comestiveis d'Europa, ferro, espingardas, polvora, [e quanto mais grossa melhor] folhas d'espadas sem bainha nem guarnição, missanga, contas, quinquilharias, alguns moveis, tecidos e pannos d'algodão, e alguns objectos de luxo e regalo.

Exporta-se em troca d'aquelles generos arroz, azeite de palma, cêra, marfim, couros, madeiras de tinturaria e construcção, tatarugas e algum ouro em pó e manufacturado em argolas, e este sem liga.

Infelizmente porém este comercio é na totalidade explorado por Francezes, Inglezes e Americanos, porque navios Portuguezes poucos lá vão. E com magoa e vergonha havemos de confessar, que muitos Negociantes Portuguezes haverá, que ignorem a pos-

sibilidade de emprehender commercio tão lucrativo, por desconheceram talvez a existencia e situação de Guiné!

D'este modo o commercio todo está nas mãos dos estrangeiros, que fazendo-o directamente com os gentios, gratis e sem vantagem nenhuma para a Provincia, não deixam de sobre carregar com tributos e onus todos os navios d'outra nação que nas suas colonias tentassem negociar.

Defronte do fundeadouro da praça de Bissao está o lindo e arborizado Ilheo do Rei, chamado pelos Inglezes e Francezes *Sorciers*, e que mesmo n'algumas cartas portuguezas vem denominado *da Superstição*: nome que lhe foi dado por existir neste ilheo a crença, de que qualquer individuo, que fôr caçar e matar alguma couza, infallivelmente morre em breve! N'elle se juntam todos os annos os Gentios aos 19 de Março para assistir a certas ceremonias religiosas ao pé d'umas arvores sagradas; á vista d'uma vacca branca vaticinam os Sacerdotes o futuro exito da meditada guerra, a abundancia das colheitas &c. Aqui tem lugar tambem os ritos funebres da morte dos reis e da sua eleição; n'estas occasiões se juntam oito a dez mil negros, todos armados, embarcam defronte da praça, aonde na volta que fazem com o seu Rei em triumpho, recebem uma salva de seis tiros. Então se recolhe o povo dentro da fortaleza, fecham-se as portas, levantam os alçapões e todos tremendo esperam os fins dos ritos e dispersão dos hospedes. Com tudo estes dias são tão

solemnes, que não consta terem perpetrado os gentios no seu decurso crime algum. —

E' de summa importancia occupar este ilheo, e talvez estabelecer alí sede das authoridades. O Governador Marinho por intervenção do Sr. Honorio obteve em 1837 do gentio acessão delle; resta agora fazer algum forte e construir cazas para o Governo e a tropa. E' evidente que aqui não ha de haver o continuo temor da invasão, e com os mesmos poucos meios, se torna impossivel da parte dos negros um insulto á bandeira ou extorsões aos negociantes. Elles não deixarão de vir em razão das suas ceremonias, porém não se deve por ora tocar nos seus uzos religiosos, mas ao contrario protegendo-os, com o tempo se poderá prohibir estes ajuntamentos com armas, e obriga-los assim a esta sujeição; d'este modo com o tempo reconhecerião a suzerania da corôa portugueza, e por ventura algum tributo será possivel exigir para o futuro.

Uma legoa para o Sul de Bissao é o ilheo de *Bandim*, defronte d'uma povoação do mesmo nome abitada pelo gentio negro *Papel*. O ilheo porém é mui pequeno, todo uma rocha selvosa e inhabitavel. E' indispensavel occupa-lo, pois os navios estrangeiros fundeam entre elle e a povoação dos negros, com os quaes directamente sem pagar direitos alguns a Bissao negoceam, tirando assim o proveito aos estabelecimentos Portuguezes. Construindo alí uma bateria com tres ou quatro peças d'artilheria e um pequeno destacamento de dez ou doze praças, sendo o fundeadouro a meio alcance de canhão,

não ha de continuar o negocio clandestino, e affluindo os navios a Bissáo, vão não pouco concorrer a augmentação d'este ponto. —

Vemos por tanto que o unico ponto que occupamos na ilha de Bissáo é a acima descripta, chamada Praça de S. José de Bissao. Esta ilha porém tem doze legoas de comprido sobre dezoito de largo, e é dividida em seis reinos, a saber: *Bium*, *For*, *Bujamata*, *Safim*, *Antulha*, *Cuchate*. Esta grande divisão, sendo estes potentatos sujeitos a uma especie de Governador, facilmente com uma administração politica, podia enfraquecendo-os entre si, aumentar a nossa força, e dar principio a estabelecimentos agriculas.

A ilha de Bissao é toda plana, cortada por varios rios e com muitas fontes d'agua doce. Tem muito arvoredo e immensos pomares que a tornam aparzivel. As palmeiras produzem um fructo *chaveo* do qualos indigenas fazem azeite, chamado nas Ilhas de de C. V. vermelho, e no Brazil e Angola *de Dendé*; d'elle uzam para temperar arroz, mancarra, e fazer sabão. As producções de Bissao são arroz, milho de diversas qualidades, como painço na Europa, milho *cavallo*, *maçaroca*, *branco*, (d'este ha duas especies). Produz-se o *fundo*, (semente miuda e saborosa,) inhame, batata doce, *manfafa*, (raiz mais pequena e mais gostosa qne o inhame) *mancarra* que se parece com o grão de bico, e se cria debaixo da terra, á semelhança do mandubi d'America. —

Ha tambem muita fructa d'arvores silvestres em maior parte acidos, como os por lá chamados *foles*

de macaco, foles de elefante, maniplas, manganaça, mampatores &c. —

Alem d'isso abunda a ilha de Bissáo muito em gado vacum, cabrum e porcos.

No *Bugamata* fabrica-se sal. O rio da Antulla que separa Bissao dos Balantes parece que sahe ao rio de Cacheo. Antulla é importante pela grande abundancia de madeiras para fabrico de navios. — Terminamos dizendo que a ilha de Bissao goza de melhor clima que Cacheo.

BOLAMA.

Esta ilha é talvez a mais importante do todo o Archipelago de Bissagos. Situada na foz do rio Grande pelo qual podem entrar navios até cincoenta legoas a cima, pouco distante do rio de Geba, nenhuma talvez reune mais vantagens para a creação d'um estabelecimento mui importante. —

Os Inglezes por vezes tentaram occupa-la, mas sempre erão repellidos pelos insulares vizinhos que não põem impedimento algum, a que nos cortemos alí madeiras. Bolama foi cedida a corôa de Portugal, pelos reis negros ha muitos annos, nunca porém se tem chegado a formar estabelecimento.

No anno de 1750 uma caza Ingleza vendo o abandono d'este ponto, formou n'elle uma feitoria, que em breve acabou, sendo roubada e os Inglezes mortos pelos Biafares e molestias que vieram, por ter

aberto uma fonte debaixo de uma arvore grande chamada *Paó-Branco*, porque cortando-lhe parte da raizes, estas communicaram o veneno á agua. [segundo noticias dos habitantes de Bissáo que presenciaram o facto] Escapou unicamente o Capitão que com auxilio dos Portuguezes voltou á Inglaterra,

Poucos annos depois uns negociantes inglezes tentaram renovar o estabelecimento, e d'esta vez fortificaram e artilharam a feitoria, que porém sem directa intervenção do Governador Portuguez de Bissao, teve a mesma sorte da primeira, conseguindo escapar algumas pessoas, que vieram parar ás ilhas de Cabo-Verde.

Desde então nunca tentaram ja mais os Inglezes a estabelecer-se em Bolama. No anno de 1827 mandou o Governo Portuguez fazer cortes de madeira para a construcção naval, o que porseguia sem opposição alguma dos gentios: mas os Inglezes vendo com olho sinistro qualquer tendencia de Portugal para melhoramentos, mandaram o Governador de Serra-Leoa com o Brigue *North-Stare* e um barco de vapôr ao rio Grande, onde com data anterior obteve a cessão de Bolama d'um regulo, que nenhum direito tinha de o fazer. O Governo de Portugal parece que n'aquella epoca não se mostrou indifferente a este acto baseado n'um subterfugio, e tratou de applanar este incidente. Segundo fomos informados pelo Coeselheiro M. A. Martins, foi elle mesmo que encarregado d'esta comissão, por via do Coronel de milicias Joaquim de Mattos arranjou tudo o melhor possivel. Foram convidados a Bissáo o Rei de Canabac e o do rio

Grande, legitimos donos e senhores de Bolama, e renovaram a formal cessão desta ilha que ha muitos annos já foi feita. Os Inglezes não tem outro documento no qual fundem os seus direitos a Bolama, senão que houve ja alí uma feitoria ingleza. Esta razão mui valiosa nas maõs do mais forte, é irrisoria, pois d'este modo, porque não teria Inglaterra igual direito a Portugal e ás outras nações e teritorios, onde existissem cazas de commercio d'esta nação!?

Assim Bolama de direito e agora até de facto é Portugueza.

Esta ilha formosa, bem arborizada, d'um aspecto rizonho e elevação consideravel, offerece algumas enseadas e um fundeadouro muito bom no porto *das Prainhas*, que tem a sua entrada defensavel pela situação topografica que favorece e facilita construcção de fortalezas. N'este porto que é no S-O. sonda-se em 22 a 24 braças em vaza solta. A configuração da costa é tal, que a acção das correntes repellida mais para leste, é quasi nulla n'este ancoradouro, e apezar do que as marés sobem a doze ou quinze pés, o mar sempre é socegado e o desembarcadouro mui commodo. Em terra ha agua doce com abundancia. O terreno é fertilissimo, tudo prospera: além d'isso a ilha é cheia de matas de arvores como o *Cibe*, *Poilão*, *Magno*, *Came*, [tintoria, semelhante ao pau de Campeche] e muitas outras, chamadas *ameixoeiras* que grandes e direitas dão taboado optimo para o fundo dos navios, pois não o toca o guzano. Lemos diz que teve um navio cons-

truido d'esta madeira que lhe servia mais de vinte annos sem ter uma picada, andando sempre por estes mares: onde é precizo lembrar-mos, que um navio de pinho sem ser forrado de cobre em dous ou tres mezes fica incapaz.

Muitos Capitães-Móres de Cacheo quizeram mudar para este sitio ainda no 16.° e 17.° seculo. —

No anno 1835 estabeleceu-se alí o Sr. Caetano Nozolino, negociante Portuguez de Bissao e construindo caza d'habitação, armazens, &, deu principio a um estabelecimento rural empregando mais de 300 escravos. Roçando uma porção de matto achou muito caffé bravo, do qual mandou já a Lisboa algumas saccas. Este caffé é de superior qualidade, de grão pequeno do tamanho do de S. Thomé e Principe e d'igual aroma.

Este principio e esperança de possibilidade de futuros melhoramentos não pode porém permanecer, sem chamar a ciumenta attenção dos vizinhos Inglezes de Serra-Leoa; como de facto no anno passado de 1839, estando o Sr. Caetano Nozolino ausente em Bissáo, veio a Bolama uma Corveta ingleza e não achando resistencia alguma, (qual d'antemão sabia não encontrar), saltou a tripulação em terra, capturou os escravos deste colono, como tambem a sua escuna, que estava fundeada no porto. —

Deixemos a qualquer individuo, Inglez que seja, o proprio John Bull, que dê o epitheto competente a este acto. —

Passado tempo a Comissão de Serra-Leôa entregou ao seu dono a escuna, conservando os es-

cravos na base d'um raciocinio tão valioso como o direito que tinham a praticar uma acção semelhante.

Paramos aqui com este triste episodio, que bem amargas reflexões ha de causar a todos os corações amantes da sua patria......

Vêmos então quanto vantajosa é a occupação de Bolama, e que resultados podiamos tirar d'um estabelecimento que puramente agriculo, servir-havia tambem a um deposito de mercadorias para o commercio em ambos os rios, na cuja embocadura tão felizmente está situada.—

Quanto aos cortes de madeira tanto de construcção como de tinturaria, fazem-se [quando se fazem, o que bem raro é, geralmente até por falta de ferramenta] sem nenhum systema, deixando a madeira cortada, exposta até a hora do embarque a todas as intemperies do tempo.

Assim uma boa officina de serradores é d'absoluta necessidade e simultaneamente a construccão d' um forte com uma guarnicão capaz.

ILHA DAS GALLINHAS.

Esta ilha dista de Bolama um tiro de peça ao oeste. E' pequena, terá pouco mais de cinco legoas de circonferencia, mas é não menos arborizada e

tem fontes d'agua doce. No anno de 1830 deu a um dos reis Bissagos ao negociante Joaquim Antonio de Mattos, Governador interino de Bissao e este offereceu a ao então Rei de Portugal.

Esta ilha nunca foi habitada, mas offerece proporções para ter n'ella gados e fazendas. O Sr. Mattos consta-nos, que tem agora deixado Bissao e o commercio, e mudou-se para alí com fins agriculos.— Oxalá continue n'esta empreza tão util e louvavel, para achar bem cedo dignos imitadores.

Voltemes porém ainda ao rio de Geba, para que seguindo desde Bissao, dizer algumas palabras a respeito d'este rio, aonde temos ainda os dois presidios ou estabelecimentos de *Fá* e *Geba*.

O rio de Geba corre da ilha de Bissao para N — E, ficando da margem de norte a terra dos Balantes, onde encontra-se logo o reino e porto de *Goule*, com seu rio que pertence aos Biafares, que tem alí dous reinos. Outr'ora havia aqui brancos, mas já no fim do 17.° seculo, todos se tinham retirado, em razão da maldade dos negros. Da outra banda defronte, na margem esquerda do rio de Geba está o porto *Cofóde* pertencente ao reino *Guinala*. Os habitantes são mui trataveis, pode-se negociar com elles e tomar refrescos; muitas vezes se vai por suas terras que são planicies, até o rio Grande.

Tres legoas acima ficam as coroas *de Guiajè*, rochas que occupam quazi toda a largura do rio e tão

altas duas d'ellas, que não se cobrem se não a mais de meia maré cheia. N'este sitio faz a agua uma grande resfrega e com tal vehemencia, que por vezes cauza perigo ás embarcações: — é este fenomeno o nomeado *macaréo*, que dura ainda passadas as corôas até acima de Geba.

Passando as côroas, o rio estreita repentinamente, a ponto de se poder quasi vingar com uma pedra de parte a parte.

Precizam os navegantes n'este sitio de tomar cautellas contra o macareo: a saber, de noute ter sempre um vigia a bordo, que ouvindo estrondo como trovoada ao longe, de avizo. Eís chegado o momento do perigo, uns saltam n'uma lancha para amparar a embarcação, e tem acontecido que homens e lancha, levados do escarceo tornam a entrar pela popa do mesmo navio. A amarra a pique, suspende-se logo que chega o macareo. A agua cresce então n'um instante tres braças, mas depois de passarem tres ondas volta ao seu estado ordinario.

Este fenomeno que em ponto pequeno se vê no Gironde, aonde chamam *rat d'eau*, se observa em ponto maior em varios logares do Pará, com o nome de *Pororoca*.

No principio d'aquelle rio, da margem direita confina com o reyno Goulé o de *Anchomene* com habitantes Biafares: não tem porto, mas vai-se por elle até Farim por terra, que é mui perto Da outra banda, defronte é o reino *Achum* com bom porto, mas gente ruim, ainda que sujeitos a Guinalá.

Duas marés além, fica da mesma banda o por-

to *das Almadias*, onde começa o reino de *Gula*. Aqui havia n'outros tempos um celebrado porto e aldea *Malampanta* aonde moravam muitos Portuguezes e ricos; d'aqui vai-se por terra a Geba, que são quatro legoas. Na margem do sul do rio está ainda o nosso *Fá* povoação de Mandingas Mouros e legoa e meia adiante *Ganjarra*, de fronte da qual na outra margem fica *Geba*. — Not. 4. —

FA'.

Este ponto situado na margem esquerda do rio, 40 legoas acima de Bissáo, não foi occupado senão depois de 1820. Um negociante portuguez deu começo a uma feitoria, que principiou a prosperar, em razão do bom sitio; em breve porém morreu e então para não se perder este estabelecimento, embora não hajá nenhuns brancos, mandou o Governador de Bissáo alguns soldados para alí. Porém não ha forte algum: anno passado havia um sargento e seis soldados desarmados, que moram n'uma palhoça, como as dos outros gentios, expostos a serem roubados pelos Biafares, como muitos vezes acontece.

O territorio onde está situado este estabelecimento pertenceu outr'ora a uma preta chamada *Fidalga de Fà* que patrocinava muito os brancos, como tambem antigamente houve alí uma pequena povoação de Europeos e filhos das ilhas de Cabo Verde. Até aqui chega a maré com agua salgada, conti-

quando ainda muito acima, mas com agua doce. E' este um sitio muito formoso, ha muita laranjeira, limeiras, coqueiros, cana d'assucar, mandioca, bananas, palmares, muitos ananazes e uma cerejeira e maceira, vindas de Portugal. —

GEBA.

E' situada na margem direita do rio do mesmo nome, 60 legoas acima de Bissáo e 20 adiante de Fà. Está como Fà no terreno de Mandingas. Geba era a maior povoação de todas as referidas; ainda no principio do seculo actual tinha até 2000 baptizados que habitavam em 400 cazas baixas, das quaes algumas erão bem boas. Hoje existem alí só seis brancos. Ha uma Igreja que porém muitas vezes está sem sacerdote.

Este ponto é governado por um Commandante subalterno a Bissáo e n'outros tempos tinha muitos Capitaes de milicias e até um Capitão mór; não está porém fortificada, inda que parece com tudo ter tido antigamente uma estacada; assim os Gentios conservam a somente a conta do seu interesse. —

Muito mais outr'ora se estendiam as possessões e estabelecimentos na Guiné Portugueza. Havia então muitas aldeas de brancos no rio Grande e Nuno. Se ellas desappareceram, para mim tenho, que

não será trabalho perdido, o ajuntarmos mais algumas palabras sobre estes dous rios, que pelo sancionado direito de descobrimentos devem pertencer á Corôa Portugueza.

Na margem do sul do rio Grande, passado o recife da *honra do Monteiro*, é como ja temos visto o reino de Gubia, cujos habitantes são trataveis e amigos do branco. Seis legoas avante é o porto de *Bisegé* com rio para entrar, e na sua margem fica proxima a aldea. Aqui teve um combate o celebre Nuno Tristão. Até ao meado do XVII.° seculo habitavam alí bastantes brancos, mas desde que um d'elles morrendo, deixou ao Rei por seu herdeiro, Sua Magestade gentia converteu este acto em lei, e assim todos os brancos em breve, por causa d'este herdeiro forçado abandonaram os estabelecimentos.

Passado aquelle rio segue o de *Balola* em pequena distancia; e depois está o porto *Guinalá* á vista d'um riacho que entra pela terra dentro. Aqui havia tambem até ao fim do XVII. seculo uma feitoria de Portuguezes, umas casas do mesmo Francisco de Lemos, e uma fortaleza. Talvez seria este o chamado *Porto da Cruz*, onde diz André Gonçalves d'Almada, tinham os Portuguezes uma povoação com igreja e um forte. Por aquelle tempo porém, tendo o principal d'aquelle estabelecimento, um Christovão de Mello, primo de Francisco de Lemos, por desavenças com o rei Gentio, largado a-

quelle sitio, todos os brancos o seguiram para Balola. Subindo pelo rio de Bolola, entra-se no reino de Biguba dos Biafares; o seu porto foi no tempo que havia ainda n'este rio estabelecimentos Portuguezes, chamado porto de *Sebastião Fernandez*: por um Portuguez d'este nome morar aqui e ter feito casas com uma aldea. Quanto então o commercio era florido, julgar-se pode, se este sujeito retirando-se para Cacheo, levou dezoito navios carregados e 1100 escravos. [*]

Acima do porto de Biguba, que reino confina pela banda de baixo com o de *Guinalá*, e de cima com *Buchela*, tem de fronte na outra parte do rio, *Bisegue* e *Balola*. N'esta ultima, vêmos no precioso manuscripto — „ *Christovão de Mello meu primo* „ *teve arrogantes cazas, fortalezas com 14 peças de* „ *ferro e bronze.* „ &c.

N'aquelle tempo o commercio era melhor aqui, que em *Guinalá*. De Balola vai-se em quatro dias por terra ao rio Nuno, e em oito a Serra-Leoa. —

No rio Nuno, aonde a Corôa de Portugal tem propriedades por cessão dos reis gentios, havia tambem n'outros tempos aldeas e estabelecimentos Portuguezes, nos quaes se fizeram grandes negocios: hoje nem signaes de tal existem, nem jamais ahi apparece navio nosso em negocio licito. —

A costa do mar até o Cabo da Verga é habitada

[*] Vej. o manuscripto de Lemos de 1684 --- na Bibl Pub. Lx· de --- B. 3. 6.

por *Nalús* e *Bagas*; os Cocolins vivem mais pelo sertão a dentro.

Passada a boca do rio Nuno, logo na margem do Sul demora a aldea e porto *Benar*, habitada por *Bagas*, gentio valente, em continuas guerras com os visinhos, que tem a cavalleira lealdade de avisar em que dia os hão de attacar. Usam pouco d'armas de fogo, mas de azagayas com ferro muito comprido e curta astea, e adargas de pelle de buffalo.

As ernias são muito estimadas, e Baga que tem os testiculos mais enchados, possa por mais valente, como não póde fugir do campo da batalha.

N'este porto commercia-se pouco, apenas em sal, arroz e algumas pelles, sendo muito procurados os pannos das ilhas de Cabo-Verde. —

Tres marés acima fica a aldea *Cangandé*, onde houve outr'ora um estabelecimento e aldea Portugueza. Porém ja nos fins do 17.º seculo elle decahiu e uma recem-criada feitoria Ingleza fazia grande negocio, que ainda continua, chegando a tirar 400 quintaes de marfim annualmente, o melhor de toda a Guiné, que trazem os *Coculins*, *Landimas*, *Souros*, *Nalus* &c.

O rio Nuno é cheio de ilhotas, algumas povoadas, e aonde se acha muito ambar. Lemos diz, que no seu tempo dois Portuguezes, Manuel Luíz Franco natural de Lisboa e Vicente Roíz Duarte natural de Monte-mór, ficaram ricos com algumas compras que fizeram; sendo que o primeiro mercou d'uma vez tres arrobas por quatorze *escates* [pannos brancos de Cabo-Verde]. Lemos porém já n'esta epo-

cha lamenta que quasi sempre o Inglez tirava o lucro. —

No rio Nuno ha muitos riachos, que conduzem ás terras dos Nalus, e assim facilitam a communicação e commercio com os habitantes mais afastados das margens, trazendo em abundancia arroz, marfim, ambar, pelles, couros, tintas [que chamam do rio Nuno, e outr'ora occupavam muitos navios na carregação para a alta Guiné] algália, sendo os gatos de algália aqui melhores que os de Farim e chegam a dar duas onças por mez.

André Alvares d'Almada refere de mais, que nos esteiros e ribeiros confluentes no rio Nuno *se acha prata, e muitas minas deve haver.* O mesmo author narra que no seu tempo, um ourives *Araujo* por nome, achou junto a um braço do rio uma veia de prata, que elle arrancava e fundia n'um bosque, aonde escondido fazia as manilhas que vendia aos negros: mas temendo que vindo o Gentio a descobri-lo, o não matasse, foi até o rio Grande, onde em breve morreu sem poder fazer seus naturaes scientes do sitio. —

Resta-nos ainda dizer alguma coiza a respeito das Ilhas Bissagós, pois n'ellas são incluidas as nossas de Bolama e Gallinhas, e mesmo segundo alguns, n' este Archipelago se incluem a ilha Bissáo e todos os mais terrenos, que cercados por braços de rios tem forma de ilhas. —

ARCHIPELAGO DAS ILHAS BISSAGOS.

Este archipelago estende-se desde 16.° 42′ até 11.° 41′ 15″ Lat. N., principiando ao sul do cabo Roxo defronte das ilhotas do *Cayo* e acabando proximamente na altura do rio Nuno.

Apezar das muitas diligencias e explorações que fizeram os Inglezes e Francezes nos fins do seculo passado e começo do presente, pouco concordam as relações a respeito da situação e nome das diversas ilhas; e realmente precizava um tempo infinito e grande numero de pequenas embarcações para, chegar ao plausivel resultado de explorar com perfeição as miudezas, tantas e tão complicadas, mas de tamanha vantagem para a navegação.

Ha assim mais de vinte ilhas e ilhotas por entre baixos, coroas e recifes, umas habitadas, outras desertas, de que se compõe este *Archipelago das Ilhas Bissagós*.

E' separado do continente por um canal de leste a oeste, que forma a entrada para o rio de Bissáo; e é cortado tambem por outro canal na direcção de norte-sul, cuja parte meridional, fórma como a embocadura do rio Grande. Este segundo canal ou canal oriental cruza-se com o primeiro a oeste da ilha *do Arco*. Sua margem direita, considerando-o, do norte ao sul, é formada pelo recife que se estende a leste das ilhas dos *Papagaios*, a ilha *das Galinhas*, os bancos que unem as quatro ilhas *dos Porcos*, na lingua do paiz, *Riuban*, *Ba-*

bug, *Xoga e Corcte* e finalmente a ilha *Canabac*.

A' margem esquerda d'este canal é a ilha do Arco, a Bolama, os bancos que unem estas duas ilhas, a embocadura do rio Grande, a ilha Roxa ou Mantere, e finalmente os recifes que se estendem até ao pequeno ilheo *de João-Vieira*.

Aqui divide-se o canal em dois ramos que abraçam entre alguns ilheos, recifes e baixos, a ilha *dos Cavallos*, a do *Meio* e a mais meridional *do Poilão*. Na margem direita do ramo occidental d'este canal está a ilha *Orango* e uma estensa cadea de recifes que correm ao S-S-O. d'esta ilha. Este ramo é a principal embocadura do Rio Grande. —

Além d'estas ilhas ha ainda outras muitas mais, como mais proximas e de fronte das ilhotas de Cayo, *Corete* e *Camona* que são tão juntas, que se podem tomar por uma. *Carraxa*, a ilha *da Ponta* [Cazegut.] com *Ago* ao Norte e *Xeringa* ao sul. Segue depois mais ao sul a *Formosa*, redonda, uma das maiores, com muitos riachos; uma legoa dista a pequena, mas aprazivel ilha *da Oração*, e perto d' ella *Uno* e *Nhoço*. A' vista d'esta na distancia de meia legoa é *Orango*, a maior de todo o Archipelago, a *Xoga* e as pequenas e juntas *Bonabo* e *Esteiro*; defronte d'elle está na bocca do rio Grande ainda a ilha *Roxa*.

Todas estas ilhas em geral são mui pouco conhecidas, e se todavia houve quem escrevesse a respeito de seus usos e costumes, como producções e commercio, encontram-se n'estas descripções frequentes enganos de nomes e localidade; de que ja temos

uma prova evidente na na notavel differença que ha a este respeito entre a Carta Hydrografica de Guiné do *Bellin* e a do actual Almirante *Roussin* e das Inglezas. —

Estas ilhas podem ser mais interessantes, consideradas já como estabelecimentos agriculas, já como pontos onde simultaneamente comerciando, podemos ter forças para assegurar o nosso dominio pelo continente; mas infelizmente até agora se os proprios nomes e situação d'ellas são duvidosos, que diremos do mais ?...

Seria conveniente que o Governo mandasse aos navios de guerra que vão estacionar-se na Costa de Guiné, fazer este utilissimo trabalho, que dando um passo progressivo á sciencia, não pouco ha de influirnos positivos e palpaveis interesses do comercio. —

A' espera d'este passo acertado, inculcaremos entretanto algumas ideas a respeito das principaes ilhas d'este Archipelago.

Orango. — E' a maior de todas, chamada Harang pelos Francezes, Warang pelos Inglezes: e estes lhe deram ainda uma posição muito mais septentrional, collocando-a com visivel esgano nas suas cartas, quasi defronte das ilhotas de Cayo. —

Esta grande ilha é pouco conhecida por ser raras vezes procurada, por os numerosos baixos e recifres que a cercam. Todavia sabemos que tem muitos habitantes e grande abundancia de mantimentos: e

quando tinhamos estabelecimentos no Rio-Grande, ali se ião buscar.

As suas costas são pouco elevadas e da mesma natureza que as ilhas vizinhas, bastante arenozas, com rochas vermelhas e negras de mistura, cobertas de levas scorifiadas, indicando assim, serem todas de origem volcanica.

Roxa.—Preferimos conservar este nome com o qual a conheciam os antigos nauticos e escriptores Portuguezes, Coelho, Lemos, André Alvares d'Almada, áquelle dado modernamente pelos estrangeiros, de *Mantere*.

A ilha Roxa situada na embocadura do rio Grande é a maior depois de Orango. Dizem que ella deu os povoadores a todas as mais do Archipelago; pois os habitantes do rio Grande invadidos pelos Biafares, negros que vieram do interior, vendo-se vencidos, em almadias passaram a esta ilha e seguidamente occuparam outras, que até então erão desertas.

Como os Biafares continuaram ainda a molestalos, então de pacificos e fracos se tornaram fortes e atrevidos, atacando os mesmos Biafares em terra firme e até os Portuguezes, dos quaes porém levaram por vezes tão boas refregas, que ficaram mais mansos e com respeito. Assim nos conta Lemos, que um certo Antonio Jacomo, vingando a seu irmão que tinham roubado e morto, amarrou a bordo do seu navio, estando na ilha da Ponta, o pai e

filho auctores do crime, e tendo cortado ao ultimo a cabeça com machado, fez beber o sangue ao pai, e depois de andar dous annos a bordo do seu navio, consentiu-lhe resgatar-se, pondo entre outras a extravagante condição de dar tambem um cesto de palha de 15 alqueires, cheio de ovos de gallinha. — Em 1700 o Capitão mór Santos Vidigal com soccorro dos *Papeis*, fez guerras na ilha Orango e Oração, aonde depois de queimar cazas e mantimentos, lhe resultaram muitos prisioneiros. —

Mas tornando á ilha Roxa, ella é cheia d'arvoredos, bem productiva e muitas vezes se encontra nas costas ambar. Lemos diz que um seu tio o Capitão Manoel de Mello comprou uma vez 84 ℔. d'elle, e n'esta occazião se tinham colhido dous quintaes e meio, como em outra dez. Tambem dos elefantes, que passam do continente a nado, se colhe algum marfim.

Ilha da Ponta. — N'esta ilha por outros chamada Cazegut, na ponta Jaba ha hum riozinho pequeno com pedras, ao pé do qual ha uma aldea; a ilha toda é muito povoada. O dinheiro que alí corre é ferro, panno amarello, azul, vermelho, aguardente para dar e comprar mantimentos, facas, conta miuda, roupa baixa &c. E' pratica entre os habitantes que hospedam os comerciantes, receber d'estes previamente presentes, e depois tratam do negocio. Antigamente fazia-se aqui bastante escravatura. Tanto esta ilha como as vizinhas *Ago* e *Xeringa* tem muitissimas palmeiras, de cujo fructo *chabeo* extrahem o azeite vermelho: tambem abundam em li-

mões, diversa fructa, e bem assim, milho, milhinho, feijão, arroz &c.

Oração. — E' habitada, têm bons portos, boa pescaria, gallinhas, cabritos, feijão, *malafas*, e arroz muito limpo, que cultivam os habitantes tanto d'esta como da vizinha ilha *Uno*, nos desertos ilhotes adjacentes.

Terminamos aqui por ora o nosso esboço das ilhas Bissagos, propondo-nos fallar d'ellas mais vezes, já tratando dos usos e costumes, já das producções e do commercio.

—

Eis aqui o que nos resta depois de quatrocentos annos de posse; — miseraveis presidios, — nenhuma industria, falta de commercio e de cultura. E não podia deixar de chegar a este deploravel estado de ruina. Tudo, tanto nas sciencias e artes, como nas administrações, não tendo melhoras, não tendo progressos, ficando estacionario, em breve é retrogado. Portugal com os olhos fitos no novo Hemispherio com a riqueza das minas, não se importou com as possessões Africanas. Aquellas estão perdidas já para sempre, mas com estas que ainda existem na posse, Portugal em poucos annos, com boa administração tornará a ganhar seu antigo esplendor. —

Consideremos as possessões de Guiné como colonias Commerciaes e Agriculas, isto é de cultura de

plantas exoticas. Ellas estão em muito melhor situação que as Inglezas e Francezas. Cinco grandes rios, como o de Cazamansa, S. Domingos, Geba, Rio-Grande e Nunez, navegaveis muito pro interior, offerecem faceis meios de communicação, boas vias de commercio e uma fronteira natural d'um paiz, que facilmente se pode occupar e converter para cultura de plantas indigenas, que nos fornecerão productos, que com tanta despeza e trabalho procuramos afôra.

Occupando as embocaduras d'estes rios com pequenos fortes, cuja construcção mui pouco custará ao Governo, em razão da sua utilidade, dilataremos a fronteira maritima desde o rio de S. Pedro até ao Cabo da Verga, e prohibindo de facto a exportação dos escravos de toda esta costa, os habitantes voltarão ás pacificas occupações de agricultura, retomarão o nobre e perdido caracter da humanidade; penetrarão as artes, industria e commercio n'estes selvagens mas ferteis paizes, e Portugal senhor de todos estes rios, conservará facilmente o monopolio d'esta nova esphera d'actividade.

As ilhas do Archipelago adjacente de Bissagos, habitadas hoje por uns ferozes Negros, em breve, de facto serião sujeitas á corôa Portugueza que assim, antes de cem annos, concluida esta grande obra de civilisação, contará aqui mais d'um milhão de subditos.

Os terrenos obtem-se com facilidade dos indigenas: então devem ser repartidos em grandes sesmarias, a proprietarios ricos, zelosos do bem publi-

ço e intelligentes nos seus interesses. Mandem-se vir colonos da Hollanda, Suissa e Allemanha, donde elles trarão a industria e civilisação, e augmentarão assim a população branca sem diminuirmos a do Reino. Favorecendo o Governo os Açorianos, lles hão de preferir estabelecer-se aqui, e com trabalho, sabendo que o ganho é d'elles, enriquecer-se em pouco, do que servirem d'escravos brancos aos Brasileiros. Os degradados formarão debaixo de policia colonias agriculas militares; e assim apôz do accrescimo da agricultura e commercio, teremos tambem força real. —

Bem sabemos que haverá quem considere este esboço d'um brilhante futuro como visões chimericas. Porém no estado actual, caminhando e esperando pela sua total e proxima dissolução, não é possivel assim conservar taes possessões. Pois em breve nos pontos intermediarios desoccupados, estabelecendo-se os estrangeiros, como ja tem principiado, por uma razão mui simples e notoria a todos, acabarão o nosso commercio e cahirão todos os estabelecimentos. —

A Guiné Portugueza deve ser uma colonia d'exportação de producções agriculas como de caffé, arroz, anil, algodão, assucar &c. Um commercio activo, bem entendido, em troca dos generos do paiz a saber, gomma, azeite de palma, marfim, tartaruga, ouro, pelles, couros &c. dará expediente ás producções das nossas fabricas, que não podendo ainda rivalisar nos mercados d'Europa com

os estrangeiros, n'um espaço tão extenso terão sufficiente sahida. Além d'isso, n'um estabelecimento d'estes, com bases tão solidas, pois sobre a agricultura que repousaría este edificio, teremos ainda muita e de superior qualidade madeira, para a construcção naval, de guerra e commercio.

O estado actual de Guiné é como na descuberta, ou peior ainda, pois sem nenhuns haver melhoramentos, vestigios de mão Europea, ha nocivos costumes, usos e superstições inveteradas, obstaculos a qualquer innovação. — Tudo está por fazer, e com tudo é possivel consegui-lo com os rendimentos da Provincia, ficando para o futuro os lucros á Metropoli.

Assim da immediata precizão é, occupar o ilheo dos Mosquitos na foz do Cazamansa, como obter a cessão de *Sedhiou*, ponto que no mesmo rio occuparam os Francezes, violando todos os tractados inclusive o de 1814 feito em Paris, onde claramente se considera este rio de Cazamansa, como pertencente unicamente á corôa Portugueza. Simultaneamente deve-se occupar a embocadura do rio Grande e rio Nunez, formar um estabelecimento na Bolama e ilha das Gallinhas, e pôr uma guarnição nos ilheos do Rei e de Bandim, como tambem no sitio chamado Poilão do Leão.

Já acima temos exposto os motivos d'isso, o que recapitulando agora, podemos asseverar que, na construcção dos seis fortes e algumas batterias não se gastará mais de dous contos de réis, pois por maior

parte, poderão ser no entanto *blockhaus*, cercados com um parapeito guarnecido com artilharia.

Todos estes pontos estão nas nossas mãos a excepção do Rio Grande e Rio Nunez, aonde ha todavia ainda restos de ruinas d'antigos mas abandonados estabelecimentos; por tanto nenhum obstaculo porão os gentios. O certo é, que sabendo-nos insinuar no espirito d'elles, obter-se-ha tudo a bom mercado, tentando estabelecimentos d'agricultura, como p. e. no anno de 1831 foi cedida a ilha das Gallinhas, n'outra occasião a Bolama. &.

A julgar pela quantidade d'ouro em pó e argolas que sahe annualmente de Guiné, não tendo os habitantes nem conhecimentos, nem meios d'explorar as minas, pois se contentam somente a apanhar o que acham nas areas dos rios, e cavando não descem nunca nem tão pouco a duas braças; é des pupôr, que ellas se encontram em grande abundancia. E como é notorio pelas tradições dos viajantes e asserções dos negros, ha muito ouro no Reino de Geba, portanto tambem nas visinhanças do nosso estabelecimento do mesmo nome.

Tomando nos solidez n'este paiz, que obter-se-ha por meio d'agricultura, tendo a suprematía de facto, quem nos poderá prohibir explorar estes thesouros d'Africa? No entanto, talvez ainda nos limites circumscriptos que adoptamos por ora, não sem alguma probabilidade, poder-se-hão encontrar algumas minas.

Por isso não queremos sustentar que em minas sómente existe a arca de salvação de Portugal; mas

tão pouco, como alguns declamadores pouco judiciosos, não vamos estabelecer por axioma, que uma colonia rica em metaes preciosos é uma fonte de males e desgraças, uma cauza d'empobrecimento e despovação da metropoli. Porque não haviamos tirar proveito das riquezas que a terra para o nosso uso conserva no seu seio ? —

Eis a descripção geographica da Provincia das ilhas de C. V. e Costa de Guiné, no desgraçado estado em que está actualmente; deixando apenas ver o muito de que é susceptivel. Com muitissimo talento, conhecimento de causa e profundeza, tratou este mesmo objecto o Exm.° Visconde de Sá de Bandeira, no seu bello relatorio do Ministerio de Ultramar de 19 de Fevereiro de 1836. Oxalá que o sabio Congresso Legislativo attenda como convem e é d'esperar, á justa, mas triste e humilhante comparação que fez este varão das nossas colonias com a do Cabo da Boa-Esperança, que depois de ter escapado das mãos Portuguezas, tanto augmentou em riquezas e população branca: ou com a nova e visinha colonia Americana, *Liberia*, no Cabo-Mesurado, que não tendo ainda trinta annos d'existencia, prospera d'um modo espantoso, e já é superior aos nossos quatrocentanarios estabelecimentos.

Quem n'outras partes se diz zeloso pela honra

nacional, pelo bem estar da patria, quem a ama, e verdadeiramente é patriota, não deixe lugar de fazer semelhante comparação; — o meio de não deixar, é evitar o mal, — e este evita-se cuidando e trabalhando. —

Limitamos aqni a descripção da Provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné; embora sentimos com demasia a sua iusufficiencia, e quanto restava ainda a dizer á pennas mais habeis, que juntassem mais perfeito conhecimento de localidade. —

Haverá de certo, quem releve os erros que nos possam ter escapado. e motivando assim este passo para o adiantamento das Sciencias geographcas de sobejo seremos recompensados d'este trabalho, tanto acima das nossas forças. —

Agora passemos a examinar esta provincia em todas as suas miudezas principiando pela

Agricultura.

Apezar do solo muito productivo, e de todas as circumstancias favoraveis a uma vegetação mui activa, custa dizer que esta colonia, estando na posse d'Europeos ha quatrocentos annos, ainda está como na primitiva. As possessões Inglezas e Francezas, muito visinhas na costa de Guiné, apresentam um aspecto bem differente. Em Cabo-Verde não ha um jardim, nem uma plantação feita como deve ser. A agricultura tem os limites mui pouco extensos. —

As Ilhas de Santiago e do Fogo, compõem-se de uma immensidade dos chamados morgados, que entre se possuem quasi todo o terreno, e por este motivo, a maior parte dos individuos não tem terras proprias para trabalharem; o que não acontece nas ilhas adjacentes, como v. gr. na Brava, S. Nicoláo ou no S. Antão, onde as terras são mais repartidas, e os habitantes por tanto mais laboriosos. N'estas ilhas, onde ha taes morgados, por maior parte muito insignificantes, vê-se mais terreno inculto: porque não tendo elles meios para cultivar todas as terras, não as podem vender, e ninguem quer aforar ou arrendar, receando de levantarem o preço, depois de terem feito melhoramentos, como temos presenciado. Assim quasi toda a ilha de Santiago pertence a estes morgados: e não

de direito creio, pois o Governador Marinho mandando apresentar os titulos de propriedade de diversas terras incultas, de que elles se diziam proprietarios, não appareceram. Infelizmente não teve execução esta ordem: deviam todos que não apresentassem seus titulos ou não principiassem no espaço de tres mezes, a cultivar terras que chamavam suas, perde-las. Sômos da mesma opinião que esta medida devia-se pôr em execução e todas as terras que não pertencessem legalmente a particulares, serem das Camaras Municipaes, ou entrar no numero dos Bens Nacionaes. Parecia é verdade, que reunidos os bens em uma mão, deviam em razão dos maiores meios, produzir melhores resultados. Como os *vadios* não querem trabalhar, e necessita-se para a lavoura de escravos, que possuem os proprietarios ou morgados: empregando-os no trabalho das suas terras e trapixes, ou criação dos gados, podiam tirar maior proveito d'este importante exercicio. Porém habituados como os vadios, a uma vida molle e ociosa, livre e apathica no centro das suas herdades, aonde tudo deviam possuir com abundancia, occupados unicamente n'um esboço de cultura da canna d'assucar, pelo ideal interesse da aguardente, despresam outra qualquer, que não seja a pequena porção de mandioca e arroz para as suas mezas, e no tempo das aguas, o milho e feijão que suppõem bastante para o sustento da sua familia n'aquelle anno: do que provém, viverem quasi todos miseravelmente. Assistem em palhoças, cazinhas de pedra e barro, sem reboco nem solho, vivendo pouco melhor d'hum campo-

nez da Beira. Exceptuaremos d'esta regra o digno Coronel de milicias, Luiz Freire d'Andrade, que tem a melhor caza em Santiago, aranjada a Europea, e a mais dous ou tres lavradores. Este estado se transmitte de pais a filhos, aos quaes faltando-lhes a educação, não tem outras ideas nem conhecimentos, se não dos objectos, que tem diariamente ante os olhos. D'esta forma cercados de negros, escravos ou livres, todos seus domesticos, para se verem mais tranquillos, cedem desde logo nas mãos d'algum d'aquelles, a administração de suas fazendas e seus teres: o qual feitor ignorante como seu amo, concorre do seu melhor para a ruina d'elle. —

O milho, como dissemos, feijão e aboboras [que chamam aqui *roca*] são os generos do primeiro cuidado, mas isso mesmo unicamente quanto basta para o seu presente passadio. Cultivam tambem pelas ribeiras a mandioca, [*aipim* do Brazil] a batata doce, hortaliça, a banana, o coco e outra fruta: sobre tudo a canna d'assucar, para o fabrico d'aguardente e o melaço; porém poucos são que saibam fazer bom assucar.

Todas as ilhas tem duas vezes por anno muito boa uva, em parreiras altas ou latadas. Os habitantes de S. Nicoláo e S. Antão extrahem d'ella um liquido, a que chamam vinho, e que eu apezar elles o acharem muito bom, tomei por uma dissolução de vinagre; tambem geralmente tem o nome de mijarella: é como o peior vinho verde no Minho: bebem-o em

mosto, e o que vai ás vasilhas, não o deixam, nem sabem fazer ferver.

Tem feito ha cinco annos, alguns periodicos do movimento, grande carga ao então Prefeito M. A. Martins, por mandar arrancar as vinhas na ilha de S. Antão. — Convem repetir o que já declaramos, que não sômos partidarios d'este Cavalheiro, [como lá se diz *martinistas*] mas nem por isso deixaremos de ser imparciaes, declarando como escriptor, meramente a nossa opinião, embora alguem a considere errada, por causas que não podemos alcançar. Portanto se este facto a primeira vista parece arbitrario e despotico, elle teve lugar no anno immediato a ultima grande fome, e n'esta circumstancia acha alguma desculpa. Sr. Martins tem as maiores fazendas n'esta ilha, e deu o primeiro exemplo. que seguiram alguns que tinham raciocinio; elle então como Prefeito n'este tempo, mandou arrancar mais algumas vinhas para aproveitar o terreno a generos mais uteis, e necessarios para combater a fome ainda sensivel.

A experiencia com tempo provou, que não se conseguia fabricar bom vinho no S. Antão; pois então, claro é, que prosperando alì muito bem o caffé, deve-se substitui-lo ás vinhas. Ao contrario na ilha do Fogo o vinho é muito bom, achei o melhor do vinho do Termo, e ha de produzir com abundancia, nas cinzas volcanicas da ilha, como temos exemplo no Vesuvio e no Aetna. Antigamente havia n'esta ilha muita mais vinha, como se vê d'an-

tigos inventarios e testamentos, e de que hoje nem sinaes existem.

A cultura do tabaco é geral: o melhor é na ilha do Fogo e de S. Antão, mas é em mui pequena quantidade, podendo ser um ramo de comercio e riqueza do paiz.

O Contracto compra tabaco de fora, e sommas avultadas sahem annualmente do paiz em troca d'esta erva; porque não se empôra a condição, que o dito Contracto sejá obrigado a comprar a folha, quanta houver nas Provincias Ultramarinas? — nas Ilhas de Cabo-Verde, p. e. 2$000 Arrobas. Este tabaco comprado lá a 100 rs. em moeda corrente a libra, deixaria 6:400$000 rs. na provincia. Este systema é seguido em todos os paizes, aonde sem terem as formas chamadas liberaes, existe um governo, que cuida no real bem dos habitantes, e na prosperidade do paiz; assim é na Prussia, Austria, Russia, Polonia, &, aonde a cultura d' esta planta sendo livre, mas fiscalisada pelo Contracto, chegou por isso a offerecer muito boas variedades d'igual qualidade ao tabaco do Oriente.

No anno 1836 mandou o então Governador da Provincia o Coronel Arouca, uma porção de tabaco da ilha do Fogo, aos Contractadores de Lisboa. Apezar de crescer no estado de natureza sem cultura alguma, é muito melhor que, o que nos offerece o Contracto, como todos pessoas que e o viram, concordaram. —

Eis aqui uma idea geral e succincta da agricultu-

ra na ilhas de C. V. que agora recapitulando, mais havemos esclarecer e analysar,

O trabalho na cultura do principal artigo, isto é do milho e feijão, não é, se não de queimar os matos e restolhos no mez de Maio e Junho, para semear no Julho e Agosto. O trabalhador abre no terreno com o calcanhar, ou com um prego, faca ou páu, uma pequena cova, aonde deita um grão de milho e tres ou quatro de feijão, cobrindo com a mão ou pé estas sementes. Este trabalho espera no mez seguinte a estação das aguas, que não faltando, está a colheita certa. D'este modo é evidente, que com uma cultura tão bruta, o colono necessita grande numero de escravos, e o jornaleiro além de custar muito a acha-lo, sahiria muito caro. Portanto deve-se introduzir quanto antes o uso d'instrumentos e maquinas agriculas. Não podemos com tudo deixar de notar, que o Sr. João Dias, proprietario de S. Nicoláo, ja tentou lavrar um bocado de terreno com o arado: semeou milho, mas obteve sômente palha muito alta, cannas mui grossas, as espigas mui bellas, porém sem grão. Seria conveniente averiguar, se este defeito proveiu por ter enterrado muito as sementes, ou algum outro motivo, que nós por ora, não nos aventuramos d'explicar. —

Ha aqui algumas variedades de milho, geralmente de côr branca, que conforme a maior parte d'expertos agronomos, dá menos gostosa farinha, que o milho amarello.

Assim mesmo facil é ajuizar da fertilidade d'estas terras, sabendo que havendo um moio de co-

lheita por uma quarta de semeadura, elles chamam isso máo anno. —

Quanto a feijão do qual ha muitissimo, distinguem-se principalmente tres especies; *bujinho*, *bonjo*, e *bongalon*. O primeiro é bravo, sem ser semeado renasce, e chovendo, cobre os montes e valles. E' branco, do tamanho do vulgarmente chamado da Hollanda, mas pouco gostoso para comer: tem a pelle muito dura e o miolo cozendo desfaz-se. N' esta especie ha uma variedade venenosa, que porém os naturaes apezar da grande semelhança sabem distinguir. O *bonjo* é mais pequeno e redondo: é preto rajado e amarello, e tem melhor gosto.

Quanto á terceira especie, é como o nosso feijão frade, bom de qualidade e gosto, e de côr sobre a de caffé. Na ilha de Santiago ha ainda outra variedade, de côr branca rajada com encarnado, que chamam *pai de familia* —

Em annos caros chega-se a vender até 1000 reis o alqueire *

Encontra-se não menos, em todas as ilhas, uma grande quantidade d'aboboras, principalmente em Santiago, Brava e S. Nicoláo. Algumas variedades que tem, todas são muito doces e saborosas: as maiores não passam pórem de doze libras. Ha em San-

[*] O Leitor fica prevenido que todas as vezes que fallarmos em moios ou alqueires, intendemos a medida do paiz que corresponde a $2\frac{1}{2}$ de Lisboa.

tiago uma variedade silvestre, que produz no campo pelos matos e nas montanhas; são do tamanho de ballas de cal. 3 — 6, redondas, verdes rajadas d'amarello: guizadas são mui gostosas.

Resta-nos ainda fallar da mandioca; esta planta utilissima cultivam e tratam melhor; como tambem consideram a como genero de primeira necessidade, não ha ninguem que não aproveite para a cultura um bocadinho do melhor do seu terreno. A mandioca chega a altura de um homem, e cresce só por uma haste, no extremo da qual sahem vergontas com suas bellas folhas d'um vivo verde. E' a estas vergontas que cortam para a nova plantação. Todo trabalho por tanto consiste em espettar bocadinhos d'estes ramos na terra que, assim pegam e para o anno já dão uma raiz sofrivel.

Não exige outro algum cuidado, a não ser a terra previamente bem cavada, e depois feita em regos. A mandioca produz em sequeiro, mas a de regadio é mais gostosa. — Por um acaso ou engano se intruduziu uma especie venenosa, mas felizmente á tempo foi extincta.

Todos sabem que a raiz é fructo que se come, e tanto nos paizes da zona torrida corresponde ao uso e grande serviço que aos camponezes das regiões septentrionaes faz a batata. —

A raiz da mandioca ê oblonga, com a casca da côr da terra: seu gosto mesmo em crua não é desagradavel, e partindo-a á mão ou faca, em fresca larga um liquido braneo,

Se fica dous ou tres annos na terra, toma raizes que pesam mais de uma arroba. —

A abundancia que ha d'esta planta, podia ser ainda incomparavelmente maior, se não se contentassem senão com aquella quantia que acham indispensavel para o seu sustento: com a qual, cozida, guizada ou assada supprem o uso do pão e fazem o principal alimento. Seu preço geralmente é de seis a dez por um vintem, e sendo comprada no terreno é 150 rs. cada rego. —

Da mandioca do regadio fazem alguns uma especie de farinha, como aquella que chamam no Brazil, farinha de páo. Em S. Nicoláo é a maior porção d'ella que se faz ainda; porém tanto aqui, como em Santiago, tão pequena é a quantidade que mais parece ser para amostras. O processo que para isso usam, não menos é insufficiente, como adiante veremos. —

Quanto a cultura do caffé, não é sujeita aqui a nenhum systema: o arbusto cresce, colhe-se o fructo, e se descasca, pizando-o n'um pilão grosseiro. Ninguem se dá ao trabalho que exige esta arvore, que sendo bem amanhada, e bem tratada, dá um producto incomparavelmente maior d'aquelle, que obtem hoje em dia os habitantes, deixando-a vegetar no estado da natureza. —

Os logares mais convenientes a plantações de caffé, são geralmente em terras substanciaes de outeiros, mediocremente regadas pela chuva. Prosperam

muito bem no declivio de collinas alguma cousa sombreadas, mas sem subirem a mui grande altura; pois as experiencias provaram, que o medio termo do calorico qne exige esta planta, é constantemente entre 10.°—25.° de Thermo: de Reaumure. Nos cumos das montanhas, a repentina variação da atmosphera é nocivel, a vegetação é fraca, e a colheita escassa: como tambem em uma temperatura constantemente mais elevada, o tronco cresce com rapidez, apresenta a arvore um aspecto magestoso, mas com pouco fructo. O sitio mais vantajoso para caffetaes, é nos roçados bosques que tem chão fundo e substancial. As terras virgens são muito boas, tanto mais que poupam muita despeza ao colono. Assim p. e. na ilha de Santiago, todos os contornos da Villa da Praia são bons para plantações, mesmo talvez a chada grande.—

Tendo pois feito a escolha do terreno, e revolvido a terra por vezes com lavras bem fundas, escolhem-se para semear os mais grossos graõs, que provem d'especies reconhecidas por mais productivas; assim ficam um mez até seis semanas sem germinar. Ao fim d'um anno ou de quinze mezes, são os renovos assaz fortes para mudar de terreno. Com cuidado tira-se então cada pé com seu torrãozinho de terra, para ser transplantado. Fazem-se covas em xadrez na distancia de dez a doze pés, onde se depositam estas plantas. No quinto anno os cafeeiros produzem fructo: n'esta epoca retem-se o crescimen-

to vertical cortando os topos, para não terem mais de cinco ou seis pés d'altura. Isto tambem fazem geralmente nas ilhas. O fim d'esta operação é, augmentar o numero dos ramos fructiferos, e facilitar a colheita, para sendo as arvores mais altas, não se quebrarem os ramos. Para preservar as cafetaes dos ardentes raios do sol e golpes de ventos que geralmente são frequentes nas colonias, plantam-se arvores nos intervallos, na direcção do vento. Na ilha de Mascareigne, aonde os caffetaes servem de modelo, plantaram a Arvore de pão. — Not. 4. —

Os Cafeeiros dão flor ordinariamente duas vezes no anno, mas é quasi sem interrupção, de sorte que estes elegantes arbustos são sempre ornados de flores, e carregados de vermelhos bagos. De tempo a tempo deve-se colher os maduros, quando o encarnado passa a ser preto.

Ha varios modos de tirar os grãos de caffé da capa carnuda, pois não é senão depois d'esta operação que entram no commercio. E isso não é pequeno artigo, mas bem digno d'attenção. Uns expõem os bagos por camadas, ao vigor do sol, tendo cuidado de remeche-los frequentemente: alguns antes d'isso, mettem-os n'agua por dous dias. Este costume muito máo existe tambem n'esta provincia: o caffe obtem assim, uma côr cinzenta, e perde muita estima. Aqui pizam-o ainda depois n'um pilão de madeira, de sorte que quasi todos grãos ficam esmagados. O methodo mais usado nas colonias francezas é o melhor, pois dá as qualidades mais estimadas; consiste em fazer passar os ba-

gos verdes n'um moinho chamado *grage* em francez: lá tira-se toda a pulpa, e os grãos ficam somente cobertos com uma ligeira pellicula que secca ao sol ou em especies de estufas.

De S. Nicoláo vem assim o melhor caffé, pois no mesmo dia que o apanham, separam-o da casca n'um pilão, o lavam logo em agua corridia e depois o seccam. Nas ilhas de S. Antão e Santiago, onde é a maior quantidade, tem o máo costume de o deixar estar alguns dias n'agua para amollecer mais a casca e facilitar a sua separação, o que muito lhe altera o gosto. —

O caffé foi intruduzido nas ilhas de Cabo-Verde no anno de 1790 de cinco sementes que obteve Antonio Leite, Feitor da Fazenda Nacional. Depois d'esta experiencia corôada com feliz resultado, mandou vir o digno coronel de milicias, Joaquim José Pereira, negociante de Santiago, uma porção de caffé das Antillas, que confiada ao grato terreno, augmentou d'então para cá esta cultura. Porém pelo ideal interesse da aguardente, que extrahem da canna d'assucar, abandonam os habitantes de tal modo este genero que presentemente de todas as ilhas não se exporta mais de 3200 arrobas annualmente. O Capitão Tenente L. Lima calculou erradamente a plantação do caffé no Archipelago a um milhão de pés e disse que, graças a *benefica providencia* do Governo que elle pode obter, de se comprar por dez annos a 70 reis a libra todo o caffe, augmentaria se muito

mais ainda. Com tudo não chega a 100$000 o numero total de pés existentes hoje, e a *providencia benefica* não produziu resultado: maior vantagem fará por certo a ultimente decretada livre entrada d'elle em Portugal. Não duvido porém que com mais algumas uteis providencias, possa haver aquelle numero e então a exportação d'este genero equivalerá a 300 contos; o que com boas medidas em quatro annos já podiamos ver realisado. —

Antigamente havia muito mais caffetaes do que ha actualmente; d'esta declinação a culpa é dos passados Governos que, p. e. sobre o valor que tinha então no mercado de Lx. de 2$400 rs. por arroba, o deixavam carregar com enorme direito de 32 %. Chegou d'este modo um tempo que não valia 20 rs. o arratel de caffé nas ilhas, a ponto que muitos lavradores desesperados arrancaram-o, para plantar milho ou canna d'assucar.

E' porém ainda ao nobre Visconde de Sá que competiu fazer este bem á metropoli e ás terras irmãs transatlanticas; foi elle que aboliu este execravel direito, e com a importação livre, veremos em breve que os habitantes convencidos das suas vantagens, não deixarão de cobrir todos os terrenos com estas arvores que podem constituir o archipelago n'uma das mais ricas provincias. —

A introducção da cultura da canna d'assucar no novo mundo fez uma enorme revolução commercial; o producto tirado d'esta planta, principiou

d'então a ser um artigo de tanta importancia e necessidade que esperamos se nos releve, tratar mais largamente esta tão importante materia. —

As descobertas maravilhosas que a ousadia dos navegadores Europeos operou no fim do XV.° seculo e durante do XVI.°, reproduziram um systema d'interesses novos, debaixo do imperio dos quaes ainda ficam as nações commerciantes. Favorecidos por felizes circumstancias, os povos da Peninsula Iberica extenderam sua dominação exclusiva sobre uma grande parte d'America de norte, e sobre toda a do sul. Em breve muitas feitorias e possessões numerosas cobriram os mares.

A Inglaterra que tão grande proveito colheu a final n'esta fortuna a todos aberta, Hollanda da qual a sorte por longo tempo florescente, justificou a sua bella devisa — *Concordia parvae res crescunt. Discordia maximae dillabuntur.* — a França hojé quasi desherdada, todas estas nações tiveram seus dias de gloria e esplendor. Vieram tarde para tomar a primeira parte na partilha do novo mundo, mas no XVII.° seculo conseguiram formar bellos estabelecimentos na America, e nas Indias. Estas colonias hoje são brilhantes, são no auge de esplendor, mas a quem devem p. e. as Antillas esta sua prosperidade? Não é a industria fabril, não é a minas, nem a commercio, é à *Agricultura*, é à cultura da canna d'assucar.

Os primeiros chefes de colonias precizavam dirigir para um fim util os trabalhos dos homens, que tinham tomado a decisão de seguir a sua sor-

té nas ilhas Americanas. Contava-se com o commercio contrabandista, muito lucrativo é verdade com o continente hespanhol e portuguez, porém este recurso era incerto. A agricultura então devia dar o necessario sustento, e reproduzir objectos susceptiveis para servir de troca com outros que se podia esperar somente da industria Europea. Os productos no principio erão limitados. O tabaco cujo gosto principiava generalisar-se, tendo a cultura muito facil, foi o primeiro objecto. Cacáo que nascia espontaneamente, um pouco d'algodão, e madeiras de tinturaria e marchetaria: eis tudo que os colonos introduziam no commercio. Tambem as relações de navegação das colonos francezes e inglezes com a mai patria erão irregulares. As desordens d'estes paizes não deixavam deverger allí a attenção: do que os patientes e laboriosos Hollandezes tiraram o unico proveito. N'este tempo se introduziu a canna d'assucar no novo mundo. Esta innovação deu nova importancia ás colonias. Os Governos abriram os olhos, e os sagazes souberam tirar o proveito. —

Que semelhança não tem este quadro das colonias Antillas no principio do XVI° seculo, nos primeiros dias da infancia da sua existencia com o estado actual das nossas colonias, p. e. com esta de que tratamos, das ilhas de C. V. e Guiné. E quanto diverso não seria, se como devia ser, fosse generalisada assiduamente a cultura da canna d'assucar tanto no archipelago como em Guiné.

As pequenas amostras que allí temos, são de pro-

va sufficiente que em grande não menos bem prosperava; que seria então em Guiné!

O assucar principiou a ser conhecido muito tarde na Europa. Os antigos escriptores não fazem menção alguma: apenas é indicado n'uma pequena passagem de Theophrastes, que viveu tres seculos antes da era Christã. Segundo Paulo d'Egina, no VII.° seculo pouco conhecido ainda era o assucar, e alguns seculos até passaram, antes que o uso ficasse geral.

A canna d'assucar é originaria da Asia Oriental, cresce no sul da China, no Archipelago da India, nos Imperios de Siam e Cochinchina. De lá parece, passou ao Indostano, depois á Arabia, donde foi transplantada nas beiras do Mediterranneo no continente d'Africa. Com estas transmigrações da planta, andou tambem a maneira de fabricar o assucar, e assim provavelmente foram as conquistas dos Arabes e Sarracenos que desenvolveram em Europa esta consumação. No decurso do 9.° seculo os Sarracenos, senhores das ilhas de Rhode, Chypro, e Sicilia introduziram allí a canna; como conquistando os reinos de Valença, Murcia e Granada, n'aquelles a naturalisaram; e no XII° seculo já os mercantes Venezianos por melhor preço compravam o assucar na Sicilia que no Egypto. As cruzadas pelo contacto dos povos do Occidente com os do Oriente, generalisaram finalmente o gosto e até a necessidade d'este genero. No principio do XV°

seculo os Portuguezes levaram plantas para as ilhas Canarias e Madeira *. Até suppõe se que d'esta ultima passou a America, apezar do que alguns lá a fazem originaria. O assucar n'este tempo variava muito conforme os paizes, a cultura e o fabrico. O da Madeira era superior, preferido ao Arabe, e áquelle que vinha do Egypto.

A pequena ilha de S. Thomé de baixo do equador tinha no XVI.° seculo mais de quarenta engenhos e produzia quatro milhões de libras. Occupava então Portugal o Brasil, e por via d'este genero, Portugal durante dous seculos tinha o monopolio na provisão d'Europa, e a elle deveu Lisboa a maior epoca do seu esplendor. — Porem em breve as Antillas, Barbadas, Cuba, Porto Rico &. se pozeram em rivalidade com o Brazil; cahiu em fim do extenso colosso este braço, e as outras colonias deixadas em abandono em nada compensam esta perda. Voltemos pois os olhos para ellas e sem precisar d'importação estrangeira, as Ilhas de Cabo Verde e as possessões na Costa de Guiné darão bastante assucar para fornecer Portugal.

Nas ilhas de Cabo Verde ha duas variedades: o *Saccharum Officinalis*, e o ultimamente introduzido *Sa*:

* N'esta ultima, o quinto que D. Henrique reservou para a corôa, subiu a mil quinhentas barricas d'assucar, por conseguinte a producção era de 7$500 barricas: o que equivaleria agora a 562:000$000 rs. e o quinto como rendimento da corôa vinha a ser 112:500$900 réis.

violuteum, chamado nestas ilhas *Canna de Cayenna*. Este ultimo que tem cannas mui grandes, dá muito rum, porém o assucar é mais trigueiro. As applicações fabris de canna, tanto para a confeição d'aguardente como do assucar, não sendo da direita competencia do agricula, mas oriundas da industria, é n'aquelle logar que as analisaremos. Aqui juntaremos sómente algumas ideas sobre a cultura d'esta planta.

No Archipelago das ilhas de Cabo Verde se encontra a canna d'assucar d'ambas as especies. E' porem só nas ilhas de Santiago, S. Antão e S. Nicoláo que se dão a esta cultura, e n'ella procedem do modo seguinte.

Cavam a terra dous palmos de fundo e depois formam uma especie de canteiros, no meio dos quaes fazem covas para as cannas: em cada cova põem tres bocados de canna com olho, n'uma situação quasi horizontal, formando tres angulos iguaes; cobrem-os com terra e regam. D'allí a quinze dias mondam a erva que principia a crescer, e n'um mez ou quarenta dias, puxam a capa fóra para facilitar o desenvolvimento do olho. Dous mezes e meio depois remexem a terra á roda, e tendo as cannas perto de dous pés de altura, deixam as crescer sem algum tratamento.

O Sr. João Dias experimentou em S. Nicoláo de plantar e cultivar canna de sequeiro, isto é, sem ser regada; e se n'esta tentativa foi coberto d'irrisões, recompensou-se amplamente com a colheita, a pon-

to de já ter alguns imitadores. Um terreno de valor de 18$000 rs deu-lhe tres pipas d'aguardente.

A qualidade do terreno influe muito sobre a cultura d'esta planta. Em sitios humidos e terras fortes as cannas são maiores e mais grossas, mas menos assucarado é o çumo: em terras aridas este é mui escasso e pouco cresce a canna. Entre estes dous extremos deve-se escolher as terras leves. Antes da plantação prepara-se o chão, em abrindo fossos de dous pés em quadro, separados por intervallos d'uns dous palmos; estes augmentam-se em terrenos fortes, diminuem em terras fracas. A terra que sahe dos fossos põe-se d'um lado, para formar como um rego continuo. Assim fica um até dous mezes exposta ao ar, para se dividir, ser mais leve e arejada e ajudar, d'este modo a pegarem as cannas.

Quando ha falta de meios e braços, pode-se abrir largos regos com arado; este meio é mais economico, mas a vegetação nunca é tão bella, e nos terrenos inclinados a chuva leva e desloca facilmente as superficiaes camadas de terra.

O estrumo mais conveniente para a canna d'assucar é proveniente dos cavallos, machos e burros.

A experiencia mostrou que as cannas plantadas d'estaca melhores davam resultados do que semeadas. Cortam-se a dous palmos de comprimento as pontas das cannas que chegaram a toda a perfeição, para formar os renovos destinados para a reproducção. Este processo é mui vantajoso, como a parte superior das cannas contem menos succo no igual

comprimento, por ter os nôs mais chegados, e produz assim mais renovos.

O tempo mais favoravel para a plantação das cannas é aquelle que precede as chuvas: pois é necessario que as raizes principiem a desenvolver-se, antes que a terra sejá molhada de todo: sem isso os renovos da vegetação, não poderiam resistir por muito á humidade. A extrema secca não menos porem é nociva. Nas ilhas de Cabo-Verde os mezes mais convenientes são de Maio e Junho. Põe-se as estacas destinadas para serem plantadas, na terra por tres n'uma posição quasi horisontal, isto é n' um angulo com o horisonte de 8.° — 10.°: cobrem-se ligeiramente com terra, e como é preciso que as cannas tenham um desenvolvimento rapido e facil, monda-se o terreno tres ou quatro vezes, tirando as ervas e plantas parasitas com raizes. Chegando as cannas á altura de tres pés, o mondar é superfluo. Alguns cultivam milho nos intervallos, mas esta pratica é nociva e dá mais perda que ganho. —

A florescencia é no mez d'Agosto, quando os nôs são bem formados e a superficie exterior dura: as folhas que chegaram a todo o desenvolvimento seccam então e cahem no chão; depois do corte servem ainda para alimentar o lume das fornalhas ou para liteiras.

A madureza da canna é completa aos 16 para 18 mezes para as cannas plantadas: quanto aos renovas das vergonteas estas dão cannas cuja madurez menos demorada, pois chega antes de 15 mezes ao mais tarde. Em dez mezes depois da plantação

principia a rebentar das cannas a haste que traz as flores. Dous mezes então antes, deve principiar o corte, e senão fôra acabado em breve, é melhor suspende-lo, para terminar depois da florescencia. Pois com effeito n'aquella occasião a canna é ôca, tem pouco çumo e este alterado: a vegetação rapida do haste parasita e a flor parecem esgotar todo o çumo da canna.

O corte faz-se com um machadinho proprio e quasi rente á terra; para ajudar que entrem melhor nos cylindros das imprensas corta-se cada canna ainda em dous ou tres bocados de tres palmos e meio, com corte chanfrado. Finalmente sempre se deve cortar só aquella quantia, que sem demora possa ser exprimida.

Todos os annos deve-se renovar mais ou menos o quinto da plantação: apezar de que em terras bem cultivadas os pés duram bem dez até quinze annos. As vezes antes de se plantar, deixa-se descançar a terra reservando-a para pastos; mas melhor é alterar a cultura estrumando bem o terreno.

Temos assim contado o modo de que usam na cultura d'esta planta nas ilhas de Cabo-Verde, e seguindo com algumas ideas geraes sobre este objecto, lembramos ainda quanto mais vantajoso e economico seria substituir o arado á enxada que pouco abre o terreno, — objecto quasi essencial. —

Julgo que mais conveniente seria, abandonar as mesquinhas plantações de canna nas ilhas de Ca-

bo-Verde e faze-las em grande em Guiné, aonde a abundancia de combustivel e maior barateza de jornaleiro mais animarão o colono. — Em Guiné muito mais em conta virá a sahir tanto o assucar como a aguardente que em qualquer outro paiz, donde tanto se exporta annualmente. Ainda que nas ilhas as cannas occupam os melhores terrenos, nunca podeãor influir sobre a riqueza do paiz. Resta-nos lembrar sómente que algum tanto seria talvez impolitico fazer aguardente em Guiné.

Em quanto as diversas outras producções do reino vegetal d'este archipelago, teremos ainda logar de fallar, em tratando do clima e dos productos naturaes d'esta provincia; no entanto direi ainda duas palabras sobre duas plantas, que sendo indigenas e de muita importancia, merecem a nossa attenção.— E' o algodoeiro [Gossypium] e o anil [Indigo tintofera]. Da primeira que nasceu e consiste em dia a riqueza de muitas partes do globo. A variedade existente n'este archipelago é a mesma que se encontra em toda a costa d'Africa: é o *Gossypium Arboreum.* Pelo pouco trabalho que requer em comparação dos lucros immediatos que dá, deve em primeiro lugar attrahir a nossa attenção. A sua utilidade é tão geralmente conhecida como é universal o seu uzo. No estado da natureza cresce esta planta por todas as ilhas, mas sem ser sujeita a nenhuma cultura, nem cuidado mesmo no apanho, o qual e tão insignificante, que annualmente vem uma porção consideravel da America, podendo esta Provincia

produzir bastante para seu uso, confeição dos seus pannos, e ainda exportar algum. — Encontra-se tambem nas ilhas o *G. herbaceum*, como e uma variedade que dá uma lã amarella, que julgo será o pelo Dr. Rohr chamado *Algodão de Sião trigueiro lizo.* D'este algodão podia-se fabricar bellas gangas como na China, pois por lavagem não perde a suave côr amarella que tem da natureza.

Em geral o algodoeiro é bem indifferente a natureza do terreno. Tendo escolhido o logar para uma plantação, é necessario prepara-lo por meio de lavras bem fundas. A semente bem limpa da felpa, vinte e quatro horas antes de ser lançada, pode ser molhada n'agua, e depois das plantas terem já um pé d'altura, deve-se cortar o ramo terminal. E' necessario frequentemente mondar o terreno. Um terreno de 300 braças em quadro, bem tratado dará annualmente até 400 libras de algodão esbrugado e limpo, contando a colheita a razão de quatro libras por pé. Um escravo empregado no trato d'uma plantação d'algodão de 500 pés dá 200$000 rs. de rendimento annual.

A parte não menos importante é o alimpar; na India faz-se esta operação com os dedos, preparando logo os fios para tecer na sua disposição nativa: talvez por isso tão finas fazendas lá fazem. Aqui porém aonde esta applicação não existe, tão pouco é conhecido o mecanismo dos simples engenhos, usados n'outras partes do mundo para esse fim. Na A-

merica servem para isso dois rollos canellados horizontaes, que giram em direcções oppostas; por meio d'um alçapé semelhante ao dos amoladores, com o pé postos em movimento, quando a mão lhes apresenta o algodão, elles o attrahem, agarram e já desembaraçado dos grãos, que cahem por terra, entregam. Aqui nas ilhas tiram a semente em cima de uma taboa liza com um páo delgado e roliço, rolando-o por cima do algodão. Para sacudir alguma palha ou argueiros usam de um, como arco e pondo o algodão no fio que faz dobrar a vara, este pela sua elasticidade expelle tudo estranho, ficando o algodão limpo para fiar-se.

Vêmos assim que falta introduzir um methodo regular na cultura, como tambem e nas maquinas, se com este nome quizermos ennobrecer o tão simples apparelho que serve para alimpar o algodão; pois de modo que ainda nas ilhas se usa, mal se obtem uma libra por dia, podendo uma pessoa com o apparelho qne acima temos descripto, aprompta quarenta ou cincoenta libras.—

Se esta cultura fosse com tudo emprehendida n'esta Provincia em grande pé, talvez que seria mais conveniente, serem as remessas feitas para Portugal em rama, e aqui desbolhando o grão, acharião alguns pobres o sustento; aquellas sementes podiam ser ainda aproveitadas para fabrico d'azeite: e o colono não perdia o seu tempo com esta occupação mais fabril do que agricula.

Porém actualmente nem o preço convida, nem esta cultura levaria vantajem á do caffe.

O Dr. Castilho disse na sua Memoria, que o algodoeiro foi introduzido e plantado pela primeira vez nas ilhas, no anno de 1795. O illustre Dr. creio estava enganado; esta planta é indigena n'estas ilhas: pois em todas, e principalmente no S. Antão, observei que sem cultura cobria grandes porções de terreno entre rochas, aonde nunca foi semeada, e pouco é provavel, que o vento levasse a semente.—

Alem d'isso o Capitão Roberts falla muito na sua viagem que fez a estas ilhas no anno de 1760, do muito algodão que encontrou em tal abundancia que até se exportava; — o que não acontece hojé em dia: muito diminuiu assim a cultura d'esta planta, pois a dizer verdade não ha presentemente nenhuma plantação d'algodão.

Na ilha de S. Nicoláo ha ainda um pedaço seguido, no sitio chamado *João Calainho* e outro desde a *Figueira do Coxo* ate a ponta de leste, pela parte do norte. Este campo que tem perto de cinco legoas de comprimento, foi outr'ora todo coberto d'algodoeiros. Na ilha da Boa-Vista, só propria para esta cultura, a maior plantaçaõ que vi, foi na fazenda do Sr. Hippolito, que realmente é um dos melhores agricultores, e diariamente introduz melhorias nas suas terras; mas com tudo esta plantaçaõ não passava d'uns sessenta passos em quadro.

No Archipelago convem muito a cultura do algodoeiro á ilha da Boa-Vista, Maio e ás desertas de S. Luzia e Raza. Porém as grandes plantações d'es-

te arbusto devem-se fazer em Guiné. O Governo tratará de melhorar as especies, mandando-as vir de fora, e propagando-as nos seus jardins d'acclimatação. Carregando com fortes direitos o algodão em rama estrangeiro, e isentando d'elles o que vier das nossas colonias, será de sobejo animadoquem se derá a esta cultura.

Não é mais cultivada a outra planta com que a natureza mimoseou estas terras. E' o *Anil.* [Indigofera.] Das cinco distinctas especies, é a *Indigofera tinctoria.* L. que se acha n'estas ilhas. Os grandes interesses, que o industrioso colono tira n'outras partes d'esta planta, fazem d'ella um ramo muito importante. Porém infelizmente até hoje não ha n'esta provincia uma só Indigoaria. Tanto a cultura, como a colheita e o fabrico são feitos sem methodo.

A theoria da cultura das plantas indigoferas é muito importante, pois a pezar d'ellas geralmente offerecerem grandes vantagens, tambem são sujeitas á damnos consideraveis. Demasiado calor, escacez e suprabundancia d'agua, grandes ventos, bixos e outras circumstancias accidentaes, exercem influxos tão desfavoraveis sobre esta planta delicada, que muitas vezes, não é senão á força de cautellas e trabalhos que se pode salvar uma parte da colheita. Mas assim mesmo, temos exemplo que nas Antillas, na Martinica, Haiti, no Guatimala, na cos-

ta de Coromandel, no Egypto e muitas outras partes, os habitantes por amor do trabalho não deixaram de cultiva-la, antes ao contrario, esmeram-se em introduzir melhoramentos. Aqui porém nas ilhas de Cabo-Verde, tudo é em contrario; n'outros tempos havia grandes indigoarias, principalmente na ilha de S. Antão, aonde em dous estabelecimentos, se fabricava a tinta, como logo veremos, em fallando sobre a industria. Hojé em dia ninguem planta o anil; cresce bravo, e este mesmo ha pouco quem o colha para preparar os gr osseiros bolos, nos quaes desfeitos tingem seus pannos e tecidos d'algodão.

Uma indigoaria não requer tantas miudezas, coma uma assucararia. Não preciza muito terreno, porque poucos animaes lhe bastam para sua lavra, e por consequencia não se exige grandes pastos para os sustentar; por tanto esta cultura mais couforme com os pequenos teres dos habitantes, grandes lucros havia de dar n'estas ilhas. Tendo comparado os methodos usados nas Antillas, Haiti e Egypto com as particularidades d'esta provincia, julgo poder dar ainda algumas ideas, como seria mais proprio cultivar allí esta planta.

O anil requer muito sustento, por isso a terra deve ser vigorosa, solta, e leve até certa profundez, para deixar liberdade ás raizes. Vantajoso é um terreno de matos, roçando só o necessario para a plantação, pois não ha planta, que cance mais depressa

o terreno, que por isso deve ser algumas vezes estrumado. Depois a terra estar bem cavada, no tempo proprio, isso é depois das chuvas, semea-se lançando dez a doze graõsinhos a cada cova, que se abrem e enxada, perto umas das outras: e com uma grade bem leve, se lhe escorre por cima. A monda faz-se duas vezes, a primeira logo no principio, a segunda tendo já a planta quasi um pé d'altura.

Finalmente n'algumas palabras que tomamos ao illustre Mr. Plagne tornamos a expôr a escolha e preparo do terreno, a sementeira e a colheita.

As planicies de terras leves, abundantes em humus, ou fragmentos vegetaes decompostos, ou tambem expostos á medianas inundações d'algum rio, são as preferiveis. As planicies d'area miuda pouco escura não menos vantajosamente podem servir. Os terrenos d'area mui fina, branca ou avermelhada igualmente convem, se conservam apezar das seccas, alguma humidade em duas ou tres pollegadas de fundo: estes porém exigem mais estrumo. O anil prospera tambem em terras que só tem um quarto de aluminia, mas requerem muitas arrendas, segundas lavras e mondas. Devem-se evitar terrenos ferruginosos: mas com vantagem se aproveitam, sendo em sitios abrigados de ventos seccos e ardentes, ou por outeiros copados.

As lavras devem ter até um palmo de fundo, e depois de ser assim a terra duas vezes revolvida, passa-se-lhe por cima com cylindro e grade.

A semente mais nova é a melhor, por tanto na

epoca dos cortes deixam-se para semear alguns pés á proporção das futuras precisões. Conserva-se a semente em camadas entre cinzas seccas e peneiradas.

Semea-se a braçada; porém é melhor fazer em seis até dez polegadas de distancia, covas de meia pollegada de fundo, aonde se lançam alguns, basta tres grãos, que se cobrem logo com a terra do rego, e passa se por cima com um cylindro. A epôca da sementeira deve ser determinada pela estação das chuvas, não sendo estas continuas. E' bom molhar as sementes em agua de cal clara, antes de as confiar á terra. Quinze dias depois, tendo já principiado a crescer as novas plantas, monda-se continuadamente o terreno, ate que as Indigoferas cobram o solo com a sua sombra.

Para o fabrico fazem-se alguns cortes; o primeiro, tendo as suas primeiras flores, que vem a ser, tres mezes depois de semear; o segundo corte é seis ou sete semanas mais tarde, e em fim o terceiro ou quarto. De tempos a tempos havendo seccas, deve ser regado por causa do vento que sendo forte e continuado é nocivo ao anil: basta fazendo as plantações em sitios muito abertos, como são as achadas n'estas ilhas, cerca-las com latadas de cariços ou purgueiras, pondo mais uma ou duas d'estas fiadas para quebrar o vento na sua direcção. Outro grande inimigo tem o cultivador do

anil n'um insecto que as vezes pela sua praga damnifica toda a colheita. N'algumas partes usam com vantagem o methodo seguinte para extirpar estes hospedes. Deixam entrar na plantação alguns porcos que dando com os focinhos nos pés das plantas, sacodem os taes bixinhos e para logo com grande avidez os devoram.

Eis algumas ideas que pude dar sobre esta planta, á qual ainda outra vez tornaremos quando examinando a industria n'esta provincia, fallar-mos sobre a maneira d'extrahir a tinta do anil, como é usada aqui, e como offerecia maiores vantagens.

Não me resta agora nada a dizer a respeito de agricultura no Archipelago Cabo-Verdiano, se não mais algumas palabras sobre os pastos e as aguas. Para evitar repetições, lembramos somente que nas fazendas que tem os insulares pelas ribeiras, se acha toda a variedade de fructa, plantas e legumes, como veremos ainda fallando das produções vegetaes d'esta provincia. Assim p, e. as laranjas sem trato nenhum dão duas vezes por anno e por ventura são as melhores do globo: chega a dar um milheiro cada larangeira, porem não se exportam, a não ser algumas para refresco dos navios que alli arribam nas suas viagens. As bananeiras não menos abundam em todas as ilhas, d'ambas as especies, tanto da creola, como e da

de S. Thomé, dando cachos de cem e mais bananas. Ha muitos ananazes, e muita diversidade de fructa. Dá-se muito bem toda a hortaliça quanta plantam, mas em geral pouco se importam com ella. Assim me contavam que no anno 1803, o boticario Portuguez que então allí estava, vendo brocos no canto d'uma fazenda d'um rico lavrador de Santiago, este não só ignorava o nome da planta, mas disse até que a dava a comer aos burros, e muito custou a meter-lhe em cabeça, que podesse servir para meza.

Quanto aos pastos, depois da chuva cresce a erva a ponto, que n'um mez cobre um homem; mas como não se seifa, e o gado anda livre, perde-se quasi toda: e não fazendo palheiros, no mez d'Abril já sentem e choram a falta, sem comtudo lhes ficar d'emenda. Assim nos mezes de secca padece o gado fome e sede, pela mandrice dos donos que não abrem poços, a ponto que até o gosto da carne se torna notavel. No tempo das chuvas e logo depois é muita boa, mas fora d'ahi, mal se pode comer de secca e raimosa, até quasi nenhum cebo tem.

Ha muitos sitios é verdade nas ilhas de Cabo-Verde que não se podem cultivar, como montes d'area e serras de rocha, ou montes se menos altos, mas tão escalvados, que alguns nem erva criam. As grandes chadas porém de Santiago são tambem todas em baldio. Como semeadas de pedras volcanicas de todo o tamanho, apenas tem espalhadas arvores de fei[a]

e triste apparencia que chamam *espinheiros bravos*, p[illegible] serem os seus troncos e ramos cobertos de espinhos agudos. Estas chadas tem nomes como as charnecas em Portugal, e no tempo das aguas, cobertas de alta e viçosa erva, apresentam um aspecto risonho e alegre, como triste no resto do anno.

Alguns sabichões perguntados porque não cultivam estas achadas, riem-se como de cousa impossivel; outros porém, quando lhes eu estranhava não abrirem allí poços e noras, deram-me uma resposta mais asizada, ainda que triste e vergonhosa de relatar; — » *tememos as injustiças e vexames em logar do auxilio do Governo* » !! Esta era a resposta da maioria e citaram muitos casos em prova, como v. g.

Havia ha annos que um homem rico, filho de Portugal, cultivara um campo na varge da Villa da Praia, abrira n'elle um poço com sua nora e dera assim principio a uma boa fazenda. Mas entrando por ella o gado e destruindo tudo, mandou atirar-lhe por um escravo; este cazualmente matou um porco do Governador, que usando da pena de talião, fez matar o escravo. O dono em logar de satisfação, ameaçado ainda com degredo, retirou-se para o interior, e a fazenda ainda hoje em dia lá jaz abandonada.

Muitos mais exemplos semelhantes podiamos citar, mas limitamo-nos por agora a este, na doce esperança, que taes atrocidades acabaram, e os lavradores poderão principiar a contar com o amparo e animação do Governo. —

No entanto vê-se d'esta exposição, quanto a agricultura nas ilhas de Cabo Verde é diminuta, se exceptuamos apenas as sementeiras de milho, que realmente em proporção são consideraveis. Porém assim mesmo os lavradores trazem os mercados d'estas ilhas muito mimosos debatata, hortaliça, fructa, aves domesticas e gado, que pelo pouco cuidado com que são tratados, devemos contar entre productos naturaes; e tudo isso em bastante copia para supprirem os habitantes e os navios por preços muito commodos. — Mas a esse respeito quanto a Costa de Guiné que havemos de dizer?

Nos pontos de facto Portuguezes, não ha senão os miseraveis fortins, que fóra do alcance da sua artilharia não exercem influencia nenhuma, e os Portuguezes estabelecidos preferem o ganho facil na troca dos generos, á nobre, honrada e já tão adiantada arte nos paizes civilisados, a arte de cultivar a terra. O nome do colono tão estimado e honrado, com razão em toda parte, é aqui ignorado. A fazenda da D. Roza de Cacheo, no Poilão do Leão, é a unica que existe nos limites da Guiné Portugueza. Nos ultimos annos principiou o Sr. Honorio alguma cultura na ilha de Bolama, e o Sr. Mattos na das Gallinhas; mas isto são couzas tão insignificantes que mal se podem mencionar. Talvez até a da Bolama ja acabasse, desde que no anno passado os Inglezes invadiram esta ilha e roubaram ao colono 00 escravos que empregava n'esta cultura. Nas vi-

sinhanças de Farim o Sr. Pascoal comprou terrenos que a falta de força, não pode nem se quer semear por causa dos atrevidos ladrões gentios.

A agricultura por tanto não fez ainda nenhuns progressos n'esta parte tambem de Africa. A pouca certeza de poder recolher a ceara, não anima a semear.

Cada aldea dos gentios é cercada de um vasto territorio, composto de bosques, prados, e terras que são concedidas á quem quizer encarregar-se do trabalho e das despezas. No resto pastam os gados. Não é conhecido entre elles o direito da propriedade. A terra entanto é tão fecunda, que sendo humida, em outo dias depois de semeada, já é hum prado, nos dous mezes um campo coberto de espigas douradas. N'estes climas de fogo, a agua é a principal condição de fertilidade. Todos os cereaes é verdade são pequenos, de grão muito duro, mas em paga a natureza offerece aos mandriões dos habitantes, palmas de diversas qualidades, milhares de varias arvores de fruta, debaixo das quaes tendo a sombra para abrigo e descanço, o succulento fructo lhes serve de alimento.

Não podemos cogitar sobre as producções das diversas partes do globo terrestro, sem reconhecer a providente bondade, que regalou os donativos de cada clima conforme as precizões dos seus habitantes. Assim tambem aqui n'estas regiões tropicas, os animaes destinados para subsistencia do homem são em

pequeno numero, e a carne é inferior á d' aquelles que habitam a zona temperada; atè este alimento é prejudicial nos paizes quentes. As diverssas sortes de cereaes indigenos seguem a mesma lei, p. e. o arroz pela sua sequidão é menos dado á fermentação que o trigo ou a cevada.

O arroz é cultivado em toda a Africa, principalmente porém quanto a Guiné, no paiz dos Félupes, paiz abrangido entre o rio de Cacheo e o de Cazamansa, ocupando uma região de mais de vinte legoas quadradas. Como o terreno é em parte lodoso, em parte arenoso, mas em geral cortado de regatos e alagadiço, promove muito as searas de arroz, que aqui chamam bolenhas; como todavia por falta d' industria nos seus trabalhos ruraes, são expostos a verem n'um momento, pela invasão do mar frustradas todas as esperanças da colheita, não vendem nunca os Flupes a colheita do anno anterior, sem terem já a do corrente segura. A unica producção d'este paiz é um arroz ordinario, muito miudo, mas de bom gosto e de muita nutrição. A cor escura que elle tem, resultarà talvez, como observou mui judiciosamente o Sr. Lopes Lima na sua Memoria sobre os Flupes, de recadarem elles o seu arroz na palha nos sotãos das cazas, aonde durante o decurso de todo anno é exposto a um fumo insupportavel.

Nas beiras do rio de Cacheo cultiva-se tambem bastante arroz, que é mais claro, e donde o vem buscar os Inglezes de Gambia, e depois debaixo do nome d'esta sua colonia mettem em commercio. A culpa

d'isso não é tanto do Governo, como aos negociantes Portuguezes que deixam explorar aos estrangeiros um genero tão lucrativo, não se lembrando que tomando o meio termo das importações, sahe de Portugal só pelo arroz, um milhão trezentos mil cruzados por anno.

Clamam alguns contra a introdução da geral cultura d'arroz nas nossas colonias, apoiando esta sua erronea assercão sobre os nocivos vapores, que exhalam os arrozaes. Na China, no Egypto e na India, não tem este inconveniente, e a razão é, que n'estes paizes a maneira de dirigi-las é boa, a agua nunca fica estagnada e assim não se podem formar perniciosas exhalações.

Nas visinhanças das aldeas tem os gentios um pouco de milho, arroz, algodão e uma especie de paínço, [milhínho] quanto basta para o seu sustento.

Os Papeis de Bissáo cultivam tambem o arroz e o *fundo*. Em quanto é tempo lavram, isso é cavam os homens as *bolanhas* [alagadiços naturaes ou artificiaes, que fazem com tapumes de terra, para conservar a agua por muito tempo]. Um mez antes de chover, esgotam estes tanques. Com uma pá de páo com ferro na ponta, que é o seu arado, fazem regos e depois esperam as copiosas chuvas. Preparam então ao pé das suas cazas, um bocado de terreno bem lavrado e estrumado, onde semeam arroz. Logo que está de certo tamanho, transplantam-o com o nome de *manó*, nas bolanhas; como allí depois da colheita fica agua e palha, este será um dos principaes motivos das doenças. Ha mais outro

arroz de secca, que semeam lavrada a terra. Com o fundo, semente miudinha, mui gostosa, procedem do mesmo modo, como acabamos de vêr.

A lavoura nos Mandingas differe no milho e arroz dos mais gentios. Tem um instrumento a modo d'uma pequena enxada. Mulheres e rapazes se prolongam n'uma fileira ao som do tambor e cantigas: á uma pancada de tambor levantam a enxada, á outra descarregam; assim semeam, mondam e colhem alegres. Semeam o arroz d'outro modo que os Bissagos ou Balantas. As mulheres cavam no secco e tiram a palha ou raizes. Em chovendo fazem as sementeiras nas margens dos rios, que transbordam com as cheias. Nos terrenos mais altos cultivam o milho e algodão. O modo que usam para ter duas novidades tambem é diverso; escolhem um terreno folgado com muito mato que cortam, estando secco queimam, e sobre as cinzas fazem dormir o gado. No mez de Junho dão-lhe uma cava, chovendo semeam, e a colheita é abundantissima. —

N'outro tempo houve allí um grande ramo de commercio para Portugal, n'uma especiaria tirada d'este paiz e conhecida na Europa debaixo do nome, *Pimenta de Guiné*. Os Hollandezes ao fim de muitos esforços conseguiram desacreditar tanto esta como a de *S. Thomé*, para poder lucrar mais na sua que traziam das Moluccas; por isso hojé, totalmente deixada em esquecimento esta especiaria não é já procurada. —

N'estas poucas palavras limitamos-nos a fallar da agricultura de Guiné; veremos ainda depois quaes são ás producções d'este paiz, como tambem que melhoramentos, que reformas, ou antes que creações é necessario fazer aqui.

Temos assim exposto o estado d'agricultura tanto nas ilhas, como e na costa, e tornemos outra vez a examinar, quaes são as causas do seu misero estado, como se ha de remediar, e a que parte de cultura convem dar preferencia. As causas são.

1.° A immensidade dos morgados.
2.° Os caminhos impraticaveis.
3.° A falta de instrucção e educação.
4.° A miseria em que são criados os habitantes.
5.° A falta de povoações.
6.° Em fim não se facilitar aos colonos estrangeiros o estabelecimento.

Quanto ao primeiro, em fallando sobre a agricultura nas ilhas, sufficientemente o creio ter demonstrado: portanto repito somente que, é da maior urgencia o haverem de ser abolidos os morgados, visto a mesquinhez dos seus teres: pelo qual motivo em consequencia da falta de meios, deixam inculta a maior parte das suas terras. Por esta

mesma razão, sendo notorio, que ao estado florescente da agricultura se oppõe a divisão do territorio em grandes herdades, sou de parecer que tambem o Governo ou as Camaras Municipaes tomem posse da todas as terras, que em dous annos depois do decreto publicado não fossem aproveitadas para a cultura, pastos ou bosques. Contra este acto ninguem podia clamar com razão n'esta provincia, pois a agricultura n'aquellas terras não exige os preparos, o gado, o milhar d'outras miudezas indispensaveis entre nos. Pois sejà o anil, o algodão, o cafeeiro, ou sejam campos de milho ou arroz: qualquer d'estes artigos poucas despezas necessita, e grandes lucros em breve assegura ao lavrador. Conforme as suas circumstancias poderão todos assim fazer productiva esta terra, que jaz inutil nas suas mãos. Até bastará cobrir os peiores pedaços com dragoeiros e purgueiras, outras com pastos, semeando o capim; e por fim quanto ás ilhas, com arvores silvestres para construcção e combustivel, que afôra de Santiago, S. Antão e S. Nicoláo falta nas outras ilhas, como na Boa Vista, ou Brava, a ponto de se servirem para cozinhar da bosta de boi ou caroço de milho.

Estas terras que os lavradores assim reduzirem a cultura, conforme a especie sejão izentos de dizimos e mais tributos: p. e. os caffetaes por cinco annos: por dous os algodoaes, e assim na proporção.

E depois, se elles desattendendo seu proprio bem, seja quer pela preguiça, quer pela costumada apathia, não executarem esta ordem; as suas terras, ficarão

pertencendo como já dissemos, á Fazenda Nacional ou as Camaras. —

O Governo mandará n'estes terrenos plantar arvores, das quaes se formarão bosques: com estes cobrindo se as montanhas, e juntando-se maior quantidade de vapores na atmosphera, provavelmente regularidade terão os chuvas. As Camaras destinarão alguns terrenos para pastos communs; o resto poderá o Governo aforar, e uma parte distribui-la em porções a benemeritos veteranos e outros individuos, colonos, como expôremos em tratando do Estado Militar. —

Não é fóra do lugar lembrar outro sim, que não menos os proprietarios da beira mar, devem ser todos obrigados a plantar n'ella coqueiros. Uma ordem semelhante de grande conta seria para elles, visto o lucro que da esta planta que tanto prefere os terrenos salitrosos na vizinhança do mar.

2.º *Caminhos Impraticaveis.*

Os progressos da agricultura dependem essencialmente da faculdade da exportação. Não tendo meios de fazer valer o superfluo das suas producções, os trabalhos reduzem-se a tirar da terra as materias meramente necessarias para o consumo. Esta faculdade de exportação consiste nas estradas, canaes e rios navegaveis. Quanto as ilhas de Cabo-Verde, os caminhos são tão mal formados, que além das montanhas não darem passagem em parte nenhuma a carros: em muitos sitios nem a um burro carregado o consentem; de maneira que, por alguns passos é

forçado aos homens tirar a carga dos animaes. Não é raro até acharem se homens mortos, cahidos dos despenhadeiros que interrompem os caminhos. Em toda a ilha de S. Antão e no interior de Santiago estes acontecimentos são muito vulgares. D'esta maneira claro é, que os mercados nas villas, ou portos do mar, nunca são abundantes, pois nos dous saccos de pelle de cabra, que atravessam as costas do animal em ar d'alforges — *ingucas* — pelo mais que levam são dous alqueires de milho ou caffé. Duas, tres coves, que chegam a praça sem folhas, ou tres formas d'assucar, uma duzia d'ovos, ou um cento de laranjas, que vendem na praça por um tostão, eis a carga que na distancia de algumas legoas trazem ao mercado. Ainda com alguma regularidade não existe se não na Villa da Praia da ilha de Santiago, e este mesmo nunca está bem abastecido em razão da falta total d'estradas; d'este modo nem se podem carregar bem os animaes, nem haver alguns carros; sem o que actualmente a condução para os portos, do milho ou outros generos, sahe tão dispendiosa, que absorbe a maior parte do ganho.

Em quanto me demorei n'esta provincia, muitas vezes lembrei ao Governador a absoluta necessidade de metter maõs a obra, o que não consegui além de outras razões, pela total falta de ferramentas. E' porém bem conveniente, e aqui o repito, atravessar a ilha de Santiago por uma estrada da Villa da Praia até ao Tarrafal, e ramificar esta para as diversas freguezias e portos de mar. Restabelecendo

em todo seu vigor a antiga e allí indispensavel pratica de trabalharem os habitantes dous dias por anno no concerto dos caminhos, (o que não é nada violento,) o Governo fornecendo sômente alguma ferramenta, em breve os felizes resultados recompensarião largamente este trabalho. — O mesmo necessitam as ilhas de S. Antão, Fogo, e S. Nicoláo, por serem na mesma falta, tendo aliás bastante povoação e cultura. Na ilha de Sal já ha um caminho de ferro, primeiro no territorio portuguez, feito pelo Conselheiro M. A. Martins, e muito ha de influir na prosperidade d'esta ilha, offerecendo grande e facil sahida ao sal, unico genero e importante d'exportação n'esta ilha.

Nos paizes maritimos, de algum vulto exercem influencia os portos, bons caes ou desembarcadouros. No todo o archipelago de Cabo-Verde não ha senão um, na ilha da Boa-Vista, que com indulgencia ainda pode ter este nome: e este caes, já chamando assim aquelle desembarcadouro, foi feito a custa do proprietario acima mencionado. —

Nos outros portos porém, tanto nas ilhas, como e em Guiné, não só não ha nenhum, mas até muitas vezes o desembarco faz-se com perigo da vida, como na ilha do Fogo, S. Antão e mesmo no Maio. E' d'absoluta necessidade construir um caes, agora pelo menos na Villa da Praia, — como já o temos demonstrado na descripção d'esta villa. Em S. Nicoláo com mui pouco custo se arranjaría um optimo

caes na Preguiça que podia ser feito todo em rocha viva.—

3.º *Inundações.*

Quanto a esta causa, que geralmente em muitos Paizes oppõe-se a consolidar um estado florescente da agricultura, tirando ao lavrador por vezes todo o sustento: tambem faz bastante mal aos habitantes agriculas d'esta provincia. No Archipelago, é nas ilhas de Santiago e S. Antão onde mais se faz ressentir.

Em Guiné, é no paiz dos Flupos que o mar inunda todos os annos uma parte dos arrozaes, e os rios que lá são mui grandes, alagam muito terreno.

As ribeiras nas ilhas de Cabo-Verde são quasi em todo o anno tão pequenos regatos, que n'outra parte nem terião outro nome: sendo porém tão pequenos como são, vindo as chuvas, se tornam em torrentes precipitadas e se espraiam por todos os valles, por onde passam. E' tal a sua força, que muitas vezes chegam as aguas enfurecidas a levar arvores, cazas, animaes e gente.

Mas como estas inundações duram pouco, descahindo as aguas, as exhalações são assaz nocivas aos visinhos habitantes. N'estes tempos mesmo aquelle pequeno trilho que serve de caminho e estrada, em muitas partes é intransitavel: e é necéssario passar por agua até ao pescoço em alguns sitios, ou as vezes fazer rodeios de leguas.

A Villa de S. Antão tem mais de 6000, habitantes merece por tanto attenção, e assim devia-se com ur-

gencia fazer d'um lado da ribeira um muro de revestimento, para que espraiando não alagasse as hortas e não fizesse os estragos e mortes que todos os annos se soffrem. O Estabelecimento de Bolor é todos os annos inundado: até uma vez forão os Gentios que a nado salvaram a guarnição, que se tinha refugiado em cima dos telhados. No tempo do Governo do Sr. Lima que durante a usurpação principiou este estabelecimento, tem se feito alguns trabalhos para preservar os arrozaes das inundações do mar, mas sendo mui insufficientes e suspendidos pela sua retirada, a primeira inundação os derrubou.

4.° *A falta d'instrucção e educação nos lavradores.*

De sufficiente prova d'esta asserção, já serve a maneira até agora usada tanto no cultivar aqui a terra, como nas outras occupações ligadas com este trabalho: assim como no fabrico d'assucar, aguardente &. Os naturaes d'estas ilhas, não tem a menor idea do que lhes convem, para tirar partido da sua situação, e os Portuguezes que lá vão, em maior parte das classes mais baixas, são tambem quasi sempre d'huma crassa ignorancia, á qual juntam ainda a estupidez de se julgarem superiores aos naturaes, dos quaes tendo os vicios e os defeitos, não possuem as virtudes. Estes por tanto com toda a razão os desprezam.

O Governo não tem tratado de formar escolas, e assim estes povos vegetando sempre igno-

rantes, nem sabem o que lhes pode ser mais util e mais vantajoso. N'outro lugar ainda fallando sobre a instrucção n'esta Provincia, veremos oseu mizeravel estado, e indicaremos os meios de espalhar as luzes entre os habitantes. —

Porém alem de estabelecer escolas, cujo fructo para o futuro será evidente, ha outro meio que mais analogo com este nosso objecto direitamente ha de offerecer felizes resultados. Este meio, são estabelecimentos ruraes por conta do Governo, uma sorte de JardinsBotanicos.

Lançando as vistas para os nossos estabelecimentos do Ultramar, nenhum tão proprio parece para este fim, como esta Provincia. Pela sua situação Geographica, pode haver allí com pequena excepção todos os vegetaes da Zona torrida; a posição topographica, tendo beiras-mar e elevadissimas montanhas, consente n'estas ultimas acclimatar tambem as producções vegetaes das Zonas mais temperadasPara conseguir porém este fim é necessario fazer o mesmo, que fizeram os Francezes na ilha de França, no Pondichery e na Caienna, ou mesmo os Hespanhoes nas Canarias. E' necessario fazer por tanto como elles um Jardim Botanico d'acclimatação. Allí se via ensaiar e ensinar o melhor methodo da cultura, e obter as melhores especies. São estes jardins absolutamente necessarios para a introdução e propagação das arvores que produzem especiarias finas que nos faltam. Antigamente foi a politica

possuindo Portugal as Indias, o Ceylão &c. que obstava a generalisa-las por todas as colonias. Mas hoje que estas causas tem desapparecido, é bem que se attenda ás tantas riquezas que se podem obter com tão pouco custo.

Não pense alguem que estas ideas serão de tamanhas despezas; alguma é certo que convem fazer, mas o que se obtem sem ella! Uma vez precizemos dar o passo pàra sahir d'esta misera situação: empreguem-se então todos os meios.

Estes jardins podem ser feitos na ilha de Santiago, S. Antão e Fogo: e na Costa de Guiné em Bissáo. Serão cultivados por soldados [que tambem n'uma parte terão a sua horta regimental] e postos debaixo da inspecção d'um Director intelli- e com bons regulamentos.

Certo é que grande lucro dará ao Estado um semelhante estabelecimento, além de instruir os povos, tanto na maneira de cultivar diversas plantas, como na acquisição e applicação dos utensilios. D'esta maneira se conhecerão bem todas as plantas da provincia, serão patentes as suas applicações na medecina ou nas artes, e pelas diversas experiencias que se fizerem na sua cultura, ficarão instruidos os habitantes. — Estes jardins bem tratados, servirão de escola, servirão de estimulo, e isto feito, aquelles povos bem dirão a mão protectora que os favoreceu. Pois verão que não menos do que as outras nações tambem a sua Metropoli, a sua mai patria cuida no seu amelhoramento, na sua felicidade.

5.º Pela mizeria na qual são creados.

Pelos motivos ditos, os habitantes são creados e acostumados a uma miseria, que pela falta d'instrucção a não avaliam; contentam-se com um vil sustento, e não procuram os commodos da vida, por os desconhecerem. Assim tendo poucas precizões, passando sem vestir nem calçar, e não pagando tributos quasi nenhums, preferem dar-se ao ocio, bastando-lhes alguns punhados de milho para o diario sustento. O meio de os tirar d'esta preguiça, d'este ocio, é crear-lhes mais precizões. Estes meios são na maior parte, no seu todo direi, no mão do Governo. Assim p. e. não é nocivo, as festas d'Igreja que sejão celebradas com apparato, sem ser tão frequentes, que estorvem os trabalhos no campo; os Governadores que andem pelo interior, fallem com os habitantes, entrem em todas as miudezas: tudo isso servirá de estimulo para melhor apparecer. D'esta modo crião-se precisões que não se podem satisfazer sem meios; estes obtem-se por meio de trabalho. Assim indirectamente serão obrigados a dar-se com zelo a agricultura. — O serviço militar, não sendo muito longo tambem influe n'isso. Um homem por cinco annos d'este serviço, obrigado a andar calçado, vestido, e ser bem nutrido, acabando este tempo, já terá mais precizões indispensaveis, sem as quaes, não podendo passar, mais trabalhará para satisfaze-las, e assim com tempo a miseria desappa-

recendo nas familias, não ha de retrogradar a agricultura. —

6.° *Falta de povoações.*

Em breve apoz da descuberta das ilhas de Cabo-Verde, se formaram em todas ellas, villas a borda do mar, aonde concorriam todos os habitantes. Sendo estas mal seguras paragens infestadas por piratas, forão estes infelizes insulanos obrigados a refugiar-se para o interior, aonde ficaram dispersos. Assim, como já temos visto na descripção geographica, ha mui poucas povoações, que são d'absoluta necessidade, para haver uma agricultura florescente. A agricultura de um paiz não produz quanto pode, se não quando multiplicando-se as povoações, a espalham por toda a extensão do territorio. As mesmas povoações são necessarias para o desenvolvimento da maior parte das manufacturas e estas o são tambem para objectos de troca a agricultura. Uma provincia aonde os productos da terra não tem consumo, não sustenta senão uma pequena porção d'habitantes. Estabeleção-se allí familias industriosas, formem-se povoações, cujos habitantes igualem os do campo; bem depressa os das povoações subsistirão dos productos agriculas e os cultivadores se enriquecerão dos productos industriaes das povoações vizinhas. As mesmas povoações são tambem um meio excellente de espalhar ao longe os valores agriculas da provincia. Os productos brutos da agricultura são de um difficil transporte, excedendo muitas vezes a sua despeza o valor da mercadoria.

Além d'isso, na dispersão em que vivem agora estes insulanos, cada um em sua choupana, é impossivel terem educação alguma, nem tão pouco pura moral, ou que conheção os dogmas da Religião Christã: por falta do que são em geral supersticiosos, e conservam muitos ritos e costumes, que herdaram dos Gentios de Guiné.

Assim na ilha de Santiago é precizo formar outra povoação, pois como já temos visto, n'esta ilha que tem 18 legoas de comprido, pode-se dizer não ha senão a Villa da Praia. O sitio mais conveniente é na achada de Santa Catharina. N'uma planicie reputada por mui saudavel, abundante d'agua e rica em vegetação, no centro da ilha, não tardaria de se formar em breve uma povoação, uma villa agradavel. Grandes porções de terreno ainda incultas dariamos a agricultura e por este meio conseguiriamos o nosso fim. Quanto a Costa de Guiné, formando os estabelecimentos que temos indicado na descripção geographica do mesmo modo cooperariamos para introduzir a cultura n'esta parte.—

7.º *Não se facilitar aos Colonos estrangeiros o estabelecimento.*

N'um paiz em parte deserto, no seu todo selvagem, deixando-se aos effeitos do tempo o progresso e a formação, é certo que ás mesmas invenções já entre nós conhecidas ha seculos, se ha de a final chegar, mas no atrazo sempre hão de ficar os habitantes, selvagens em comparação das suas metropolis. Tudo is-

to obteremos fazendo estradas, creando povoações, juntando n'ellas os dispersos habitantes, e instruindo-os: porém tão tardonho havia de chegar o proveito de todos estes remedios, que não ha duvida ser a todos preferivel, o da introducção de colonos estrangeiros Na ilha de S. Antão já houve muitos habitantes das ilhas Canarias, que agradados do bom clima, allí se estabelereram, e trazendo comsigo luzes de civilisação não só tinham mui bem cultivadas hortas e obtinham nos seus campos trigo, cevada e outros cereaes de Europa, mas até fabricavam louça e vidro. As authoridades porem longe de os proteger, vendo coroados os trabalhos d'elles com felizes resultados, obrigando-os com continuas extorções a pagar impostos, de que durante alguns annos deviam ser isemptos, os constragiram a desemparar a provincia. — Milhares de familias vão todos os annos da Hespanha, das ilhas Canarias e outras partes d'Europa, como e das nossas ilhas Açores e Madeira, para a America, aonde servindo de escravos brancos aos naturaes, em breve vem frustrados os sonhos das suas esperanças. Um colono estabelecendo-se nas ilhas de Cabo Verde ou Guiné, por muitos annos ainda tirará lucros maiores do que em qualquer outra parte do mundo. Serão somente colonos estrangeiros que introduzirão boas indigoarias, fabricas d'assucar, d'azeite, sabão &c. Facilitando-lhes o estabelecimento, dar-se-ha se o maior impulso á agricultura, e achando elles protecção e boa fé da parte do Governo, virão d'Alemanha, virão da Suissa, virão de todas as partes, donde convem com politi-

ca recebe-los. E além d'isso criando assim em breve uma população numerosa branca, teremos a vantagem immensa de não despovoar o reino. E fiquem todos os antagonistas do tal systema bem persuadidos, que os filhos, se não já os pais terão pelo menos tanto amor da patria adoptiva, como muitos nacionaes hoje em dia o não tem. Vivendo dispersos por um vasto territorio e d'origens diversas nunca podemos recear nem por pensamento alguns fins sinistros; mas assim o mais brilhante futuro, como milhares d' exemplos d'este systema posto em pratico já nos nossos dias podem demonstrar.

Vejamos os Estados Unidos d'America, o Brazil, as costas do mar Negro e a Georgia na Russia: vastos campos desertos, em poucos annos forão reduzidos a mais bella cultura e animados de mais de cem mil habitantes, todos d'origem estranha. —

As ilhas de Cabo Verde, com os jardins d'acclimatação, que temos projectado, os estabelecimentos ruraes methodicos, que chamamos colonias militares, o fabrico d'estradas, espalhadas luzes, e alguns annos de socego debaixo d'um bom Governo, subirão a um grão, que nada deixarão a desejar a respeito d'agricultura. —

Porém a Guiné não ha de ser jamais povoada de brancos, nem cultivada, senão introduzindo colonos. As ilhas das *Flores e Corvo* nos Açores se povoaram, porque forão concedidas em sesmarias ao Duque de Aveiro, que para lá transportou gente, officios e artes necessarias. Quando em razão

da extinção d'esta caza, aquellas ilhas passaram á Fazenda Nacional, ellas tinham 8000 habitantes, e só o foro que a caza recebia sobre o milho, montava a 120 moios. Da mesma maneira, isto é por concessão em sesmarias á proprietarios ricos, é que forão povoadas e cultivadas todas as Capitanias do Brazil.

No mesmo Archipelago de Cabo-Verde a ilha de S. Antão foi assim concedida ao mesmo Duque de Aveiro. Para allì mandou elle feitores, cazeiros, metteu muita escravatura de Guiné, e por isso tem hoje para cima de 15$000 habitantes. — Contentemo-nos com estes exemplos, seguindo-os, em breve veremos toda a Guiné Portugueza superior em agricultura, industria e comercio ao indolente Brazil. Sejão d'esta maneira distribuidas as ilhas *Canabac*, *Gallinhas*, *Bolama*, *Manterc e Iall*: outro sim os terrenos vizinhos ás fortalezas e pouco a pouco havemos de consolidar assim o nosso dominio.

Em constando esta providencia por Allemanha, virão acodindo homens ricos, a fazer semelhantes estabelecimentos ruraes em toda a provincia; izemtem-os por dez annos de todos e quaesquer impostos e tributos: que o Governo pelo accrescimo de consumo começará já a lúcrar no rendimento das alfandegas, não fallando na acquisição de população, proprietarios ricos, e com isso d'um aspecto de força e estado florescente. — Este passo não fará despeza alguma ao Governo de Portugal, pois sejão isolados homens ricos, ou Companhias que se encarreguem d'esta empreza, o Governo no mais que

podia entrar em gastos, seria franqueando seus barcos para o transporte. —

Eis o quadro dos obstaculos á agricultura: temos dado algumas ideas para os destruir, mas ainda nos não damos por contentes. Queremos satisfazer um dos principaes dados da economia rustica; — n'um pequeno terreno, com pequenas despezas, obter grandes vantagens.

As ilhas de C. V. como e a Guiné Portugueza pela sua situação geographica estão n'esta Zona, aonde prosperam quasi todas as plantas dos outros paizes da mesma latitude. Vejamos logo qual d'ellas é a mais conveniente, a mais util tanto para a provincia, como e a metropoli. — As plantações de milho realmente são bastante consideraveis no Archipelago, pois chegam a produzir 7$500 moios que pela medida de Portugal fazem 16$884 moios. Quasi cinco mil moios se exportam annualmente: mal se deverá deixar sahir esta quantia tão avultada, se houvesse juizo. Pois por via d'isso, é que sempre antes da colheita se costuma sentir a falta; e assim mesmo melhor seria, se os habitantes raciocinando sobre os seus interesses, empregassem uma porção d'este grão no sustento de porcos e outros gados; mormente porque salgando as carnes, visto a sua abundancia maiores vantagens havião de tirar. O Brigadeiro Marinho no primeiro anno do seu governo n'esta provincia, receando que fosse adiante a falta d'agua e com ella a calamidade da fome, prohibiu que se

exportasse o milho. — De despotismo o taxaram ahi os preguentos, (e más linguas que nunca faltam.)

Nos observamos somente ser este um uzo antigo da provincia, e mui acertado: e n'este mesmo anno, em que vamos, lá esta prohibida a exportação.

O milho então, o feijão, e a mandioca como principal sustento do habitante deve ser com razão o objecto do seu primeiro cuidado. Mas vamos áquellas plantas que constituem a riqueza d'um paiz n'esta Zona, que pœm uma colonia no estado mais florescente. As que mais convem a esta provincia existem allí, e devem ser por todos os modos animados pelo Governo, e com esmero tratados pelos colonos. E' o algodão, o caffé, o anil, a canna d'assucar, o dragoeiro, a purgueira, e o tabaco.

Dragoeiro.

Dracœna Draco. Esta especie de palmeira que prospera tanto melhor, quanto mais escarnado é o rochedo aonde pegou a raiz, e affrontando o sol mais ardente, sem cultura, nem rega, mais brilhante copa levanta, pode ser baze de riqueza n'esta provincia. — O tronco por meio d'algumas incisões produz annualmente dous arrateis de rezina, conhecida no commercio debaixo do nome de *sangue de drago*; das folhas pode-se tirar quatro arrateis e meio d'uma especie de linho muito bom para amarras e cabos, artigo de grande importancia n'um paiz maritimo, e aonde não ha linho; — Estes productos tem lugar dez annos depois da plantação. O termo medio do

valor d'um arratel de sangue de drago na mão do agricultor é 800 rs. O arratel d'este linho 60 rs. logo cada pé no preço mais baixo dá 1$600 rs. em sangue de drago e 270 rs. em linho, cuja somma é 1$870 rs. No archipelago de Cabo-Verde e Ilhas Bissagos pode-se plantar sem prejuizo d'outra cultura cem mil pés, que depois dos dez annos produzirão 187:000$000 de reis annualmente. Tirando 27 contos para a despeza de colheita e outras, ficam 160:000$000 para os cultivadores d'esta arvore. —

Purgueira.

Jatropha Curcas. Este arbusto que cresce por toda a parte d'estaca, sem cuidado, entre rochas, sem differença do ar, do sol, e do sitio, este arbusto digo, pode fazer da provincia de Cabo-Verde a mais rica talvez em proporção de todas as colonias. O fructo d'este arbusto produz uma grande quantidade de azeite

A purgueira como já disse pega d'estaca; um jornaleiro planta por dia, supponhamos só 50 purgueiras, em dez dias plantará a quantidade sufficiente para darem uma pipa d'azeite. Os jornaes são a 100 rs, logo a plantação para uma pipa custará 1$000 rs. Uma garraffa d'azeite de purgueira custa aqui no seu menor preço 40 rs. o almude por tanto 960, a pipa de 21 almudes 20$160 rs. As purgueiras produzem já no 2.º anno, e um pé por outro dá uma garraffa d'azeite. Assim como a plantação dos 50 pés custou 1$000 rs, temos com estes dez tostões posto um capital, ou estabelecido uma base para um ren-

dimento annual de 20$160 rs. As ilhas podem dar 200$000 pipas, sem diminuir a cultura das outras plantas; 200$000 pipas rendem 4.032:000$000 de rs. Esta demonstração deixa ver a cada lavrador ou colono que lucros pode tirar em proporção. —

O Tabaco.

A especie mais celebre *N. Tabacum.* L. é que aqui existe; mas brava e só n'uma ou n'outra fazenda e em minima quantidade. —

Reflectindo que esta planta venenosa, é d'um cheiro em fresca, muita desagradavel, d'um sabor acre é ascoso: custa a intender como póde vir a ser um objecto de tanto uso e fornecer aos Governos tamanho rendimento. Mas que influencia não exerce o imperio da novidade e da moda, principalmente sendo encontrado de obstaculos!

No Archipelago encontram-se pés d'esta planta por todas as partes e de mui boa qualidade; tenho visto folhas de meia vara de compridas e um palmo de largas. Não seguem com tudo nenhuma cultura, nem a tratam com algum cuidado; depois de sazonada, apanham-a e põem ao sol, e logo que está meia enchambrada, ajuntam em molhos de dez a doze folhas que vendem por um vintem. Homens e mulheres tudo fuma e por cachimbos. Alguns tambem o cheiram, torrando e moendo toscamente a erva.

A cultura d'este vegetal consiste em produzir grandes e bellas folhas; por tanto necessita um terreno

fresco e substancial. Depois de o ter semeado, os pés começando a tomar ũma forma, transplan tam-se n' um campo bem preparado um por um, com o seu torrãosinho de terra, em distancia de tres pés. Um mez depois colhem-se tres ou quatro folhas de baixo, como as peores, sendo salpicadas da chuva que cahe na terra. Por outo dias se vai continuando isto mesmo. Limpam estas folhas, deitando fora as podres; estando seccas, tornam-se a limpar uma por uma e então as borrifam com uma dissolução de dez libras de sal marino em trinta canadas d'agua. Alguns põem melaço ou aguardente em lugar do sal.

Parece-me que não seria vantajoso, mas até prejudicial espalhar esta cultura na Costa de Guiné: allí devia ser prohibida. Mas nas ilhas de C. V. pelo contrario deviam os habitantes dar se muito a seu trato visto os grandes interesses que dá o tabaco em proporção do pequeno trabalho que exige. Como os progressos da agricultura dependem essencialmente da faculdade d'exportação e do consumo, é d'esperar que o governo pela sua parte não deixará de concorrer para ajudar e animar este tão importante remo. Assim augmentando-se os direitos no tabaco estrangeiro em rollo e folha que lá é admittido, o plantador de tabaco nas ilhas, contará com certa sahida e consumo tanto no paiz, como em Guiné. O Governo pode não menos obrigar o Contracto do Tabaco no Reino a comprar certa quautia por um preço arbitrado.

Tambem ao Visconde de Sá, é que os insulanos devem os agradecimentos dos esforços e cuidado que to-

mou este constante protector das colonias Portuguezas, a fim de conseguir do passado Contracto de Tabaco uma compra annual de folha. — Not. 5 —

Os Contratadores concordaram, e desde logo pareceu aos pouco peritos, que este acto era patriotico. Mas com tudo findou o contracto, e nem uma só vez até hojé se tem effectuado a minima compra. Pois em primeiro lugar, quinhentas arrobas é uma quantia tão diminuta, que até parece ridicula, accompanhada como foi esta proposta de tanta ostentação. Só um morgado da ilha do Fogo, Francisco Monteiro a sua parte tem tido tanto como isso, e podia fazer esta remessa da fazenda *dos Picos*, que possue n'aquella ilha. O mesmo passa com os Coroneis de Milicias de Santiago, Luiz e Gregorio Freire d'Andrade, e muitos outros proprietarios.

Durante a ultima guerra dos Estados Unidos d'America com a Inglaterra, faltando o tabaco que vinha sempre d'aquelle paiz: plantou e exportou para Guiné só de S. Nicoláo, um Hollandez Watring, estabelecido n'estas ilhas, seiscentos quintaes. Não é logo tão modica a quantia do tabaco que podem fornecer as ilhas, para a limitarem em 500 arrobas. Mas com igual resultado podia-se decuplar na proposta o numero d'arrobas, e remanecendo a mesma tenção de levar ao cabo esta offerta, nada teriam arriscado os Contractadores. Pois em segundo lugar qual foi o prèço offerecido? — 1$600 réis por arroba e depois como grande rasgo de patriotismo 2$400 réis! Quando o mesmo contracto compra aos Americanos folha mui inferior a 80 reis a libra; e a isto se chama ani-

mar a agricultura, promover a prosperidade do seu paiz! — Nas proprias ilhas se vende mais caro o tabaco, sendo o de rolo de 100 — 150 réis a vara.

Criminamos assim o contracto, aventurando a asserção, que a julgar pelo resultado, semelhante offerta não foi feita de boa fé, senão uma especie de ostentação de patriotismo. Mas com tudo recahe ainda não menos boa parte de culpa sobre a indolencia dos insulanos.

Esperamos todavia que um dia, um Governo distrahindo-se das suas graves questões que o preoccupam lance os olhos sobre semelhantes futilidades, que segundo alguem mais importam á nação, que a politica; e obrigue se o Contracto do tabaco, este segundo poder, este estado n'um estado, a cumprir forçosamente a compra de todo o tabaco que manifestarem á venda os habitantes do Archipelago. —

O Governo, é verdade, e bem penozo é confessar, deixando desde tempos mais remotos, as colonias sem nenhum systema colonial, nunca as animou, e nem tão pouco se importou com a sua agricultura. De tempos a tempos appareciam porém varões ao leme do governo, que bastantes esforços, e algumas providencias com bom exito fizeram. Assim as ilhas de Cabo Verde tambem nem sempre ficaram em esquecimento, e com muito gosto aproveito esta occasião, para lembrar o que se tem feito para ajudar a agricultura n'este Archipelago. —

Em 1790 mandaram-se para Santiago, algumas saccas de canhamo, que porém nunca foi semeado. Com provisão do Erario do 1.º de Março de 1794 mandou-se o seguinte.

Trigo: alqueires - - - - - - - - - - -	12
Cevada: idem - - - - - - - - - - - -	12
Milho: idem - - - - - - - - - - - -	9
Feijão branco: idem - - - - - - - - -	6
Feijão fradinho - - - - - - - - - - -	3
Favas - - - - - - - - - - - - - -	6
Ervilhas - - - - - - - - - - - - -	4
Grãos de bico - - - - - - - - - - -	2

N'esta occasião simultaneamente forão remettidos os seguintes instrumentos.

Arados com suas grades e mais pertences -	6
Charruas com os seus respectivos preparos -	2
Aravessas com ditos - - - - - - - - -	2
Fouces de ceifar e roçadouras - - - - - -	24
Baldes - - - - - - - - - - - - - -	12
Jogo de ferramentas para o officio de carpinteiro	1
Dito de pedreiro com 2 colheres de mais -	1
Ditos de navalhas de barbear - - - - - -	2
Albardas com seus pertences - - - - - -	4
Cabrestos - - - - - - - - - - - - -	2
Machados - - - - - - - - - - - - -	24
Enxadas - - - - - - - - - - - - - -	24
Picaretes - - - - - - - - - - - - -	24
Alavancas - - - - - - - - - - - - -	25
Camartellos - - - - - - - - - - - - -	7
Picadeira - - - - - - - - - - - - -	1
Aguilhadas preparadas - - - - - - - -	2

Apparelho de pescaria - - - - - - - - 1

Estes instrumentos erão accompanhados de dezenove degredados, pela maior parte peritos em couzas d'agricultura, julgando-se que d'este modo com adequadas providencias, semelhante estabelecimento bem se havia de segurar e prosperar. Desgraçadamente pelo desleixo das authoridades no local, os degradados fugiram nos primeiros dois mezes e os instrumentos e sementes nem consta terem tido applicação.

Com Avizo de 4 de Janeiro de 1799 fez o Governo uma nova remessa de sementes e plantas com igual resultado; vem a ser. —

Alfarrobeira. *Ceratonia Siliqua*. Alguns pés ainda vi na ribeira de S. Francisco: mas parece-me, que não fructificam.

Azereiro. *Prunus lusitanica*. Não ha noticias d'esta arvore.

Asinheira. *Quercus Jlex*. Perdeu-se.

Avelleira. *Coryllus avelana*. Jgualmente não prosperou.

Carrasco. *Quercus coccifera*. Perdeu-se tambem sem produzir.

Castanheiro. *Fagus Castanea*. Não ha até noticia alguma d'esta arvore.

Castanheiro da India. *Aesculus Hippocastanum*. Jd.

Cedro d'Hespanha. *Juniperus oxycedrus*. Jd.

Cipreste. *Cupressus semper virens.* * Jd.
Freixo. *Fraxinus excelsior.* Jd.
Baganha. *Gleditchia triacantos.* Jd.
Lodão. *Cellis australis* Jd.
Loureiro. *Laurus nobilis.* D'esta arvore existem alguns pés na ilha de Santiago, a saber ha os na ribeira de Santa Anna, cinco legoas da villa da Praia. Na ribeira de S. Martinho duas legoas distante da dita villa. Na ribeira dos Orgãos, e se me não engano tambem na Trindade.
Olaia. *Cercis siliquastrum.*
Nogueira. *Juglans Regia.* Foi semeada na ilha de Santiago nas ribeiras de S. Martinho e S. Francisco, mas não prosperou.
Pinheiro bravo. *Pinus maritimus.* Teve a mesma sorte, morrendo quasi todos já na altura de um palmo.
Sobreiro. *Quercus suber* Tambem perdeu-se.

Com Provisão da Junta da Fazenda da Marinha de 12 de Janeiro de 1799 renovou se a ordem de animar a semearem os pinhaes, para cujo fim n'esta occasião foi enviado um moio de pinhão.

* Com tudo estas duas ultimas arvores pegaram bem e existem em S. Nicoláo, na Feijam, n'uma fazenda do Deputado Theophilo José Dias; do que se collige que, se tanto estas como muitas outras especies não prosperaram, foi por falta de cuidados. —

Com avizo de 19 de Outubro de 1799 tratava-se de introduzir o Cedro de Bussaco. *Cupressus glauca* remetteu-se a semente, mas igualmente sem resultado.

No anno de 1801 foi enviada ás ilhas a semente do tabaco Virginia, com um folheto sobre o methodo de o cultivar.

Já nos nossos dias no Ministerio do Exm.º Sr. Visconde de Sá da Bandeira não menos forão remettidas algumas sementes, e segundo me lembro, forão alfarrobas, tabaco de Virginia, algumas variedades de feijão e diversos legumes. Presenciando a esta ultima remessa, da qual tambem nada resultou, póde conceber, como das anteriores igualmente não se tinha obtido o fructo que se podia esperar. E não podemos deixar de reparar que se algumas vezes tem apparecido algum desvelo e tendencia ao melhoramento da agricultura e augmento da vegetação d'esta provincia, foi isso feito sempre sem methodo e geralmente sobre uma base errada.

N'estas remessas tratou-se como vêmos de introduzir no archipelago de Cabo-Verde a agricultura de Portugal, cousa não só inutil, mas até impossivel e contraproducente. Remessas de pinhões com ordens de semear pinheiros na zona torrida, n'um paiz aonde esta madeira mesmo da melhor qualidade, não dura mais de cinco annos não deixa de ser ridiculo; tanto mais que a vizinha costa de Guiné

é abundantissima em madeiras que reunem todas as vantagens que é possivel a exigir, como a altura, grossura, rijeza e direitura. O mesma se intende a respeito de todas as plantas que o Governo algumas vezes tem remettido, e que acima temos enumerado.

Em Portugal ainda hojé em dia se não faz uma idea exacta das ilhas de Cabo-Verde, e nunca se tratou de tomar um cabal conhecimento, sem o que é impossivel legislar para um paiz sem cahir em anomalias.

Assim no relatorio da Comissão do Ultramar sobre a provincia de Cabo-Verde, nas Côrtes de 1822 encontramos o seguinte.

» *Quem se persuadirá, que sendo os Portugue-*
» *zes senhores d'estas ilhas ha quazi* 400 *annos, não*
» *se cultivem allí hortaliças algumas, como cebo-*
» *las, couve, mostarda* &c.

A mostarda é tão superfluo de cultivar allí, como tojo e esteva em Portugal; pois se encontram nas ilhas extensões de legoas, cobertas de mostarda. —

Semelhantes erros que na bocca do legislador são imperdoaveis, são resultados de nunca terem sido naturalistas incumbidos de cabeis pesquizes e descripções da vegetação e estado fisico e natural do paiz.

Com a indispensavel introducção dos jardins d'acclimatação, serão sem duvida removidos semelhantes enganos e as remessas de plantas ou sementes feitas no futuro com boa escolha e methodo, não hão de perecer como até aqui sem nenhum resultado.

Não são pinheiros, nem cedros ou carvalhos que convem introduzir nas ilhas: mas sim promover a sementeira do *Pinus Araucaria* * a Arvore do Pão, e principalmente Moscadeiras, Pipereiras, Caneleiras e Cravo girofe. —

As ilhas de Cabo-Verde necessitam sómente melhoramentos nos seus ramos d'agricultura, animação de governo, e chegando ainda a crear nas achadas e baldios, bosques d'aquellas e outras arvores proprias d'este clima, pouco deixarão que desejar em alguns annos. Basta que o Governo instigue os habitantes das ilhas por meios indirectos á cultura dos generos de maior vantagem, que dependem do labor humano. —

Foi tambem para esse fim, que o Visconde de Sá Bandeira, no seu para o Ultramar sempre tão proveitoso Ministerio, obteve de S. M. a RAINHA a sancção de diversas concessões a varios, de terrenos nas ilhas de Cabo-Verde — * *

* O Exm.º Visconde de Sá Bandeira foi tambem que no seu Ministerio deu positivas ordens para introduzir esta arvore em Angola, aonde segundo fomos informados, já tem bello principio. — voj Not. 6 —

* * Limitamo-nos a publicar algumas d'estas concessões, e é n'este lugar que nos reservamos ainda de fazer algumas reflexões. — vej. Not. 7. —

Quanto porém a Guiné, demais devem se excitar os capitalistas Portuguezes a formarem uma associação, cujos capitaes desemvolvam o germen da natural riqueza, que aquelles terrenos abrigam.

Estabelecendo em Guiné colonias agriculas, teremos a duplo objecto tão desejado preenchido. Ha de se poder collocar com vantagens os militares veteranos ainda validos, como e os expostos, dar occupação aos degradados, libertos e empregar utilmente os homens condemnados á trabalhos forçados. —

Com tudo não deixamos de reconhecer que o systema de colonisação agricula, apezar de todas aquellas vantagens, è um ensaio que exige uma longa experiencia para appreciar os futuros resultados e colhe-los. Pois os fructos não se mostram se não depois d'um lapso de tempo mui consideravel. O fim n'esta operação, debaixo de todos os pontos è eminentemente louvavel, mas quaes e quantos obstaculos imprevistos n'um paiz como a Guiné, podem estorvar a cada passo a marcha, e paralisar os esforços. Combinada porém com uma legislação sabia, protectora dos interesses da agricultura e industria, não duvido que esta operação apezar de todos os tropeços e difficuldades, seria activa nos seus effeitos. —

Em 1812 foi creada para este fim, por Ley do então Principe Regente o Senhor D. João VI.° uma *Junta de melhoramentos d' Agricultura*, á qual erão

sujeitas as *Sociedades agronomicas* estabelecidas em todas as ilhas. A Junta era composta do Governador e Capitão General como Presidente, e do Ouvidor, Juiz Ordinario da Capital, Escrivães da Camara e da Fazenda como Deputados. Seus estabelecimentos filhaes nas outras ilhas erão compostos do respectivo Commandante militar, Vigario, Juiz, Feitor da Fazenda e Escrivão da Camara. Esta organisação parece nos ter sido viciosa, não pertencendo nenhum lavrador e mais pessoas que geralmente tem maiores conhecimentos a este respeito. Esta instituição tão bella e louvavel, assim como tantas outras e tão boas leys e instituições que temos, quasi que não existia senão no papel. Segundo o zelo d'algum Governador reuniam-se os membros as vezes e tinham lugar as Sessões, * mas tambem sem efficacia nenhuma, a não ter por resultado, encherem se muitos cadernos de papel. Apenas tem dado algum impulso á plantação do caffé; que todavia tornou a decahir como acima já temos exposto. — Se alguma vez tinham-se tomado boas e uteis deliberações, com a costumada apathia, nunca nem tão pouco uma só foi jámais posta em pratica.

No anno 1837 forão estas Juntas renovadas com diversa organisação ainda que igualmente viciosa,

* Apresentamos em seguida algumas sessões d'esta Junta, que pódemos alcançar, e pozemos as por extenso, por não serem sem interesse e darem uma bem clara idea. — Not 8. —

e de certo sem uma reforma radical na Provincia, não se podem d'ella no estado actual, esperar alguns melhoramentos. — Not. 9.

O Governador Marinho desde que foi renovada a Junta d'agricultura, dividiu algumas terras entre gente pobre, para promover a plantação d'algodão e purgueiras. Consta-nos, que antes da partida d'este Governador para Moçambique, esta medida promettia grandes resultados. a julgar pelo que já havia em S. Nicoláo, no *Campo da Tabua*, *Estancia de Braz*, *os Carvoeiros*, — e outros sitios, onde teve lugar aquella divisão. —

—

Esperamos indulgencia do benevolo leitor, se com alguma demasia nos temos demorado com a exposição d'agricultura d'esta Provincia; mas nos escrevemos tambem para os habitantes d'aquellas regiões, e com a convicção de que este paiz deve ser considerado como uma Colonia agricula: — pois assim será industriosa, será comerçante. —

Pessoas ha, que não sei porque se tem na conta de só ellas conhecerem o paiz, as quaes dizem [ainda que por certo o não cuidam] serem impossiveis por lá todos os melhoramentos d'agricultura a conta da falta de aguas. —

Quanto a Guiné esta refutação não tem lugar; quanto ao Archipelago porém, cobrindo as ilha

com vegetação. haverá mais frequentes chuvas, o cultivador poderá contar com uma certa colheita, e aniquilado será o receio da fome. Além d'isso o homem tem raciocinio, e d'esta faculdade que o extrema dos outros animaes, deve tirar partido para ajudar e compensar a natureza aonde ella se mostrou insufficiente. As ilhas de Cabo-Verde não são faltas d'agua, pois tem abundantes fontes, todas teem algumas ribeiras, e por toda a parte se encontram nascentes em pequena profundez. As plantas proprias d'aquella zona não exigem tambem suprabundancia de rega. Mas para todo o cazo, alem dos poços e noras que lá não existem todavia, temos já agora o meio tão facil, tão vulgar e tão economico, de haver agua em toda a parte, que não acho difficuldade alguma em abastecer as ilhas tambem com aquelle elemento, por este meio, — por via dos Poços Artezianos. —

A doutrina d'estes poços é fundada sobre o equilibrio dos fluidos. E' sabido que a precipitação das aguas da atmosphera é a origem das fontes. A humidade absorvida da atmosphera penetra pelas fendas da terra, até que filtrando pouco a pouco, ache uma sahida, conforme á affluencia. Assim tambem como na superficie da terra ha lagoas e rios, a natureza no seu seio escondeu outras lagoas e rios subterraneos, uma especie de cisternas, de reservatorios que alimentam aquelles. D'este modo a terra no seu interior em todos os sentidos é cortada por veios d'agua. Atravessar então estas camadas

por um furo perpendicular, com a verruma da terra, — eis o que se chama abrir um poço Arteziano. — Ajuntam-se n'este poço todas as aguas, que se acham entre as differentes camadas, e sobem até se pôr de nivel com a sua origem. Se ella fôra mais alta da boca do poço, rebentam e já se alcançaram repuxos até de 30 palmos. No cazo contrario por meio d'uma simples e pequena bomba extrahe se a agua. —

Estes poços além de dar quasi sempre uma rega natural espraiando a agua fóra do orificio, são ainda mais economicos que quaesquer outros poços, noras ou bombas. —

Oxalá esta lembrança estimulasse alguem na Provincia, a pô-lo em pratica, como já o tem feito a Camara Municipal de Loanda em Angola; e esta introducção não tardaria a attrahir enormes resultados sobre a agricultura da Provincia. —

FIM DO I. VOL.

NOTAS.

NOTA I.

A. — Pag. 24.

Instrucções que se devem praticar com a nova povoação da ilha de S. Vicente, uma das desertas da Capitania de Cabo-Verde, mandadas observar por Carta Regia de 22 de Julho de 1795.

» O actual Governador da dita Capitania, José da Silva Maldonado d'Eça, a quem S. M. encarrega a execução deste negocio, logo que receber as suas Reaes Ordens, expedirá Aviso a João Carlos da Fonseca, morador na ilha do Fogo, para que se apromple com os seus escravos, a fim de ir povoar a ilha de S. Vicente, com o posto de Capitão-Mór della, e com os privilegios, isenções, e remunerações, que abaixo se declaram. »

» Fará ao mesmo tempo aprompta r os 20 casaes das outras ilhas, e os mais povoadores, que já desta Corte se remetteram com igual destino, sendo todos trans-

portados a custa da R. Fazenda; e igualmente fará aprompṭar as ferramentas, petrechos, munições, e mantimentos, que fôrem necessarios para esta expedição, servindo-se dos que já se enviáram, e n'esta occasião se remettem para esse effeito, e comprando-se a custa da mesma Fazenda R. tudo o que fôra indispensavelmente necessario. »

» Permitte S. M. que os referidos 20 casaes possam levar comsigo os seus escravos, se os tiverem, mas expressamente prohibe que das outras ilhas se possa transportar maior numero de casaes, por se não julgar conveniente que esta nova povoação se execute com os habitantes d'essas ilhas, quando pouco a pouco se lhe podem ir introduzindo cazaes do Reino, e das Ilhas dos Açores, que se reputam mais activos e laboriozos, e mais capazes para semelhantes estabelecimentos. »

» Prevenidas que sejão as cousas com a necessaria antecipação, e disposto o dia para o embarque, e transporte dos povoadores, e do mais que se carecer para a execução deste importante objecto, passará o Governador n'essa occasião á dita ilha de S. Vicente, para authorizar com a sua presença a posse, e distribuição das terras, e do mais, com que hão de ser soccorridos os referidos povoadores, indo acompanhado do Provedor da Fazenda R., e do Escrivão da mesma, Marcellino Antonio Basto, e de um Official Engenheiro, ou de quem possa supprir a falta deste; e para de commum accordo, e maior acerto se assinalar o lugar da povoação e o terreno, que ha de pertencer á Camara, quando alli se houver de erigir a

villa, e para se distribuir a porção do terreno, que ha de pertencer a cada um dos povoadores, na forma abaixo expressada.

„ Para os ditos transportes poderá o dito Governador servir-se do Paquete de S. M., ou do Hiate, que agora vai destinado a conduzir a urzella para esta Côrte: pois não é justo, que por falta de embarcações e do necessario soccorro, se retarde e malogre esta importante diligencia.

„ Chegados que forem a dita ilha, passará logo patente de Capitão Mór ao sobredito João Carlos da Fonseca, a quem S. M. confere o dito posto, e promette remuneração de serviços no fim de 12 annos, além dos privilegios e isenções que lhe tocam como povoador, se mostrar que com a sua actividade, zêlo, e prudencia coopera para os progressos, e augmentos da lavoura, e da população da mesma ilha, e para a regularidade, harmonia, e bons costumes dos seus habitantes. E se outrosim fizer certo, que á sua custa erigiu Igreja decente, e sustentou o Parocho d'ella nos primeiros seis annos da sua fundação.

„ Ao referido Capitão Mór obedecerão no que for concernente ao bem publico os povoadores que allí se estabelecerem, e todos ficarão subordinados aos governos ecclesiastico, civil, e militar d'essa Capitania. podendo elles em caso de necessidade recorrer ás justiças da ilha de S. Antão em quanto não tiverem Juiz proprio com jurisdição para conhecer das suas dependencias, e de sentenciar as suas causas. Na distribuição das terras se attenderá ao numero de braços,

que tiver cada um dos casaes para a cultivar, a fim de que a repartição se faça com a devida proporção, reservando-se não só o terreno, que ha de pertencer á Camara, mas tambem o que pelo tempo adiante se ha de ir repartindo pelos mais casaes, e povoadores, que forem habitar a dita ilha, estabelecendo-se para ella um livro de tombo, em que se deve lançar com toda a individuação e clareza, a quantidade que se conceder a cada um dos colonos, e passando-se a estes os competentes titulos com as devidas confrontações, e com as declarações dos fôros, que hão de pagar depois de findo o tempo da isenção, que se lhe concede, para desta sorte se evitarem duvidas, e contendas prejudiciaes tanto ao socego dos ditos colonos, como aos interesses da R. Fazenda.

,, Concede S. M. assim ao referido Capitão Mór, como a todos os mais povoadores o privilegio de isenção de foros, dizimos, e quaesquer outras contribuições por tempo de 10 annos, contados do dia em que cada um delles tomar posse do terreno, que se lhe conferir, para que ajudados, e soccorridos com este beneficio possam melhor estabelecer-se, ficando porém obrigados, findo que seja o referido praso, a satisfazerem á Fazenda R. não só os dizimos, e mais direitos estabelecidos nas outras ilhas, mas tambem o foro competente, que lhe será imposto com a necessaria moderação.

,, Sem embargo da referida isenção dos dizimos pelo espaço de 10 annos, deverá a Fazenda R. satisfazer a competente congrua ao Parocho desta nova povoação depois de findos os primeiros seis annos, em que

ha de ser pago á custa do Capitão Mór, na fórma acima expressada. „

„ Pela R. Fazenda se assistirá logo aos ditos povoadores com ferramentas, espingardas, e polvora, e com algum soccorro de mantimento aos que o necessitarem tanto para as suas lavouras, como para se sustentarem, em quanto não colherem os fructos das suas plantações, e sementeiras: distribuindo-se tambem por todos elles com a devida proporção e igualdade os gados que ha na ilha, pertencentes á R. Fazenda, reservando-se porém algum para se ir semelhantemente distribuindo pelos futuros povoadores, a fim de que por meio deste beneficio possam promover com interesse proprio o augmento do mesmo gado. „

„ A todos os moradores, que de futuro se fôrem estabelecer na dita ilha de S. Vicente se assinalarão terras incultas para as cultivarem com as devidas confrontações e clarezas, na forma recommendada a respeito dos que forem no tempo da fundação, distribuindo-se-lhes igualmente ferramentas á custa da R. Fazenda, e algumas cabeças de gado, assim como se manda praticar com os outros, concedendo-se-lhes os mesmos privilegios e isenções pelo espaço dos ditos 10 annos. „

„ Para defeza propria, e natural dos mesmos povoadores, serão entregues ao dito Capitão Mór algumas espingardas, polvora, e munições, não só para se acautelar de qualquer incidente que possa acontecer mas tambem para que o dito Capitão Mór hajá de ir distribuindo as ditas espingardas por aquelles colonos,

que mais se distinguirem nos trabalhos da lavoura, e derem provas da sua actividade, e bom comportamento. „

„ Deixa-se ao prudente arbitrio do referido Governador o fornecimento, e distribuição das ferramentas, mantimentos, e generos, que se devem despender com esta fundação; e se lhe recommenda muito a possivel economia, com que deve zelar a R. Fazenda, sem se faltar comtudo á execução de tão util estabelecimento.

„ Para que n'esta diligencia não hajá alguma duvida ou motivo, que retarde ou embarace a sua execução, poderá o mesmo Governador providenciar em todos os casos occorrentes, como lhe parecer mais acertado, conveniente ao R. serviço, não deixando porém de cumprir o que por estas instrucções se lhe ordena. „

„ Logo que estiver conhecida esta Commissão, e arranjadas as cousas na conformidade do que acima se determina, voltará o dito Governador para a ilha capital da sua residencia, com as mais pessoas que se devem recolher a ella: donde dará immediatamente conta exacta, e circunstanciada de tudo o que tiver feito, e se lhe offerecer sobre este assumpto, dirigindo-a á Secretaria d'Estado respectiva, para ser presente a S. Magestade. Palacio de Queluz em 22 de Julho de 1795. — Luiz Pinto de Souza. —

Relação de instrumemtos, e preparativos, que de Lisboa vieram para a povoação da ilha de S. Vicente em 6 de Outubro de 1795.

Barracas de Capitão Portuguezas com as suas competentes madeiras, 3 — Ditas de subalternos, 4 — Barraquins de Infanteria, 50 — Espingardas inglezas concertadas, com baionetas e varetas de ferro, e ferragem de latão, 20 — Martelinhos novos 20 — Patronas com correias e cartucheiras, 20 — Bandoleiras de espingarda, 20 — Guarda fechos 20 — Ballas de chumbo, 100 — Arrobas de chumbo para caça, 8 — Enxadas com seus cabos, 100 — Picaretes com ditos, 100 — Machados com ditos, 100 — Fouces ordinarias, 100 — Alavancas sorteadas, 24 — Sachos com seus cabos, 20 — Serrotes de mão, 40 — Serrotes de duas mãos, 10 — Fouces roçadouras, 25 — Enxós de Carpinteiro de obra branca, 40 — Ditas de Carpinteiro de machado, 10 — Martellos de Carpinteiro, 50 — Rebotes, 50 — Formões sorteados, 50 — Altar portatil com seus pertences, 1 — Polvora entre fina, barris 4 —

Trigo — alqueires 6 — Milho, ditos 6 — Cevada, ditos 6 — Feijão branco, ditos 3 — Dito fradinho, alqueires 3 — Favas, ditos 3 — Grão de bico, ditos 3 — Ervilhas, ditos 3 — Lentilhas, ditos 3 — Sal, moios 3.

B. — *Pag.* 30.

Illm.° Sr. = Tendo o Governo ordenado em 31 de Maio de 1837, ao Governador Geral de Cabo Verde, que mudasse a Capital daquella Provincia para a ilha de S. Vicente, e tendo depois o ex-Secretario da mesma Provincia, David da Fonseca Pinto, informado que havia grande inconveniente em similhante mudança, como se vê do Artigo inserido no incluso Periodico = o *Constitucional* = foi necessario recommendar ao dito Governador que procedesse em tal objecto com toda a circumspecção e prudencia.

Desejando eu pois colher todos os esclarecimentos possiveis em materia de tanto interesse para aquella Provincia, rogo a V. S.ª de, sobre ella, me dizer o que se lhe offerecer, para com perfeito conhecimento de causa, o Governo poder tomar uma resolução acertada. Deos Guarde a V. S.ª Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 14 de Maio de 1838. = Illm.° Sr. Theophilo José Dias, Deputado eleito pela Provincia de Cabo Verde. — *Sá da Bandeira.*

Ill.º Ex.º Sr.—Ordena-me V. Ex.ª em seu officio de 14 do corrente mez, expenda eu o que se me offereça sobre a projectada mudança da Capital da Provincia de Cabo Verde para a ilha de S. Vicente, a fim de que o Governo com perfeito conhecimento de causa, possa em materia de tanto interesse para a mesma Provincia, deliberar convenientemente: enviando-me ao mesmo tempo o Periodico — *Constitucional* — no qual o ex-Secretario David da Fonseca Pinto ponderou a V. Ex.ª as inconveniencias que o tal projecto entendeu dever sujeitar ao juizo de V. Ex.ª A'vista do que cumpre-me dizer a V. Ex.ª, que taes inconveniencias se desvanecerão quando V. Ex.ª melhor informado venha no verdadeiro conhecimento das muitissimas vantagens da referida mudança, fundadas sobre as causas physicas, e moraes, que altamente reclamam aquella tão necessaria medida. Concede o ex-Secretario David da Fonseca Pinto excellente porto á ilha de S. Vicente, optimo clima, mas nega-lhe, por informações que obteve, abundancia de aguas, fartura de mantimentos, e centralidade! Mas quando eu demonstrar á face de provas incontestaveis o contrario, necessariamente não curarão os seus argumentos. A ilha de S. Vicente além de duas nascentes perennes de agua excellente no interior da ilha, e a pequena distancia do Porto Grande, denominadas — o Madeiral, e o Madeiralsinho — tem mais o poço da Matiota, que suppre a aguada dos navios que constantemente aportam áquella ilha, e a sua actual povoação de perto de 300 almas. No lu-

gar deste poço se podem abrir tantos quantos forem necessarios na razão directa do augmento da população: e não só n'este lugar, como em qualquer outro da mesma ilha, porque na profundidade de duas ou tres braças se encontra excellente agua. No Porto de S. Pedro uma extensa bahia, a distancia de legoa e meia do Porto Grande, ha excellente agua que se obtém fazendo covas na arêa, junto da praia, a que os indigenas chamam *Cassimbas*, e é neste lugar aonde a maior parte dos navios baleeiros, e muitos outros vão fazer aguada, porque tem a facilidade de encher 20 a 30 pipas d'agua por dia. E' deste mesmo modo que os povos da ilha da Boa-Vista, e ilha do Maio obtem a agua para seu consumo, e não são estabelecimentos novos com 200 ou 800 almas de população, são povoações de milhares de habitantes! O poço da Matiota é na verdade pequeno, mas o remedio é bem facil: construam-se poços com propriedade, e conseguir-se-ha obter com pequeno dispendio um resultado util. Não é farta de mantimentos a ilha de S. Vicente, porque até agora tem estado inculta, e sua pequena população entretida em outras occupações, a criação dos gados, e ao apanho da urzella, tem abandonado a agricultura, de cujos productos são abastecidos pela fertil e importante ilha de Santo Antão, que lhe fica proxima: mas quando a população augmente, e convenha ao interesse dos povos a cultura dos terrenos, a ilha de S. Vicente produzirá como as demais ilhas do Archipelago, logo que concorra a circunstancia absolutamente essenci-

al em todas ellas — da abundancia das chuvas! As ilhas do Sal, Boa-Vista, e Maio são arenosas, aridas, agrestes, e soffrem as tempestuosas ventanias das chamadas Brisas, que sopram a maior parte do anno da banda de Leste e Nordeste; mas nem por isso deixam de ser habitadas por mais de 6 a 7 mil almas, apezar de não gozarem da salubridade da ilha de S. Vicente, nem de possuirem portos seguros e abrigados, e dependerem dos productos agriculas das outras ilhas por quem são suppridas. Os ventos que açoutam a ilha de S. Vicente, são os mesmos que sopram em todo o Archipelago. As Ilhas da Boa-Vista, Maio, e Sal, são tão ventosas como a ilha de S. Vicente; nas duas primeiras existem algumas arvorisações, porque têem sido habitadas, circunstancia que não tem concorrido na ilha de S. Vicente; aliás achar-se-hia arvorisada como aquellas. De certo que o ex-Secretario David da Fonseca Pinto nunca pisou o terreno da ilha de S. Vicente, nem obteve verdadeiras informações, porque se assim fôra não avançaria a asserção de que só o arbusto algodoeiro allí vegeta! Nos valles e campinas, e em muitos outros lugares da ilha de S. Vicente ha matas de Tarafe, de que os habitantes fazem uso para a construcção de suas pequenas casas e habitações, e de combustivel. Todos os navios quer nacionaes, quer estrangeiros, que allí aportam, fazem lenha das mesmas matas que ficam proximas do porto, o que claramente prova a abundancia de um tal artigo. Os navios de guerra, o brigue S. Boaventura, e a escuna Ame-

lia, que allí estacionaram em Agosto proximo passado, toda a lenha que consumiram no espaço de cinco a seis mezes, e outras mais embarcações que o Governo da Provincia apresou por se acharem complicadas no Commercio illicito de escravos, foi cortada nas matas de tarafe da ilha de S. Vicente! Este arbusto vem espontaneamente, e cresce até a altura de duas braças; é de uma consistencia rija, e engrossa os troncos em poucos annos, e a sua cultura póde levar-se a grande augmento por ser arbusto indigena, e proprio de terrenos humidos. Além deste arbusto ha goyabeiras, marmelleiras, e vinhas. Produzem excellentes melões e melancias, milho, feijão, batatas, e aboboras &c., e para o futuro deverá produzir todos os fructos que as mais ilhas produzem. As costas da ilha de S. Vicente são abundantissimas de peixe, e tartarugas. Além do Porto grande, e da bahia de S. Pedro, tem muitos outros portos pequenos abrigados, de facil e segura entrada, e de bom fundo. Junto do Porto-grande, e em diversos outros lugares ha extensissimos terrenos proprios para salinas. A posição da ilha de S. Vicente a respeito da ilha de Santo Antão, os ventos que allí sopram constantemente no tempo das brisas, isto é, de Novembro até Agosto, do lado de nordeste, e leste, demonstrará o contrario da proposição do ex-Secretario David da Fonseca Pinto, porque tanto de uma como de outra ilha o vento faz feição, e facilita a navegação das embarcações miudas, isto é, das lanchas que quasi sempre navegam de uma para outra ilha, de ma-

neira tal, que no tempo das ventanias é que ellas mais navegam, porque no tempo das chuvas, os povos entretidos com a lavoura, e timidos dos temporaes, que são frequentes da parte do sul, suspendem a navegação, e alguns encalham os seus barcos; exactamente o contrario da informação dirigida a V. Ex.ª, pelo referido ex-Secretario. Na estação chuvosa nem por isso deixa de haver communicação frequente com a ilha de Santo Antão, e os navios que nessa epocha mais do que em nenhuma outra allí aportam, são abastecidos de legumes, creação, e fructas em muita abundancia, e por preços muito commodos; de tal sorte que pode dizer-se que a ilha de S. Vicente é o mercado da ilha de Santo Antão. Perguntarei eu agora á face destes factos incontestaveis, e verdadeiros, reconhecidos, e sabidos em toda a Provincia de Cabo-Verde, se é exacta a descripção desfavoravel do ex-Secretario David da Fonseca Pinto. Considerando ao mesmo tempo que, dirigido unicamente por informações, pertende sustentar a impossibilidade da mudança da Capital contra a opinião dos Governadores Pussich, e Marinho, que por experiencia propria, e levados só do publico interesse, e da prosperidade de uma porção importante dos nossos dominios Ultramarinos, defendem e demonstram a possibilidade e vantagem da mesma mudança? Filho da Provincia de Cabo Verde, a amigo da sua prosperidade, eu não fallarei a V. Ex.ª outra linguagem, que não sejá a da verdade, despido de toda a preoccupação. A possibilidade da mudança fica demonstrada a des-

peito das objecções até agora apresentadas a V. Ex.ª, porque ellas são fundadas em falsos principios; E se a centralidade falta á ilha de S. Vicente em relação a todo o Archipelago, ella tem a centralidade necessaria respectivamente ao grupo das Ilhas de Barlavento, igualmente rico, importante, e o que infelizmente se acha desprezado, por se não ter até agora effectuado o projecto da mudança da Capital que o Governo de Sua Magestade tão sabia e patrioticamente tem determinado. Mudar a Capital da ilha de Santiago para a de S. Vicente não é destruir o commercio, a agricultura, e a navegação daquella Ilha. Não é diminuir a sua importancia politica, antes ao contrario é dar força, energia, e vida ao Governo! E'sim animar a agricultura, industria, e navegação das duas importantes ilhas de S. Nicoláo, e Santo Antão, as mais populosas de todo o Archipelago, á excepção de Santiago; é estabelecer a marcha, e operação dos negocios publicos estavel, permanente e segura. E'salvar as vidas de centenares de Europeos destinados pelo Governo a servirem naquella Colonia, e arranca-los á morte, e á perda de verem morrer com elles esposas, filhos, parentes, e amigos, para os collocar em uma ilha, que reune as grandes e mais apreciaveis vantagens daquelle Paiz, a da salobridade, e excellente porto, e as mais que hão de seguir-se, empregando-se os meios convenientes, e peculiares ás actuaes circunstancias da Provincia. O Governo preciza de quartel para a tropa, de casa para o Governador Geral, e para os administradores da

Fazenda, de armazens para depositos. Carece de edificios proprios para estabelecimentos de instrucção, e se os ha de edificar em terreno aonde a morte destroe annualmente tres quartas partes dos Europeos, ou arruina para sempre a maior parte dos que escapam ao terrivel flagello da carneirada; é de humanidade, justiça, e de razão effectuar quanto antes a mudança. As enormes sommas despendidas nos Hospitaes Militares, em boticas, cirurgiões, &c. podem ser applicadas para o novo estabelecimento da ilha de S. Vicente. A grandeza do seu porto ao abrigo de todos os ventos chama a attenção, e commercio estrangeiro, e creando-se alli um deposito de todos os nossos productos d'Africa. e muito principalmente das madeiras de construcção, as quaes podem ser carregadas em embarcações tripuladas por marinheiros da Provincia, para depois serem transportadas a este Reino em navios maiores, e d'aqui enviados, animando-se assim a navegação com a Costa d'Africa, e a de cabotagem, salvar-se-hão as vidas aos marinheiros, e Officiaes de Marinha, Europeos que não serão victimas da insalubridade de Bissau e Cacheu. Tudo isto é facil, possivel, e conveniente. A insalubridade da ilha de Santiago existe na natureza do terreno, e em causas physicas até agora desconhecidas. E'necessario arvorisar a ilha de Santiago para attrahir as chuvas, e quando sem existir essa arvorisação chove demasiadamente ahi, temos uma epidemia terrivel. Esses pantanos seccos, a que erradamente pertendeu o ex-Secretario David da Fonseca Pinto attribuir a moles-

tia endemica da Villa da Praia, são os terrenos mais arvorisados de toda a ilha « Ensopam-se e levam agua ao mar », como elle diz, do que pode deduzir-se que não ha aguas estagnadas, e do que igualmente se conclue, que não sendo esses terrenos mais baixos do que a superficie das aguas do Oceano, que os cercam, propôr o remedio no projecto d'uma obra dispendiosissima, quasi impraticavel, e para o desemvolvimento da qual seria necessario empregar milhões, além da inutilidade nos apresenta a idéa de não ser possivel mudar o clima, nem ao menos minorar a sua influencia maligna sobre os Europeos. Cercar a montanha sobre a qual se acha collocada a Villa da Praia, pelas aguas do oceano, para a salvar da molestia endemica do Paiz, importa unicamente o trabalho de escrever palavras harmoniosas, que não podem illudir de sorte alguma quem está ao facto de taes obras, e emprezas. Em quanto por obstaculos offerecidos á consideração de V. Ex.ª sobre a mudança da Capital, se vai demorando a sua execução, que só pode ser ruinosa a quem não tiver interesse pela prosperidade da Provincia de Cabo-Verde: vão os estrangeiros aproveitando-se do seu local, clima, e excellente porto, e agora acaba a Companhia Ingleza das Indias de a escolher para os depositos de carvão para supprirem os Barcos de Vapôr que se destinam á navegação, e carreira da India estabelecida pela mesma Companhia. Os navios de Guerra Francezes, e Inglezes das estações d'Africa, se aproveitaram sempre, e ainda se aproveitam das vantagens indicadas da ilha

de S. Vicente, para allí irem frequentemente não só restabelecer suas equipagens dos estragos soffridos nos seus cruzeiros, como igualmente fazerem aguada, refrescos, e repararem o apparelho de seus navios. Um porto aonde embarcações d'alto bordo vão pintar, refrescar seus apparelhos, e algumas vezes virar de querena, de certo não é o porto das tempestades que se descreve n'essas observações offerecidas a V. Ex.ª; e ainda avanço mais, que será difficil dar noticia em nossas possessões da existencia de um porto mais seguro, e menos tempestuoso, e de melhor fundo que o porto grande da ilha de S. Vicente. * Esses navios estrangeiros que aportam á ilha de Santiago para refrescarem, e fazerem aguada, nada tem que a Capital allí estejá ou deixe de estar, nem esta circunstancia pode influir na economia publica, e administração governativa. A população de Santiago não muda para S. Vicente, nem os braços faltam á lavoura, porque a sede d'um Governo muda d'um lugar para outro. A abundancia de viveres da ilha de Santiago continuará sempre em quanto fôr favorecida pelas chuvas; e a permanencia do Governo em logar certo, ao abrigo do bom clima, e situado em uma ilha que offerece o melhor porto, fará desapparecer a irregularidade e incommodo, de andar o Governador e mais empregados publicos a mudarem de quartel para as differentes ilhas, deixando a de Santiago

* Veja as duas notas seguintes.

para não serem victimas de carneirada! Diminuiu por ventura o commercio, a lavoura, e a navegação da ilha de Santiago, quando o ex-Governador Arouca escolheu a ilha do Fogo para sua residencia, durante a estação das chuvas, e o Governador Marinho a de Santo Antão pelo mesmo motivo? De certo que não. Mas o que se seguia da sua ausencia?— deixando os outros empregados publicos a luctar com a carneirada o que sempre se tem seguido. Paralisação dos negocios publicos, mortandade nos que ficam, e a demora de todas as medidas, e trabalhos emprehendidos em beneficio do paiz. Perdem-se vidas, dispendem-se inutilmente sommas consideraveis com os Hospitaes, e no fim de seis mezes de ausencia do Governador Geral, é precizo começar de novo, o que a maior parte das vezes é impraticavel pelo máo estado a que a molestia reduz os que milagrosamente escapam ao flagello horrivel! E quantas vezes a administração civil, e militar fica entregue a quem a ordem do serviço, e a Lei chama ao Poder pela prematura morte de pessoa idonea, abusa e transtorna muitas vezes, por incapacidade moral, as intenções do Governo! Cumpre Exm.º Sr. acabar com taes males, e concorrer para uma nova epocha na Provincia de Cabo-Verde. V. Ex.ª que tanto se ha dedicado ao melhoramento de nossas possessões Ultramarinas, e que tantas provas ha dado de sua devoção pela prosperidade da Provincia de Cabo-Verde, dê mais este testemunho de seu patriotismo, e concorra V. Ex.ª para o bem estar de perto de 60 mil habitantes, dignos de me-

lhor sorte. A mudança da Capital para a ilha de S. Vicente debaixo dos auspicios d'um Ministerio verdadeiramente Patriota, e auxiliada pela munificencia da prestação de dois contos de réis mensaes, para fazer face ás despezas publicas, que Sua Magestade Se Dignou conceder-lhe, e outros meios que por ventura no futuro se appliquem á regeneração da Provincia de Cabo-Verde, a tornarão feliz, e a nação Portugueza perceberá igualmente a vantagem da prosperidade e riqueza de seus Dominios. Deos guarde a V. Ex.ª Lisboa 23 de Maio de 1838. Ill.º e Exm.º Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = *Theophilo José Dias.* Deputado eleito pela Provincia de Cabo Verde.

---

a.

[*Extracto d'uma Memoria publicada em Londres em* 1829]

.... A ilha de S. Vicente é separada da de Santa Luzia por um canal de quatro milhas de largo, e por outro de sete milhas da de Santo Antão. Tem esta ilha de nascente a poente mais de tres legoas, sobre duas de largura. Ha nella duas serras com fa-

ce ao nordeste e sudoeste, formando um valle central, que vai terminar na bahia chamada -- Porto Grande —, ao nordeste da ilha. A costa do nordeste contém duas enseadas, separadas por uma peninsula chã de meia legoa por lado: esta costa é descripta como bastante perigosa.

Porto Grande é a maior e melhor bahia das ilhas de Cabo-Verde, e pode admittir trezentos navios grandes; é bem abrigada da banda da terra, que é elevada, e apresenta uma bella apparencia. Dous Officiaes de Marinha ingleza [Vidal, e Mudge], que allí estiveram em 1820, dizem que é um ancoradouro seguro e bom, onde se podem desapparelhar e reparar navios, visto que está ao abrigo dos ventos, e dos mares. O vento, que de ordinario sopra do nordeste, embate n'uma parte da terra; e a ilha de Santo Antão, que lhe fica ao mar, serve de resguardo.

Ha madeira em abundancia, e pode obter-se agua sufficiente para o consumo quotidiano, do poço que fica na praia oriental. Depois de um navio aqui concertar, pode ir provêr-se de um abastecimento de agua mais completo, na bahia do Terrafal em Santo Antão, que fica seis legoas para oeste, e é reputada o melhor local de fazer aguada entre todas as ilhas de Cabo-Verde. Em Porto Grande pode achar-se gado, mas nem por isso muito bom. A igreja e a alfandega estão no fundo da bahia para a banda de leste, e póde enxergar-se bem uma vigia no cume de um outeiro, a pouca distancia do an-

coradouro, que dá parte de tudo quanto passa ou se aproxima da ilha.

Fóra da bahia, a tres quartos de milha da ponta do nordeste, fica um ilhéo escarpado bastante notavel, o qual se apresenta a uma certa distancia arredondando a modo de um pão de assucar, sendo possivel navegar livremente em redor delle, sondando-se regularmente profundidades de 25, a 8, 6, 4 e 2 braças sobre a costa. O fundo é excellente, e em algumas partes da bahia se pode lançar ancora com seis braças de agua em um fundo de arêa com ramos de coral. A agoa e tão limpida, que se pode escolher o logar para lançar ferro.

Os navios devem surgir deitando um ancorete, visto que de ordinario ha allí uma forte corrente para o nordeste, entre a praia e o ilheo: e como o vento nordeste é inconstante, sería impossivel sem esta precaução, a ancora não entocar com as rajadas de vento forte, que vem as vezes da banda da terra. A meia milha do ilhéo ha de fundo 36 braças, e a mesma profundidade se encontra regularmente navegando o canal entre Santo Antão, e S. Vicente, onde o fundo é de ârea, pedaços de coral e pedrinhas. Neste canal navegando-se para o Porto Grande, pode-se chegar a uma milha de Santo Antão, e do lado de S. Vicente pode-se chegar tão arrumado á terra, quanto se queira, visto que a corrente geralmente empurra com força para o noroeste, sendo assim este canal perfeitamente livre de qualquer risco. Proseguindo cousa de oito milhas, para a parte meridional de S. Vicente acham-se 35 braças de

agua; e ao aproximar do outro porto da ilha, denominado de — S. Pedro —, que fica ao sudoeste, vão as alturas dadas pela sonda diminuindo gradualmente, até chegar a 18 braças perto do meio do porto. A boca d'este porto tem duas milhas e meia de largura, e do meio delle até a praia, onde o desembarcadouro é bom, o fundo é regular e perfeitamente limpo de rochedos. Esta bahia é aberta ao vento sudoeste, e póde-se nella obter em abundancia, e por preços razoaveis, vitellos e carneiros; e bem assim a agua sufficiente por meio das cacimbas.....

---

b.

....Tendo tido uma viagem feliz desde o dia 23 do passado, em que sahi do Tejo, até hoje, ainda não tive senão N. E. bonançoso, vento em pôpa: gastei quatro dias a avistar o Porto Santo; sete á vista da Palma, e quatorze a largar ferro em o mui excellente e mui desprezado porto de S. Vicente em Cabo-Verde, aonde tive que me demorar quatorze dias. Não sei se avance, que este porto é

o melhor surgidouro de todos os Dominios Portuguezes, incluindo mesmo o Tejo; e tanto sentem todos à sua importancia e vantagens geograficas, qne a Companhia que navega os Vapôres para a India, tem entabolado negociações com o Governador Marinho, para fazer escala em S. Vicente, estabelecendo allí um deposito de carvão: a concessão a esta Companhia seria de mui grande proveito. Para gozar as immensas vantagens que o referido porto offerece, eu, primeiro que tudo, tractaria de trazer a agua ao porto, de modo que fosse mui facil aos navios o fazer a sua aguada a troco de uma modica retribuição. Estabeleceria depois uma guarnição, que seria dada regularmente por corpos do exercito [dous annos?]. D'allì com esta força sómente se guardaria todo o Archipelago e Guiné, quasi sem ser precizo fazer marchar um soldado: allí poderia existir permanentemente uma guarnição Europea sem ser anniquilada em poucos mezes, como acontece irremissivelmente em alguns outros pontos d'esta Governança. Tractaria em seguida de armar o ponto, estabelecendo as baterias necessarias [que não são muitas]. Levantaria os edificios indispensaveis, como quartel para a guarnição, Paços do Governo, Alfandega, ou Repartição Fiscal, e um bom Hospital, estabelecimento da primeira importancia nestas paragens: o resto o commercio o faria. Decretaria o porto de S. Vicente de Cabo-Verde, =Porto franco, e de deposito para todos os generos e mercadorias conduzidas por todas as bandeiras em paz com a Portugueza.—D'estas medidas

antevejo eu os seguintes resultados. Todos os navios que navegam da Europa para o sul da Equinoccial, tocariam em S. Vicente, ou para reparar, ou para refrescar, ou para completar a sua aguada. Este ponto fica no caminho de toda a navegação do sul, e assim nenhum transtorno viria a esta navegação d'allí fazer escala; allì viria a estabelecer-se um immenso deposito dos generos dos mercados da Africa, Brazil, e outras partes da America, aonde seria mui conveniente aos negociantes do Norte ter a sua fazenda, esperando um preço favoravel. Para o futuro este ponto se tornaria um foco de navegação a vapôr, que se ramificaria para a Africa, e America; e se o Governo souber aproveitar estas circumstancias, este Archipelago mudará de face, e a Metropole àproveitará grandemente. Um mui modico direito de ancoragem cobrirá todas as despezas do estabelecimento, e deixará um bom remanescente. Para levar a effeito este projecto, e consolida-lo, não conheço outra pessoa mais idonea que o Governador Marinho, que nesta Provincia tem feito grandes serviços: a sua actividade se desenvolve admiravelmente, em sendo necessario, e a sua integridade existe illibada. Como preliminar deste projecto, elle jà abriu uma estrada na inaccessivel ilha de S. Antão (parte á sua custa), que principia desde em frente de S. Vicente, e se dirige ao N. O. da ilha, e por este modo se deve facilitar o estabelecimento de S. Vicente, de que Santo Antão é natural celleiro, e horta. Elle conquistou para o Estado a ilha do Sal, que se achava usurpada por

um particular, e que já hoje produz para o cofre uma boa renda: tem tudo pago em dia, e vai organisando o cahos que os seus antecessores produziram. Será bom que chegue ao conhecimento da Companhia das Pescarias, que durante os 14 dias que me demorei em S. Vicente, poucos se passaram em que não apparecessem dentro do porto, de roda mesmo do navio, em $3\frac{1}{2}$ braças d'agua, quatro, e cinco enormes balêas ao mesmo tempo! peixes capazes de quaesquer dous delles fazerem a carregação d'um navio mediocre. Os Americanos aqui vem dentro do ancoradouro fazer esta colheita, e esta gente de braços cruzados a olhar para elles; excepto a da ilha Brava, que são optimos arpoadores de balêas. Medi a costella d'um destes cetaceos, que se achava abandonada na praía, ainda que muito util para certas obras de tornearia, e cingia 36 pollegadas. Hoje espero largar do chamado porto da Villa da Praia de Santiago, que não tem desembarque, sem se expôr a grandes riscos, etc.

(*Extracto das communicações do capitão-tenente A. da Cunha, Commandante da Curveta — Izabel Maria —, encarregado de examinar o porto da ilha de S. Vicente, no Archipelago de Cabo-Verde.*)

Foi depois d'estas e muitas outras indagações e exactissimas informações que no Ministerio de Visconde de Sá, o Governo deliberou-se a proceder a

mudança de Capital para a ilha de S. Vicente, mudança infelivelmente ainda não levada a effeito, apezar da publicação do Real Decreto, que abaixo transcrevemos.

Causando gravissimo prejuizo e transtorno á Administração publica da Provincia de Cabo-Verde o retirarem-se em certos mezes do anno as principaes authoridades da Ilha de Santiago, aonde presentemente se acha fixada a sede daquelle Governo, para se subtrahirem ás molestias, que periodicamente se desenvolvem na mesma ilha; e não sendo por outraparte justo, nem conforme aos principios da humanidade o obriga-las a stricta residencia naquelle local insalubre e maligno, com manifesto risco de suas vidas, sacrificadas sem nenhum proveito para o Estado; por estes ponderosos motivos, e por existir felizmente n'aquelle Archipelago uma outra ilha, a de S. Vicente, que gosa do melhor clima, e de outras vantagens, entre as quaes merece a maior attenção o possuir um porto dos mais espaçosos e seguros da Monarchia: Hei por bem Determinar que as principaes Authoridades do Governo Geral de Cabo-Verde assentem residencia permanente na sobredita ilha de S. Vicente, e que para a construcção dos edificios do Estado, necessarios ao serviço da mesma ilha, sejam applicados aquelles meios pecuniarios, que se deveriam consumir na reedificação de taes edificios, que se acham em ruina na de Sautiago, além de outros de que se possa

dispôr sem detrimento do serviço publico. E em commemoração do desembarque nas Praias de Mindello, do Exercito, a cuja frente Meu Augusto Pai veio Libertar estes Reinos da oppressão em que se achavam, e Restituir-Me o Throno usurpado: Hei outrosim por bem Determinar, que a nova Povoação, que se levantar em S. Vicente, tenha o nome de Mindello, Reservando-Me Dar-lhe a cathegoria que lhe competir, quando, pelo augmento de população e mais circunstancias, o merecer. O Visconde de Sà da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministro e Secretarto d'Estado dos Negocios Estrangeiros, interinamente encarregado da Pasta dos Negocios da Marinha e do Ultramar o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades em onze de Junho de mil oitocentos trinta e oito. — RAINHA. — *Visconde de Sá da Bandeira.*

—

Not. 2 *Pag.* 45.

Provisão que nomea a Manoel Antonio Martins, Administrador dos Reaes rendimentos da ilha do Sal. —

D. Antonio Coutinho de Lencastre; Professo na Ordem de Christo, Moço Fidalgo da Caza Real,

Tenente Coronel de Milicias e Governador das ilhas de Cabo-Verde e praças annexas no continente de Guiné, &c.

Hei por bem do Real serviço de encarregar provisoriamente da Administração dos Reaes rendimentos e mais dependencias da ilha do Sal, ao Sargento Mór Manoel Antonio Martins, por assim o julgar conveniente aos interesses da Real Fazenda e augmento do commercio d'aquella Capitania; o qual não haverá emolumento algum da Real Fazenda pela dita administração, mas gozará das honras e privilegios que competem a um Capitão Commandante e Feitor de qualquer das ilhas povoadas, assim como tambem a prerogativa de só elle, e mais ninguem introduzir gado de toda a qualidade na sobredita ilha do Sal; e isto em attenção as grandes despezas que tem feito, e a servir gratuitamente a R. Fazenda, dando-lhe igualmente a faculdade de poder avocar por consentimento voluntario as pessoas de qualquer das ilhas desta Capitania, que para o expediente da dita ilha lhe forem necessarias como a liberdade de nomear quem no seu impedimento occasionado por qualquer motivo que sejá, exerça esta inspecção ou Administração, ficando o dito M. Antonio Martins responsavel pela conducta do que nomear, para por elle responder; cujas preeminencias lhe concedo em quanto S. A. R. não mandar o contrario, e eu achar ser assim conveniente á R. Fazenda e á prosperidade desta colonia; assim como por esperar do honrado

comportamento do sobredito encarregado que em tudo corresponderá ás mesmas ideas: não só pelo que pertence ao augmento dos Reaes rendimentos, senão tambem ao commercio; pois que nas differentes incumbencias de que tem sido encarregado, tem dado provas do seu patriotismo, zelo e actividade pelo Real Serviço; e para que conste do que deliberei em consequencia da resposta do Thezoureiro e Escrivão da R. Fazenda, que mandei ouvir, mando que este se registe nos livros da Real Fazenda, e que o requerimento com as respostas se conserve no Archivo da mesma. O sobredito encarregado prestará o juramento appenso aos ditos documentos, e o Escrivão da R. Fazenda o declare nas costas d'este que terá vigor em quanto se não dem outras providencias, não obstante não pagar novos direitos do que por ora fica isento. Dado e passado no Quartel da Villa da Praia da ilha de Santiago de Cabo-Verde, sob o signal e Sêllo das Armas do Governo d'esta Capitania, aos 25 de Fevereiro de 1808. Eu Thomaz de Sá, Secretario do Governo o subscrevi. — Lugar do Sello. — D. Antonio Coutinho de Lencastre.

—

Not. 3 — *Pag* 68.

. . . . Ha na Cidade da Ribeira Grande de Santiago, um Convento de Religiosos Capuchos que pertence á Provincia de Santa Maria da Soledade em Portugal. Estes Religiosos logo que professam, é com a condição de irem para aquelle Convento, quando pelos seus Prelados Maiores forem mandados. As suas obrigações allì são missionar, confessar, e ensinar a doutrina Christã. Tem duas aulas, uma de Theologia Moral, e outra de Grammatica Latina: por aquella recebem 80$000 réis, e por esta 60$000. Quando o Ordinario tem falta de Clerigos [o que acontece muitas vezes], pede por Officio ao Padre Guardião que lhe mande o Religioso, ou Religiosos de que tem falta para parochiar: presentemente estão tres Vigarios, um na Senhora da Luz, outro na Freguezia de S. Lourenço dos Orgãos n'esta ilha de Santiago, e o terceiro na Freguezia de Santa Catharina na ilha do Fogo. O numero dos Padres que se acham fora, e dentro do Convento é de nove, inclusive o Padre Guardião.

O Convento está muito bem situado, ou para melhor dizer, no melhor local que tem a Cidade. Está cercado de róchas, d'onde sae copiosa agua, que fórma uma ribeira que corre pelo meio da cêr-

ca, que no tempo das chuvas se augmenta de tal sorte, que chega a ser invadiavel: de uma das róchas sáe uma grande telha de agua, que se encaminha á cozinha, e antes de lá chegar, tem uma pia de pedra marmore, aonde os padres lavam os seus habitos, e lenços. Tem dentro da cerca um grande bosque, muito util, não só porque dá lenha quasi para o gasto da cosinha, mas até pela muita sombra que faz: a maior parte das arvores que formam este bosque, são nogueiras, figueiras bravas, guaiabeiras, manipulo, pinha, &c.: no meio d'este bosque ha uma fonte que sáe de uma rocha, onde os Padres mandam buscar agua para depositar em talhas, a fim de refrigerar, e poder se beber melhor do que da mãi donde sáe morna.

Tem o Convento no fim do dormitorio uma parreira apreciavel, não só pela qualidade de uvas, que são *Dedo de dama*, mas até pela sombra que dá, para onde os padres vão tomar o fresco; tem mais duas, uma debaixo do dormitorio, e outra ao pé do lavatorio, ambas dão uvas brancas; além d'estas poderão haver mais, se os Padres fossem mais curiosos (contra mim fallo). Alem do que tenho dito, tem oito arvores de café; e haveria mais, se o mandassem semear e plantar; tem muitas laranjeiras, que dão excellentes laranjas, muitos coqueiros, tem muitas hortalices de varias qualidades, tudo isto dentro da cêrca.

Tem mais a Communidade uma horta que dista do Convento um tiro de balla de espingarda. A sua producção consiste em laranjas, banánas, pa-

paias, mamões, mandioca, cana de assucar, de que se faz aguardente, e nenhum assucar, por não ser propria para elle. E' a dita horta regada, uma parte com agua da Ribeira Grande, e outra com agua nascida na mesma horta.

Tem o Convento um só dormitorio, doze cellas, uma livraria, tem a sua Igreja com tres altares, inclusive o mór, Sacristia menos má, e côro: porém todo o Convento precisa de uma grande reedificação por estar muito arruinado, a qual a Communidade não pode fazer por demandar grande despeza, e ella ser pobre.

Recebe a Communidade 100$000 réis, que S. M. lhe manda, dar chamada a ordinaria que è applicada para paramentos da sacristia, e igreja. Recebe mais 40$000 réis dos sermões da quaresma, e advento, quando o Deão e Chantre não são Pregadores; pois sendo-o, um d'estes é o que os préga, e recebe a esmola. Nada mais tem, á excepção de algumas esmolas que os bemfeitores dão quando os annos são abundantes, o que acontece poucas vezes, por serem as chuvas muito escassas n'este paiz; assim mesmo os habitantes d'esta ilha não deixam de nos estimar muito, e mais grangeariamos a sua benevolencia, se nós estivessemos na primitiva observancia do nosso instituto. . . . .

—

Not. 4 — *Pag.* 134.

. : . . Logo que entreguei o Convento ao Padre Guardião Fr. José de Tentugal, que foi a 24 de Outubro de 1816, foi para *Bissao* na companhia do Commandante interino, Antonio João de Deos Miranda, tendo saido deste Porto da *Villa da Praia* em 3 de Fevereiro de 1817, e chegamos á Praça de *S. José de Bissáo* aos 14 do mesmo mez: onde estive servindo de Capellão da tropa d'aquella guarnição nove mezes, por uma Portaria do Excellentissimo Capitão General das *ilhas de Cabo-Verde.* Logo que se passaram dois mezes e meio foi mandado á Provincia de *Geba* [que dista d'aquella, dizem, 60 legoas pelo rio acima] pelo sobredito Commandante de *Bissáo*, em consequencia de uma representação feita pelo Commandante de *Geba* e seus habitantes, em que pediam para eu lá ir confessar, e baptizar aquelle povo, que havia seis annos, ou mais, que estava sem Paroco; com effeito foi, não obstante estar convalescendo de uma grande molestia, da qual não me julgaram vida: deixando para dizer missas á tropa o Padre Vigario de *Bissáo* em meu logar. Sai de *Bissáo* nos fins de Abril, e cheguei ao *Fá*, uma povoação de *Mandigas Mouros*, em tres ou quatro dias, e depois de descançar allí uma hora, parti a pé até a *Ganjarra*, que será distante d'allí legoa e meia para duas; e como

eu não quizesse ir por terra, por me achar fraco da molestia, me affirmaram que era um passeio de meia legoa, e convenceram-me com effeito a ir a pé. Parti por entre aquelles arvoredos, que erão encantadores, não só pela vista, mas até pelo agradavel aroma que d'elles dimanava, unico lenitivo da minha fadiga e cançaço: pois quando cheguei á povoação da *Ganjarra* já não podia dar um só passo, por levar os pés muito feridos. Logo que o Commandante de *Geba* soube, que eu tinha chegado allí, mandou uma canoa para passar o rio á outra parte, aonde está a povoação de *Geba*. Quando cheguei ao porto d'esta povoação, bastantemente lindo pelas muitas arvores de que está bordado, todo aquelle Povo mostrou grande alegria e contentamento, dando muitos tiros de espingarda, repiques de sino, e todas as demonstrações de obsequios de que eu não era digno, e que só competiam a um Bispo, ou Visitador. D'allí me dirigi a casa do Commandante [e não fui á Igreja por ser já de noite]. No dia seguinte, que era 3 de Maio, Invenção da Santa Cruz, foi celebrar, a que assistiram o Mestre da Capella, e muitos meninos, que me ajudaram a cantar a Missa, e muito bem; melhor que se canta na Cathedral d'esta ilha de Santiago de Cabo-Verde: estava a Igreja cheia de gente, que não podia caber mais. Estive allí todo o mez de Maio, e só confessei 203 pessoas. No 2.ª Oitava do Espirito Santo forão só sete pessoas á Missa, que tambem foi cantada, e isto não deixou de me espantar. Perguntei porque razão era

tão pouca gente n'aquelle dia: responderam-me, que estava a maior parte no sertão a fazer cêra. Baptizei entre meninos e adultos para cima de oitenta pessoas, a que não puz os Santos Oleos por não os haver lá, nem em *Bissáo*. *Geba* julgo que terá para cima de duas mil almas; advirto que baptizei só os que disse, por ter lá estado havia pouco tempo, o meu companheiro Fr. Manoel de Cessões, que baptisou um grande numero de pessoas. Esta povoação de *Geba* está tambem ha seis ou mais annos sem Parocho. A Parochia ou para melhor dizer, o seu Vigario, está sujeito ao de *Bissáo*, como Vigario Foraneo, que é nomeado pelo Ordinario; porém a Religião, tanto em *Bissáo*, como em *Geba* está bastante abandonada, acolá todavia mais do que aqui. . . . .

[*Viagem a Guiné do Fr. Agostinho de Macedo escripta por elle mesmo em* 1817.]

Not. 4. — *pag.* 162.

Arvore de pão. *Artocarpus incisa.* Esta arvore natural da Australia é o maior beneficio da natureza para os habitantes da zona torrida. E' da altura d'um mediocre carvalho. O fructo do tamanho da cabeça d'uma criança, contem entre a pelle e o grão uma substancia carnosa, branca, molle como pão fresco, que se assa antes de comer. Esta massa conserva-se em covas revestidas com pedras, aonde coberta com folhas e pedras, fermenta. Para comer, tira se uma porção, e embrulhada nas mesmas folhas, assada sobre carvão ou pedras quentes, tem gosto de pão de munição fresco. Tres d'esta arvores dão o sustento annual d'um homem. —

Os Inglezes já tem introduzido das ilhas Francezas esta arvore em todas as suas ilhas na America. — Sería de desejar que o mesma possa se dizer em breve das ilhas de Cabo-Verde. Todavia com gos to lembramos, que um dos seus habitantes, o Sr. Dias ja o tentou, trouxe esta arvore da Martinica, mas infelizmente pereceu antes de chegar a S. Nicoláo. —

Not. 5. — *Pag.* 209.

Illustrissimos Senhores. — O Tabaco que Portugal gastava antes de se separar o Brazil da Monarchia Portugueza, sendo cultivado n'aquelle paiz, era consequentemente uma producção nacional, e o dinheiro dos consumidores ía alimentar e dar incremento a um ramo de industria, que tão poderosamente concorreu para a admiravel e progressiva prosperidade e riqueza de algumas das Provincias d'aquelle Estado. Depois da separação, os valores que os Portuguezes empregam na compra do tabaco vão somente fomentar a iudustria estrangeira, tanto do Brazil, como de outros Estados Americanos; e isto em quanto nas vastas provincias ultramarinas que conservamos, mui pouco tabaco se colhe: ainda que n'ellas existem terrenos os mais proprios para a cultura d'aquella planta, da qual poderiam seus habitantes obter vantagens incalculaveis, se ao menos uma parte do dinheiro que gastamos com o tabaco estrangeiro fosse n'elles empregado. As ilhas de Cabo-Verde estão especialmente n'este caso; o tabaco que allí se cultiva é de mui boa qualidade, e a sua producção cresceria rapidamente, se os proprietarios d'aquellas ilhas tivessem a certeza de acharem um consumo seguro ao que cultivarem. As vantagens que d'ahí resultariam para aquella provincia, e conseguintemente para a Nação em geral, são bem

obvias, para que sejá mister demonstra-las. Estas considerações e a convicção que tenho de que Vossas Senhorias saberão avaliar a verdade e importancia d'ellas, me determinam a convidar a Vossas Senhorias, para que se proponham a comprar annualmente, e pelo tempo que conservassem o Contracto, uma porção certa e avultada do tabaco produzido nas mesmas ilhas, por preço marcado e em epochas designadas e pago nas mesmas ilhas. Quando Vossas Senhorias concordem com os desejos do Governo de Sua Magestade, esta prestará a Vossas Senhorias toda a coadjuvação de que carecerem, para se levar a effeito um arranjo que considero de maior utilidade para a prosperidade dos habitantes das ilhas de Cabo-Verde, e que tambem considero util aos Contractadores de tabaco; e Vossas Senhorias aproveitando a occasião de darem mais uma prova do seu patriotismo, concorrerão poderosamente para o bem estar de uma parte da Monarchia Portugueza. Deos Guarde a Vossas Senhorias. Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 26 de Abril de 1838 = Illustrissimos Senhores Contractadores Geraes do Tabaco = Sá da Bandeira.

Illm.º e Exm.º Sr. = Respondendo ao Avizo que recebemos da parte de V. Ex.ª, em data de 26 do mez passado, ácerca das vantagens que resultam á Nação em geral, e com especialidade á Provincia de Cabo-Verde, de que seja animada a plantação do tabaco, por existirem allí terrenos proprios para a sua producção, servindo-se V. Ex.ª manifestar-nos os desejos que o Governo de Sua Magestade tem, de que compremos annualmente, e pelo tempo que conservarmos o Contracto, uma porção certa de tabaco produzido nas ditas ilhas, para estimular os habitantes á sua cultura. Temos a honra de dizer a V. Ex.ª que sempre nos é grato o poder concorrer para o augmento da industria nacional; e para darmos a V. Ex.ª disto uma prova, não duvidamos comprar annualmente quinhentas ou seiscentas arrobas de folha daquelle Tabaco, sendo a sua qualidade a mesma da de uma amostra, que nos foi dada por pessoa relacionada nas ditas ilhas: a qual deverá para lá ser remettida, para que venha igual; e incumbiremos a um correspondente da nossa confiança, para que na estação propria da colheita, receba a folha do Tabaco, e o pague pelo preço de mil e seiscentos reis cada arroba, em dinheiro fraco; esperando nós, que com este ensaio os proprietarios se proponham a fazer a plantação; pedindo porém muito, para que a folha do Tabaco se accredite de maneira que possa progredir, e que o Contracto possa usar sem motivar clamores no publico, que o Governo de Sua Magestade, querendo animar a dita plantação, mande inspeccionar na

alfandega da ilha toda a folha, approvando a que tiver sido apanhada em tempo proprio, e estiver acondicionada com limpeza, perfeição, e secca, como a amostra; refugando toda a que assim não estiver: da mesma forma que se praticava no Brazil; e foi por isso, que a Capitania da Bahia adquirio com o credito daquelle genero a maior parte da sua riqueza. Deos Guarde a V. Ex.ª Lisboa, 10 de Maio de 1838. = Illm.º e Exm.º Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros. = *Lino Silveira & C.ª — Manoel Joaquim Pimenta & C.ª*

Illm.º Exm.º Sr. Os abaixo assignados Contractadores actuaes do Tabaco, desejando concorrer para a prosperidade das ilhas de C. V.: por officio de 10 de Maio do corrente anno participaram a V. Ex. que elles se offereciam comprar 500 arrobas por anno do tabaco produzido d'aquellas ilhas, como designaram, a razão de 1$600 réis por arroba, a fim de animarem a cultura da dita planta n'aquella parte da Nação Portugueza. Sabendo porém por informações posteriores que o preço offerecido não preenche o fim que os abaixo assignados se proposeram, têem novamente a honra de participar a V. Ex.ª que elles pagarão o referido tabaco por 2$400 reis, que vem a ser mais 800 réis em arroba do preço que tinham

indicado. Ao Coronel Pereira, Negociante bem conhecido n'aquellas ilhas, damos ordem para comprar e pagar o referido tabaco. Igualmente os abaixo assignados têem a honra de dizer a V. Ex.ª que vão ordenar na primeira occasião, a José da Costa Torres, negociante em Angola, a compra de mil arrobas de Tabaco, esperando que esta encommenda sirva de estimulo, para que n'aquelles logares se augmente a sua cultura. Deos Guarde a V. Ex.ª Lisboa 31 de Outubro de 1838. = Illm. e Exm.º Visconde de Sá de Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros = Lino Silveira e Companhia — Manoel Joaquim Pimenta e Companhia. —

Not. 6. — *Pag.* 216.

O Abbade João Ignacio Molina fez primeiro conhecer esta arvore, e denominou a na sua Historia do Chili — *Pinus Araucaria* — classificando-a assim entre os pinheiros em razão da semelhança da sua fructificação. Porém em breve o Dr. *Dombey* e outros botanicos que viajaram no Peru e Chili, ou viram as amostras de ramos com folhas e fructos, julgaram que esta arvore devia constituir um novo genero. Tambem o celebre Lamarck e o sabio Schreber em honra do Botanico Inglez, deram-lhe o nome de *Dombeya excelsis*. O Dr. Jussieu mudou

este nome pelo o de *Araucaria imbricata*, indicando assim bem a naturalidade, e sua disposição fisica.

E' uma grande arvore de formoso aspecto de forma pyramidal, terminando quasi em quatro angulos. Seu tronco tem 60 — 150 pés, é direito, de casca aspera, rugosa e muito raxada no seu exterior, mas inteira. Os ramos são oppostos em cruz, numerosos, geralmente quaternos, e são cobertos d'uma especie de escamas triangulares, largas na base, e que n'algumas fileiras se cobrem mutuamente. A madeira é branca e muito dura. As sementes ou pinhões parecem quasi bolotas grandes; são oblongas, de pollegada e meia decomprido, na sua maior grossura de meia pollegada de diametro, superiormente quasi cylindricas, inferiormente quadrangulares com os angulos embutados, terminando em uma ala carta, larga e espatulada. O miolo ou amendoa é oblongo, branco, oleoso, tenro e bom para comer.

Esta arvore dá se espontaneamente nas montanhas do *Arauco* no Chili, e nas serras dos *Andes* na America meridional. Pois a *Araucaria* originaria no Brazil nas serras da Provincia de S. Paulo, é agora reconhecida como uma variedade ou outra espece, ainda que o insigne Brotero as tinha ambos confundido. Esta tem ramos verticillados e os fructos não tem aquella pequena ala no seu cumo, como a *Araucaria* de Chili: tambem a sua madeira é mais molle.

Ambas estas especies vertem das axillas das folhas dos seus ramos e por entre os seus amentilhos, umas lagrimas resinosas, louras, semitrans parentes, que ardem nas brazas com cheiro semelhante ao do incenço. As camadas annuaes do seu corpo lenhoso são menos grossas do que as dos grandes Abetos do Norte ou dos Pinheiros de Riga, mas a sua madeira é mais compacta, e reconhecida como d'excellente qualidade; seu tronco é optimo para mastros. —

As tentativas dos Francezes, Inglezes e mesmo em Portugal de a cultivar forão frustradas; apenas n'alguns jardins botanicos existem em estufas. O grande Brotero sem embargo de todo o cuidado, vio morrer em dois annos todos os pés que se mandaram vir de S. Paulo. O mesmos succedeo ás do Real jardim Botanico d'Ajuda, e ás que mandou vir o actual Exm.° e Rev.° Patriarcha Eleito, para a quinta de S. Martinho. —

Mas apezar d'estes frustrados ensaios não se devia desanimar, e principalmente repeti-los n'um paiz que tendo analoga temperatura com a de S, Paulo, e assim serras nevosas e ennevoadas, aonde esta arvore é indigena, como todo o interior da ilha de Santiago e S. Antão, não deixa a menor duvida do bom exito e então que immenso beneficio não reverteria para esta provincia. —

Not. 7. — *Pag.* 216.

Tomando em consideração as numerosas, e palpaveis vantagens, que podem resultar para o fomento industrial, e agricula da Provincia de Cabo-Verde, engradecimento do Commercio, e Navegação destes Reinos, e augmento futuro das rendas publicas, da proposta, que José Ribeiro dos Santos, e José Ignacio de Seixas fizeram subir á Minha Real Presença, pedindo na conformidade das Leis vigentes a concessão de terrenos baldios nas Ilhas de Santo Antão, e S. Vicente [no Archipelago de Cabo Verde] para os aproveitarem do modo vantajoso, que propõem nas condições, a que por sua parte se obrigam, havida a informação do Conselheiro Procurador da Fazenda Nacional; e Vendo Eu que tudo quanto na dita proposta se pede, é inteiramente conforme ao que se acha outorgado pelos Senhores Reis Meus Augustos Predecessores, na Legislação vigente, e mais particularmente no Alvará com força de Lei de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze, que entende directamente com as ilhas de Cabo-Verde; e bem assim, que as condições offerecidas preenchem completamente os fins beneficos daquella Legislação, e o Meu constante desejo de melhorar aquellas ferteis possessões: Hei por bem Approvar as ditas condições que fazem parte do pre-

sente Decreto, e com elle baixam assignadas pelo Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, encarregado dos da Marinha, e Ultramar: e nesta conformidade Ordeno ao Governador Geral da Provincia de Cabo Verde, á Junta dos Melhoramentos da Agricultura daquellas ilhas e a todas as demais authoridades daquella Provincia, que fielmente lh'as cumpram, e façam cumprir na parte que lhes toca; mettendo desde logo os supplicantes ou seu procurador, e administrador, de posse dos baldios, que escolherem na conformidade da primeira condição, precedendo as informações, e mais formalidades marcadas do supracitado Alvará de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze, e sem delongas, nem difficuldades; antes resolvendo de prompto na conformidade da Lei qualquer duvida occorrente, lhes passem suas Cartas de afforamento gratuito de prazos fateozins, e perpetuos, com pensões moderadas, e laudemio de quarentena para o Conselho respectivo, como directo Senhor, e a concessão de serem os ditos terrenos livres de tributos e dizimos por dez annos successivos, tudo como no dito Alvará se acha determinado; e lhe outorguem todo o favor, e bom despacho em seus negocios: fazendo-lhes boa, e effectiva a execução de todas as outras concessões que por este Decreto lhes são garantidas nademais Condições, assim approvadas; e do mesmo modo vigiem de futuro no exacto cumprimento daquellas, a que os Supplicantes por sua parte se obrigam: o que tudo lhes Hei

por muito recommendado. — E cumprindo outrosim ser levada brevemente á approvação do Corpo Legislativo uma medida geral, que envolve o objecto da pertenção dos Supplicantes ácerca da isenção de direitos de entrada por cinco annos, de todas as materias de construcção, ferramentas, e machinas ruraes, de que carecerem para a sua nova fundação e exploração agricula: Hei por bem Determinar, que em quanto não houver a tal respeito a necessaria decisão do Corpo Legislativo, os Supplicantes, ou seu procurador, e administrador, prestem fiança idonea pelo valor dos direitos dos generos daquella natureza, qne importarem na alfandega respectiva, para haverem de os pagar no caso de decisão contraria. O Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e encarregado dos da Marinha e Ultramar, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, vinte e oito de Dezembro de mil oitocentos trinta e oito. = RAINHA. = Visconde de Sá da Bandeira.

Condições que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. Serão outorgadas aos Socios José Ribeiro dos Santos, e José Ignacio de Seixas, ou ao procurador, e administrador por elles nomeado,

duas legoas quadradas (contando-se a legoa por tres mil braças) de terrenos incultos dos baldios da ilha de Santo Antão [das de Cabo Verde] em um ou mais lotes, que não poderão exceder de tres, na dita ilha; e bem assim uma milha quadrada [de mil braças] em um, ou dous lotes, na ilha de S. Vicente, do mesmo Archipelago; sendo os ditos terrenos por elles escolhidos, e demarcados com as formalidades da Lei, nos logares que mais convenientes lhes parecerem, para as culturas a que se propõem, sem prejuizo de terceiro, por direitos legaes adquiridos, para os ditos terrenos lhes serem aforados em praso fateosim, e perpetuo, com uma pensão moderada, e laudemio de quarentena para o Conselho respectivo; tudo na forma determinada no Alvará com força de Lei de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze.

Segunda. Na conformidade do disposto no mesmo Alvará, a cultura destes terrenos, assim afforados, correrá livre de tributos, e dizimos por dez annos successivos, e os afforamentos serão gratuitos.

Terceira. Será tambem outorgada pelo Governador Geral aos Socios acima mencionados, a area correspondente a dous quarteirões urbanos da nova povoação do Mindello, na ilha de S. Vicente, para nella edificarem casas, e armazens; e bem assim um local contiguo á praia, aonde possam construir um trapiche.

Quarta. O seu commercio naquella Provincia, e em todos os portos de Portugal, gosará de todos

os beneficios concedidos pelas Leis novisimas ao Commercio Portuguez nos portos de Africa.

Quinta. Nenhuma authoridade daquella Provincia poderá interferir com a administração mercantil, e rural de taes estabelecimentos, e policia domestica dos seus colonos, jornaleiros, e empregados, excepto no que fôr attentatorio ás Leis, e regulamentos de Policia.

Sexta. Pela sua parte os ditos Socios se obrigam a fazer arrotear, e cultivar dentro no praso de cinco ánnos, a contar da data do afforamento, todos os terrenos susceptiveis de cultura. que entrarem nos ditos prasos, devendo, pelo menos, ametade dos terrenos afforados achar-se occupada no fim do dito tempo, com plantação de caffé, assucar, tabaco, mandioca, algodão, chá, cereaes, e batata, como pedir a natureza do seu solo; sujeitando-se no caso contrario, ás penas da Ordenação do L.° 4.°, tit. 43: e outro-sim se obrigam a plantar nos altos, e em roda das plantações, os arvoredos que melhor convierem ás localidades, na proporção da vigesima parte dos terrenos cultivados, procurando até, quando seja possivel, acclimatizar no paiz algumas arvores exoticas.

Setima. Igualmente se obrigam a construir, pelo menos, quatro edificios na area que lhes fôr doada no quadro da povoação do Mindello, e cercar o resto com muro de pedra, segundo os alinhamentos prescriptos.

Oitava. Obrigam-se outro sim a fundar, e manter na ilha de S. Vicente uma Casa de Commercio,

que sirva de interposto mercantil entre aquella Provincia e os portos da Europa: e para este commercio pedem todo o favor possivel.

Nona. Obrigam-se mais a não empregar nesta colonisação senão gente fôrra, livre, ou liberta, indigena, ou estranha: mas nunca escravos seus, nem alheios.

Decima. Por ultimo, a Sociedade sendo puramente destinada a uma empreza rural e mercantil, nenhum dos seus agentes ou empregados poderá involver-se nunca directa, nem indirectamente em questões politicas, ou de partido, que possam agitar o Paiz, sob pena de serem logo despedidos pela direcção da Sociedade à requisição do Governo, caso já o não tenham sido antes,

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 28 de Dezembro de 1838. = Visconde de Sá da Bandeira.

—

Tomando em consideração a proposta que á Minha Presença dirigiram os negociantes, Jeronymo de Almeida Brandão e Sousa & Companhia, e João Gomes de Oliveira e Silva e Companhia, pedindo-Me, na conformidade das Leis vigentes, a concessão de terrenos baldios nas ilhas de Cabo-Verde, para os aproveitarem do modo, que propõem as condições a que por sua parte se obrigam: Hei por

bem Approvar as ditas condições, que fazem parte do presente Decreto, e com elle baixam &c.

Condições que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. Serão outorgadas aos socios Jeronymo de Almeida Brandão e Sousa & Companhia, e João Gomes de Oliveira e Silva & Companhia, ou ao procurador, e administrador por elles nomeado, duas legoas quadradas [contando-se a legoa por tres mil braças] de terrenos incultos dos baldios da ilha do Fogo [das de Cabo Verde] em um ou mais lotes, que não excedendo a tres, sendo os ditos terrenos por elles escolhidos, e demarcados com as formalidades da Lei, nos logares que mais convenientes lhes parecerem para as culturas a que se propõem, ...

Segunda. Na conformidade do disposto no mesmo Alvará, a cultura destes terrenos, assim afforados, correrá livre de tributos, e dizimos por dez annos successivos, e os afforamentos serão gratuitos.

. . . .

Setima. Igualmente se obrigam a construir dentro do dito prazo sob pena de nullidade deste contracto pelo menos seis edificios na área, que lhes

fòr doada no quadro da povoação do Mindello, cercando de um muro de pedra o resto da área, segundo os alinhamentos prescriptos.

. . . .

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar, aos 18 de Fevereiro de 1839. = Sá da Bandeira.

Tomando em consideração a Supplica que á Minha Presença dirigiu João Antonio Leite, natural da ilha de S. Nicoláo [das de Cabo-Verde], pedindo-Me na conformidade das Leis vigentes a concessão do terreno do Ilheo denominado = Razo = contiguo á dita ilha, que se achava inculto antes de lhe ser permittido pelo respectivo Governador Geral, por Portaria de dez de Janeiro de mil oitocentos trinta e oito, o cultiva-lo dentro do praso de seis mezes. Hei por bem, Deferindo á Supplica do dito João Antonio Leite, Conceder-lhe de afforamento o terreno do ilheo, pela fórma e debaixo das condições que fazem parte do presente Decreto, e com elle baixam assignadas pelo Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, encarregado interinamente dos da Marinha e Ultramar; e nesta conformidade Ordeno ao Governador Geral da Provincia de Cabo-Verde, . . .

Condições que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. O terreno do Ilheo = Razo = contiguo á ilha de S. Nicoláo [das de Cabo-Verde] em cuja posse é, pelo Decreto desta data, conservado João Antonio Leite, será a este afforado em praso fateosim e perpetuo, com uma pensão moderada, e laudemio de quarentena para o Concelho respectivo, tudo na fórma determinada no Alvará com força de Lei de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze.

. . . .

Sexta. Pela sua parte se obriga o dito João Antonio Leite a fazer arrotear, e cultivar dentro do praso de um anno, a contar da data do afforamento, todo o terreno susceptivel de cultura, que contiver o dito praso, devendo pelo menos a metade do terreno afforado achar-se occupada no fim do dito praso, com plantações de algodoeiros, e purgueiros; e outrosim se obriga a plantar os arvoredos que melhor convierem ás localidades, na proporção da vigesima parte do terreno cultivado: sujeitando-se no caso contrario ás penas da Ordenação do Liv. 4.° Tit. 43.

. . . .

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 26 de Fevereiro de 1839. — Sá da Bandeira.

Tomando em Consideração a Proposta, que á Minha Presença dirigiu Claudio Adriano da Costa pedindo-Me na conformidade das Leis vigentes a concessão de terrenos baldios nas ilhas de Cabo Verde, para os aproveitar do modo que propõe nas condições a que por sua parte se obriga: Hei por bem Approvar as ditas condições, que fazem parte do presente Decreto, e com elle baixam assignadas pelo Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, ...

Condições que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. Será outorgada a Claudio Adriano da Costa, ou ao Procurador, e administrador por elle nomeado, um quarto de legoa quadrada (contando-se a legoa por tres mil braças) em um, ou dous lotes de terrenos incultos dos baldios das ilhas de Cabo-Verde, sendo um daquelles lotes na ilha de Santo Antão; podendo os ditos terrenos ser por elle escolhidos, e demarcados com as formalidades da

Lei, nos logares que mais convenientes lhe parecerem para as culturas a que se propõe. . . . .

. . . .

Setima. Igualmente se obriga a construir dentro do praso de dous annos, sob pena de nullidade deste Contracto, pelo menos quatro edificios na área que lhe fôr doada no quadro da povoação do Mindello, cercando de um muro de pedra o resto da mesma área, segundo os alinhamentos prescriptos.

. . . .

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, aos 23 de Fevereiro de 1839. — Sá da Bandeira.

Tomando em consideração a Proposta, que á Minha Presença dirigiu Francisco Antonio Vaz da Silva, pedindo-Me na conformidade das Leis vigentes a concessão de terrenos baldios nas ilhas de Cabo-Verde, para os aproveitar do modo que propõe nas condições a que por sua parte se obriga. Hei por bem Approvar as ditas condições, que fazem parte do presente Decreto, e com elle baixam assignadas pelo Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, ...

Condições que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. Será outorgado a Francisco Antonio Vaz da Silva, ou ao procurador e administrador por elle nomeado, um quarto de legoa quadrado, [contando-se a legoa por tres mil braças] em um ou dous lotes, de terrenos incultos dos baldios das ilhas de Cabo-Verde que elle preferir: podendo os ditos terrenos ser por elle escolhidos, e demarcados com as formalidades da Lei, nos logares que mais convenientes lhe parecerem, para as culturas a que se propõe, ...

. . . .

Sexta. Pela sua parte se obriga o dito Francisco Antonio Vaz da Silva a fazer arrotear, e cultivar dentro do praso de tres annos, a contar da data do afforamento, todos os terrenos susceptiveis de cultura, que entrarem nos ditos prasos, devendo pelo menos a metade dos terrenos afforados, acharse occupada no fim do dito tempo com a plantação, que pedir a natureza do seu solo, e principalmente com a dos arbustos, que produzem os adstringentes proprios para o curtume de couros, para cujo fabrico igualmente se obriga a formar um Estabelecimento dentro do mencionado praso. E outrosim se obriga a plantar nos altos, e em roda das plantações os arvoredos que melhor convierem ás localidades, na proporção da vigesima parcte dos terrenos cultivados,

procurando até quanto sejà possivel acclimatisar no paiz algumas arvores exoticas; sujeitando-se no caso contrario ás penas da Ordenação do Livro 4 tit. 43.

Setima. Igualmente se obriga a construir dentro do praso de dous annos, sob pena de nullidade deste Contracto, pelo menos um Edificio na area que lhe fôr doada no quadro da povoação do Mindello, cercando de um muro de pedra o resto da mesma area, segundo os alinhamentos prescriptos.

Oitava. Obriga-se outrosim debaixo da mesma pena de nullidade do contracto, a não empregar nesta colonisação senão gente fôrra, livre, ou liberta, indigena, ou estranha; e jámais escravos seus, ou alheios.

Nona. Finalmente se obriga a não consentir que nenhum dos seus agentes, ou empregados, se involvam nunca directa nem indirectamente em questões politicas, ou de partido, que possam agitar o Paiz; sob pena de serem logo despendidos do seu serviço à requisição do Governo, caso já o não tenham sido antes.

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, 10 de Abril de 1839. — Sá da Bandeira.

Tomando em Consideração o que Me representou Manoel Antonio Martins, negociante estabelecido na Provincia das Ilhas de Cabo-Verde, pedindo-Me

na conformidade das Leis vigentes, a concessão de duas legoas de areaes nas ilhas do Sal, e da Boa-Vista, incluindo os que já alli possue sem aforamento, para os aproveitar na cultura de algodão, e Milho, de que são susceptiveis; Hei por bem, ouvido o Procurador Geral da Corôa, Deferir á supplica do mencionado Manoel Antonio Martins, debaixo das condições que fazem parte do presente Decreto, e com elle baixam. . . . .

Condições, que fazem parte do Decreto desta data.

Primeira. Serão outorgadas a Manoel Antonio Martins duas legoas quadradas [contando-se a legoa de tres mil baças] de areaes nas ilhas do Sal, e da Boa-Vista, do Archipelago de Cabo-Verde, incluindo-se nestas as duas leguas das porção de, areaes que já possue sem aforamento naquellas ilhas, os quaes areaes serão por elle escolhidos, e demarcados com as formalidades da Lei, nos logares que mais conveniente lhe parecer, para a cultura, a que se propõe, precedendo as competentes informações, para que não haja prejuizo da conveniencia publica, ou de terceiro, por direitos legaes adquiridos; e lhe serão afforados em praso fateosim, e perpetuo, com uma pensão moderada, e laudemio de quarentena para o Concelho respectivo, tudo na fórma deter-

minado no Alvará com força de Lei, de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze.

. . . .

Quinta. Pela sua parte se obriga o dito Manoel Antonio Martins a fazer arrotear, e cultivar dentro do praso de cinco annos, a contar da data do afforamento, todos os terrenos susceptiveis de cultura, que entrarem no dito praso, devendo pelo menos a metade dos terrenos afforados achar-se occupada no fim do dito tempo, com as plantações, que pedir a natureza do seu solo, sujeitando-se no caso contrario ás penas da Ordenação do Livro quarto, titulo quarenta e tres, e outrosim se obrigará a plantar nos altos, e em roda das plantações os arvoredos, que melhor convier ás localidades, procurando até quanto seja possivel aclimatisar no paiz algumas arvores exoticas.

. . . .

Secretaria d'Estado dos Negocios da Merinha e Ultramar, em 29 de Novembro de 1839. — Conde do Bomfim.

Not. 8 — *Pag.* 218.

Sessões varias da Junta de Melhoramento da Agricultura das ilhas de Cabo-Verde.

Antonio Elleziario Neucetti Capitão do Regimento de Cavallaria de Milicias, Escrivão da Camara da Villa da Praia da ilha de Santiago de Cabo-Verde, e Secretario da Junta do Melhoramento d'Agricultura &.

Em cumprimento ao despacho supra, revendo o Livro que serve das Sessões desta Junta, achei as Sessões seguintes — Em os vinte e nove dias do mez de Maio de mil oitocentos e dezanove, nesta Villa da Praia da ilha de Santiago de Cabo-Verde, nas cazas que servem das Sessões da Junta do Melhoramentos d'Agricultura, estando presetes o Governador Geral como Presidente e Deputados, se procedeu no acto da Junta do Melhoramento, e para constar fiz o presente termo, e eu José Coelho de Barros, Escrivão da Correição o escrevi como Secretario da Junta: por não haver mais nada a deliberar fiz o presente termo de encerramento, e eu José Coelho de Barros Escrivão da Correição e Secretario da mesma Junta o escrevi; — com tres rubricas. — Em os oito dias do mez de Janeiro de mil e oitocentos e vin-

te, nesta Villa da Praia da ilha de Santiago de Cabo-Verde nas cazas que servem das Sessões da Junta do Melhoramento da Agricultura que estando presente o Governador Geral como Presidente, e Deputados se procedeo no acto da Junta, e para constar fiz este termo, e eu Antonio Eleziario Neucetti Escrivão da Camara no impedimento do Secretario o escrevi. — Nesta se determinou, que tendo a experiencia mostrado de que os varios Inspectores que forão nomeados nas differentes ilhas desta Capitania para vigiarem sobre o augmento da agricultura, erão entes nullos, e não preenchiam os deveres dos seus cargos. O Governador Geral como Presidente desta Junta authorizado pela mesma nomeou e formou em cada uma destas ilhas uma Sociedade Agronomica composta pelo Commandante de cada uma dellas, Juizes ordinarios, e dos Orfãos, e do Feitor da Real Fazenda, e o Vigario da Matriz, e do Escrivão da Camara como Secretario, para que estes se convoquem todos os quinze dias, conforme as circunstancias o exigirem, a fim de tratarem sobre todos os objectos relativos aos melhoramentos da agricultura, pastagens do gado, pescaria, e de todos os ramos de industria nacional: devendo participarem a esta Junta todas as suas deliberações, a fim de serem sanccionadas. E como esta Junta achou acertada esta creação, a dão por aprovada e sanccionada em quanto Sua Magestade não mandar o contrario; e por isso se determinou uniformemente que se participe tudo isto a Sua Magestade pela respectiva Secretaria de Estado; e nesta igualmente se deliberou que por im-

pedimento do Secretario desta Junta sirva este cargo o Escrivão da Camara da Villa da Praia Antonio Eleziario Neucetti, em quanto o dito para isto não for habilitado. E por não haver mais que deliberar se mandou fazer este termo de encerramento: e eu Antonio Eleziario Neucetti Escrivão da Camara que sirvo de Secretario o escrevi; — com tres rubricas. — Em os seis dias do mez de Março de mil oitocentos e vinte annos, nesta Villa da Praia da ilha de Santiago de Cábo-Verde, e nas cazas que servem das Sessões da Junta do Melhoramento da Agricultura, estando presente o Governador Geral como Presidente e Deputados, se procedeo no acto da Junta; e para constar fiz este termo, e eu Antonio Eleziario Neucetti Escrivão da Camara que sirvo de Secretario o escrevi. Neste o Presidente apresentou uma participação da Sociedade Agronomica da ilha de S. Vicente em data de vinte e tres de Novembro do anno proximo passado, na qual a dita Sociedade pede varias providencias a beneficio dos habitantes da mesma ilha, e achando esta Junta que a dita representação é digna de uma prompta providencia, unanimemente se determinou que se tirasse uma copia e se dirigisse a Sua Magestade pela competente Secretaria d'Estado, para que o mesmo Augusto Senhor se Digne dar aquellas providencias que forem do seu Real agrado em beneficio daquella parte dos seus vassallos, e entretanto que o Presidente como Governador desta Cappitania dê aquellas providencias que assentar justas: guardando-se no cartorio da Junta a reprezentação original, e

passando-se uma Provisão á dita Sociedade Agronomica, accuzando-a recepção das partes que derão, assegurando-os das providencias que se tractam immediatamente a dar, e ordenando-lhe a continuação de todas as providencias que conhecerem tendentes ao beneficio daquelles habitantes: o que tudo participaram a esta Junta. Igualmente foi apresentada a esta Junta outra representação da Sociedade Agronomica da ilha do Fogo em data de quinze de Novembro do anno proximo passado, na qual pedem as seguintes providencias. — 1.º Que é muito util semear algodões em todas as terras incultas na vizinhança daquella villa, e mais que é preciso que todos os gados fossem gratuitamente a pastar no montado Real.—2.º Que se obrigasse aos proprietarios das terras ás plantações das vinhas, á proporção das terras de cada um.—3.º Que sendo aquella ilha muito productiva de um excellente tabaco, para se augmentar o cultivo della, é preciso prohibir-se a entrada do tabaco estrangeiro nestas ilhas. 4.º Que tomarão as medidas necessarias para animar os pescadores; obrigando-os a pescar diariamente para abastecer a ilha de peixe; devendo supplicar-se serem izemptos os pescadores do Real Serviço. O que tudo examinado e posto em deliberação unanimamente se determinou que se passasse uma provisão á Camara da ilha do Fogo para que immediatamente obrigue a todos os possuidores das terras incultas, e que são proprias para as sementeiras de algodões, que se achem antes do tempo das proximas aguas semeadas; ordenando a dita Camara que

toda e qualquer pessoa que não executar esta ordem, sejão as ditas terras aforadas na conformidade da Lei; e em quanto ao gado este seja prohibido de pastar naquelles arredores, e remettido para os montados Reaes com aquellas condições que ahi se achão estabelecidas, por não caber na authoridade desta Junta de os libertar da pensão que tem.

E em quanto ao segundo paragrafo sobre as plantações das vinhas passa-se da mesma sorte Provisão á Camara para obrigar aos proprietarios das terras a plantarem aquellas vinhas que a proporção das suas terras o permittirem; participando a esta Junta tanto aquelles que possão ser ommissos para receberem o castigo que merecerem, como aquelles que se distinguirem no augmento e plantação deste interessante ramo, cujos nomes a Junta porá na prezença de Sua Magestade para merecerem toda aquella Real consideração que se deve a todo o benemerito vassallo. Sobre a terceira que é a plantação do Tabaco, esta Junta detérmina que se passe igual provisão á Camara para augmentar esta plantação, a Junta representará a Sua Magestade que seria muito vantajoso carregarem-se maiores direitos no tabaco estrangeiro, para deste modo se fomentar a cultura e consumo interior deste artigo; e em quanto á pescaria se aprova a determinação dada. Igualmente a Junta determinou, se tire uma copia da dita representação para se remetter a Sua Magestade e que em resposta se participe á Sociedade Agronomica daquella ilha, o quanto a Junta determinou a este respeito louvando-lhe o seu zelo, ordenando-

lhe que continuem ao bem commum daquella ilha como delles se espera; e da mesma forma se determinou de se passar uma provisão circular a todas as Sociedades Agronomicas das ilhas, ordenando-se-lhe na continuação do seu zelo e trabalho: devendo convocarem-se todos os quinze dias para tratarem dos objectos da sua commissão, e que o numero dos membros sendo composto de maioria seja considerado completo: não lhe importando a falta de algum que por sua impossibilidade possa faltar, devendo em todas as occasiões participarem á esta Junta as suas deliberações; e como as vezes pode faltar navios que possão trazer ao conhecimento da Junta aquellas propostas que exigem a sua final resolução, fiquem na intelligencia que quanto acharem util ao bem commum devem dirigirem-se a Camara, ao Commandante respectivo, e ao Juiz de alfandega pela parte que a cada um delles lhe tocar; pois que a Sociedade Agronomica é corpo consultativo, e não executivo: e o premio e recompensa dos seus trabalhos o acharão em si mesmos como leaes vassallos, e que por esta Junta serão levadas á Presença de Sua Magestade; Igualmente se deliberou que é necessario representar a Sua Magestade de se nomear um Secretario desta Junta com um ordenado certo, authorisando para este fim ao Presidente da Junta para diligenciar este fim. E por não haver mais que tratar se mandou fazer o presente Termo: e eu Antonio Elleziario Neucetti Escrivão da Camara que sirvo de Secretario o Escrevi. — Com quatro Rubricas — Em os cinco dias

do mez de Dezembro de mil oitocentos e vinte annos, nesta Villa da Praïa da ilha de Santiago de Cabo-Verde, e nas casas que servem das Sessões da Junta do Melhoramento da Agricultura, estando presente o Governador Geral como Presidente, e Deputados, se procedeu no acto da Junta. E para constar fiz o presente termo, e eu Antonio Elleziario Neucetti Escrivão da Camara que sirvo de Secretario o escrevi: Nesta representou o Presidente que tendo passado os mezes das aguas na ilha Brava, e pela faculdade que esta Junta lhe tinha concedido para o bem commum e melhoramento de Agricultura, achou elle Presidente que na dita ilha existiam muitas terras aforadas com maior augmento que aquelle que lhe pertencia, e lhe tinha sido concedido; e estas em os poderosos, estando os pobres sem terem terras algumas; e que por isso tinha elle Presidente determinado na mesma ilha que se medissem novamente, as quaes sendo medidas achou-se que muitos tinham terras de mais: e vendo-se o numero de terra que havia de mais, chamará o Juiz daquella ilha, e juntamente com o Feitor, e dois homens bons do povo, para que se repartissem aquellas terras pelos povos neeessitados, o que se assentio, e para o bem daquelles povos se passaram as provisões para cada um tomar posse dos seus predios: e que pelos mais Deputados foi aprovada tal determinação, mandando que se cumpra uniformemente e foi determinado; e declarou mais elle Presidente que examinando a cultura das terras daquella ilha, achará que já se não deve aforar mais terra alguma,

pois que as poucas que ha baldios, não são sufficientes para a pastagem dos gados. Tendo-se apresentado nesta Sessão, a de tres de Novembro de mil oitocentos e vinte, da Sociedade Agronomica da ilha do Fogo, na qual se relata certas determinações expecificadas na dita Sessão; deliberaram mais que visto haver as Sociedades Agronomicas nas ilhas, estas avizem aos seus habitantes por Editaes, que logo que pertendão dirigir-se a esta Junta a requererem o aforamento de algumas terras que estejão baldias, apresentarão primeiramente os seus requerimentos ás ditas sociedades, para que logo informem a esta Junta sobre o que requererem, para que possão com brevidade serem deferidos; assim como todo e qualquer objecto, que pertendão requerer a esta Junta sobre melhoramento: assim como a dita provisão sejá circular, fazendo-se animar a cultura do caffé nos pés das bananeiras. E por não haver mais que deliberar se fez este termo de encerramento; e eu Antonio Elleziario Neucetti Escrivão da Camara e Secretario da Junta o escrevi. E nada mais se continha nas ditas Sessões até hojé sete de Dezembro de mil oitocentos e vinte do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo; e eu Antonio Elleziario Neucetti Escrivão da Camara e Secretario da Junta o escrevi.

NB. A criação destas Sociedades Agronomicas que se formaram em todas as ilhas subordinadas á Junta do Melhoramento da Agricultura creada na Capital em mil oitocentos e doze por uma Lei de Sua Ma-

gestade, em logar dos Inspectores que de nenhuma utilidade erão, foi posta na presença de Sua Magestade juntamente por uma copia destas Sessões com officio no principio do anno de mil oitocentos e vinte um, no qual se rogava a Sua Magestade que se dignasse de approvar com Sua Real Sancção a criação das referidas Sociedades Agronomicas; porém os poucos mezes que me demorei no Governo daquellas ilhas, não derão logar a saber-se o exito daquella utilissima representação; e que talvez as circunstancias daquella epoca o não permitissem. Ignoro a marcha successiva deste negocio, e se actualmente existem ou não aquellas Sociedades, mas que de certo seria um mal para a prosperidade daquelles insulares, se arbitrariamente se tiverem mandado suspender nas suas tão uteis funcções, e trabalhos. — Está conforme — Antonio Pussich. —

Not. 9. — *Pag.* 219.

Senhora. — A Junta Geral da Provincia de Cabo Verde, legalmente constituida nesta Villa, Capital da mesma Provincia, leva com o maior respeito á Presença de Vossa Magestade a consulta, que a Lei da sua creação a incumbe apresentar sobre as necessidades della, e sobre o melhoramento de que é susceptivel. Gostosa, e cheia da mais patriotica alegria, cumpre este dever: certa de que Vossa Magestade não a desprezará pela baixeza do estillo com que é traçada; mas ainda Se Dignará, cheia daquella liberal e virtuosa Munificencia inherente á Sua Magestatica Dignidade, acolhe-la com benevolencia.

A Junta confessa a sua insufficiencia pela falta de luzes para desempenhar dignamente o seu dever: se bem que com a maior sollicitude tratou de conferenciar entre si sobre todas as necessidades que a Provincia experimenta, e os meios de melhora-la, com aquelles conhecimentos locaes, que habilitaram seus membros a merecerem os votos das Municipalidades, que os elegeram.

A Junta não sabe explicar o fervor, com que seus constituintes idolatram esta liberal instituição; porém póde declarar, que esta Provincia desde a sua primaria e mais longêva idade, condemnada ao grilhão do mais duro despotismo, e costumada só

ás barbaras Leis, que a degradavam de todos os direitos politicos, reconhece sua regeneração politica, e aprecia as immunidades que ella lhe concede; e se a Junta ultrapassou os limites da sua attribuição, saberá Vossa Magestade beneficamente perdoa-la.

Tendo attendido a Junta em suas conferencias a tudo o que entendeu ser do bem geral da Provincia, reduzio seus trabalhos, se bem que informes; e determinou a divisão da sua consulta em duas partes: na primeira expondo os males que a Provincia actualmente experimenta; e na segunda, o melhoramento de que ella é susceptivel, e os meios que devem ser empregados para conseguir este importante fim.

1.ª Parte.

As ilhas, em razão da calamitosa fome que acaba de assola-las por falta das chuvas, que experimentou por tres annos consecutivos, estão reduzidas a um estado de decadencia, que precizam de muitos annos abundantissimos para resarcirem o que perderam; e o estado de indigencia em que permanecem, não deixa logar a impôr a seus habitantes a menor finta, ou derrama; por isso a infinidade de obras e instituições publicas de que carecem, é mister que Vossa Magestade as mande emprehender á custa das rendas publicas da Nação.

As estradas publicas das ilhas, especialmente desta, do Fogo, e de Santo Antão, estão actualmente qua-

si intransitaveis. Não se carecem muitas razões para mostrar a necessidade de serem melhoradas; porque é conhecido que ellas facilitam o transporte das mercadorias, economisam as despezas da producção commercial, e asseguram ao consumidor um interesse, que nada custa ao productor. O quadro porém da indigencia das ilhas, que reclama a mais séria attenção de Vossa Magestade, urge que Vossa Magestade mande melhora-las á custa do Estado; convocando-se como jornaleiros, de cada chefe de familia mensalmente uma pessoa para trabalhar por tres dias, como derrama em que a Junta conferenciou, e determinou, que se podia impôr sem vexame

Desde o periodo de mais de tres seculos que estas ilhas são povoadas, ainda não tem nesta Capital um caes, que facilite o embarque e desembarque das fazendas aos commerciantes; porém um imposto de 1$500 réis desde 1807 ha sido estabelecido nesta ilha em todos os navios estrangeiros para aquelle fim, e desde 1820 ha sido extensivo a todas as ilhas; até agora porém não se acha feito [com notavel prejuizo do commercio], e carece portanto que sejá emprehendida aquella obra com o resultado daquelle imposto, até agora amontoado, que deve ter constituido um fundo equivalente para a empreza e conclusão da obra; e que outrosim em Cacheo, e Bissáo, sejá feito outro caes em cada um daquelles Presidios, porque não se póde, em razão de serem portos lodosos, embarcar e desembarcar volumes pesados, senão em preamar.

A falta das chuvas de 1831 a 1833 inclusive, motivou a esterilidade geral das ilhas, que já temos mencionado. As ilhas ficaram reduzidas à mais extrema pobreza, á seus habitantes apenas lhes restaram as terras; e aquelles que são foreiros, ainda mais lhes restou que pagar os foros daquelles annos. A Junta roga a innata beneficencia de Vossa Magestade queira relevar aquelles desgraçados foreiros dos atrazados, que ficaram devendo ao Thesouro naquelles annos.

A falta de Instrucção Publica é um dos maiores males, que estas ilhas soffrem; e seus habitantes de todas as côres são susceptiveis d'applicação ás letras; pois nem um mestre habil das primeiras letras ha nas ilhas, porque o ordenado é mui tenue. O atrazamento da Provincia julga a Junta provém pela maior parte da ignorancia dos seus habitantes; e parece que não se engana, porque não havendo instrucção, não podem haver luzes; e não havendo luzes, não póde haver o desenvolvimento de idéas que ensina a raciocinar sem prejuizo, e a conhecer o bem e o util.

A Lei de 13 de Agosto de 1832, que manda abolir os foros, acha-se em duvida, se seu effeito é, ou não extensivo a estas ilhas; e por conseguinte continuam a ser cobrados. Pede esta Junta, Se Digne Vossa Magestade declara-la extensiva a ellas.

Igualmente, que os dizimos destas ilhas sejão somente de agaardente, vinho, assucar, milho, feijão cultivado, e mais nada, porque estes são os ramos de maior producção das ilhas. Os mais gene-

ros de agricultura são diminutos, e outros estão no seu principio, e deve ser animada a sua cultura.

O caffé, e o algodão das ilhas, são dous generos mui excellentes; e animadas as suas culturas podem abundar em grande quantidade, especialmente o algodão, que é igual ao de Pernambuco.

A Camara de Santa Catharina, transportada da demolida Cidade da Ribeira Grande para a Freguezia daquelle nome, não tem cadea, casa para as Vereações, nem meios de satisfazer aos seus empregados por falta de rendas. A Junta pede a Vossa Magestade uma dotação para ella, que lhe possa assegurar ao menos a renda annual de 240$000 réis, deduzida dos dizimos da Freguezia de Santa Catharina, ou da do Salvador do Mundo.

A Camara desta Villa Capital, emprehendendo a obra de um cemiterio nesta Villa, que atè o presente não ha, reconhece a escacez das suas rendas; e ainda que ajudada de alguma subscripção voluntaria, não o póde concluir decentemente: A Junta attendendo á proposta dos seus membros, em nome della pede a Vossa Magestade a releve do pagamento da terça dos annos passado, presente, e futuro, até á conclusão daquella tão util, como indispensavel obra.

2.ª Parte.

Para libertar esta Provincia da crassa ignorancia a que os antigos Governos por um barbaro systema

a haviam deshumanamente condemnado, carece que Vossa Magestade em logar de manter a corporação do Cabido desta Capital, cuja inutilidade tem chegado até aos nossos curtos conhecimentos, mande estabelecer nesta provincia Cadeiras de primeiras letras, Latim, de Filosofia racional e moral; estabelecendo aos Mestres ordenados que lhes segurem a sua manutenção, e que possam attrahir a virem do Reino homens habeis para occupar as cadeiras, porque na Provincia não os ha. A Junta julga que a pouco mais póde montar essa despeza do que a que se dispendia com aquella corporação, sendo estabelecidas do modo seguinte. —

Nesta ilha, como Capital da Provincia, que haja dous mestres das primeiras letras: o desta villa com o ordenado de 240$000 réis, o do Concelho de Santa Catharina com 120$000 réis; um Mestre de Latim com o ordenado de 360$000 réis; e o de Filosofia racional e moral, sendo a mesma pessoa, com o ordenado de 480$000 réis.

Que nas ilhas do Fogo, e Santo Antão, como as duas principaes ilhas da Provincia, hajá em cada uma dellas dous mestres das Primeiras Letras: os das villas, cabeças dos Concelhos com os ordenados de 120$000 réis cada um, e os do interior com os ordenados de 80$000 réis cada um; e um mestre de Latim em cada uma dellas com o ordenado de 240$000 réis; e em todas as mais ilhas, e nos Presidios de Cacheo, e Bissáo, um mestre das Primeiras Letras, com os ordenados de 80$000 réis cada um. Estabelecidas estas cadeiras, e cuidadosamen-

te vigiadas pelas authoridades a quem as Leis incumbem isso, julga a Junta, que em poucos annos melhorará a Provincia inteira, do mal da ignorancia que tanto lamentamos, e tudo o mais melhorará á proporção.

Para arrancar as ilhas da miseria em que se acham, julga a Junta, que não ha outro recurso, do que Vossa Magestade conceder-lhes a urzella franca, e livre, impondo-lhe o direito de 100 réis em libra, ou quando muito o mesmo que foi imposto na das ilhas dos Açores, e isto para os que a despacharem para Lisboa, ou outro qualquer porto de Portugal; e duplicados direitos para aquelles que a despacharem para portos estrangeiros; e que jámais possa ser exportada senão em navios Portuguezes, ainda para portos estrangeiros. Concedendo a estas ilhas Vossa Magestade esta Graça, as arranca da indigencia, em que vivem; e lucra o Estado com o augmento geral das ilhas, que podem abundar de outros generos, que como accessorios attrahem navios de Portugal ao commercio das ilhas.

Além disso, para animar a cultura das ilhas, a Junta julga mui efficaz o remedio de Vossa Magestade Mandar, que todos os generos dellas, que se exportam de uma a outra, sejam livres de qualquer direito. E que outro sim os generos aqui importados, vindos de quaesquer dos Dominios Portuguezes, aonde tivessem pago os direitos de consumo sejão aqui livres.

A cultura do Tabaco destas ilhas, aniquilada pela introducção do estrangeiro, carece ser animada,

impondo-se ao estrangeiro o direito de 100 réis em cada libra sendo em folha, e 120 réis sendo em estriga.

Os habitantes da fertil ilha de Santo Antão, que produz anil, tabaco, agaardente, vinho, milho, caffé, algodão, batata, feijão, além da grande quantidade de urzella, lamentam a estagnação de todos os seus generos, sem poder extrahi-los: e esta Junta implora de Vossa Magestade, Haja de livra-los deste mal, facilitando-lhes algum meio, com que possam haver pelo que lhes sobeja, o que lhes falta. Esta falta faz aquelle povo indolente, preguiçoso, e por conseguinte sujeito a continuas fomes.

Além de todos estes males, que acabamos de apontar, lamentamos o abandono das nossas Possessões da alta Guiné. Todos, que as conhecem, admiram suas bellas posições, a fertilidade do seu solo, as vantagens, que ellas offerecerem á nação inteira, e o desprezo, a que se acham condemnadas!

A Junta se limita a respeito daquella Comarca a dizer, que a nação póde della fazer um novo Brasil; e pela posição, em que se acha collocada, póde ser ainda de mór vantagem. Os estrangeiros, conhecendo esta verdade, (que entre os Portuguezes parece até um absurdo proferir,) suspiram pelo momento, que as abandonemos, para tomarem dellas posse, como tem feito com muitas outras que possuiamos na mesma Costa, das quaes estão tirando grandes interesses, e procuram com disvelo melhora-las, e dilatar suas acquisições.

Conclue a Junta desta maneira a consulta, repe-

tindo, que a falta das luzes não a permitte fazê-la mais dignamente; e protesta ser exacta toda a narração que faz das necessidades da Provincia; e roga a Junta a Vossa Magestade, Se Digne lançar Suas Vistas sobre ella, porque é susceptivel de todo o melhoramento. — Villa da Praia da ilha de Santiago de Cabo Verde, 18 de Março de 1835. — Antonio José Silva, Procurador de Santo Antão. — João Gomes Barboza, Procurador eleito pelo Concelho da ilha do Fogo. — Francisco Cardoso de Mello, Procurador pela ilha da Boa-Vista. — Ambrozio Gomes de Carvalho, Procurador pela Villa da Praia. — Manoel Antonio dos Santos, Procurador da ilha de Maio. — João José Antonio Frederico, Procurador da Comarca de Guiné. — Joaquim Marques, Procurador pela ilha de S. Nicoláo. — Antonio Pereira de Borja, Procurador pelo Concelho de Santa Catharina. — Luiz Antonio Fortes, Procurador da ilha Brava.

Constando-Me achar-se suspensa nas ilhas de Cabo-Verde, e nas de S. Thomé e Principe, desde o anno de mil oitocentos trinta e quatro, a execução das beneficas providencias do Alvará de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze, endereçadas todas a promover os melhoramentos ruraes daquellas possessões ultramarinas; não porque tão util legislação tenha sido revogada, ou alterada por leis posteriores, mas tão sómente porque depende

a sua effectividade das Juntas de melhoramentos de agricultura, compostas na conformidade do mesmo Alvará, do Governador e Capitão General, do Ouvidor Geral, do Escrivão da Fazenda, e do Juiz Ordinario das ilhas de Cabo-Verde; e nas de S. Thomé e Principe, do Governador, do Ouvidor Geral, do Escrivão da Fazenda, e do Juiz Ordinario, têem estas Juntas deixado de existir de facto, por haver a mudança de designação de algumas daquellas authoridades suscitado, por ventura, duvidas sobre a sua actual organisação; e não devendo um tal estorvo continuar a empecer por mais tempo o tão necessario fomento da agricultura daquellas ferteis regiões. Hei por bem Ordenar, que as Jnntas dos melhoramentos da Agricultura, creadas pelo Alvará, com força de Lei, de dezoito de Setembro de mil oitocentos e onze, continuem no exercicio de suas funcções nas ilhas de Cabo-Verde, e nas de S. Thomé e Principe, sendo formadas das mesmas Authoridades; e entendendo-se, que aos antigos Capitães Generaes correspondem os actuaes Governadores Geraes, e aos Ouvidores Geraes, os Juizes de Direito, ou quem as vezes de uns e outros fizer. O Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estranjeiros, e encarregado dos da Marinha e Ultramar, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, em em vinte e sete de Dezembro de mil oitocentos trinta e oito. = RAINHA. = Visconde de Sá da Bandeira.

Est: 5.

Lith. de M.d Luiz

Habitantes das Ilhas de Cabo-Verde

INDEX.

Offa. Lith. de Mel. Luiz.